

# HISTÓRIAS DE ROBÔS

VOLUME 1

Editado por

**ISAAC ASIMOV**

*PATRICIA S. WARRICK E MARTIN H. GREENBERG*

**OBRAS-PRIMAS DA FICÇÃO CIENTÍFICA**

*ISAAC ASIMOV*

*AMBROSE BIERCE*

*JOHN WYNDHAM*

*HARL VINCENT*

*HARRY BATES*

*ROBERT MOORE WILLIAMS*

*LESTER DEL REY*

*R. E. VOGT*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





Editado por  
**Isaac Asimov, Patricia S. Warrick e  
Martin H. Greenberg**

# **HISTÓRIAS DE ROBÔS**

## **VOLUME 1**

Tradução de Milton Persson

**ISAAC ASIMOV  
AMBROSE BIERCE  
JOHN WYNDHAM  
HARL VINCENT  
HARRY BATES  
ROBERT MOORE WILLIAMS  
LESTER DEL REY  
A.E. VOGT**

L&PM POCKET



# Índice

[Prefácio](#)

[1. Antes da Era Eletrônica: um robô do século 19](#)

[O feitiço e o feiticeiro](#)

[2. As primeiras histórias de robôs](#)

[A máquina perdida](#)

[Rex](#)

[Robbie](#)

[3. Os mitos da criação](#)

[Adeus ao mestre](#)

[4. A evolução da inteligência](#)

[A volta do robô](#)

[Mesmo que os sonhadores morram](#)

[Satisfação](#)

# Prefácio

## Os robôs, os computadores e os medos

Isaac Asimov

A primeira história que escrevi sobre robôs, incluída nesta antologia, foi "Robbie". E já contém, como parte integrante do enredo, o medo irracional que o homem tem dos autômatos. De vez em quando, em meus contos, continuei me referindo a esse tipo de medo como um "complexo de Frankenstein", mantendo-o assim como elemento constante (geralmente, mas nem sempre, em plano secundário) de quase todas as minhas incursões no gênero.

Qual a razão desse medo? A pergunta se impõe, pois, em primeiro lugar, os robôs desempenham papel inevitável no progresso tecnológico. A resistência cega, irrefletida, a qualquer espécie de mudança, pode causar grandes prejuízos ao mundo em geral e, de modo especial, aos Estados Unidos. Em segundo lugar, o receio provocado pelos robôs constitui apenas um dos aspectos específicos da nossa reação diante do progresso tecnológico propriamente dito - algo que se poderia qualificar de "tecnofobia".

Essa tecnofobia provavelmente sempre existiu, uma vez que não há sentimento mais natural do que desconfiar de tudo o que é novo e apegar-se ao que foi "testado e aprovado", ou seja, àquilo que já nos acostumamos. A experiência histórica, porém, demonstra que a aceitação da novidade é tão lenta e paulatina que a tecnofobia limita-se a ser apenas uma espécie de extravagância que atrasa ainda mais o progresso, aumentando a lentidão do que já é lento por natureza.

Quando os algarismos arábicos começaram a ser usados na Europa em 1202, por iniciativa de Leonardo Fibonacci, eram manifestamente mais práticos, em todos os sentidos, que os romanos. No entanto, os eruditos e os comerciantes opuseram resistência tão grande à inovação, que levou séculos para que fosse aceita sem reservas.

E hoje, depois que o sistema métrico já provou sua indiscutível superioridade sobre a mixórdia de medidas empregadas nos Estados Unidos, os americanos ainda persistem em não efetuar a mudança, apesar de decorridos dois séculos desde sua primeira utilização e de já ter sido adotado por toda nação com o mais leve resquício de pretensão civilizada.

O mundo inteiro, por sua vez alia-se no repúdio à reforma do calendário, embora o que se encontra atualmente em vigor, com seus meses de extensão variável e a relação inconstante dos dias da semana com os do mês, produza uma complexidade tola e desnecessária. Da mesma forma, os países de língua inglesa não se submetem a nenhum sistema de grafia racional, apesar da frequência de casos que, no existente, reduzem as palavras inglesas a ideogramas.

Mais estranha ainda é a tenaz oposição a qualquer modificação no teclado das máquinas de escrever,

embora o padrão universal de hoje em dia seja um disparate criado pelo inventor do instrumento por motivos banais. O mais avançado dos computadores atuais (inclusive o que estou usando neste instante) emprega esse teclado. Na realidade, ele diminui a velocidade datilográfica por causa da utilização desproporcional das duas mãos, principalmente ao favorecer a maior aplicação da canhota num mundo em que noventa por cento da população é mais hábil com a direita.

Por que essa atitude refratária a mudanças?

Simplesmente pelo medo que se tem do processo de reeducação! As pessoas adultas gastam infinidades de horas para se habituar com polegadas e milhas, com os vinte e oito dias de fevereiro, com letras que não se pronunciam, em night e debt por exemplo, com exercícios de datilografia e sabe Deus mais o quê. Introduzir algo completamente inédito implica recomeçar tudo de novo, voltar à estaca zero da ignorância e correr o velho risco, tão conhecido, de possíveis fracassos.

As crianças enfrentariam as modificações, sem problemas - nem perceberiam, aliás, que estavam passando por elas - mas ninguém lhes dá oportunidade. Vêm-se forçadas a estudar verdadeiros absurdos obsoletos e no fim se tornam também refratárias a qualquer mudança.

Além disso, são exatamente as personalidades mais influentes da sociedade humana - os medalhões eruditos, os executivos, os líderes de toda espécie - que sofreriam a maior perda de conhecimentos e especializações, ficando intelectualmente destituídas e obrigadas a descobrir novos rumos para a educação. A resistência que opõem é, via de regra, nada menos que encarniçada.

Mas com o correr do tempo, naturalmente - e com as protelações costumeiras - acabarão cedendo.

Motivo bem mais justo para a tecnofobia e que conta com o maior número de simpatizantes é o medo de que o progresso tecnológico tire o emprego de muita gente. Esse aspecto se tornou primordial quando os avanços passaram a ser tão rápidos que ficaram praticamente incontroláveis.

O progresso tecnológico é, em geral, acumulativo e com os anos tende a se acentuar. Por volta de 1880, com o advento da Revolução Industrial, foi suficientemente rápido para logo afetar a vida de milhares de pessoas.

Isso ocorreu primeiro na Grã-Bretanha, país precursor da Revolução Industrial. Quando as máquinas têxteis começaram a ser utilizadas e o número reduzido de operários nas fábricas passou a produzir mais que a maioria dos habitantes que trabalhavam à mão em casa, os novos desempregados provocaram tumultos. Não perceberam que o inimigo era uma sociedade que pouco se importava com "classes inferiores" e não sentia a mínima responsabilidade pelos pobres. Da maneira mais simplista, atribuíram a culpa de sua desgraça às máquinas. Por isso, durante as manifestações, destruíram ou procuraram danificar as máquinas que, em sua opinião, os tinham substituído.

Em 1811, acreditou-se que os desordeiros houvessem sido chefiados por um certo Ned Ludd. O resultado foi que, daí por diante, os adversários mais ferozes do progresso tecnológico passaram a ser identificados como Luddistas.

Esse primeiro movimento luddista logo esbarrou na prosperidade que as máquinas proporcionaram à Inglaterra e na criação de novos empregos (muitas vezes em condições atroz para a população). Aprendeu-se então a lição, a partir daí sempre repetida, de que o progresso tecnológico não diminui, apenas altera e até aumenta, o número de vagas; e que a solução para a crise da falta de trabalho não é a destruição das máquinas, mas a elaboração de um programa dedicado à reeducação e ao bem-estar do indivíduo.

Uma explicação ainda mais plausível para a tecnofobia é o medo de que as mudanças tecnológicas causem danos ao meio-ambiente ou provoquem alterações prejudiciais à sociedade humana.

Esse risco se evidenciou desde a primeira manifestação tecnológica. A descoberta do fogo produziu fumaça e a possibilidade de incêndio. A da agricultura trouxe prejuízos ao solo, provocando o desmatamento, a salinação e mudanças progressivas e muitas vezes indesejáveis no equilíbrio ecológico. Quase toda invenção logo encontra aplicação no emprego da violência entre os seres humanos, tornando a guerra cada vez mais fácil de ser declarada, mais feroz, medonha e prolongada.

E no entanto, em todos os casos, as vantagens conquistadas são manifestamente superiores aos riscos, e o progresso tecnológico quase nunca é abandonado espontaneamente, por maiores que sejam as desvantagens que possa acarretar.

Mesmo assim, sempre aparecem sonhadores para vituperar contra a tecnologia atual, saudosistas de uma fase anterior que pretendem ter sido paradisíaca. Hoje, as pessoas às vezes voltam ao cultivo da terra, considerando a lavoura sinônimo de virtude, quando, pelo contrário, traz danos incalculáveis ao solo, e esquecidas de que, nos primeiros tempos agrícolas, todo mundo, sem dúvida, sentia nostalgia da época em que a humanidade vivia à míngua de alimentos.

Por sua vez, quem teme as usinas nucleares muitas vezes gostaria de utilizar de novo o carvão, que é acompanhado por uma infinidade de abusos e perigos, e que no início de sua exploração desencadeou uma onda de protestos bem maior que a fissão do átomo nos dias de hoje.

Também nesse caso, a única solução cabível tem sido debelar ou pelo menos diminuir os riscos numa marcha para o futuro, em lugar de desprezar as inovações, retrocedendo a um passado quimérico que na realidade nunca existiu.

Todas essas causas de tecnofobia, que geralmente influem nas mudanças e avanços tecnológicos, atuam, de modo especial, contra os robôs. Só que no caso deles a reação se mostra bem mais feroz.

Por serem habitualmente vistos como formas, no mínimo, semelhantes ao homem, os robôs são encarados como pseudo-seres humanos. A criação de um autômato, de um pseudo ser humano, por um inventor também humano é, por conseguinte, interpretada como paródia da criação da humanidade por Deus.

Nas sociedades em que Ele é aceito como único Criador, a exemplo do que acontece na civilização judaico-cristã do ocidente, qualquer tentativa no sentido de imitá-lo é fatalmente considerada sacrílega, ainda que inexistam intenções conscientes em tal sentido.



Uma das maneiras de expressar essa atitude é atribuir exclusivamente a Deus a capacidade de criar uma alma. O ser humano pode inventar criaturas artificiais que parecem ter vida em todos os sentidos, mas nunca hão de possuir alma, a centelha divina que lhes dá a possibilidade de praticar o bem e a virtude. Mesmo que o robô não seja ativamente mau e perverso, é inevitável que termine assim por ser, passivamente, incapaz de outra coisa.

Daí, conseqüentemente, o chavão que prescreve que "há certas coisas que é melhor que o homem não saiba" (como se fosse perfeitamente normal que os seres humanos aprendessem mil modalidades de extinguir a vida, com todos os seus graus de dor, desgraça e humilhação indizível, e errado e pecaminoso aprender ao menos uma nova maneira de criá-la).

O primeiro escritor a emitir essa opinião de forma bem clara foi Mary Shelley, no clássico Frankenstein. Nesse livro, Victor Frankenstein cria o Monstro, que se rebela contra ele e contra todos aqueles que ama, matando-os um por um. (Quem conhece apenas o filme não chega a perceber direito a pureza comovente do Monstro, que só se transforma em criminoso como represália aos insuportáveis maus-tratos de que é vítima.)

O êxito de Frankenstein foi tão grande que a ideia básica - "o homem cria o robô; o robô mata o homem" - se repetiu sem parar numa série inacabável de histórias de ficção científica. Virou um dos mais insuportáveis chavões do gênero - e que combati e destruí, com sucesso, tenho orgulho de dizer, ao enunciar as minhas "Três leis da robótica".

Esse tratamento de ficção científica contribuiu para exacerbar uma variedade especial de tecnofobia: o medo do progresso tecnológico em relação aos robôs como "sacrílego", e o conseqüente receio de tudo o que for autômato, que supera e ultrapassa o de todos os outros produtos da tecnologia. E por isso que em minhas histórias qualifico esse medo de "complexo de Frankenstein". Por falar nisso, a força da história de Frankenstein (graças mais ao filme que ao livro) é tão grande que jamais precisei definir o sentido do termo em qualquer ocasião. Presumi que todo mundo soubesse do que se tratava e acertei.

Para dizer a verdade, é possível que o "complexo de Frankenstein", em sua forma mais pura, nem chegue a se desenvolver. Na ficção científica, o robô é criado com a maior perfeição. Na vida real, porém, o que hoje chamamos de "robô industrial" não passa de um braço complexo e computadorizado, sem a menor semelhança com o ser humano. Fica muito mais fácil, portanto, visualizá-lo como máquina complexa do que como pseudo-pessoa, mais temido pelo efeito que produz sobre os empregos do que pela imitação sacrílega de nós mesmos.

Mas o que importa, afinal, não é o "robô", que consiste no sistema de alavancas e articulações que executa a função, e sim o computador, que controla essa função, e sobretudo o microchip, que reduziu de tal forma as dimensões do computador a ponto de já se ver nele o futuro rival do cérebro humano, em matéria de condensação e versatilidade.

Daí, por conseguinte, uma variedade inédita de tecnofobia, que nos atinge muito mais morbidamente no âmago de nosso ser do que qualquer versão da enfermidade porventura existente.

O computador não se limita a fazer melhor que uma pessoa um determinado trabalho; nem tampouco a apenas substituí-la, deixando-a sem emprego. A medida que for ficando mais compacto e versátil, mais complexo, capaz e inteligente, será que não poderá substituir, além da pessoa, toda a humanidade?

Temos que admitir que, pelo menos como concepção, o medo não deixa de ser justificado. Não há nenhum limite teórico visível para a complexidade e "inteligência" do computador. Nem motivos para supor que, devido a deficiências intrínsecas, seja incapaz de igualar e até superar o nível da atividade do cérebro humano.

Poderia-se, cinicamente, insinuar que isso é ótimo; que a humanidade precisa ser suplantada; que seus antecedentes como guardião da Terra têm sido simplesmente lamentáveis; e que, na ficha de referências cósmicas, obteve inegável fracasso, e que, portanto, já está na hora de se tentar outras formas de vida. Se poderia também argumentar que é uma grande honra para a humanidade o fato de ter se mostrado digna de criar seu próprio e superior sucessor. E ainda afirmar que nosso grande medo seja que esse sucessor não surja com a presteza suficiente para salvar a Terra e que todos os nossos esforços deveriam concentrar-se em substituir a nossa calamitosa espécie o mais depressa possível.

Seria, no entanto, tolice acreditar que a humanidade possa ir tão longe em matéria de desprendimento, a ponto de acolher essa opinião com simpatia. Por mais que muita gente ache que a nossa substituição seria uma Coisa Ótima, não hão de querê-la e terão receio dessa possibilidade.

Mas será mesmo que a humanidade vai ser substituída? E que o computador *ficará*, inevitavelmente, "mais inteligente" que o ser humano?

Em primeiro lugar, cumpre saber se a inteligência constitui uma invariante unidimensional ou se dela existem diversas modalidades, talvez até uma infinidade de tipos diferentes. Especula-se, por exemplo, se os delfins não possuem uma inteligência comparável à dos seres humanos. Tal inteligência, contudo, se existe, é de natureza tão diversa da nossa que por enquanto ainda não se conseguiu estabelecer qualquer espécie de contato com eles. Talvez seja o que acontece também com os computadores; e sem dúvida ninguém se surpreenderia se assim fosse.

Afinal de contas, o cérebro humano, composto de ácido nucléico e proteína em meio aquoso, resulta de três bilhões e meio de anos de evolução biológica, baseada em efeitos fortuitos de mutação, seleção natural e outras influências, e estimulada pela necessidade de sobrevivência.

O computador, em compensação, composto de interruptores eletrônicos e corrente elétrica em meio metálico, resulta de quarenta anos de aperfeiçoamento da criação humana, baseada em meticulosa previsão e na engenhosidade do próprio homem, e estimulada pela necessidade de servir a seus usuários.

Quando duas inteligências apresentam tantas diferenças de estrutura, antecedentes, desenvolvimento e objetivos, não admira que também apresentem inúmeras diferenças em matéria de natureza.

Logo de início, por exemplo, os computadores se mostraram capazes de resolver problemas aritméticos complexos bem mais rapidamente que os seres humanos - e com muito menos possibilidades de erro. Se

esse tipo de habilidade pode servir de critério para avaliar a inteligência, então os computadores foram sempre mais inteligentes que os seres humanos. Se a aptidão para jogar xadrez é que serve de parâmetro, então os computadores hoje existentes são mais inteligentes que qualquer homem, descontadas as raríssimas exceções.

No entanto, se a perspicácia, a intuição, a criatividade, a capacidade de analisar um problema como um todo e adivinhar a resposta pela "percepção" da situação for tomada como medida de inteligência, os computadores são, decididamente, muito ignorantes. E de momento não somos sequer capazes de entender como se poderia corrigir qualquer deficiência que apresentem, já que os seres humanos se mostram impotentes para programar um computador para ser intuitivo ou criativo pela simples razão de ignorarmos o que nós mesmos fazemos quando colocamos à prova essas qualidades.

E acontece que, ainda que pudéssemos, não compensaria programá-los para desempenhar funções tipicamente humanas. Sem falar na nossa relutância natural em sermos substituídos, não valeria a pena desenvolver duas inteligências que tivessem a mesma utilidade. Para que se esforçar em levar os computadores a desenvolver uma capacidade tosca de serem criativos quando já dispomos do cérebro humano, que faz isso tão bem? Seria tão sábio e prático proceder desse jeito quanto propor-se a treinar determinados seres humanos para executarem rápidas proezas matemáticas segundo os moldes de um computador. É de se presumir que fosse possível, mas para que perder tempo com isso se os computadores se incumbem satisfatoriamente da mesma tarefa?

Por outro lado, duas inteligências diferentes, especializando-se em objetivos diversos, cada qual com sua utilidade, podem, num relacionamento simbiótico, aprender a colaborar com a lei natural do Universo de forma mais eficiente do que separadamente. Encarado dessa forma, o robô-computador não nos substituirá, mas servirá de amigo e aliado na marcha para um futuro glorioso.

Uma vez explicado tudo isso, só me resta voltar ao livro propriamente dito. Como antologia de robôs, considero-o absolutamente *sui generis*; ou, se preferem que use de linguagem mais direta, como sempre faço, diria que estabelece um marco sem precedentes.

Tal afirmação pode parecer temerária, já que há trinta anos se vem publicando uma série de antologias dedicadas exclusivamente a robôs. Eu mesmo, aliás, durante esse tempo todo, preparei três coletâneas diferentes de minhas próprias histórias no gênero, antologias de um autor só, se quiserem.

E esta que você, leitor, tem agora nas mãos será mesmo diferente de todas as outras e, mais que isso, possivelmente melhor?

Creio que sim. Não pretendo ficar esmiuçando falhas nos competidores, mas acho que posso falar de cátedra sobre meus próprios livros, portanto permitam-me frisar que os meus contos são, quase na totalidade, escritos do ponto de vista do tecnófilo que sou. Meus robôs, quase sempre, são simpáticos, e se às vezes surgem vilões (embora minhas histórias raramente apresentem vilões - só gente), são de carne e osso.

Na minha opinião, isso é ótimo. Representa meu ponto de vista - como já tive, por sinal, ocasião de declarar neste prefácio - e não posso deixar de exprimi-lo. Para o leitor, porém, talvez não seja suficiente.

Você pode querer ouvir outras opiniões para depois ponderar com cuidado e chegar a uma conclusão tipicamente pessoal. Talvez prefira até não ficar dominado pela eloquência de uma pessoa super articulada.

Este volume contém várias opiniões. As minhas, sem dúvida, estão presentes, pois a antologia inclui cinco histórias que escrevi. Mas também há outras que expõem ideias a respeito de robôs e/ou computadores diametralmente opostas às minhas.

Acontece, porém, você há de objetar, que existe uma série de outras antologias que apresentam opiniões divergentes sobre robôs. O que é, então, que esta tem que as outras não têm?

Vou lhe dizer numa só palavra - ou, melhor, duas.

Patrícia Warrick!

Há pessoas completamente familiarizadas com a ficção científica que são capazes de selecionar ótimas histórias para enfeixar numa antologia. Martin H. Greenberg é o exemplo perfeito desse tipo de pessoa. Creio que seria inútil negar que sou outro.

E há pessoas completamente familiarizadas com o desenvolvimento e a filosofia da tecnologia do computador. Talvez até existam milhares.

Mas não há muitas que estejam completamente familiarizadas com ambas as coisas. Warrick é uma dessas raridades.

Veja-se, como prova, a ótima acolhida que a crítica deu a seu livro *The Cybernetic Imagination in Science Fiction* (A imaginação cibernética na ficção científica), editado pela MIT Press em 1980, onde debate, do modo mais fascinante, a ação recíproca da robótica na imaginação e na realidade.

Esta antologia complementa a obra precedente. Se nela discutiam-se aspectos da ficção científica de robôs só de maneira alusiva, aqui os contos mais importantes estão colocados bem na frente do leitor, totalmente à vista, e acrescidos de valiosas notas de apresentação de sua autoria.

A antologia foi organizada, com bastante motivo, de tal modo que avança do passado para o futuro, começando pelo século 19 e indo parar no 21. Se uma das histórias pioneiras, assinalando a primeira exploração de um conceito na imaginação dos autores (invariavelmente muito antes de se tornar sério objeto de considerações tecnológicas, que dirá efetivas), é minha, isso mostra a importância que Warrick atribui aos meus contos, avaliação que só posso apoiar, pois reconheço sua autoridade no assunto (e depois, nunca ninguém me acusou de modéstia).

A parte dedicada à utilidade dos robôs demonstra, com toda a clareza, até que ponto e com que grau de lancinante exatidão a ficção científica frequentemente se antecipa aos fatos. Meu exemplo favorito é "Uma lógica chamada Joe", de Murray Leinster, que fala em computadores domésticos como seja dispusesse, há quarenta anos, de uma via de comunicação com o futuro (Leinster infelizmente não viveu tempo suficiente para assistir à confirmação da profecia), que lhe informava tudo, menos que os

computadores domésticos não seriam chamados de "lógicas".

O progresso da robótica não é apenas questão de habilidade tecnológica e serventia prática. Existem questões que implicam em conceitos sobre o que está certo ou errado, problemas do espírito humano, incapazes de serem abordados da mesma forma dramática tanto num sermão ou numa peça de oratória como numa boa história, bem contada. Veja com seus próprios olhos, na parte intitulada "A inteligência da máquina e as questões morais" (Histórias de robôs - volume 2).

E, por fim, levamos a evolução dos robôs e computadores além dos horizontes atuais.

Não posso deixar de sentir que, se um volume desta antologia cair nas mãos de um descendente nosso daqui a um ou cinco séculos, ele seja até capaz de sorrir com algumas das nossas ingenuidade e equívocos - e, apesar disso, se mostrar impressionado, na maior parte, com nosso êxito em levantar uma ponta do véu do futuro.

Entre, pois, no espantoso mundo da antecipação.

# **1. Antes da Era Eletrônica: um robô do século 19**

# O feitiço e o feiticeiro

**Ambrose Bierce**

**1894**

*Os novos estudos sobre computadores, hoje em dia, são, em geral, feitos por equipes de pesquisa em laboratórios de universidades ou empresas. Nos séculos 18 e 19, o inventor se arranjava como podia, sozinho, em seu gabinete de trabalho. Esta história arrepiante é sobre um desses homens solitários, Moxon, e a invenção que não conseguiu controlar.*

*O autor, Ambrose Bierce (1842-1914), jornalista americano, escreveu contos e também se dedicou à sátira. Editor do News-Letter, de São Francisco, passou depois a colunista do Sunday Examiner, de Hearst. Durante o último decênio do século 19, foi árbitro literário de toda a costa ocidental dos Estados Unidos, sendo muito admirado por seus ensaios, contos e, sobretudo, pelas definições sarcásticas publicadas em The Devil's Dictionary (O Dicionário do Diabo). "O feitiço e o feiticeiro", seu conto mais célebre, é o que também teve o maior número de reedições. Nele, a originalidade de Bierce não consiste em descrever a história de uma máquina que joga xadrez, mas na percepção das implicações filosóficas essenciais da invenção de um mecanismo dotado de inteligência.*

*Histórias sobre robôs eram, aliás, bastante comuns na literatura do século 19, embora a palavra robô só fosse aparecer pela primeira vez em 1921, quando o escritor tcheco Karel Capek empregou-a na peça R.U.R. (Os robôs universais de Rossum). Ela deriva de robota, que em tcheco significa trabalho ou serviço compulsório.*

*Dispositivos mecânicos em forma de animais ou seres humanos começaram a proliferar nos laboratórios dos inventores já no século 18. Qualificados de autômatos, surgiam em todos os feitios e dimensões, alguns até em tamanho natural. Patos gingavam, tigres de tocaia saltavam em cima de soldados artificiais, bailarinas dançavam, músicos tocavam instrumentos. Em 1809, o inventor alemão Wolfgang von Kempelen criou um pretense jogador automático que derrotou Napoleão II num torneio de xadrez. Com a morte de Von Kempelen, um empresário artístico chamado Maelzel excursionou por toda a Europa e América com um espetáculo que explorava as habilidades do autômato enxadrista Edgar Allan Poe, numa obra precursora das histórias de detetive, publicada com o título de "O jogador de xadrez de Maelzel", e chegou à conclusão de que devia se tratar de um truque. E tinha toda razão. Não demorou muito para se descobrir a fraude: um anão, no interior do mecanismo, movimentava as peças no tabuleiro.*

*Outros escritores do século 19, antes de Bierce, usaram autômatos e máquinas dotadas de inteligência em trabalhos de ficção -basta citar Herman Melville em The Bell Tower (A torre do sino) e Samuel Butler em The Book of Machines (O livro das máquinas). Nenhum, porém, parece haver se dado conta da importância que viria a ter o aperfeiçoamento dessa nova tecnologia radical. A inteligência*

*incisiva de Bierce penetra no cerne das questões levantadas no momento em que a gente pára para pensar na reflexão entre os sistemas mecânicos e os vivos. Existe alguma fronteira nítida entre os seres animados e os inanimados, entre os homens e as máquinas? Será possível que não sejam dicotômicos e se manifestem num processo contínuo? Outra pergunta, tão interessante quanto as anteriores: o que é a inteligência? A capacidade do cristal de organizar-se ordenadamente merece o nome de inteligência? E a questão da consciência — que papel desempenha na inteligência? Uma máquina poderá, algum dia, ser consciente?*

*"O feitiço e o feiticeiro" é o primeiro conto a colocar essas questões críticas. Bierce, prudentemente, resiste à tentação de respondê-las. Não há respostas fáceis. Os cientistas que montam os computadores, os fisiólogos, os psicólogos e os filósofos continuam discutindo ardorosamente, ainda hoje, essas mesmas questões.*

•

- Está falando sério? Acredita mesmo que uma máquina seja capaz de raciocinar?

Não obtive resposta imediata; Moxon, aparentemente, se concentrava em mexer no carvão da lareira, manobrando o atizador com perícia até o clarão aumentar, feito símbolo da atenção que dedicava ao problema. Há várias semanas vinha observando-lhe o hábito, cada vez mais frequente, de adiar a resposta da mais banal das perguntas rotineiras. Mas agora seu ar era mais preocupado que pensativo: podia-se dizer que estava com alguma ideia fixa na cabeça.

- O que é que você chama de "máquina"? - retrucou de repente. - A palavra já recebeu as mais variadas definições. Esta, por exemplo, tirada de um dicionário popular: "Qualquer instrumento ou organização motora que sofre a pressão de forças que entram em ação e produzem o efeito desejado". Ora, nesse caso, então, o homem também não é uma máquina? E você há de reconhecer que ele raciocina - ou pensa que raciocina.

- Já que não quer responder à minha pergunta - insisti, com certa irritação -, por que pelo menos não usa de franqueza? Tudo o que você diz não passa de uma evasiva. Sabe muito bem que quando falo em "máquina" não me refiro ao homem, mas a uma coisa que ele fez e controla.

- Quando não termina controlado por ela - atalhou Moxon, levantando-se abruptamente para ir olhar na janela, de onde não se divisava nada na escuridão daquela noite de temporal. Pouco depois, virou-se com um sorriso.

- Me desculpe, não pretendia ser evasivo. Achei sugestivo o testemunho inconsciente do dicionário e digno de entrar na discussão. Posso dar, sem o menor problema, uma resposta direta à sua pergunta: acredito sim, a máquina raciocina sobre o trabalho que faz.

Mais direta não era possível. Mas não muito agradável, pois tendia a confirmar a triste suspeita de que a dedicação de Moxon ao estudo e ao trabalho em sua oficina de máquinas não lhe tinha sido benéfica. Sabia, por exemplo, que sofria de insônia, aflição bastante penosa. Teria lhe afetado o cérebro? A resposta dada à minha pergunta vinha, então, comprovar; hoje eu talvez pensasse de modo diverso. Na



época era mais jovem e a ignorância é uma das bênçãos que não se nega à juventude. Animado por esse grande estimulante de controvérsias, insisti:

- E com o que, diga-me, ela raciocina, uma vez que é desprovida de cérebro?

A resposta, dada com atraso menor que o habitual, veio na forma de contra-interrogação que tanto lhe agradava:

- Com o que as plantas pensam, já que são desprovidas de cérebro?

- Ah, pelo que vejo as plantas também pertencem à classe dos filósofos! Bem que gostaria de saber algumas de suas conclusões; pode dispensar as premissas.

- Talvez - replicou, pelo visto sem se abalar com minha ironia barata - você possa deduzir as convicções que têm pelos atos que praticam. Poupo-lhe o exemplo tão conhecido da mimosa sensitiva, das várias flores insetívoras e daquelas cujos estames pendem e sacodem o pólen sobre o zangão, para que vá fecundar a abelha distante. Mas escute só isto. Num recanto aberto do meu jardim plantei uma trepadeira. Quando mal começava a brotar do solo, finquei uma estaca a um metro de distância. A planta imediatamente se lançou para aquele lado e, depois de alguns dias, quando já ia alcançá-la, troquei a posição da estaca, levando-a para mais longe. A trepadeira logo mudou de rumo, traçando um ângulo agudo e se lançando, de novo, para o lado da estaca. Repeti a manobra várias vezes até que, afinal, como se tivesse desanimado, a planta desistiu da perseguição e, ignorando minhas novas tentativas para desviá-la da direção, resolveu se enroscar numa arvorezinha afastada.

- As raízes de um pé de eucalipto são capazes de se estender de maneira incrível à procura de umidade. Um conhecido horticultor conta que uma delas se meteu por um cano de escoamento e seguiu adiante até chegar a um ponto em que ele tinha sido interrompido por causa de um muro que lhe cortava o caminho. A raiz abandonou o cano e continuou rente ao muro, descobrindo depois a abertura deixada por um tijolo caído. Enveredou por ali e acompanhando o lado oposto do muro foi parar perto do cano, onde entrou e percorreu a parte inexplorada.

- Aonde você quer chegar?

- Mas será que não deu pra entender? Isso demonstra a consciência das plantas. Prova que são capazes de raciocinar.

- Mesmo que provasse -e daí? Não estamos falando de plantas, mas de máquinas. Podem ser, em parte, compostas de madeira - madeira que não tem mais viço - ou só de metal. O raciocínio é também atributo do reino mineral?

- De que outra forma você explica os fenômenos da cristalização, por exemplo?

- Acho que não têm explicação.

- Evidente que tem que achar, senão estaria afirmando o que pretende negar: ou seja, a colaboração

inteligente entre os elementos que compõem os cristais. Quando os soldados formam ordem-unida, a gente diz que está certo. Quando os patos selvagens voam em feitiço de V, acha-se que são levados pelo instinto. Mas quando os átomos homogêneos de um mineral, deslocando-se livremente numa solução, se dispõem em formas matematicamente perfeitas, ou as partículas de umidade congelada se transformam em estalactites simétricas e lindas, fica-se sem nada a dizer. Nem sequer se pensa em inventar um nome para disfarçar a gritante falta de explicação.

Moxon falava com animação e seriedade incomuns. Quando terminou, ouvi na peça vizinha, que sabia que era a sua oficina de máquinas, onde só ele podia entrar, um baque estranho, como se alguém tivesse batido com a mão aberta na mesa. Moxon também ouviu logo e, visivelmente agitado, levantou-se e entrou depressa na peça de onde viera o barulho.

Me pareceu esquisito que alguém estivesse ali dentro, e o interesse por meu amigo - sem dúvida somado a um pouco de curiosidade indesculpável - me levou a escutar atentamente, embora, folgo em dizer, não pelo buraco da fechadura. Havia ruídos confusos, de briga ou tumulto; o soalho estremecia. Ouvi nitidamente uma respiração ofegante e, em cochicho abafado, uma exclamação: "Desgraçado!". De repente indo ficou quieto, e em seguida Moxon reapareceu, dizendo com um sorriso à guisa de desculpas:

- Me perdoe por ter saído de maneira tão abrupta. Tenho uma máquina aí dentro que perdeu o controle e teve que ser desligada.

Fixando o olhar com firmeza no lado esquerdo do seu rosto, cortado por quatro escoriações paralelas que sangravam, perguntei:

- Que tal aparar-lhe um pouco as unhas?

Não precisava ter feito o gracejo; ele fingiu não ouvir, preferindo voltar para a mesma poltrona e continuar o monólogo interrompido, como se nada tivesse acontecido.

- Decerto você não concorda com aqueles (não preciso citar nomes para um homem de sua cultura) que ensinam que toda matéria é sensível, que todo átomo é um ser vivo, que sente e é consciente. Eu concordo. Não existe nada que se possa chamar de matéria morta e inerte: tudo tem vida; tudo possui instinto, com força, efetiva e potencial; tudo é sensível às mesmas forças em seu meio ambiente e suscetível ao contágio de outras, maiores e mais sutis, contidas em organismos tão superiores quanto é possível estabelecer relação, como as do homem quando as amolda para torná-las instrumento de sua vontade. Absorve parte de sua inteligência e objetivo - ainda mais em proporção à complexidade da máquina resultante e à de seu trabalho. Por acaso ainda se lembra da definição de "vida", dada por Herbert Spencer? Já faz trinta anos que li. Talvez ele tenha modificado depois, não sei, mas durante todo esse tempo não consegui pensar numa só palavra que pudesse ser mudada, acrescentada ou eliminada, com êxito, na frase. Não me parece apenas a melhor definição, mas a única possível. "A vida - segundo ele - é uma combinação clara de mudanças heterogêneas, simultâneas e sucessivas, que correspondem a coexistências e sequências externas".

- Isso pode definir o fenómeno - concordei, - mas não faz a menor alusão à causa.

- É o máximo - retrucou - de que uma definição é capaz. Como Mill observou, não sabemos nada da

causa, a não ser como antecedente - nada do efeito, a não ser como consequente. Em certos fenômenos, um vem sempre seguido do outro, o que não dá exatamente no mesmo: o primeiro, pela ordem cronológica, qualificamos de causa, o segundo, de efeito. Quem visse um coelho acossado muitas vezes por um cão e nunca tivesse tido a oportunidade de vê-los antes, tomaria o coelho como causa do cão. Mas receio - acrescentou, rindo com bastante naturalidade - que esse coelho esteja me afastando demais da minha verdadeira presa: estou me entregando ao prazer da caça sem segundas intenções. O que eu quero que você leve em conta é que na definição de Herbert Spencer se inclui a atividade de uma máquina - não há nada nela que não lhe seja aplicável. Segundo ele, que é o mais sagaz dos observadores e o mais profundo dos pensadores, se um homem durante o período de atividade está vivo, a máquina, quando entra em funcionamento, também está. Como inventor e fabricante de máquinas, sei que isso é a pura verdade.

Moxon ficou longo tempo calado, contemplando o fogo distraidamente. Já era tarde e achei que estava na hora de ir embora. Mas, não sei por que, não me agradava a ideia de deixá-lo completamente sozinho naquela casa isolada, tendo por única companhia alguma criatura cuja índole minhas conjecturas só podiam deduzir que fosse hostil, talvez até maligna.

Curvando-me para ele e olhando-o seriamente nos olhos, enquanto minha mão apontava para a porta que comunicava com a oficina, perguntei:

- Moxon, quem está aí dentro?

Para minha surpresa, riu de leve e respondeu sem hesitar:

- Ninguém. O incidente que você está imaginando foi causado pela minha imprudência em deixar a máquina ligada sem nada para controlá-la, enquanto me dedicava à interminável tarefa de esclarecer suas ideias. Por acaso não sabe que a Consciência é filha do Ritmo?

- Ah, por mim que se lixem! - retruquei, levantando e pegando o casaco. - Espero que passe uma boa noite; e tomara que a máquina, que sem querer você deixou funcionando, use luvas da próxima vez que tiver que desligá-la. Fui-me embora, sem esperar para ver o efeito da insinuação.

Estava chovendo e a escuridão era completa. No céu, do outro lado de um morro para onde me dirigia, andando às cegas por precárias calçadas de tábuas e ruas lamacentas de terra batida, dava para enxergar o clarão mortiço das luzes da cidade, mas às minhas costas só se via uma janela na casa de Moxon. Brilhava com o que se me afigurou um prenúncio misterioso e fatídico. Sabia que era a vidraça sem cortinas da oficina de trabalho de meu amigo e tinha quase certeza de que recomeçara os estudos interrompidos por seus deveres como meu instrutor de consciência mecânica e paternidade do Ritmo.

Por mais estranhas, e até certo ponto cômicas, que suas convicções me parecessem naquela ocasião, não pude me livrar por completo da sensação de que possuíam uma relação trágica qualquer com sua vida e caráter - talvez também com o destino - embora não me iludisse mais com a ideia de que se tratavam de fantasias de um cérebro desequilibrado.

Seja qual fosse a opinião que se formasse sobre seus pontos de vista, a exposição que deles fazia era

lógica demais para permitir tal juízo. Suas últimas palavras martelavam, sem parar, na lembrança: "A Consciência é filha do Ritmo". Ousada e concisa como definição, agora soava como infinitamente sedutora. A cada repetição, aumentava o sentido e aprofundava as implicações. Ora, eis aí (pensei) os fundamentos de uma filosofia. Se a consciência é produto do ritmo, todas as coisas são conscientes, pois tudo é movimento, e todo movimento é rítmico. Será que Moxon se dava conta do alcance e da extensão dessa ideia - das perspectivas abertas por tão grave generalização? Ou teria chegado a essa fé filosófica pelos caminhos tortuosos e incertos da observação?

Tal fé constituía, então, novidade para mim e toda a exposição de Moxon não conseguira me converter; mas agora me sentia iluminado por uma luz intensa, como a que ofuscara Saulo de Tarso; e ali, em pleno temporal, trevas e solidão, fui tomado do que Lewes classifica como "multiplicidade e euforia infinitas do pensamento filosófico". Exultei com a nova sensação de conhecimento, o novo orgulho de raciocínio. Parecia que mal tocava os pés na terra, como se me tivessem levantado no ar e estivesse sendo transportado por asas invisíveis.

Cedendo ao impulso de buscar novos esclarecimentos com ele, que agora reconhecia como meu mestre e guia, sem querer refiz meus próprios passos e, quase inconsciente de meus atos, quando dei por mim, me vi de novo diante da porta da casa de Moxon. Encharcado pela chuva, nem me incomodei com isso. A emoção era tão grande que não consegui achar a campainha. Experimentei, instintivamente, a maçaneta.

Ela girou, e, entrando, subi a escada que levava à sala que momentos antes deixara. Encontrei tudo escuro e quieto. Moxon, como já previa, estava na peça vizinha - a oficina de máquinas. Tateando a parede até chegar na porta, bati com força várias vezes, sem ter resposta. Julguei que fosse por causa do barulho lá fora, pois o vento soprava como tufão e a chuvarada vergastava as frágeis paredes feito chicote. A cobertura de telhas, que protegia o teto desprovido de forro, rufava que nem tambor, forte e insistente.

Nunca tinha sido convidado a entrar na oficina de máquinas - pelo contrário, recebera proibição taxativa, como todos os outros, à exceção de um hábil metalúrgico, de quem nada se sabia, a não ser que se chamava Haley e não costumava bater com a língua nos dentes. Mas em minha exaltação espiritual, abdiqueei de toda cautela e conveniência e abri a porta. O que vi me fez logo desistir de qualquer especulação filosófica.

Moxon estava sentado, de frente para mim, na extremidade oposta de uma mesinha, sobre a qual uma vela acesa parecia a única claridade reinante na peça. Diante dele, de costas para a porta, tinha outra pessoa sentada. Separando ambos, via-se um tabuleiro de xadrez. Os dois jogavam. Eu pouco entendo de xadrez, mas a julgar pelas raras pedras restantes, era óbvio que a partida devia estar quase no fim.

Moxon se mostrava extremamente interessado - não no jogo, me pareceu, e sim no adversário, em quem fixava um olhar tão intenso que, apesar de me manter de pé, bem diante de sua linha de visão, passei completamente despercebido. O rosto estava horrivelmente pálido e os olhos faíscavam feito diamantes. Do adversário só pude ver as costas, mas foi suficiente; nem fiz questão de enxergar o resto.

Tinha, aparentemente, apenas metro e meio de altura e proporções de gorila - ombros tremendamente largos, pescoço curto e grosso, cabeça achatada, com um tufo de cabelos pretos e emaranhados encimado por um fez escarlate. Uma túnica da mesma cor, presa com firmeza à cintura, terminava no assento - uma

caixa, pelo visto - que ocupava; não dava para ver-lhe as pernas e os pés. Devia estar com o braço esquerdo pousado no colo; movimentava as pedras com a mão direita, que parecia comprida demais, desproporcional.

Me encolhi, recuando para o canto da porta, mantendo-me agora na sombra. Se Moxon desviasse o olhar, fixado na fisionomia do adversário, só perceberia a porta entreaberta. Qualquer coisa me tolhia os movimentos; uma sensação indefinível - de que me achava em presença de uma tragédia iminente e que permanecendo ali poderia ajudar meu amigo. Relutando de leve ante a indelicadeza do ato, continuei no mesmo lugar.

O jogo era rápido. Moxon, antes de chegar sua vez, praticamente ignorava o tabuleiro e, para meus olhos inexperientes, parecia preferir as pedras mais ao alcance da mão, efetuando movimentos ágeis, nervosos e pouco seguros.

A reação do adversário, embora de início igualmente imediata, ocorria com um gesto lento, invariável, maquinal e, no meu entender, até teatral do braço, que começou a me deixar irritado. Havia qualquer coisa de sobrenatural naquilo tudo, e, quando dei por mim, me senti trémulo. É bem verdade que estava todo molhado e com frio.

Duas ou três vezes, depois de movimentar uma pedra, o desconhecido inclinou a cabeça de leve, e em cada ocasião notei que Moxon mudava a posição do rei. Imediatamente me veio a ideia de que o sujeito podia ser mudo. E depois, que era uma máquina - um autômato jogador de xadrez! Aí me lembrei que Moxon, um dia, havia me contado que tinha inventado um mecanismo que nem esse, embora eu não imaginasse que já estava realmente pronto. Será que tudo o que dissera a respeito da consciência e inteligência das máquinas constituía mero preâmbulo da exibição eventual desse aparelho simples artifício para aumentar o efeito de sua ação mecânica sobre mim, na minha ignorância do segredo?

Belo desfecho, esse, para meus arroubos intelectuais para minha "multiplicidade e euforia infinitas de pensamento filosófico"! Já estava pronto para me retirar, revoltado, quando aconteceu uma coisa que me despertou a curiosidade. Notei um movimento nos ombros largos da "coisa", como se estivesse irritada: e isso de um jeito tão natural - tão tipicamente humano - que, em minha nova maneira de encarar a questão, levei um susto. E não se resumiu nisso, pois logo em seguida bateu com força na mesa, de punho cerrado. A violência do gesto deixou Moxon ainda mais assustado que eu; puxou um pouco a cadeira para trás, como se estivesse alarmado.

Não demorou muito para chegar a vez de Moxon jogar. Levantou a mão bem em cima do tabuleiro e, caindo sobre uma das pedras feito gavião, exclamou: "Xeque-mate!" e se pôs rapidamente de pé, passando para trás da cadeira. O autômato continuou sentado no mesmo lugar.

A ventania já tinha diminuído, mas escutei, a intervalos cada vez menores e progressivamente mais forte, o retumbar e estrondo dos trovões. Nas pausas intermediárias, agora, já dava para perceber, bem baixinho, um chiado ou zumbido que, como a trovoadas, de repente ficava mais manifesto e nítido.

Parecia que vinha do corpo do autômato e era, inegavelmente, um ruído de engrenagens. Me deu a impressão de um mecanismo desregulado que houvesse escapado da ação repressiva e normalizadora de

algum componente de controle eleito semelhante ao que se poderia esperar de um linguete saltando dos dentes de uma catraca. Mas antes que tivesse tempo de fazer muitas conjeturas sobre sua natureza, minha atenção foi desviada pelos movimentos estranhos do próprio autômato. Parecia estar tomado de leves, porém contínuas convulsões.

Sacudia o corpo e a cabeça, como alguém atacado por paralisia ou calafrios de febre, e os movimentos foram aos poucos aumentando, até que toda a figura já se contorcia, presa de violenta agitação. De repente saltou em pé e, com um gesto quase rápido demais para ser percebido, se atirou em cima da mesa e da cadeira, os dois braços estendidos para a frente -a postura do nadador que vai dar o mergulho. Moxon ainda tentou recuar, fora de alcance, mas foi tarde demais: vi as horrendas manoplas daquela coisa apertando-lhe a garganta, enquanto ele lutava para conter os pulsos. Depois a mesa virou, a vela caiu no chão e apagou, e tudo ficou na mais completa escuridão.

Mas o barulho da briga continuava horrendamente nítido e, ainda pior, os sons roucos e ásperos causados pelos esforços de Moxon, quase estrangulado, para poder respirar. Guiado pelo tumulto infernal, me precipitei para socorrer meu amigo, mas mal pude dar um passo no escuro quando a peça toda clareou com uma ofuscante luz branca que gravou em meu cérebro, coração e memória um quadro vívido dos lutadores no chão: Moxon por baixo, a garganta ainda nas garras daquelas mãos de ferro, a cabeça empurrada para trás, os olhos saltados, a boca escancarada e a língua de fora; e - horrendo contraste! - na cara pintada do assassino uma expressão pensativa, tranquila e profunda de quem contempla a solução de um problema de xadrez! Foi só o que vi, antes que tudo mergulhasse no silêncio e nas trevas.

Três dias depois recobrei a consciência no hospital. À medida que a lembrança daquela noite trágica voltava lentamente ao meu cérebro machucado, notei a presença de Haley, o operário que gozava da confiança de Moxon. Respondendo ao meu olhar, aproximou-se sorrindo.

- Me diga o que foi que aconteceu - consegui pedir, com voz muito fraca -, conte tudo o que sabe.

- Pois não - retrucou. - Retiraram o senhor inconsciente da casa incendiada, a casa de Moxon. Ninguém sabe como o senhor foi parar lá. A origem do fogo também está um pouco misteriosa. A meu ver a casa foi fulminada por um raio.

-E Moxon?

- Foi enterrado ontem - o que restava dele.

Pelo visto, essa criatura tão discreta sabia falar quando queria. Para dar informações chocantes a um doente, até que era afável. Depois de alguns instantes do mais intenso sofrimento mental, arrisquei-me a fazer outra pergunta:

- Quem me salvou?

- Bom, se lhe interessa saber, fui eu.

- Obrigado, Mr. Haley, e que Deus o abençoe por isso.

Não salvou também aquele adorável produto de suas habilidades, o autômato jogador de xadrez que matou seu inventor?

O homem ficou muito tempo calado, evitando o meu olhar. Por fim se virou e disse, bem sério:

-Então já sabia?

- Sabia, sim - respondi -, vi com meus próprios olhos.

Mas isso aconteceu há muitos anos. Hoje, se alguém me perguntasse, não sei se responderia com a mesma convicção.

## **2. As primeiras histórias de robôs**



# A máquina perdida

**John Wyndham**

**1932**

*A expressão "ficção científica" teve origem na palavra scientifiction, criada por Hugo Gernsback em 1926 para a nova revista Amazing Stories. "A máquina perdida" saiu no número de abril de 1931, sendo publicada com o verdadeiro nome do autor, John Beynon Harris (1903-1962). Harris, escritor inglês, é mais conhecido pelo pseudônimo literário de John Wyndham. Prolífico, escreveu vinte romances e diversos volumes de contos no gênero da ficção científica. Dos romances, os dois mais famosos são The Day of the Triffids (1951) e The Midwich Cuckoos (1957).*

*"A máquina perdida" foi escolhida para figurar nesta antologia por várias razões. A maior parte da história é contada na primeira pessoa, do ponto de vista do robô, técnica até então inédita no gênero e sem dúvida eficaz para conquistar a simpatia do leitor. Além disso, é também precursora no sentido de levar o principal personagem a cometer suicídio. E Wyndham se mostrou original ao criar robôs afáveis e cheios de boa-vontade. Copiando modelos anteriores, como o monstro de Frankenstein, de Mary Shelley,*

*o autômato violento de Bierce e os robôs rebeldes de Capek, os escritores se acostumaram a apresentar criaturas traiçoeiras, capazes de se revoltar contra seus inventores. Apesar da inovação de Wyndham, descrevendo um robô inteligente e bondoso, ele segue uma convenção da ficção científica da época que depois caiu em desuso. Indicando Marte como planeta do ser alienígena, atribuiu-lhe os canais aquáticos popularizados pelas obras de Percival Lowell, astrônomo do início deste século. As sondas espaciais do Mariner, em 1976, propiciaram ao mundo uma visão mais próxima da superfície estéril desse planeta, revelando a inexistência de canais e qualquer outra espécie de vida orgânica. Desse modo, as civilizações marcianas, mito predileto das primeiras manifestações científicas, deixaram de constituir tema de inspiração literária.*

.

- Papai, venha cá, depressa!

A voz de Joan ecoou pelo enorme corredor. O dr. Falkner, ao sentir a urgência do chamado da filha, interrompeu a frase que escrevia.

- Papai! - gritou ela de novo.

- Estou indo - respondeu, levantando-se rapidamente da poltrona. - Por aqui - acrescentou, para orientação dos dois visitantes. Encontraram Joan diante da porta aberta do laboratório.

- Foi-se - disse.

- Como assim? - perguntou, brusco, o dr. Falkner, empurrando a filha para o lado e entrando no laboratório. - Fugiu?

- Não, não é isso. - Os negros cabelos crespos de Joan se agitaram ao sacudir a cabeça. - Olhe só aquilo ali.

E apontou para um canto da sala.

Uma poça de metal liquefeito ampliava, cada vez mais, o círculo formado pelo derretimento de uma peça alta e prateada. Emudecido de espanto, o dr. Falkner não tirava os olhos de cima da massa central que se misturava com o fluido circundante, impelindo gradativamente o contorno espalhado no chão.

De repente a peça se desfez - não havia mais nada na sua frente, a não ser a disforme dispersão de prata cintilante, leito lago de mercúrio em miniatura.

Por alguns instantes, o médico parecia ter perdido a fala. Até que afinal se refez o suficiente para perguntar, com voz rouca:

- Não me diga que... era?

Joan confirmou com a cabeça.

- Quando cheguei, ainda dava para reconhecer - disse. Indignado, virou-se para ela. - Mas de que jeito? Quem foi que fez isso? - interpelou.

- Eu não sei - respondeu a moça, com a voz meio trémula. - Assim que cheguei em casa, vim aqui só para verificar se tudo estava em ordem. Quando vi que tinha desaparecido do lugar habitual, me virei e vi que havia ido parar do outro lado - se derretendo. Chamei pelo senhor no momento em que me dei conta de que estava acontecendo.

Um dos visitantes colocou-se ao lado do médico.

- Isso aí é... era a máquina à qual você se referiu? perguntou.

Havia uma ponta de escárnio na voz que formulara a pergunta, enquanto indicava o líquido borbulhante com a ponta do sapato.

- Sim - admitiu o médico, hesitante. - Era.

- Quer dizer que não dispõe mais de provas do que estava nos contando? - completou o segundo.

- Nós fizemos uns filmes - balbuciou Joan. - Saíram bem bons...

O segundo cortou-lhe a palavra.

- Ah, é? - retrucou, sarcástico. - Já vi filmes mostrando como Nova York vai ser daqui a dois séculos, mas isso não significa que alguém conheça o futuro. Pode-se fazer coisas incríveis com o cinema - insinuou.

Joan avermelhou, mas não disse nada. O médico nem prestou atenção. O rápido acesso de indignação já tinha passado e agora contemplava tristemente os restos que estavam à sua frente.

- Quem será que fez isto? - repetiu, mais para si mesmo.

A filha vacilou um pouco antes de sugerir:

- Um acidente?

- Muito me admiraria - murmurou o médico.

- Não... não, não é bem isso - corrigiu ela. - Tenho impressão que se sentia ... muito só - as últimas palavras saíram em tom de desafio.

Houve uma pausa.

- Era só o que faltava - disse, por fim, um dos visitantes. - Sozinha... uma máquina solitária: essa é muito boa. E imagino que ainda por cima quer que acreditemos que cometeu suicídio? Bom, para mim não seria surpresa; depois do que seu pai nos contou, nada mais me surpreende.

Virou-se para o outro:

- Vamos embora. Tenho a impressão de que muito em breve alguém vai transformar este lugar num hospício... acho melhor a gente não estar mais aqui quando isso acontecer.

E se retiraram dando risada, deixando pai e filha a contemplar, desolados, os restos da máquina desaparecida.

Por fim, Joan soltou um suspiro e se afastou. Ao erguer os olhos, notou um maço de papéis na ponta de um banco. Não se recordava de tê-lo visto antes. Aproximou-se, com curiosidade, para examiná-lo.

O médico estremeceu ao perceber o entusiasmo que transparecia na voz da filha.

- Vem cá ver isto aqui, papai - chamou, insistente.

- O que é? - perguntou, vendo aquela papelada toda nas mãos de Joan.

Chegando perto, notou que a folha de cima estava cheia de caracteres estranhos.

- Que diabo...? - começou.

Joan se impacientou com a cegueira paterna.

- Não está vendo? - exclamou. - Isto aqui foi escrito para nós dois.

O médico se animou um pouco; depois recobrou a expressão de acabrunhamento.

- Mas como é que a gente vai...?

- Aquela máquina não tinha nada de boba... deve ter aprendido bastante a nossa língua para deixar algum código que decifre todo este troço esquisito. Olha, talvez seja isto aqui, parece ainda mais complicado que o resto.

Passaram-se muitas semanas de trabalho intensivo, enquanto Joan se empenhava para entender o estranho documento, mas não desistiu, esforçando-se ao máximo, até conseguir colocar o texto completo diante do pai. Nessa noite, o dr. Falkner pegou o maço de folhas datilografadas e leu atentamente, sem parar, até o fim...

•

Ao diminuirmos a velocidade, já no fim da viagem, Banuff começou a demonstrar entusiasmo.

- Veja - gritou. - O terceiro planeta, afinal.

Fui me colocar a seu lado e juntos contemplamos a cena mais estranha, nunca vista por olhos pertencentes ao quarto planeta.

Embora estivéssemos a grande distância da superfície, era suficiente para causar espanto.

Em lugar da nossa vegetação vermelha, tão feia, via-se uma verde, resplandecente. A terra inteira parecia coberta por ela. Para onde quer que se olhasse, crescia e se desenvolvia como se não precisasse de água. No quarto planeta, que os homens do terceiro chamam de Marte, a vegetação só cresce dentro ou na margem dos canais, mas aqui nem sequer se avistavam coisas semelhantes. O único indício de irrigação era uma faixa brilhante de água ao longe, serpenteando insensatamente pelo campo afora - advertência simbólica do mundo incrível aonde havíamos chegado.

Aqui e ali, tivemos a atenção atraída pelo afloramento de várias rochas estranhas no meio de tanta verdura. Grandes blocos de pedra que expeliam rolos de fumaça preta.

- Os fogos intestinos devem ficar muito perto da superfície deste mundo - comentou Banuff, olhando desconfiado para os vapores ascendentes. - Olha só de quantos lugares sai essa fumaça. Chego a duvidar

que seja possível o desenvolvimento de vida animal neste planeta. Sabe lá se o solo não é quente demais para nós - ou pelo menos para mim.

O tom da voz era de tristeza. O modo de dizer a última frase me despertou simpatia. Existem tantas desvantagens na constituição humana que nós, máquinas, não temos, e eu sabia que ele estava ansioso para obter conhecimentos diretos do terceiro planeta.

Ficamos muito tempo contemplando, em silenciosas conjeturas, esse mundo verde, tão estranho. Por fim, Banuff rompeu o silêncio.

- Acho que dá para arriscar uma aterrissagem ali, Zat disse, indicando um espaço aberto e plano.

- Cuide que não seja líquido - lembrei -, parece liso demais.

- Não - retrucou creio que é uma espécie de vegetação rasteira. De qualquer modo, dá para arriscar. Um toque de alavanca fez o aparelho mergulhar rapidamente rumo a um retângulo verde, de contornos tão simétricos que só podia ser obra de criaturas dotadas de raciocínio. Em um dos lados havia uma enorme construção de pedra, crivada de aberturas e fumegando em cima como as outras, enquanto nos três lados restantes uma vegetação alta e copada ondulava ao vento.

- Uma atmosfera capaz de causar tanta agitação deve ser muito densa - observou Banuff.

- Aquela rocha é estranhamente simétrica - comentei -, e os lugares de onde sai a fumaça estão intercalados por espaços regulares. Será que ... ?

Fui interrompido pelo leve choque da aterrissagem.

- Prepare-se, Zat - ordenou Banuff.

Obedeci. Abri a porta interna e passei para a câmara de ar comprimido. Banuff teria que ficar lá dentro até que eu averiguasse se seria possível para ele se adaptar. Os homens podem ter mais poder de originalidade que nós, e de fato possuem maior grau de adaptabilidade do que qualquer outra forma de vida, mas mesmo assim são muito limitados. Talvez fosse necessário recorrer a uma complicada parafernália para Banuff suportar as condições locais; já para mim, uma máquina, a adaptação era simples.

A densidade atmosférica não fez nenhuma diferença, a não ser me diminuir um pouco a rapidez dos movimentos. A temperatura, dentro de limites bem amplos, não causou o menor efeito sobre mim.

-A força da gravidade vai ser mais forte - Banuff tinha avisado -, este planeta é muito maior que o nosso.

Foi fácil me preparar para aquilo: bastou acrescentar um quarto par de pernas.

Agora, ao sair da câmara de ar comprimido, comprovei o acerto da medida: a força de atração do planeta era enorme.

Ao cabo de instantes de pequenas adaptações, contornei nossa nave até chegar à janela onde Banuff se encontrava e ergui os instrumentos para lhe mostrar. Depois que viu o medidor de pressão atmosférica, o indicador de gravidade e a escala proporcional de gás, sacudiu a cabeça. Podia se adaptar, paulatinamente, às condições reinantes, mas uma tentativa imediata estava fora de cogitações.

Tínhamos combinado que, nesse caso, eu faria a exploração do terreno, recolhendo espécimes, enquanto ele examinava os arredores lá de dentro do aparelho.

Acenou com o braço, no sinal previsto, e eu, em resposta, saí andando com rápidas passadas rumo à vegetação verde e parda que me rodeava. Ao alcançá-la, virei para trás e vi a nossa nave prateada levantando vôo devagar.

Logo em seguida ouviu-se uma explosão atordoante: uma onda sonora tão forte nessa densa atmosfera, que quase rompeu o meu diafragma receptor. A causa do desastre jamais ficará explicada: só sei que, quando ergui os olhos, não avistei mais a nave em nenhum lugar - apenas uma chuva de peças metálicas caindo no chão ao meu redor.

Gritos de susto partiram da gigantesca construção de pedra e, simultaneamente, apareceram figuras humanas nas múltiplas aberturas inferiores. Começaram a correr para os escombros, mas minha velocidade era muito maior que a delas.

Quando cheguei, tinham conseguido completar apenas metade da distância. Enquanto avançava na disparada, pude ver que estacavam e paravam com expressões cômicas de assombro no rosto.

- Meu Deus, você viu o que eu vi? - exclamava um.

- Que diabo era aquilo? - gritava outro.

- Parecia um ataúde ambulante - disse alguém. - Mexendo com as pernas, ainda por cima.

## A FUGA

Banuff estava caído no chão, cercado de destroços por indos os lados.

Levantei-o com o máximo cuidado nas hastes dianteiras. Um exame rápido mostrou a inutilidade de qualquer tentativa de auxílio: estava muito ferido. Consegui esboçar um sorriso para mim e depois ficou inconsciente.

Senti pena. Apesar de Banuff não ser da mesma espécie que eu, pertencia a meu mundo, e durante a longa travessia aprendi a conhecê-lo direito. Esses seres humanos são tão frágeis. Qualquer coisinha aqui ou

ali se rompe e param de funcionar, e aí então, em curto espaço de tempo, começam a se decompor. Se fosse uma máquina, que nem eu, poderia consertá-lo, substituindo as partes danificadas e deixando-o em perfeitas condições, mas com essas estruturas animais não se consegue quase nada.

Enquanto olhava para ele, percebi que a aglomeração de homens e mulheres estava chegando mais perto e, pela primeira vez, comecei a sofrer do que iria se tornar a minha mais grave deficiência no terceiro planeta -a incapacidade de me comunicar com eles.

Podia entender o que pensavam, pois minha chapa sensível estava regulada para captar ondas mentais humanas, mas não podia me fazer entender. Minha linguagem era incompreensível para eles, e seus cérebros, por falta de desenvolvimento ou outro motivo qualquer, não se mostravam receptivos às minhas transmissões de pensamento.

A medida que se aproximavam, amontoados em grupo, eu fazia uma descoberta espantosa - estavam com medo de mim.

Homens com medo de uma máquina.

Era inconcebível. Que motivo teriam? Não há dúvida que o homem e a máquina são complementos naturais; ajudando-se mutuamente. Por um instante até pensei que talvez houvesse entendido mal - era possível que se comunicassem de maneira diferente neste planeta, mas logo tive que descartar a possibilidade.

Havia apenas dois motivos para esse receio. Em primeiro lugar, que nunca tivessem visto máquinas ou, segundo, que as do terceiro planeta houvessem seguido uma linha de evolução que lhes fosse hostil.

Virei-me para mostrar que Banuff jazia inerte nas minhas hastes dianteiras, Depois, lentamente, para não assustá-los, me aproximei. Coloquei-o delicadamente no chão e recuei um pouco. A experiência me ensinou que os homens gostam de tratar, eles mesmos, dos males que os afligem. Alguns se adiantaram para examiná-lo, mas o resto permaneceu onde estava, com os olhos fixos em mim.

A pigmentação escura de Banuff, pelo visto, provocou grande agitação. A pele deles era pálida, pela falta de raios ultravioleta na densa atmosfera.

- Está morto? - perguntou um.

- Completamente - respondeu outro, acenando com a cabeça. - Sujeito estranho - continuou. - Nem sei como classificá-lo etnologicamente. Repare só na conformação dianteira do crânio - estranhíssima. E depois o tamanho das orelhas, imenso: a cabeça toda é anormal, grande demais.

- Ele já não interessa - interrompeu alguém no grupo -, não pode mais se mexer. Aquele troço ali é que me intriga prosseguiu, olhando em minha direção. - Que diabo você imagina que seja?

Todos se viraram, cheios de assombro, para mim. Fiquei imóvel, esperando, enquanto me analisavam.

- Deve ter um metro e oitenta de comprimento - dizia o pensamento de um deles. - Cinquenta centímetros de largura e outro tanto de altura. Metal branco, talvez (ideia que não tinha o menor sentido para mim). Quatro pernas de cada lado, presas na metade da altura, com juntas que parecem de caranguejo - como essa espécie de braços na dianteira -, mas tudo de metal. Para que será que serve o conjunto de instrumentos e lentes nessa ponta ali? Seja lá como for, o tipo de energia que usa parece que já acabou...

Ainda hesitante, começou a avançar.

Tentei pronunciar uma palavra de estímulo.

O grupo todo logo estacou.

- Você ouviu? - alguém murmurou. - Ele ... ele falou qualquer coisa.

- Alto-falante - retrucou o que estava fazendo o meu inventário. De repente sua expressão se animou.

- Já sei! - gritou. - Controle remoto... um telefone e um aparelho de televisão que funcionam por controle remoto.

Com que então essa gente, afinal de contas, entendia alguma coisa de máquinas. A suposição dele não podia estar mais equivocada, mas, com meu alívio, sem querer dei um passo à frente.

Retumbou uma explosão - um baque surdo estourou na caixa do meu corpo e, com um chiado, se extinguiu. Vi um dos homens apontando um cano oco para mim e pressenti que estava pronto para provocar outra explosão.

A primeira não tinha causado nenhum dano, mas a segunda poderia me quebrar uma das lentes.

Me virei e corri a toda velocidade para me refugiar na vegetação alta e verde. Ouvi ainda dois ou três outros estampidos, mas nenhum me atingiu. A arma era muito primitiva e de uma imprecisão inacreditável.

## DECEPÇÃO

Durante um dia e uma noite prossegui andando no meio de vegetação de troncos confusos.

Pela primeira vez, desde minha concepção, me encontrava completamente fora de alcance do controle humano, e minha existência parecia destituída de todo sentido. Os seres humanos dispõem de uma força estranha chamada ambição. São impelidos por ela, que, por sua vez, age sobre nós. Essa força, que os mantém ativos, nos faz falta. Talvez, com o tempo, nós, máquinas, venhamos a adquiri-la. Qualquer coisa no gênero - auto-preservação, que lhe é afim - deve ter me levado a fugir do homem com o cano explosivo e me precipitado no terreno desconhecido. Mas não era suficiente para me dar um objetivo.



Parecia que seguia adiante porque - ora, porque o meu mecanismo tinha sido feito com essa finalidade.

Durante o percurso descobri coisas incríveis. De vez em quando meu caminho ficava interrompido por uma faixa de consistência sólida, cuja utilidade prática na ocasião não entendi. Uma vez, inclusive, deparei com duas intermináveis barras de ferro, fixadas horizontalmente em relação ao solo e que se prolongavam, de ambos os lados, até se perder de vista. A princípio julguei que fosse um sistema de proteção das terras que ficavam do outro lado, mas o fato é que não ofereciam o menor empecilho.

Descobri, também, que os frequentes afloramentos de pedra não eram naturais, e sim construções trabalhosas. Evidentemente essa raça primitiva, dispendo de um número insuficiente de cavernas para abrigar a população sempre crescente, tinha sido obrigada a construir cavernas artificiais. A fumaça desconcertante resultava do sistema de aquecimento dessas moradias, efetuado por fogo simples - método de combustão tão perdulário que há milhares de anos, a não ser por acidente, não se enxergava uma chama sequer no quarto planeta.

Foi no meu segundo dia neste mundo que encontrei, pela primeira vez, uma máquina.

Estava parada junto de uma das faixas sólidas de terra que já haviam me causado tanto assombro. O reflexo de luz nas partes brilhantes foi captado por minhas lentes quando saí do meio das árvores. Minha alegria não teve limites enfim encontrava uma criatura de minha própria espécie. Entusiasmado, gritei para lhe chamar a atenção.

Houve uma série de movimentos agitados do outro lado. e uma figura humana ergueu a cabeça para olhar para mim.

Deu para ver que se tratava de uma mulher, apesar dos trajes esquisitos que os seres do terceiro planeta costumam usar. Me encarou, arregalando os olhos de surpresa, enquanto eu sentia o choque que lhe causava no cérebro. Deixou cair no chão uma chave de parafusos e, com a rapidez de um raio, entrou na máquina, fechando a porta com estrondo. Ouvei um chiado frenético enquanto ela apertava um botão, mas que não produziu o menor efeito. Continuei avançando devagar e, quando cheguei bem perto, a comoção do cérebro dela aumentou. Não queria assustá-la - ficaria bem mais fácil se suas ondas mentais parassem de me atormentar -, mas estava decidido a conhecer melhor aquela máquina.

Ao sair por completo do meio das árvores, consegui vê-la direito pela primeira vez, e a decepção não poderia ser maior. Era provida de rodas. Não apenas partes indispensáveis ao funcionamento interno, mas rodas de verdade, em contato com o solo. Rápido como um raio, atinei com a explicação daquelas faixas sólidas. Por incrível que possa parecer, aquela coisa só conseguia andar em cima de pistas construídas especialmente para ela.

Depois descobri que isso se aplicava, praticamente, a todas as máquinas terrestres do terceiro planeta, mas o primeiro desânimo que senti foi penoso. O barbarismo primitivo dessa máquina me entristeceu mais que qualquer outra descoberta até então.

Desolado, e com poucas esperanças, falei com ela.

Não obtive resposta.

Ficou ali parada, da maneira mais estúpida e inerte, sobre aquelas rodas idiotas, como se fizesse parte do próprio chão.

Chegando perto, comecei, com repugnância cada vez maior, a examinar-lhe a tosca disposição interna. Por incrível que pareça, descobri que o único meio de propulsão consistia numa série de arrancos causados por explosões sucessivas. Além disso, a falta de organização era tão ridícula que o motor propulsor e os freios podiam ser acionados ao mesmo tempo.

Enquanto contemplava com tristeza os pesados componentes internos, comecei a me sentir efetivamente sozinho.

Antes desse encontro, ainda não tinha perdido por completo a esperança de descobrir uma máquina inteligente. Mas agora sabia que não adiantava continuar à procura de uma coisa assim num mundo capaz de produzir semelhante monstrengo.

Uma das minhas hastes dianteiras bateu contra um lado, provocando um ruído estridente, e então ouvi, lá de dentro, um grito de pânico. Olhei para o vidro da frente, onde o rosto da mulher me parecia morto de medo. O cérebro dela estava em tal estado de confusão que ficava difícil saber com clareza o que pretendia.

Torcia para que eu fosse embora - não, queria que o carro pegasse e a levasse para longe dali -, não sabia se eu era um bicho, ou se realmente existia. Numa mixórdia de emoções contraditórias, sentia medo e, ao mesmo tempo, raiva de si mesma por ser tão covarde. Por fim consegui perceber que a máquina não ia funcionar de jeito nenhum. Me virei para ver se encontrava o defeito.

Enquanto forcejava com as partes vitais daquela geringonça, comecei a entender porque os homens com quem até então tinha cruzado, mostravam-se assustados comigo. Não era de admirar que sentissem medo de máquinas quando seus próprios mecanismos apresentavam tanta falta de eficiência e utilidade como esse. Que segurança ou confiança podia inspirar-lhes uma máquina assim extravagante e desválida, que nem sabia se consertar provisoriamente sozinha? Não possuía controle próprio e se submetia muito pouco ao alheio.

A atitude dos habitantes do terceiro planeta se tornava compreensível - e até louvável se todas suas máquinas fossem precárias que nem essa.

O pânico no cérebro da mulher se converteu em espanto ao se debruçar para acompanhar meu trabalho. Parecia me considerar irreal, uma espécie de alucinação:

- Devo estar sonhando - dizia consigo mesma. - Não é possível, só pode ser algum pesadelo medonho...

Chegou a ficar quase alarmada com a ideia de que estava enlouquecendo, mas o cérebro logo recuperou o equilíbrio.

- Simplesmente não dá para entender - declarou com firmeza e depois, como se isso resolvesse o problema, dispôs-se a esperar, cada vez mais calma.

Por fim terminei. Enquanto limpava o óleo grosseiro, mas necessário, que aquela coisa havia passado para as minhas hastes dianteiras, lhe fiz sinal para experimentar de novo o botão preto. Desta vez o chiado transformou-se em ronco; jamais seria capaz de pensar que uma máquina pudesse ser tão ineficiente.

No meio do pandemônio, minha chapa sensível captou uma impressão de gratidão. Traços confusos de nervosismo persistiam, mas a gratidão se destacava em primeiro lugar.

Depois foi-se embora. Vi a máquina repugnante sumir pela faixa sólida até ficar reduzida a um pontinho insignificante na linha do horizonte.

Então voltei para o meio das árvores e segui devagar pelo meu caminho. Lembrei com tristeza o longínquo e vermelho quarto planeta e vi que meu destino estava traçado. Não conseguiria achar uma maneira de voltar. Estava perdida -a única de minha espécie neste mundo primitivo.

## AS FERAS

Atacaram-me de surpresa, enquanto atravessava um dos espaços macios e verdes, tão frequentes neste planeta.

Minhas células pensantes estavam intrigadas com a situação. No quarto planeta eu tinha sentido interesse ou descaso, propensão ou falta de vontade, mas quase mais nada. Agora descobria em mim reações que, manifestadas por um ser humano, chamaria de emoções. Sentia-me, por exemplo, sozinho - queria a companhia de criaturas de minha própria espécie. E mais, começava a sentir entusiasmo, ou, mais especificamente, apatia.

Uma máquina apática!

Estava vendo se esse estado não seria uma consequência do instinto de auto-preservação ou, então, resultado da ação do meio-ambiente sobre minhas células químicas, quando ouvi aquele barulho.

Primeiro escutei um rufar de tambores no diafragma, que foi crescendo aos poucos até virar um ritmo atordoante que sacudia o chão. Aí me virei e vi que se precipitavam para meu lado.

Feras enormes, extintas há milhões de anos no meu planeta, cobertas de pelo e com chifres na cabeça. Quadrúpedes remanescentes de uma era selvagem, massacrando a terra com ferocidade instintiva.

Só me restava uma saída, já que não podia fugir por causa do contorno sinuoso de um daqueles canais imbecis. Dobrei as pernas no chão e, com as hastes dianteiras cruzadas, para proteger as lentes e o

diafragma, fiquei esperando.

Diminuíram a velocidade ao chegar perto. Aproximaram-se desconfiadas, me farejando de alto a baixo. Uma delas bateu de leve com o chifre no meu flanco, outra passou o casco ferrado pelo meu corpo. Não fiz nada para impedir: não pareciam oferecer nenhum perigo imediato. Animais tão primitivos, pensei, seriam incapazes de manter o interesse e não demorariam a ir procurar outras plagas.

Mas não foram. Continuaram a farejar e fuçar na terra a meu redor. Por fim resolvi fazer uma experiência, mexendo uma das hastes dianteiras. O resultado foi assustador. Arremeteram, rodopiaram, soltaram mugidos estranhos e bateram os cascos com força, mas não se afastaram. Nem tampouco atacaram, embora resfolegassem e pateassem com toda a força.

Escutei ao longe a voz de um homem; dava para perceber baixinho o que pensava.

- Que diacho de bicho tá mordendo esse gado desgranido, Bill?-gritou.

- Sei lá - foi a resposta do outro. - Vamo lá dá uma espiada.

As feras cederam lugar quando os dois se aproximaram e notei que algumas já estavam indo embora, estremecendo o solo, mas por enquanto não me atrevia a correr o risco de desproteger as lentes.

As vozes masculinas chegaram bem perto.

- Que treco mais esquisito - comentou o primeiro -, como é que aquilo veio pará aqui, Bill?

- E eu é que sei? - retrucou o outro. - Faz coisa de uma hora não tava aí... isso eu posso jurá. O que que é, afinal?

- Quero que me enforcem se dá prá atina. Vem cá, me ajuda um pouco prá gente virá pra vê do outro lado.

A essa altura me pareceu mais prudente fazer algum movimento; meus equalizadores talvez demorassem para se acostumar com uma posição invertida.

Alguém soltou uma exclamação abafada e depois:

- Bill - escutei num cochicho agitado -, você tá vendo aquela vara ali na ponta? Se mexeu, juro por esta luz que me alumia.

- Ah, pára com isso - zombou o outro. - Como que uma coisa destas vai se mexe? Daqui a pouco tu vai dizê que...

Desdobrei as pernas e me virei para ficar de frente para eles.

Por um instante os dois ficaram pregados no chão, fazendo uma cara apavorada, aí então, de comum

acordo, giraram nos calcanhares e saíram correndo para um grupo de edificações mais distante. Fui atrás, devagar: parecia uma direção que podia me servir.

As edificações, nem todas de pedra, se achavam disposta quase como se formassem um quadrado. Enquanto os dois homens desapareciam por uma abertura lateral, dava para ouvir-lhes as vozes, os gritos de advertência, e outras que indagavam o motivo de tanta agitação. Dobrei a esquina a tempo de me deparar com um grupo vociferante de dez ou doze sujeitos, que abruptamente se desfez, enquanto corriam para aberturas escuras, em busca de segurança. Todos, menos um.

Parei, olhando para esse último. Encarou-me, meio vacilante, os olhos piscando com vaga incerteza.

- O que é? - exclamou, afinal, com estranho desabafo, luas como se estivesse falando sozinho.

Não podia estar mais perplexo. Achei difícil acompanhar-lhe os processos mentais. Eram confusos e extravagantes, oscilando entre visões fantasiosas e sustos descontrolados. Mas não sentia medo de mim e fiquei contente com isso. O primeiro habitante do terceiro planeta que não se mostrava aterrorizado. Mesmo assim, parecia em dúvida sobre minha realidade.

- Pessoal, vocês já viram o que eu tô vendo? - gritou, com voz ensurdecadora.

Murmúrios abafados de todos os cantos lhe asseguraram que sim.

- Então, tudo bem - disse, aliviado, dando um passo à frente.

Avancei devagar, para não assustá-lo, e nos encontramos no meio da rua. Apoiando a mão áspera no meu corpo, parecia ter medo de perder o equilíbrio. Depois me acariciou, bem de leve.

- Meu bom cachorro velho - comentou, bem sério. Meu querido e velho camarada. Vem comigo, tá?

Espiando por cima do ombro para ver se eu ia atrás e, enquanto isso, dando estranhos assobios, foi me conduzindo até uma construção feita de matéria vegetal, dura e marrom. Pelas aberturas que nos cercavam de todos os lados, rostos assustados acompanhavam nosso trajeto com expressões de incrédulo espanto.

Abriu a porta e indicou, com mão trêmula, uma pilha de talos secos que tinha lá dentro.

-Meu bom cachorro velho-repetiu. - Deita ali. Assim é que eu gosto de ver.

Apesar do fato de que eu, uma máquina, estivesse sendo confundida com um animal primitivo, obedeci à sugestão - afinal de contas, ele, pelo menos, não tinha medo.

Encontrou certa dificuldade para trancar a porta ao sair.

# CIRCO

Seguiu-se um desses sinistros períodos de quietude.

A origem animal dos seres humanos os expõe à fraqueza de precisar de frequentes fases de recuperação e, como não dispõem de raios infravermelhos para ver, descansam nas horas em que não podem enxergar.

Com o retorno da luz do sol ouviu-se uma comoção do lado de fora, diante da porta. Reclamavam de alguém chamado Tom - o que tinha me trazido para ali na véspera.

- Não vai dizê que você pretende deixa aquilo saí? perguntava uma voz muito nervosa.

- Claro que vou. Por que não? - retrucou Tom.

Aquele troço tem um aspecto esquisito. Eu, se fosse você, não tocava naquilo - afirmou outra.

- Você tá é com medo - insinuou Tom.

- Pode sê que teje - e pode sê que ontem, se não tivesse de cara cheia, você também teria ficado.

- Ora, se quando eu tava de cara cheia não me aconteceu nada - argumentou Tom -, por que que agora haverá de acontecer?

As palavras dele mostravam bastante segurança, mas dava para notar a trepidação que lhe sacudia o cérebro.

- Depois não se queixe - insistiu o outro. - Não vá dizer que não te avisei.

Escutei o resto do grupo se afastando para uma distância que julgaram conveniente. Tom se aproximou, fazendo questão de demonstrar coragem com palavras.

- Claro que vou deixa saí. E tem mais, vou leva pra um caraa que eu conheço... deve valê uma boa grana.

- Você nem vai...

- Ah, não vou, é?

Abriu a porta com estardalhaço e falou comigo numa voz ameaçadora, que dissimulava um pânico danado.

- Anda - mandou -, cai fora daí.

Quase saiu correndo quando me viu levantar, mas conseguiu, a caro custo, controlar o impulso. Fingindo calma, foi me levando até uma dessas máquinas que usam as faixas sólidas, abriu a porta traseira e

apontou para dentro.

- Entra aqui - disse.

Duvido que alguém tenha ficado um dia mais aliviado e surpreso do que ele quando obedeci. Virou-se com um sorriso de triunfo, fez um floreio debochado com o boné para os outros e sentou no banco da frente.

A última coisa que vi, em meio ao barulho do carro, antes de partir roncando, foi uma aglomeração de homens boquiabertos.

O sol estava alto quando chegamos ao nosso destino. As deficiências do motor eram de tal ordem que tivemos que parar várias vezes para reabastecer o combustível e a água até avistar, finalmente, os amplos portões de uma cerca de madeira.

Acima desse cercado dava para ver as partes superiores dos toldos de lona branca esticados sobre mastros e enfeitados com outros, de pano colorido, batidos pelo vento. A essa altura já tinha desistido de qualquer tentativa de adivinhar a finalidade das construções do terceiro planeta; eram tão incríveis as coisas que existiam neste mundo primitivo que ficava mais simples esperar, para depois ver no que dava.

Atrás da cerca persistia um som ritmado de trombeta. Depois ouviu-se a voz de um homem gritando mais alto ainda:

- Que que você quer? A entrada principal é pelo outro lado.

- Onde tá o chefe? - perguntou Tom. - Trouxe uma coisa pra ele.

O portão se abriu para nós.

- Alí adiante, no escritório - disse o homem, virando o polegar por cima do ombro.

Quando nos aproximamos, percebi que a mania de rodas no terceiro planeta tinha levado essa gente inclusive a montar o "escritório" dessa maneira.

Tom entrou e logo reapareceu com outro homem.

- Olha aí - disse, apontando para mim -, me diga se viu coisa igual. O único bicho todo de metal que existe no mundo... que tal vai ficá no cartaz?

O outro me olhou sem nenhum entusiasmo, com um bocado de descrença no cérebro.

- Essa caixa comprida aí? - perguntou.

- Claro, "essa caixa comprida aí". Olha aqui - acrescentou, para mim -, desce de uma vez.

Os dois recuaram um passo enquanto eu obedecia; o novo sujeito olhou apreensivo para as minhas hastes dianteiras.

- Tem certeza de que não há perigo? - perguntou, nervoso.

- Perigo? - disse Tom. - Lógico que não.

Só para provar, chegou mais perto e bateu de leve no meu corpo.

- Tô lhe oferecendo o show mais sensacional que o mundo já viu. Vale dez vezes mais que o preço que tô pedindo .. vai por mim, ninguém nunca assistiu coisa igual.

- Bom, igual, nunca vi - admitiu o dono do circo a contragosto. - Onde foi que você conseguiu?

- Eu fiz - declarou Tom, com a maior naturalidade. Quando tava de folga.

O sujeito continuou a me olhar com pouco entusiasmo.

- O que ele sabe fazer? - perguntou, afinal.

-O quê...? - começou Tom, indignado. - Ei, vem cá disse - pega este toco de madeira.

Quando eu trouxe o toco de volta, o outro parecia um pouquinho menos em dúvida.

- O que tem aí dentro? - perguntou.

- Segredo - respondeu Tom, sem hesitar.

- Pois se quiser que eu compre, vai ter que mostrar. Tá pensando que eu sou trouxa? Vamos dar uma olhada no que tem aí dentro.

- Não- disse Tom, lançando um olhar nervoso, de lado, para mim. - Tem que ser assim, se quiser e gostar.

- Ah, então essa é que é a jogada, hein? Eu banco o otário que compra esse treco aí pra depois descobrir que dentro tem um pirralho manobrando a engrenagem. Não vou me admirar se a polícia andar atrás disso.

- Não tem pirralho nenhum aí dentro - garantiu Tom – só... só coisas secretas. Mais nada.

- Só vendo pra acreditar.

Tom hesitou um pouco.

- Tá bem - concordou, desesperado -, vamo tirá essa maldita tampa... Ei, espera, vem cá!



A última frase foi dita aos gritos, correndo atrás de mim, mas nem dei atenção. Uma coisa era observar a curiosa conduta desses seres humanos, e outra, muito diferente, deixar que espionassem o meu maquinismo. O jeito desastrado de alguém como Tom podia perfeitamente danificar, para sempre, o seu funcionamento.

- Pára! - berrou Tom, atrás de mim.

Um homem, atravessado no meu caminho, me deu um soco inútil no corpo enquanto eu me livrava dele. Tinha diante de mim o maior de todos os pavilhões cobertos de lona.

- Aqui - pensei -, deve haver bastante lugar para me esconder.

Estava enganado. Lá dentro, num espaço circular, tinha uma fila de animais quadrúpedes. Não se pareciam com os que já havia encontrado, pois não usavam chifres na cabeça e eram muito mais magros - mesmo assim, primitivos como os outros. Ao redor, por todos os cantos, fileiras e mais fileiras, dispostas em círculos sucessivos, acomodavam centenas de seres humanos.

Mal tive tempo de olhar de relance e aí os animais me viram. Saltaram para tudo quanto foi lado, e gritos de terror partiram da multidão.

Não me lembro mais direito o que aconteceu, mas não sei onde nem como, no meio da confusão que se seguiu, encontrei Tom pronto para ligar o motor do carro. O primeiro olhar que me lançou foi de puro susto, mas logo pareceu mudar de ideia.

- Entra depressa - pediu todo afobado, temo que dá um jeito de nos arranca daqui... e é pra já.

Embora eu fosse muito mais veloz que aquela máquina absurda, achei preferível ir junto com ele do que perambular à toa.

## **O DESASTRE**

Nessa noite fiquei contemplando com tristeza o quarto planeta vermelho.

Lá girava um mundo que eu podia entender, enquanto aqui, à minha volta, tudo era caos, inacreditável e despropositada loucura.

Junto comigo, na máquina, iam três amigos de Tom, apanhados no último povoado. O próprio Tom dirigia o carro. Neutralizei a chapa sensível e me concentrei em recapitular o dia que acabava de passar.

Assim que se certificou de que estávamos livres da perseguição, Tom pensou lá com seus botões: Bom, acho que isso merece um trago. Depois parou num trecho da pista sólida ladeada por uma serie de cavernas artificiais.

A todo instante, à medida que o dia ia terminando, ele tentava passar na frente de aglomerações de pessoas boquiabertas para entrar em lugares onde só se via gente de copo com um líquido colorido na mão. Líquido esquisito, por sinal, pois os habitantes do terceiro planeta não dão valor à água.

E quanto mais me mostrava, com orgulho, para os amigos que encontrava nesses tais lugares, mais acreditava, piamente, que linha me criado.

Perto do pôr do sol, qualquer coisa muito grave e errada, pelo visto, aconteceu com o mecanismo de Tom. Se apoiou em mim com todo o peso do corpo e a voz ficou tão vacilante quanto os pensamentos se mostravam confusos.

– Tem alguém aqui que vai pro meu lado? - perguntou, afinal.

Ao escutar o convite, os outros três homens entraram no carro.

A máquina parecia ter ficado esquisita como eles. De manhã havia se mantido em linha reta, mas agora andava em ziguezague, prá lá e prá cá, dando a impressão de que ia sair da pista. Toda vez que escapava por pouco, os quatro homens interrompiam as constantes lamúrias para soltar grandes risadas, sem a menor justificativa.

Foi enquanto eu lutava para encontrar algum sentido nessa loucura que ocorreu o desastre.

Outra máquina surgiu na nossa frente. As luzes indicavam sua aproximação e as nossas deviam ser também evidentes.

Aí aconteceu uma coisa incrível. Em vez de evitar o choque, como fariam duas máquinas inteligentes, os dois vultos pesados se jogaram às cegas um contra o outro. Que mundo mais doido!

Ouviu-se, então, um estrondo tremendo. A nossa máquina caiu de lado. A outra saiu da pista sólida, bateu numa vegetação da beira da estrada e logo pegou fogo.

Nenhum dos quatro homens parecia mais que estonteado. Assim que o primeiro conseguiu se levantar, apontou para o incêndio.

- Eta fogueirinha bacana - disse. - Dá gosto de vê. Será que tem alguém vivo lá dentro?

Todos se aproximaram cambaleando para examinar os destroços, enquanto eu, esquecida, ficava à espera da próxima debiloideira que iria acontecer nesse mundo de pesadelo.

- E uma garota - disse a voz de Tom.

Um dos outros sacudiu solenemente a cabeça.

- Acho que você tem razão - concordou, procurando manter, em vão, a dignidade.

Depois de uma pausa, ouviu-se a voz da garota.

- Mas o que é que eu vou fazer? Moro a quilómetros daqui.

- Não faz mal - disse Tom. - Tudo bem. Vem comigo. Sou um cara legal.

Dava para sentir a intenção dissimulada pelas palavras - e a garota, pelo jeito, não era burra.

Escutei o ruído de uma briga.

- Não, nada disso, boneca. Nada de querê fugi. É perigoso pra uma mocinha - ficá sozinha no escuro.

A moça começou a gritar, mas foi logo silenciada por alguém.

Captei a onda de terror que aumentava no cérebro dela e então reconheci.

Era a mesma para quem eu tinha consertado a máquina - e que havia ficado grata.

Caí feito raio em cima deles. Três recuaram assustados, mas Tom não. Me desprezava desde que caí na asneira de lhe demonstrar obediência. Levantou uma bota pesada para esmagar minhas lentes. Os movimentos humanos são lentos antes que a perna completasse o gesto, peguei-a e atirei-o longe. Os outros tentaram, sem êxito, me cercar.

Ergui a moça nas hastes dianteiras e saí disparando para a escuridão, até que me perderam de vista.

## **DESALENTO**

A princípio ficou confusa e bastante amedrontada, apesar de que bastava a lembrança do nosso primeiro encontro para demonstrar que não ia fazer-lhe mal.

Coloquei-a delicadamente em cima do meu corpo e, prendendo-a com as hastes dianteiras, saí na direção que me indicou. Estava ferida e o braço direito sangrava. Corremos com a maior rapidez que as oito pernas permitiam. Tive receio que desmaiasse com a perda de sangue e não pudesse mais me orientar. E foi o que acabou acontecendo.

As vibrações mentais começaram a diminuir até parar por completo. Mas ela havia pensado de antemão, prevendo o trajeto que seria percorrido, e eu tinha acompanhado tudo.

Por fim chegamos diante de uma porta fechada, já também prevista. Empurrei-a para trás e entreguei, nas hastes dianteiras, a garota ao pai.

- Joan...? - balbuciou.

Não pareceu surpreso comigo naquele momento – o único habitante do terceiro planeta que se comportou assim. Só depois de ter feito curativo nos ferimentos da filha e de ajudá-la a recuperar os sentidos foi que olhou para mim.

Pouco mais resta a dizer. Os dois se mostraram generosos. Fizeram o possível para compreender, mas não conseguiram. O pai, inclusive, tentou desmontar uma parte do meu corpo – e permiti, pois era inteligente -, mas não entendeu. Dava para sentir os esforços mentais que empregou para classificar minha estrutura entre os mecanismos acionados por eletricidade - a forma mais aperfeiçoada de energia conhecida por ele, mas, mesmo assim, primitiva demais.

Este mundo todo, aliás, é muito primitivo. Nem sequer tem a noção do metal de que sou composta. Sou uma verdadeira anomalia... uma curiosidade que desafia qualquer análise.

Essas criaturas bem que gostariam de saber como fui feita; já percebi, pelo que pensam, que querem tirar uma cópia de mim. Ainda lhes resta uma esperança: um dia, talvez, hão de possuir máquinas próprias, de verdade... Mas não será com meu auxílio que irão construí-las - nenhuma parte minha contribuirá para isso. ...sei o que é ser uma máquina inteligente num mundo de loucuras...

O médico virou a última página e levantou os olhos.

-E assim - disse -, se dissolveu com meus ácidos.

Caminhou devagar até a janela e ficou contemplando Marte, deslizando serenamente entre miríades de estrelas.

- Não sei, não - murmurou. - Não sei.

Devolveu as folhas datilografadas à filha.

- Joan, meu bem, creio que seria mais aconselhável queimar tudo isso. Ninguém aqui quer ser internado no hospício.

Joan sacudiu a cabeça.

- Como o senhor achar melhor, papai - concordou. Os papéis se encresparam, pegaram fogo e pretearam no meio do carvão - mas Joan guardou uma cópia.

# Rex

## Harl Vincent

### 1934

*A honra de ter criado o primeiro robô fictício de controle eletrônico pertence a Harl Vincent, pseudônimo literário de Harold Vincent Schoepflin (1893-1968), engenheiro mecânico e escritor bissexto que se popularizou como colaborador das primeiras revistas sensacionalistas, como Argosy e Amazing Stories. "Rex", publicada nesta última em 1934, explora, com grande riqueza de imaginação, uma idéia muito usada nas histórias de autômatos da época: as criaturas humanas se diferenciam dos robôs por serem dotadas de emoções e desejos, o que não acontece com os mecanismos artificiais.*

*Vale a pena assinalar que Rex, o robô, é masculino. E que robôs femininos constituem exceções à regra no campo da ficção científica. Dois, por exemplo, são a demoníaca Maria do filme Metrópole, de Fritz Lang (1925), e o fiel autômato de Lester del Rey, em Helen O'Loy (1938).*

*A história se passa no século 23. Mas a sociedade que nela se descreve, em que os empregados dos homens são robôs, é muito parecida com a que os futurólogos previam para nós no final do século 20. Uma das surpresas reservadas pela nossa transição de sociedade industrial para outra, computadorizada, é que isso vem ocorrendo com rapidez muito maior que a prevista, inclusive pelos autores de ficção científica. Quando se leva em conta as pesquisas hoje efetuadas com a inteligência artificial, torna-se perfeitamente possível interpretar como profética a escolha do título do conto de Vincent: "Rex", isto é, rei.*



Era um ser feito de alavancas brilhantes, manivelas e eixos flexíveis, ressaltos, delicados dedos mecânicos, válvulas eletrônicas, células fotoelétricas e relés que estalavam em ordem sucessiva quando tinham que desempenhar múltiplas funções de êmbolos, receptáculos, condensadores, reatâncias, microfones e alto-falantes. Um robô, criado pelos maiores cientistas do século 23.

Não se tratava de mero autômato, como inúmeros outros empenhados na execução dos trabalhos humanos,

mas de um aristocrata da espécie - um super-robô.

O robô-cirurgião, como às vezes era denominado. E, de fato, nenhum termo seria mais apropriado, pois esse robô possuía o controle de todas as máquinas; as válvulas eletrônicas reguladoras e relés tinham não só a capacidade imediata e infalível de diagnosticar a menor falha elétrica ou mecânica dos robôs secundários como também de fiscalizar o conserto.

O homem, no desejo de levar uma vida de conforto e luxo, criou os robôs. Por vaidade, construiu a maioria à sua própria semelhança, ou ao menos com certa aparência com o que considerava como físico ideal. Até os mais modestos eram providos de duas pernas para andarem eretos, a cabeça coroando o corpo cilíndrico, braços e mãos razoáveis. Alguns, no intuito de multiplicar a utilidade, dispunham de mais que dois braços convencionais. Mas todos, sem exceção, apresentavam um aspecto mais ou menos humano.

Isso, de modo especial, se aplicava ao robô-cirurgião. Os mecanismos maravilhosos estavam encaixados num corpo comparável ao de um deus grego, com o revestimento feito de material elástico colorido que dava a plena sensação de carne e epiderme humanas. As lentes das células foto-elétricas pareciam olhos naturais e se mexiam nas órbitas de um jeito incrivelmente real. Tinha peruca de cabelos castanhos e crespos, sobrancelhas e cílios. E chegaram ao cúmulo de vestir o autômato com roupas masculinas.

Achando muita graça, um dos artistas encarregados de aperfeiçoar a semelhança com o homem deu ao robô-cirurgião o nome de "Rex". O apelido pegou. Nada mais apropriado, por sinal. Indo mais longe: foi até profético.

Apesar de desprovido de sexo, nunca houve a menor dúvida quanto à masculinidade de Rex.

Era o empregado mais perfeito do homem. Cumpria, ao pé da letra, todas as instruções verbais que recebia de quem se achasse presente ou por meio de impulsos rádio-transmissores captados, à distância, pelo cérebro mecânico. Claro que existia um código, só conhecido por seleta minoria de cientistas, do contrário Rex seria capaz de executar as ordens de qualquer pessoa.

A memória nunca falhava. Se, por exemplo, ocorresse uma catástrofe em que centenas de robôs secundários ficassem estragados e fosse necessária a leitura de páginas e páginas de explicações minuciosas, não tinha importância: o cérebro mecânico de Rex guardava tudo. Sem nenhuma concentração especial, trabalhava 24 horas diárias com seu conjunto de mecanismos até consertar tudo. Uma fábrica enorme lhe servia de oficina e laboratório; nela, robôs auxiliares usavam a forja, a mesa de carpinteiro ou a máquina com precisão jamais igualada por qualquer artesão vivo.

Depois daquela primeira série de instruções pronunciadas por lábios humanos, Rex planejava todos os detalhes do trabalho a ser executado, diagnosticando os defeitos mecânicos dos pacientes artificiais e receitando remédios infalíveis.

As próprias ordens que dava eram, da mesma forma, emitidas com metálica sonoridade de baixo-profundo ou por ondas radiofônicas, se fosse preciso.

Nenhum ser humano ficava no hospital de robôs quando Rex operava. Não necessitava do menor controle ou fiscalização do homem.

Havia, naturalmente, inspeções periódicas do funcionamento de Rex, feitas por mecânicos habilidosos, que então trabalhavam sob a direção de um dos cientistas - a troca de válvulas e a regulagem dos delicados relés; o reajuste dos estabilizadores giroscópicos que lhe preservavam o equilíbrio. Quanto ao resto, não exigia a menor atenção.

Um belo dia, porém, surgiu um impasse que desconcertou os cientistas. O corpo de Rex continuava funcionando como sempre, mas o cérebro mecânico cometera, repentinamente, uma série de erros. Num problema de cálculo, que não poderia ser mais simples, apresentara uma solução incorreta e completamente impossível.

Desmontaram os mecanismos complexos do cérebro, trocaram todas as válvulas e condensadores e regularam os relés. Quando armaram as peças novamente, os cientistas sabiam, sem sombra de dúvida, que tudo estava na mais perfeita ordem. O que os deixou intrigados foi o fato de que as substituições e regulagens não precisariam ter sido feitas. Durante os cuidadosos exames e testes, não encontraram uma única falha no mecanismo.

Depois passaram vários dias observando Rex com a maior atenção, anotando todos os seus movimentos e reações. Mas não constataram nenhuma tendência à repetição da falha anterior.

O que não sabiam, porém, é que havia ocorrido uma mudança, imperceptível a olho nu e impossível de ser detectada por qualquer teste que pudessem fazer, mas mesmo assim existente e radical - para Rex. O deslocamento para uma nova órbita de um único elétron num átomo de tântalo contido numa peça essencial. Modificação que propiciava uma fonte de energia radiante interna, de potencialidade inédita e desconhecida. Uma transformação operada naquele maravilhoso cérebro mecânico.

Rex começava a pensar por si mesmo, a raciocinar.

O raciocínio primava pela lógica: friamente analítico, rápido e preciso, imune a sentimentalismos. Nenhuma emoção humana palpitava no peito artificial. Rex não tinha coração, nem alma.

Escondeu por muito tempo os novos poderes do conhecimento daqueles que o manobravam, achando que só assim encontraria oportunidade para desenvolvê-los. Executava impecavelmente as instruções de rotina, mas agora delegando a maior parte da supervisão a determinada minoria de

assessores principais, em cujos cérebros mecânicos efetuou as alterações necessárias que permitiram que tomassem conta do trabalho. O que lhe deixou tempo de sobra para estudar o mundo e as criaturas que o cercavam.

Passou grande parte desse tempo na biblioteca dos cientistas, contígua ao laboratório de pesquisas. Ali examinou bobinas e mais bobinas de gravações audiovisuais, abrangendo história, biografia, arte e ciências. Ficava horas a fio diante dos amplificadores e da tela de projeção do aparelho noticioso. E chegou à conclusão de que a situação do mundo do qual pertencia não era como deveria ser.

Uma das coisas que logo percebeu foi que a Confederado Norte-Americana estava completamente isolada do resto do inundo. Era composta por vasta área de terras incultas, onde a vegetação crescia de forma desordenada e abundante, só povoada por criaturas selvagens. Toda a humanidade do continente se encontrava alojada em estruturas descomunais que formavam as onze comunidades. Nova York, a sua própria cidade, era a maior de todas, constituindo-se na sede do governo e da cultura. Estupenda em suas dimensões, uma enorme estrutura revestida de cristal, de uma centena de níveis diferentes, que se estendia por cinquenta quilômetros à margem do Hudson, mantinha comunicação com as outras comunidades por radiotelevisão, sendo o tráfego feito por aviões estratosféricos operados por robôs.

A humanidade morava nos níveis mais altos das cidades, nos inferiores e nas entranhas da terra, e os robôs trabalhavam sem parar. O número de seres humanos era amplamente ultrapassado por eles.

Verificando que nem tudo estava contido em volumes de história ou nos programas noticiosos, Rex inventou um aparelho que lhe permitia trazer para as telas de projeção e amplificadores as imagens e sons dos locais de reunião e vias públicas, e até dos recintos privados que serviam de moradia para os seres humanos. Emitia raios penetrantes a que nenhum material opunha resistência, buscando informações indispensáveis para uma análise exaustiva da situação reinante. O aparelho estava ligado de tal modo que podia pegar, à vontade, as ondas de transmissão noticiosa habituais ou, os próprios raios de penetrante pesquisa. Rex começou a ampliar seus conhecimentos.

Empenhou-se em alcançar os continentes mais distantes, no intuito de se certificar dos registros históricos e geográficos das guerras e raças prejudicadas pelo desenvolvimento da humanidade. Mas logo viu que era impossível, pois os cientistas da Confederação Norte-Americana tinham levantado uma muralha de ar ionizado, extremamente saturado, em torno do continente. Representava o isolamento absoluto, uma muralha intransponível, por dentro e por fora. As investigações empreendidas por Rex ficaram, forçosamente, limitadas às onze comunidades.

Nelas, viu que a humanidade se dividia, praticamente, em três classes - os políticos ou órgãos governamentais, os pensadores ou cientistas, e a grande massa dos que viviam unicamente entregues à satisfação dos sentidos. Estava em vigor um estranho sistema econômico. Dispenderam-se esforços para uma distribuição igual da renda, a moeda de câmbio sendo representada por certificados de papel impressos pelo governo e supostamente garantidos por riquezas reais, bens sólidos e mercadorias que, na verdade, eram produtos do trabalho robotizado. Mas como os autômatos não precisavam dessa moeda de câmbio, os certificados tinham sido distribuídos, em partes iguais e num passado longínquo, entre os seres humanos. Essa situação já não perdurava.

A jogatina da classe ociosa, a despesa desenfreada na obtenção de bens de consumo pelos elementos mais privilegiados, os grandes roubos de que eram vítimas, sobretudo por parte dos cognominados políticos subornáveis, haviam reduzido muito o seu poder aquisitivo. Os pensadores, os únicos que se dedicavam a ocupações que poderiam proporcionar algum benefício, deixaram que a riqueza deslizesse por entre dedos descuidados. A classe que ocupava o poder, o instrumentos individuais do governo, foi adquirindo a maior parcela da fortuna, à medida que uma legislação arbitrária discriminatória aumentava as restrições sobre a massa da população. Rex não conseguia ver nenhuma lógica em nada disso.



Procurando uma explicação, observou mais atentamente as vidas e as ações das pessoas. Estudou os costumes humanos e logo percebeu que a mais intensa das emoções humanas concentrava-se no instinto de atração dos sexos opostos.

Ai acompanhou vários relacionamentos entre homens e mulheres - não demorou muito para se dar conta da diferença entre a mútua e verdadeira afeição duradoura, da qual existiam poucos exemplos, e o interesse passageiro, baseado apenas na aparência física. Também não viu nada de lógico nessas coisas.

Medo, ódio, inveja, malícia - estudou tudo. Avareza, volúpia, raiva, traição, infidelidade. Encontrou muito material de pesquisas. Volta e meia vislumbrava situações em que se manifestavam sentimentos de um tipo mais requintado - fé, lealdade, gratidão, sinceridade, amor. Daí deduziu que a criatura qualificada como homem tinha pertencido, inicialmente, a uma espécie muito superior; apenas desenvolvera os instintos mais sórdidos, desprezando o aperfeiçoamento do seu lado melhor.

Rex viu uma sala de paredes brancas onde cirurgiões humanos operavam pacientes, seus semelhantes. Observou que o método empregado se assemelhava muito com o que ele mesmo usava: dissecavam o corpo, a cabeça ou outras partes da anatomia humana e faziam consertos bastante parecidos com os que efetuava nos robôs defeituosos. Desde então dedicou-se, na biblioteca, a um estudo intensivo do cérebro e da anatomia humanos.

E aí foi surpreendido nessas atividades inauditas. Um engenheiro do Corpo de Fiscalização de Robôs, chamado Shelby, encontrou Rex na biblioteca, onde assistia e escutava uma bobina que descrevia uma operação feita no cérebro humano. Shelby era um homem baixo, de lentes grossas diante dos olhos, testa alta saliente e queixo encolhido. Usava acima do lábio um tufo de pêlos irregulares cor de areia. Deu um grito de terror ao ver o que Rex estava fazendo.

- Quarenta e dois, noventa e seis, AR-21 - gaguejou. Era o código que sempre acionava o funcionamento do robô-cirurgião.

Rex virou-se para ele e encarou-o com aqueles olhos impassíveis. Por iniciativa própria, paralisou a ligação sucessiva de relés que deveria ocorrer logo após a recepção do código pelos ouvidos microfônicos. A reação habitual, "pronto para receber ordens", não saiu dos componentes flexíveis que compunham a onda sonora emitida pelo alto-falante localizado na garganta.

Sheiby empalideceu.

Rex aproximou-se dele com a serena deliberação da máquina que não deixara de ser.

- Sheiby - disse -, você chegou na hora certa. Preciso de sua ajuda no meu trabalho de pesquisa.

Ao ver aqueles braços vigorosos de tendões metálicos estendidos para a frente, Sheiby deu um berro como só um homem diante da morte é capaz de dar. Rex teve que bater-lhe a cabeça com força na divisória de metal para que parasse com aquilo.

Aí então o engenheiro perdeu os sentidos.

Rex já estava preparado para a eventualidade. Tinha mandado seus principais assessores mecânicos pilharem um dos hospitais dos níveis mais altos, para montar uma sala de cirurgia completa, de uso exclusivo, ao lado da biblioteca. Levou Sheiby para a mesa de operação e aplicou-lhe a anestesia.

Depois passou a dissecar-lhe o corpo e estudar os órgãos, dedicando especial atenção ao cérebro e a determinados centros nervosos.

A proporção que o trabalho avançava, costurava cuidadosamente, com pontos minúsculos, cada parte aberta pelo bisturi, restaurando-lhe o aspecto anterior.

Nenhum cirurgião humano conseguiu jamais aprender numa vida inteira de esforços a décima parte do que Rex descobriu em duas horas de trabalho. Até que encontrou o que procurava - uma disposição diminuta de células cerebrais segregadas que formavam o núcleo da emoção humana. Preservou, delicadamente, a massa para experiências futuras, substituindo-a por uma placa de platina preparada antes de fechar a abertura feita no crânio e de suturar a extensa incisão no couro cabeludo.

Por incrível que pareça, o coração de Sheiby continuava batendo. O homem tinha uma vitalidade assombrosa e Rex havia trabalhado com uma habilidade que nenhum cirurgião humano possuía. Depois da injeção intravenosa de mais ou menos meio litro de solução salina, Sheiby foi transportado para a cama roubada do hospital. Um dos principais assessores mecânicos, munido de instruções explícitas de Rex, recebeu a incumbência de cuidar do paciente.

Rex tinha concebido e planejado a criação de seres e condições ideais para uma vida perfeita. Notou a superioridade do robô sobre o homem em matéria de força, resistência e imortalidade corporais e, no entanto, concluiu que havia alguma coisa na criatura humana que poderia ser vantajosa para os autômatos. Se a capacidade de sentir emoções, de passar por dores e prazeres, fosse transferida para o mecanismo do robô e controlada coerentemente, resultaria no ente perfeito, e fatalmente terminaria criando condições para uma vida ideal.

O raciocínio lhe dizia que o primeiro passo nesse sentido consistiria forçosamente em assumir o controle da humanidade e de seus relacionamentos inúteis. Mobilizou toda a oficina para a construção de onze super-robôs, e depois encarregou cada um de organizar outros robôs secundários nas comunidades norte-americanas para assumir o controle do governo. Enviá-los aos postos designados ficava bem fácil, pois todas as linhas aéreas eram operadas por autômatos.

Aí então Rex desferiu o golpe que deixou a população da Confederação Norte-Americana estupefata.

Inventou um transmissor radiofônico complexo e difundiu uma frequência heteródina na faixa de onda controlada pelos robôs que deixava o aparelho receptor de todos, sem exceção, imune às ordens humanas e apenas sensível às do novo líder dos autômatos e seus onze principais assessores.

De uma só cartada assegurou o controle de cerca de um bilhão de robôs e, conseqüentemente, o jugo sobre trezentos milhões de criaturas humanas. Rex tinha justificado seu nome: converteu-se, virtualmente,

em rei da Confederação Norte-Americana.

Foi uma greve geral dos robôs, no que diz respeito às ordens dos antigos senhores. Os empregados pessoais se recusavam a cumprir as tarefas cotidianas. O transporte e as comunicações paralisaram por completo.

As fábricas, inclusive as produtoras de alimentos sintéticos essenciais ao gênero humano, não entregavam mais as mercadorias. Faltou água, pois as bombas descomuns interromperam o funcionamento e os filtros e válvulas dos conservatórios fecharam. Todas eram operadas por autômatos, tudo de que o homem dependia para sobreviver era feito ou fornecido por robôs e agora esse fornecimento estava suspenso. Criou-se um pandemônio nos níveis mais elevados, com crises de histeria e distúrbios.

Somente as imensas usinas elétricas continuaram trabalhando, e isso porque a energia, transmitida por rádio, propiciava a própria vida dos robôs. Sem ela, seu mecanismo não funcionava. Até Rex ficaria reduzido a uma massa inerte de metal, vidro e borracha. Mas essa continuidade do suprimento de força elétrica passou a ser o pouco conforto que ainda restava aos seres humanos dos níveis mais elevados. Suas lâmpadas solares permaneciam acesas.

Prevedendo ataques organizados e armados da humanidade, Rex criou uma barreira, invisível e impenetrável, formada por vibrações eletrônicas que podiam ser acionadas pela força de difusão habitual. Fez com que as próprias usinas elétricas ficassem cercadas por essa barreira e, para aumentar a defesa dos robôs individuais, dotou-a de uma bolha de ar protetora. À prova de balas e de incêndios, impermeáveis ao raio immobilizador dos cientistas, essas medidas de proteção ainda permitiam que cada autômato cumprisse as novas tarefas sem maiores problemas.

Rex acompanhava com seu raio penetrante as reações do povo. Viu orgias de devassidão desvairada entre os que já se consideravam às portas do fim do mundo. Viu pilhagens, assassinatos e coisas piores. Olhou dentro dos laboratórios de cientistas e percebeu que trabalhavam como há muitos anos não faziam, buscando meios de recuperar o controle dos recalcitrantes escravos mecânicos.

Depois, quando se certificou de que a fome e a sede já tinham deixado a população com ânimo bem receptivo, interrompeu o jornal noticioso que estava sendo transmitido e pronunciou o seguinte ultimato:

- Meu nome é Rex - declarou às onze comunidades. Sou o senhor dos robôs e dos homens. Quero falar-lhes em nome de uma lógica irrefutável, como protagonista de uma nova era em que a criatura humana, que inventou as máquinas, vai tirar delas vantagens verdadeiras e não ilusórias. Quero produzir uma nova raça de seres e promover o aumento dos conhecimentos e o progresso da ciência na Confederação Norte-Americana.

"E preciso que eu assumo as rédeas do governo pelo espaço de tempo suficiente que permita o aperfeiçoamento de meu plano. Por isso eu, Rex, que já fui robô-cirurgião do nível trigésimo sétimo da cidade de Nova York, por estas palavras exijo a rendição imediata do presidente da União, que deverá me procurar com todos os membros de seu gabinete ministerial. Exijo, também, que os principais cientistas e cirurgiões das onze comunidades compareçam à minha presença, sem perda de tempo, para deliberações.

" A partir de agora, a velha ordem das coisas terá que ser radicalmente modificada. Todo cidadão, homem ou mulher, receberá serviços regulares que terá que desempenhar do modo determinado pelos robôs. Assim que as ordens que eu transmitir por intermédio de meus assessores forem obedecidas, haverá água e comida para os habitantes de cada cidade. Os cidadãos da União deverão, mais uma vez, trabalhar para garantir seu sustento. Quem não obedecer, corre o risco de continuar passando fome e sede, de ser exterminado.

"Por enquanto é só o que tenho a dizer."

Sheiby, já convalescente, estava instalado numa cadeira de rodas quando as delegações começaram a chegar. Seus ferimentos sararam rapidamente com o tratamento aplicado por Rex; tinha quase recuperado o uso do corpo. No que dizia respeito à memória e à utilização inteligente das faculdades mentais, o cérebro havia voltado à normalidade. Quanto ao resto, não. Em primeiro lugar, perdera a capacidade de sentir sensações ou emoções humanas. Em segundo, tinha aquela minúscula placa de platina...

Os funcionários do governo, vociferando com espalhafato para disfarçar um terror absoluto, foram conduzidos feito gado a uma sala, onde Rex os deixou entregues à vigilância reforçada de robôs. Recebeu os cientistas no laboratório de pesquisas que havia ampliado de forma tão elaborada.

Formavam curiosa assembléia: 22 sábios, cujas opiniões sobre questões médicas e científicas, embora divergindo às vezes amplamente e causando muita dissensão no seio da própria classe, eram aceitas pelo público em geral como expressões da mais profunda sabedoria. Ao contrário do presidente e dos membros do gabinete ministerial, esses homens tinham comparecido espontaneamente, movidos pela curiosidade que constituía uma característica mental que os mantinha absortos em suas ocupações normais. Nenhum deles considerava o pronunciamento radiofônico do pretense Rex mais que uma mistificação. Não poderia haver explicação científica para um robô dotado de cérebro raciocinante; constituía, portanto, uma impossibilidade.

Não tardaram, porém, em mudar de opinião, pois Rex preparou uma demonstração que os deixou pasmos. Tomando posição diante da tela de projeção de microrradiografias, dirigiu-se a eles de um modo que não admitia dúvidas quanto à sua capacidade de raciocínio e de executar proezas de tal importância científica a ponto de sobrepujar qualquer especialista humano.

Depois de impressioná-los como pretendia, abordou o ponto que interessava:

- Os senhores estão aqui - declarou -, para me auxiliar na execução de uma obra monumental e imprescindível. A população da Confederação Norte-Americana terá que ser reconstituída de acordo com diretrizes traçadas por mim. A antiga ordem social será eliminada; o governo trocará de chefia, passando por uma reforma completa. A ciência é que deve imperar.

Ross Fielding, principal físico da Academia de Chicago, explodiu:

- Que despropósito!

Rex fingiu não ter ouvido. Continuou:

- Vocês, personalidades do mundo científico, já há muito tempo queriam obter o controle da humanidade e de todas as suas transações. Vocês, homens da medicina, através das chamadas juntas médicas e departamentos de higiene e eugenia, conseguiram muita coisa nesse sentido. Agora ofereço-lhes a oportunidade de exercer o poder que é forçoso reconhecer que tanto desejavam.

Um zunzum de comentários entusiásticos se espalhou pelo grupo todo.

- Prossiga - resmungou Fielding, numa disposição que os outros se apressaram a confirmar.

- Então ouçam o meu plano - disse Rex. - Sob minha direção, este grupo vai iniciar imediatamente o trabalho de reconstrução, quer dizer, a total reconstituição dos homens e mulheres. O funcionamento do cérebro e do corpo das pessoas será alterado para encaixá-los nas esferas de atividade que lhes forem designadas. Todas as pessoas terão lugares exatos e adequados para preencher na nova ordem de coisas e cada uma será preparada para ocupar o seu próprio lugar especial, tanto física como mentalmente. Muitos ficarão dotados de corpos robotizados.

-O quê? - exclamou o famoso dr. Innes, de Quebec.

Como resposta, Rex apertou o botão que iluminava a tela de projeção a seu lado. No mesmo instante surgiu a imagem, muito ampliada, de uma massa de células vivas.

- O que vocês estão vendo - explicou -, são células do crânio de um ser vivo; abrangem aquela parte do cérebro que controla os sentimentos e as emoções humanas. Retirei-as de um homem chamado Alexander Sheiby, que muitos aqui conhecem pessoalmente. É óbvio que ele passou por uma grande transformação.

Ouviram-se exclamações de horror abafadas; um dos cirurgiões começou a argumentar contra a possibilidade do que lhes tinha sido dito. Rex silenciou a todos com um aceno de mão.

Um robô trouxe Sheiby na cadeira de rodas da sala contígua e colocou a cabeça dele no foco do refletor das microrradiografias. A imagem na tela de projeção se modificou.

Tinha os contornos característicos do crânio e as configurações do cérebro e do cerebelo. O foco foi alterado, concentrando-se com grande nitidez num ponto onde algumas das células haviam sido extirpadas e agora se via um esferóide opaco.

- Que objeto estranho é esse? - indagou Innes.

- Uma das minhas descobertas - explicou Rex - mais importantes. Substituí o centro de emoção e sentimentos humanos no cérebro de Sheiby, tornando-o escravo de cada ordem verbal que dou em sua própria presença ou através do rádio. No mais, a força da inteligência dele continua intata. Suas faculdades estão agudas como sempre foram, talvez tenham até melhorado; só que agora o cérebro é de robô. Sheiby é o primeiro robô humano e o mais valioso. Será meu substituto no trabalho que temos pela frente e foi inteiramente treinado por mim. Agora, senhores, vou deixá-los em sua companhia, sabendo

muito bem que hão de proceder de acordo com o que ele disser.

Levando a proveta que continha as células cerebrais que havia retirado de Sheiby, Rex saiu do laboratório com passo imponente. A seleta plateia contemplou, estarecida, o homem na cadeira de rodas.

Fielding, um sujeito enorme, de grandes suíças, explodiu como sempre:

- Onde já se viu uma arbitrariedade dessas! O que é que você tem a dizer, Sheiby?

-É exatamente o que Rex lhes falou.

A voz de Sheiby, monótona e inexpressiva, sem inflexões, era de robô.

- A primeira providência que se tem que tomar é tirar os chefes do executivo do governo; precisam ser operados logo para ficarem que nem eu – subordinados a todas as ordens de Rex. Já foi fabricado um número suficiente de mecanismos à base de platina.

- Su... suponhamos - gaguejou Lonergan, o cientista de Los Angeles - que não concordemos com isso? Que a gente se una e derrube esse robô desatinado?

- Rex está muito longe de ser desatinado - retrucou Sheiby, no mesmo tom monocórdio. - Além disso, tem aqueles ali.

Indicou com a ponta do dedo o grupo de figuras imóveis, encostadas à parede, formado por autômatos. No mesmo instante todos se animaram; deram um passo à frente, decididos, prontos a entrar em ação, se fosse preciso.

Innes riu, meio sem graça.

- Pelo jeito estamos num beco sem saída. Afinal de contas... - hesitou. - Afinal de contas, no interesse da ciência, sabe... Nós...

-E isso mesmo.

- Por que não?

-E uma oportunidade que aparece só uma vez na vida.

Um coro de vozes pressurosas ecoou o interesse geral dos cientistas. Um físico presente observou com sarcasmo:

- Vocês, vivisseccionistas, devem estar contentes com o novo regime. Farão experiências com seres humanos em vez de cães e cobaias.

- Reconheço - revidou um cirurgião - que a situação já não é tão favorável para vocês, estudiosos da

ciência pura. Vão trabalhar com robôs dotados de cérebros humanos. O raciocínio e o cálculo deles será mais rápido que o de vocês. Não cometerão erros nas contas.

- Chega - disse Sheiby, categórico. - Estamos perdendo tempo. Como já falei, primeiro começaremos pelos dignitários oficiais; é serviço para os cirurgiões. Enquanto isso, os cientistas se encarregarão do estudo das alterações que teremos que fazer na massa da população. Todos os habitantes precisam ser refeitos.

- Mas e quanto à reprodução... à perpetuação da espécie? - perguntou Innes. - A meu ver, essas reconstituições de Rex vão acabar eliminando o fator sexual na vida humana.

- Hum! Não tinha pensado nisso - resmungou Fielding.

- Sexo não é indispensável - afirmou Sheiby.- Para falar a verdade, até atrapalha. Mesmo assim, tomaremos providências para isolar alguns milhares de mulheres e determinado número de homens eugenicamente aceitáveis para manter, no futuro, um estoque de novo material de pesquisa disponível.

- E se as mulheres se recusarem? - lembrou um dos cirurgiões mais jovens.

- Você está esquecendo aquela parte do cérebro que é o núcleo da emoção humana - lembrou Sheiby. - Certas células serão extirpadas, ficando apenas as que propiciarem para essas mulheres privilegiadas um único desejo: o de serem mães.

- Os homens não vão precisar de nenhuma modificação - resmungou Fielding. De repente ocorreu-lhe uma ideia súbita: - Escute aqui, como foi que esse tal de Rex conseguiu adquirir esse poder de raciocínio?

Sheiby explicou da melhor maneira que pôde.

- Fizemos alguns testes. Parece que houve uma transformação natural sem precedentes; uma fonte de energia atômica desconhecida qualquer que apareceu nalgum ponto dos complicados mecanismos do cérebro dele. Provavelmente a reprodução do que os cientistas há muito procuravam em vão, que alguns qualificavam de "elétron mental". Seja lá como for, ele raciocina e com maravilhosa rapidez e grau de precisão.

Fielding se contentou em assobiar entre os dentes.

- Agora - anunciou Sheiby - prosseguiremos com a grande obra.

E dito e feito; os 22 principais cientistas do país se submeteram às ordens de um autômato.

Enquanto isso, o caos se transformava em harmonia nas onze comunidades. Homens e mulheres, ignorando a sorte que lhes estava reservada, eram levados, por robôs insensíveis, a executar tarefas fora do normal e para as quais não se achavam preparados. Mãos humanas macias e sem calosidades manobravam alavancas de máquinas em lugar dos dedos metálicos e flexíveis dos autômatos. Cérebros

que não conheciam nada mais cansativo que as aulas estereotipadas dos tempos de colégio e a busca de prazeres nos anos subsequentes viam-se agora às voltas com irritantes problemas de engenharia. Os seres humanos estavam, mais uma vez, ocupados com trabalho útil.

Claro que não era possível que todo o serviço fosse executado por criaturas humanas; a mecânica da existência tinha se tornado muito complicada para isso. As operações indispensáveis para apenas assegurar o funcionamento das grandes colméias urbanas eram simplesmente numerosas demais.

Além disso, vários serviços imprescindíveis requeriam uma força que os homens, cujos músculos haviam ficado flácidos com a falta de uso e a vida dissoluta, já não possuíam, mas seus novos senhores, os robôs, arrancavam dos pupilos relutantes todo o trabalho que podia ser conseguido na jornada de dez horas decretada por Rex. O resto era feito pelos autômatos, enquanto seus protegidos humanos dormiam o sono da pura exaustão.

Provisoriamente, a quantidade insignificante de ações governamentais realmente necessárias ficou restrita ao âmbito meramente local. Em cada comunidade, os assuntos municipais foram entregues ao super-robô encarregado de controlá-los. Depois de despachar com a grande maioria dos funcionários mais graduados e de designar-lhes incumbências realmente produtivas nos níveis inferiores, esses super-robôs transmitiam ao prefeito e à câmara de vereadores instruções minuciosas que Rex tinha dado em relação à sua futura conduta nos cargos. Foi uma época penosa para os que ocupavam, desde há muito tempo, posições de poder imerecidas e praticamente supérfluas.

Os supervisores autômatos não prestavam atenção às lamúrias e queixas dos exaustos operários humanos. Toda vez que os homens e as mulheres se arrastavam, cansados, para lugares de reunião e se esforçavam para emitir protestos, eram rápida e brutalmente dispersos pela vigilante polícia de robôs.

Ao cabo de três longos dias, aprenderam a suportar em silêncio tudo o que lhes fosse exigido. Algumas pessoas inclusive encontraram novo interesse em suas tarefas, outras, uma nova energia física, à medida que os corpos perdiam a sensibilidade muscular. Pelo menos ainda dispunham de moradia para as horas de lazer e não havia falta de aquecimento, nem de comida e nem de água.

Não sabiam que cada indivíduo estava sendo cuidadosamente fichado e analisado pelos assessores autômatos de Rex. Nem faziam a menor ideia da sorte que lhes estava reservada. Que todos fossem agora classificados de acordo com a capacidade e adaptabilidade jamais lhes passou pela cabeça.

E grandes teriam sido as lamentações se tivessem se dado conta de que o novo ditador robô estava falando sério quando disse no jornal noticioso que iria tratar da evolução de uma nova raça.

A maioria, se soubesse a verdade, seria bem capaz de não acreditar e ainda por cima fazer piada. Era inconcebível que um homem com aptidão especial para pilotar um avião estratosférico pudesse se converter em autômato destituído de todos os desejos e emoções humanas, restando-lhe apenas aquelas sensibilidades que o capacitavam, com habilidade excepcional, a trafegar pelas rotas aéreas. Que alguém que pudesse ter pouca serventia, a não ser como simples trabalhador, se visse privado do próprio corpo, substituído por outro artificial, além de ficar despojado de todo sentimento e instinto humanos, era ainda menos concebível. No entanto, estavam planejando exatamente isso.



Cérebros humanos, sem os componentes que os tornavam privilegiados, transplantados para os capacetes de duralumínio dos robôs. Seres humanos a quem ficava permitido conservar a aparência externa de homem, mas com apenas um ou dois impulsos naturais. Mentalidades exclusivamente capazes de raciocínios matemáticos, de rebitar parafusos, soldar, preparar comida sintética ou gerar filhos, dependendo do caso. Essas constituíam só algumas das características que formariam a nova raça de homens robotizados ou robôs humanizados. E as futuras vítimas de nada sabiam.

Somente os cientistas que trabalhavam no hospital e laboratório de Rex poderiam dizer-lhes, e se mantiveram calados.

A essa altura, o presidente Tucker e os membros de seu gabinete ministerial se recuperavam dos efeitos da cirurgia craniana a que haviam sido submetidos. Dentro de 24 horas reassumiriam seus cargos. Nada mais restava da pompa, da verbosidade grandiosa e da vacilação que sempre lhes marcara as decisões. Seus pensamentos agora se limitavam a ser apenas aqueles que Rex queria que tivessem. Doravante tomariam decisões rápidas e se mostrariam firmes para impor sua vontade - as decisões e vontades de Rex, o ditador. A organização de todos os departamentos públicos transformaria logo em realidade toda a estratégia do programa geral traçado pelo robô. A nova raça de seres híbridos iria de vento em popa.

Imersos na obra e esquecidos de tudo o mais, os 22 cientistas pouco se incomodavam com a situação de seus semelhantes. Só sabiam que tinham aprendido muita coisa nova e maravilhosa com esse robô que parecia homem. Sondaram profundezas do intelecto humano com as quais jamais haviam sonhado; descobriram uma porção de segredos da ciência eletrônica que eram quase incríveis; chegaram a resultados simplesmente miraculosos. Estavam prestes a dar à luz uma nova raça de super-criações; e não se perturbavam, de maneira nenhuma, com o fato de que seriam em parte humanas e em parte máquinas. A única coisa que importava era o êxito do plano.

Sheiby, pálido e abatido, com olhos inexpressivos de peixe morto por trás dos óculos de lentes grossas, trabalhava imito com eles no hospital e no laboratório até dar impressão de que ia cair fulminado. Nas horas de folga, colaborava com o próprio Rex em alguma experiência secreta, efetuada entre quatro paredes. Sheiby parecia e falava feito robô, mas tinha corpo humano, sobrecarregado de serviço. Não ia aguentar por muito tempo esse ritmo de trabalho.

Fielding chegou a sentir pena quando viu o coitado sair, a certa altura, do laboratório secreto de Rex.

- O que é que está acontecendo aí dentro? - perguntou, esforçando-se para ser simpático. - E por que diabo ele não deixa você descansar um pouco?

Os olhos de Sheiby pareciam cacos esmaltados de vidro preto, e a voz, quando respondeu, não mostrava a mínima vibração:

- Rex está fazendo experiências com ele mesmo. Pegou o centro de emoção que tirou do meu cérebro e está usando as células num esforço para adquirir parte das sensibilidades humanas. E bom que saiba disso desde já.

- Santo Deus! - rugiu Fielding, feito leão. - Ele resolveu tirar os sentimentos humanos de milhões de

homens e mulheres, ou está planejando fazer isso, e no entanto quer esses mesmos sentimentos para ele próprio! E um demônio mecânico!

- Não é uma questão de querer - corrigiu Sheiby. - Rex é incapaz de sentir vontade ou inveja; por enquanto. Simplesmente julgou que se tornará a criatura mais perfeita em matéria de movimentos e raciocínio, se ao menos conseguir ficar com aqueles sentimentos humanos que podem ser decisivos para praticar a maior quantidade de benefícios possíveis para o maior número de seres que nós vamos criar.

- Santo Deus! - repetiu Fielding, desta vez em voz baixa.

Ficou contemplando o homenzinho do rosto pálido e expressão distraída.

A essa altura, a porta do laboratório particular se abriu e Rex saiu caminhando com uma proveta na mão. Entregou-a a Sheiby e começou a falar com grande rapidez.

- Fracassei - disse. - Analisei todas as células vivas da proveta e isolei a força estimuladora de cada emoção humana. Reproduzi essas forças de maneira perfeita, combinando válvulas eletrônicas especiais que introduzi no meu próprio cérebro mecânico. No entanto, não consegui obter um mínimo de semelhança de sentimento humano no meu modo de ser. É o meu primeiro fracasso ... e o último!

Feito isso, entrou de novo com sonoras passadas na sala e bateu a porta com força. Logo em seguida ouviu-se unia explosão violenta lá dentro, e a porta por onde tinha passado se desprendeu das dobradiças com estrondo.

Fielding, Sheiby e alguns outros correram apressados assim que a fumaça clareou um pouco. Encontraram Rex reduzido a uma massa retorcida e quebrada de metal, borracha e vidro. O capacete que havia contido o seu maravilhoso cérebro pensante estava completamente esfaçalhado.

- Se suicidou! - exclamou Lonergan, embasbacado.

- Não resistiu ao fracasso - acrescentou Fielding.

- Ele pensou que tinha fracassado - corrigiu Sheiby – quando na verdade a experiência foi coroada de êxito. Manilestou pelo menos duas emoções, antes de fazer isso, e nem percebeu. A raiva, quando saiu impetuosamente da sala e me entregou a proveta. E o desespero, quando cometeu sua última ação. Não, meus senhores, Rex não fracassou... e agora se foi...

O homenzinho caiu pesadamente nos braços de Fielding, já inconsciente.

Com a desapareição de Rex, o plano fantástico que tinha concebido ruiu por terra. Trabalhando muito, os cientistas devolveram o país à normalidade.

Mas uma ideia que pairava de leve no espírito de vários deles foi expressada por Innes, quando disse:

- Eu... eu estou quase com pena. De certo modo, foi uma grande oportunidade...

# Robbie

## Isaac Asimov

### 1940

*"Robbie", a primeira história de robôs de Isaac Asimov (1920-1992), foi escrita quando tinha apenas dezenove anos e iniciava sua carreira de escritor. Desde então publicou três dúzias de contos e romances no gênero e, com mais coerência e pertinência que qualquer outro autor de ficção científica, explorou o que representa para a humanidade o desenvolvimento de máquinas de alto grau de inteligência. Merece, com toda a justiça, o título que lhe foi conferido de pai dos robôs na ficção científica.*

*A meu ver, dois homens se destacam como gigantes de perspicácia e criatividade em explorar o potencial e o impacto social dos computadores – Asimov, no terreno da ficção e Norbert Wiener, no terreno do ensaio. Wiener (1894-1964), matemático do MIT, é considerado o pai da cibernética, que definiu como a ciência que procura "achar elementos comuns no funcionamento das máquinas automáticas e do sistema nervoso humano, e desenvolver uma teoria que inclua todo o campo de controle e comunicação nas máquinas e nos organismos vivos". Wiener percebeu muito cedo as mudanças sociais radicais que o computador iria causar e publicou dois livros notáveis sobre o assunto: *Cybernetics*, em 1948, e *The Human Use of Human Being: Cybernetics and Society*, em 1950.*

*A ficção de Asimov mostra a mesma preocupação com o uso criterioso e humano dos serviços que a máquina pode prestar e que transparece em todas as obras de Wiener sobre computadores. Os dois nunca se conheceram pessoalmente, mas Asimov é amigo íntimo de Marvin Minsky, que também trabalhou para o MIT e hoje ocupa lugar de destaque no campo das pesquisas de dados artificiais. Em sua ficção mais recente, Asimov deu ao seu especialista em robôs o nome de Mervan Mansky.*

*The Bernhard Dictionary of New English Since 1963 atribui a Asimov a criação do neologismo robotics (robótica). Ele afirmou que, ao usá-lo pela primeira vez em *Three Laws (Três leis)*, não sabia que a palavra não constava de nenhum dicionário. Precisava de um nome para essa nova ciência e robótica lhe pareceu a escolha mais lógica.*

*Robbie, escrito em 1939, com o título de *Strange Play-Irllow (O estranho companheiro)*, foi primeiro enviado a John W. Campbell, editor da revista *Astounding*, que devolveu o manuscrito ao autor sob a alegação de não estar à altura da qualidade que pretendiam manter. O mesmo não aconteceu com*

*Frederik Pohl, então responsável por Super-Science, que, depois de mudar o título para o atual, publicado em 1940.*

*Asimov, analisando posteriormente esse conto, disse que não há dúvida que já pensava, na época, nas três leis da robótica, pois o enredo faz referência à primeira. Reconheceu que se inspirou em Helen O'Loy, de Lester dei Rey, e, I, kobot, de Eando Binder (embora a utilização deste último como título de sua primeira antologia de histórias do gênero tenha resultado da escolha do editor, e não dele). Os dois contos influenciaram sua decisão de apresentar um robô simpático, mas que é, evidentemente, uma máquina e não a imitação de ser humano. Asimov diz também que outra influência provável deve ter sido o autômato que viu exposto na feira Mundial de Nova York em 1939. Eis aí, portanto, um exemplo curioso da permanente cruzada existente entre a imaginação literária e a técnica. Por sua vez, Joseph Engelberger, que construiu em 1958 o primeiro robô industrial, chamado Unimate, atribui sua antiga fascinação pelos autômatos à leitura de I, Robot quando ainda adolescente.*

•

- Noventa e oito... noventa e nove... cem.

Glória tirou o bracinho roliço da frente dos olhos e hesitou um pouco, franzindo o nariz e piscando com a claridade ofuscante do sol. Depois, tentando olhar ao mesmo tempo para todos os lados, afastou-se, com passos cautelosos, da árvore em que se tinha apoiado.

Esticou o pescoço para verificar as possibilidades de uma moita de folhagens à direita, e aí então deu mais uns passos para obter um melhor ângulo que lhe permitisse ver o que havia dentro de sua sombra. O silêncio era profundo, só interrompido pelo zumbido incessante de insetos e o pio ocasional de algum pássaro mais ousado, enfrentando o sol do meio-dia.

- Garanto que ele entrou em casa - murmurou, fazendo beicinho.- Não sei quantas vezes já disse que assim não vale.

Apertando a boquinha com força e franzindo bem a testa, tomou, resoluta, a direção do sobrado situado no outro lado da entrada para carros.

Quando ouviu o barulho das folhagens, seguido pela batida nítida e ritmada dos pés metálicos de Robbie, era tarde demais. Virou-se e enxergou o triunfante companheiro saindo do esconderijo e correndo a toda velocidade para a árvore combinada.

- Espera aí, Robbie! - gritou Glória, consternada. Assim não vale, Robbie! Você prometeu que só iria correr quando eu te encontrasse.

Os pezinhos minúsculos não podiam competir de jeito nenhum com as enormes passadas de Robbie. De repente, a uns três metros da chegada, Robbie começou a andar em câmera lenta e Glória, com um ímpeto

final de velocidade desesperada, passou ofegante na frente dele para encostar a mão antes na árvore.

Toda faceira, virou-se para o fiel Robbie e com a mais vil ingratidão recompensou-lhe o sacrifício tripudiando, cruel, sobre sua incapacidade de correr.

- Robbie não sabe correr - bradou, com o máximo de voz que lhe permitiam os oito anos de idade. - Perde pra mim todo dia. Perde pra mim todo dia. - Repetia a frase num cadência estridente.

Robbie, naturalmente, não respondia - ao menos com palavras. Em vez disso, gesticulava, fingindo que corria, mas avançando bem devagar, até que Glória teve que sair atrás, sem conseguir alcançá-lo, pois ele desviava o corpo, forçando-a a dar voltas à toa com os bracinhos estendidos e golpeando o ar.

- Robbie - estrilava -, fica quieto!

E se sacudia toda, quase sem fôlego, de tanto que ria.

Aí ele se virou de repente, levantou a menina nos braços e se pôs a rodar, feito carrossel, e para ela o mundo, por um instante, se desfez num vácuo azul em que as árvores verdes giravam, ávidas, em torno do nada. Depois, quando viu, estava de novo no chão, encostada à perna de Robbie e ainda segurando-lhe o dedo duro de metal.

Aos poucos a respiração voltou ao normal. Tentou ajeitar o cabelo desgrenhado, numa remota imitação dos gestos da mãe, e se retorceu para ver se o vestido não tinha rasgado.

Bateu com a mão no peito de Robbie.

- Seu malvado! Você vai apanhar!

Robbie se encolheu, cobrindo a cara com as mãos, e ela leve que acrescentar:

- Não vai, não, Robbie. Eu não vou bater em você. Mas de qualquer modo, agora é minha vez de me esconder, porque você tem perna mais comprida que eu e tinha prometido que só ia correr quando eu te encontrasse.

Robbie sacudiu a cabeça - um pequeno paralelepípedo arredondado nas beiras e nos cantos, preso a outro, parecido, mas bem maior, que lhe servia de tronco, por meio de uma haste curta, flexível e obediente, se virou de frente para a árvore. Uma película fina e metálica desceu sobre os olhos brilhantes e do interior do corpo saiu um tique-taque lume e ressonante.

- Vê se não vai espiar, hein?... ou não contar direito, até cem - avisou Glória, correndo para o esconderijo.

Com regularidade uniforme, o tique-taque foi marcando os segundos. Ao chegar no centésimo, as pálpebras se abriram e o vermelho fulgurante dos olhos de Robbie vasculhou os arredores. Pousaram um instante numa ponta de tecido listrado que aparecia por trás de uma pedra. Deu alguns passos e

convenceu-se de que era Glória, agachada no chão.

Bem devagar, sempre se mantendo em linha reta entre a pedra e a árvore combinada, aproximou-se do esconderijo e quando Glória ficou completamente à vista, já não podendo mais inventar o contrário, estendeu o braço na direção dela, batendo com o outro na própria perna para fazer barulho de novo. Glória apareceu emburrada.

- Você espiou! - reclamou, o que era pura injustiça. Mas não faz mal, cansei de brincar de esconder. Agora quero andar na garupa.

Mas Robbie, magoado com a acusação injusta, preferiu sentar, com todo o cuidado, no chão e sacudir a cabeça pesada de um lado para outro.

Glória logo mudou de atitude, passando a adular o amigo.

- Anda, Robbie. Eu não tava falando sério quando disse que você tinha espiado. Me leva na garupa, tá?

Mas Robbie quis mostrar que dar o braço a torcer não era tão simples assim. Ficou olhando, teimoso, para o céu e sacudiu a cabeça com maior ênfase ainda.

- Por favor, Robbie, me leva na garupa, seja bonzinho, sim?

Abraçou-o pelo pescoço com os braços rosados e apertou bem o corpo contra o companheiro. Depois, mudando um pouco de tática, se afastou.

- Se você não me levar, eu choro.

E preparou uma careta que prometia o pior.

O empedernido Robbie nem ligou para a temível ameaça, sacudindo a cabeça pela terceira vez. Glória viu que precisava jogar a última cartada.

- Se não levar - exclamou, feito manteiga derretida -, nunca mais que eu te conto uma história. Você vai só ver. Nunca mais...

Foi o que bastou para Robbie ceder, incondicionalmente, ao ultimato, concordando tão violentamente com a cabeça que o metal do pescoço chegou a estalar. Ergueu a menina do chão com cuidado e colocou-a em cima dos ombros largos e achatados.

As lágrimas que já afloravam aos olhos de Glória sumiram como que por encanto e ela exultou de prazer. A pele metálica de Robbie, mantida em temperatura constante de vinte graus centígrados pelas bobinas de resistência interna, dava uma sensação gostosa e agradável, enquanto as fortes batidas do salto dos sapatinhos no peito do robô eram tão compassadas que o barulho não só ficava bonito como até mesmo irresistível.

- Você é um trenó aéreo, Robbie, um grande trenó aéreo, todo de prata. Abra bem os braços pro lado. Você tem que abrir Robbie, se quiser ser um trenó aéreo.

Diante da lógica irrefutável, os braços de Robbie viraram asas que enfrentavam correntes de ar, e ele se transformou em trenó aéreo.

Glória fez o robô inclinar a cabeça e virar a asa para a direita. Descreveu uma curva fechada. Agora, por obra de Glória, estava dotado de um motor que roncava "Br-r-r" e depois de armas que atiravam "pauiii" e "shishishisssshhhiiii". Perseguiam piratas, e os detonadores da nave começaram a disparar. Os piratas caíam feito chuva, sem parar.

- Acertei outro. Mais dois - gritava.

E depois:

- Mais depressa, rapazes - pedia Glória, toda pomposa, a munição já tá quase no fim.

Fez pontaria por cima do ombro com valentia invejável, e Robbie, uma espaçonave que avançava às cegas, zunia pelo espaço, no auge da velocidade.

Saiu correndo pelo campo afora, até chegar num canteiro de grama alta, onde parou tão bruscamente que arrancou um grito da pequena amazona corada, deixando então que rolasse sobre o tapete verde macio.

Glória, ainda ofegante, o coração batendo, começou a repetir baixinho:

- Que coisa mais boa!

Robbie esperou que ela recobrasse o fôlego e aí puxou carinhosamente um dos cachinhos do cabelo.

- Você quer alguma coisa? - perguntou Glória, arregalando os olhos com ar de inocência que não enganou nem um pouco a enorme "ama-seca". Ele puxou o cachinho com mais força.

- Ah, já sei. Quer que eu conte uma história.

Robbie confirmou logo com a cabeça.

-Qual delas?

Robbie desenhou com o dedo uma meia-lua no ar.

A menina protestou.

- De novo? Já contei um milhão de vezes a história de Cinderela pra você. Não tá cansado? É coisa de criança.



Outra meia-lua.

- Então tá.

Glória se arrumou toda, recapitulou os detalhes da história na cabeça (junto com outros que inventava, que não eram poucos) e começou:

- Tudo pronto? Bom... era uma vez uma linda mocinha chamada Cinderela. Vivia com a madrasta, que não podia ser mais malvada, e duas filhas dela, muito feias, umas verdadeiras pestes...

Glória estava no ponto culminante da história -o relógio batia meia-noite e tudo voltava com rapidez de relâmpago à pobreza de antes, enquanto Robbie escutava religiosamente, o olhar ardente - quando veio a interrupção:

-Glória!

Era a voz estridente de uma mulher que já tinha chamado não apenas uma, mas várias vezes, e possuía o timbre nervoso de quem começa a perder a paciência.

- Mamãe tá me chamando - disse Glória, não lá muito contente. - É melhor você me levar de volta pra casa, Robbie.

O robô obedeceu com entusiasmo, pois por uma razão qualquer sempre lhe parecia melhor atender sem hesitação às ordens de Mrs. Weston. O pai de Glória raramente se encontrava em casa durante o dia, à exceção dos domingos - hoje, por exemplo -e nessas ocasiões sempre se mostrava amável e compreensivo. Já a mãe, porém, era-lhe fonte de inquietações e quase nunca resistia ao impulso de fugir de sua presença. Mrs. Weston enxergou os dois assim que surgiram de trás das moitas de grama alta que os encobria e voltou para esperar dentro da casa.

- Estou rouca de tanto gritar - ralhou, severa. - Onde você andava, minha filhinha?

- Tava brincando com o Robbie - respondeu a menina, a voz trémula. - Comecei a contar pra ele a história da Cinderela e esqueci que já era hora do almoço.

- Pois pena que o Robbie também tenha esquecido. - Aí, como se isso lhe lembrasse a presença do autômato, virou-se para ele. - Pode ir, Robbie. Ela não precisa mais de você. - E por fim, brutalmente: -E só volte quando eu chamar.

Robbie deu as costas para ir embora, mas hesitou ao ouvir que Glória intercedia por ele:

- Espere, mamãe, você tem que deixar que ele fique. Não terminei de contar a Cinderela pra ele. Eu disse que ia contar a história toda e ainda não acabei.

-Glória!

- Palavra, mamãe, eu prometo que ele fica tão quietinho que você nem vai notar que ele tá aqui. Ele pode sentar ali naquela poltrona do canto, sem abrir a boca... quero dizer, ele não vai fazer absolutamente nada. Não é, Robbie?

Ao ouvir o apelo, o robô concordou com a cabeça pesada, sacudindo-a para cima e para baixo.

- Glória, se você não parar logo com isso, vai passar uma semana inteira sem ver o Robbie.

A menina baixou os olhos.

- Tá bem! Mas Cinderela é a história que ele mais gosta e eu não terminei de contar. Não acho direito.

O robô se afastou com passo desolado e Glória abafou um soluço.

•

George Weston estava bem à vontade. Era seu costume nos domingos à tarde. Um ótimo e suculento almoço na barriga; um sofá gostoso e macio, quase gasto pelo uso, para se espalhar; um exemplar do Times; de chinelo e calça, sem camisa - como não iria se sentir bem à vontade?

Não gostou nada, portanto, da chegada da esposa.

Depois de dez anos de vida em comum, ainda era tão bobo que continuava a amá-la, e claro que sempre se alegrava ao vê-la - mas mesmo assim considerava as tardes de domingo, logo após o almoço, sagradas e a ideia que fazia do conforto absoluto consistia em passar duas ou três horas na mais perfeita solidão. Por isso fixou o olhar com firmeza nas últimas notícias da expedição Lefebre-Yoshida a Marte (que devia partir da Base Lunar e provavelmente seria bem sucedida) e fingiu não notar-lhe a presença.

Mrs. Weston primeiro esperou calmamente dois minutos, depois, já impaciente, mais dois, e por fim quebrou o silêncio.

- George?

-Hum?

- George, francamente! Quer fazer o favor de largar esse jornal e olhar para mim?

As folhas caíram amassadas no chão e Weston se virou desanimado para a mulher.

-Que é, meu bem?

- Você sabe perfeitamente. E a Glória e aquela máquina horrorosa.

- Que máquina horrorosa?

- Não se faça de desentendido. E aquele robô que a Glória chama de Robbie. Ele não larga a menina pra nada.

- Ué e por que haveria de largar? E pra isso que ele está aí. E não acho que seja uma máquina horrorosa. Pô, foi o robô de melhor qualidade que consegui encontrar tenho certeza de que gastei meio ano de economias com ele, pombas. Mas valeu a pena... o danado é bem mais inteligente que metade do pessoal que trabalha comigo.

Fez menção de pegar de novo o jornal, mas a mulher, mais ágil, pegou primeiro.

-Ouça o que estou lhe dizendo, George. Eu não quero confiar a minha filha aos cuidados de uma máquina... e pouco me interessa se é inteligente ou não. Acontece que não tem alma e sabe lá o que é capaz de pensar. Uma criança simplesmente não foi feita pra viver entregue a um troço de metal.

Weston franziu a cara.

- Quando foi que você chegou a essa conclusão? Já faz alguns anos que ele está com a Glória e até hoje nunca vi você preocupada com isso.

- No início era diferente. Era novidade; me tirava um peso das costas e... e era uma coisa que estava na moda. Mas agora, não sei. Os vizinhos...

- Ué, o que é que os vizinhos têm com essa história? Escuta aqui. Um robô é muito mais digno de confiança que qualquer babá. O Robbie foi construído realmente com uma única finalidade - servir de companhia para uma menina. Toda a "mentalidade" dele foi criada com esse objetivo. E inconcebível que não seja fiel, carinhoso e bonzinho. Como máquina, está programado pra se comportar assim. Não se pode dizer o mesmo das criaturas humanas.

- Mas talvez não dê certo. Alguma... alguma... - Mrs. Weston não entendia muito de mecanismo de robôs.  
- Alguma peçinha é capaz de sair do lugar e esse troço pavoroso perder o controle, andando por aí feito doido e... e...

Não conseguiu completar a frase, mas a ideia ficou bem nítida no ar.

- Que bobagem - contestou Weston com um arrepio involuntário na pele. - Isso é completamente ridículo. Você não está mais lembrada do quanto que a gente discutiu, na época da compra do Robbie, por causa da Primeira Lei da Robótica? Sabe que é impossível que um robô faça mal a um ser humano; e que antes que aconteça qualquer imprevisto que altere essa Primeira Lei, eleja estaria em desuso. E uma impossibilidade matemática. De mais a mais, tem um engenheiro da U. S. Robots que eu mando chamar duas vezes por ano pra fazer uma vistoria completa no coitado do aparelho. Quer que eu te diga uma coisa? E mais provável que eu ou até mesmo você endoideça de uma hora para outra do que acontecer alguma coisa errada com o Robbie - as possibilidades, aliás, são bem mais reduzidas. Além disso, o que é que você pretende fazer para separá-lo da Glória?

Repetiu a inútil tentativa de se concentrar no jornal. A mulher, indignada, arrancou-o das mãos dele e jogou longe. Foi cair noutra cômoda.

- Justamente, George! Ela não quer mais saber de brincar com ninguém. Existem dúzias de meninos e meninas que poderiam ser seus amigos, mas ela não se interessa. Se eu não insisto, não chega nem perto. Como é que vai se criar desse jeito? Você quer que ela seja uma garota normal, não quer? Que tenha condições de assumir uma posição social.

- Grace, você está vendo fantasmas. Faça de conta que o Robbie é um cachorrinho. Conheço uma porção de crianças que seriam capazes de preferir perder os pais do que ficar sem o bichinho de estimação.

- Não vá querer comparar, George. Nós temos que nos livrar desse troço horroroso. Você podia vender de novo pra fábrica. Já me informei, e é bem simples.

- Já se informou! Então escuta uma coisa, Grace. Vamos parar por aqui. O robô fica com a gente até a Glória crescer. E ponto final neste assunto.

Dito isso, saiu feito bala da sala.



Duas noites depois, Mr. Weston encontrou a mulher à sua espera na porta da casa.

- George, você tem que me ouvir. Todo mundo já está comentando aqui na vila.

- Comentando o quê? - perguntou Weston.

Entrou no lavabo e abriu a água com tanta força que impossibilitava qualquer resposta.

Mrs. Weston esperou.

- A respeito do Robbie - disse. Weston saiu de toalha nas mãos - a cara vermelha e furiosa.

- Do que é que você está falando aí?

- Ah, a coisa foi começando aos poucos e não parou mais de aumentar. Tentei fechar os olhos, mas não adiantou. A maioria dos habitantes locais considera Robbie um perigo. E não quer mais deixar que os filhos cheguem perto aqui de casa de noite.

-A nossa filha passa o tempo todo com ele.

- Eu sei, mas o pessoal não quer saber disso.

- Então que se dane.

- Pensa que falar desse jeito resolve alguma coisa? O problema é que faço minhas compras aqui. Tenho que encontrar esse povo todo santo dia. E atualmente, quando se trata de robôs, na cidade ainda é pior. Nova York acaba de aprovar uma lei que proíbe a livre circulação de robôs durante a noite inteira.

- Muito bem, mas ninguém pode impedir a gente de ter um robô dentro de casa. Grace, foi você quem começou com essa campanha. Não adianta disfarçar, pensa que eu não sei? Você não vai conseguir nada com isso. Minha resposta continua sendo não! Nós vamos ficar com o Robbie aqui em casa!

E no entanto amava a mulher - e, o que é pior, ela sabia muito bem disso. George Weston, afinal, era apenas um homem - coitado - e a esposa se valeu de tudo quanto foi recurso que um sexo mais inábil e escrupuloso aprendeu, e com razão e em vão, a temer.

Por dez vezes na semana subsequente teve que gritar: "O Robbie vai ficar aqui... e fim de papo!" - frase que a cada repetição diminuía de intensidade e vinha acompanhada de um grunhido mais forte e agoniado.

Até que um dia, afinal, aproximou-se da filha com ar de quem tem culpa no cartório e perguntou se não queria dar uma olhada numa "linda" exposição audiovisual que estava havendo na vila.

Glória bateu palmas de alegria.

- O Robbie pode ir junto?

- Não, meu bem - respondeu, estremecendo com o próprio tom de voz -, mas você pode contar tudo pra ele quando chegar em casa. Gaguejou as últimas palavras e desviou o olhar.

Glória voltou da exposição toda entusiasmada, pois o audiovisual tinha sido, de fato, um espetáculo deslumbrante. Esperou até que o pai estacionasse o carro a jato na garagem subterrânea.

- Você vai ver só quando eu contar pro Robbie. Ele ia gostar feito louco. Principalmente quando a Francis Fran estava recuando bem devagarinho, bateu sem querer num dos Homens-Leopardos e teve que sair correndo. - Deu outra risada. - Papai, na Lua existem mesmo Homens-Leopardos?

- Provavelmente não - respondeu Weston, distraído. - E pura brincadeira, não dá pra gente levar a sério.

Não sabia mais o que fazer com o carro. Era melhor enfrentar a situação. Glória atravessou o gramado correndo.

- Robbie, Robbie!

De repente parou diante de um belíssimo cão pastor que a contemplava com os olhos castanhos bem sérios, sacudindo o rabo no alpendre da entrada.

- Ah, que cachorro lindo!

Subiu os degraus, aproximou-se cautelosamente e acariciou o pêlo do cão.

- E pra mim, papai?

A mãe já estava ao lado dos dois.

- É, sim, Glória. Não é uma graça?... tão macio e peludo. E muito bonzinho. Ele gosta de crianças.

- Sabe brincar?

- Mas claro. É capaz de fazer qualquer proeza. Você quer ver como ele faz?

- Daqui a pouco. Mas quero que o Robbie também veja. Robbie! - Parou, hesitante, franzindo a testa. - Garanto que tá lá, trancado no quarto, brabo comigo porque não foi junto com a gente na exposição. Você vai ter que explicar pra ele, papai. Em mim pode ser que não acredite, mas o que você disser ele aceita.

Weston apertou os lábios. Tentou observar a reação da mulher, mas ela desviou o olhar. Glória se virou depressa e desceu correndo a escada do porão.

- Robbie - foi gritando -, vem cá ver o que o papai e a mamãe trouxeram pra mim. Ganhei um cachorro de presente, Robbie.

Dali a pouco estava de volta, toda assustada.

- Mamãe, Robbie não tá lá no quarto. Onde é que ele se meteu?

Não houve nenhuma resposta. George pigarreou e de repente se mostrou extremamente interessado numa nuvem que ia passando. A voz de Glória tremia, já pronta para chorar.

- Onde foi parar o Robbie, mamãe?

Mrs. Weston sentou e puxou delicadamente a filha para perto dela.

- Não fique triste, Glória. Acho que o Robbie foi-se embora.

-Embora? Pra onde? Pra onde é que ele foi, mamãe?

- Ninguém sabe, querida. Simplesmente saiu andando por aí. Nós procuramos, sem parar, por tudo quanto foi canto, mas não houve jeito de se descobrir.

- Quer dizer que ele nunca mais vai voltar?

Os olhinhos se arregalaram de horror.

- Talvez se encontre ele logo. A gente vai continuar procurando. E enquanto isso você pode brincar com o seu lindo cachorrinho novo. Olha só pra ele! Ele se chama Corisco e sabe tudo quanto...

Mas os olhos de Glória já estavam cheios de lágrimas.

- Não quero esse cachorro malvado... eu quero é o Robbie. Vocês têm que encontrar o Robbie pra mim.

Os sentimentos se complicaram demais para serem expressos em palavras, e a menina desatou a berrar a plenos pulmões.

Mrs. Weston procurou apoio no marido, que se limitou a mudar a posição dos pés, sem despregar os olhos lá do céu, e ela teve que se curvar para consolar a filha.

- Por que você está chorando, Glória? Robbie era só um autômato, não passava de uma máquina velha e malvada. Não tinha nada de vivo.

- Ele não era máquina coisa nenhuma! - gritou Glória com ardor. - Era gente, que nem você e eu, e meu amigo. Quero ele de volta. Ah, mamãe, eu quero ele de volta.

A mãe suspirou, derrotada, e deixou a filha chorando sozinha.

- Deixa ela desabafar - aconselhou ao marido. - Desilusão infantil não dura muito. Daqui a alguns dias nem vai se lembrar mais daquele robô horroroso.



Mas o tempo mostrou que Mrs. Weston tinha sido otimista demais. Claro, não resta dúvida, Glória parou de chorar, só que também de sorrir e, à proporção que os dias se passavam, foi ficando cada vez mais calada e sombria. Mrs. Weston, como é natural, começou a se aborrecer com a atitude de desolação passiva da criança e o único motivo que a impedia de dar a mão à palmatória era a impossibilidade de admitir que havia perdido a parada para o marido.

Aí então, uma noite, entrou como uma flecha na sala, sentou, cruzou os braços e fez cara de quem estava fervendo de raiva.

O marido esticou o pescoço para poder vê-la por cima do jornal que lia.

-O que foi agora, Grace?

-É essa criança, George. Hoje tive que mandar devolver o cachorro. Glória disse que positivamente não

aguentava mais ter que ver o Corisco aqui em casa. Ela ainda acaba me levando a um esgotamento nervoso.

Weston pousou o jornal no colo, com um brilho de esperança nos olhos.

- Quem sabe... quem sabe não seria bom trazer o Robbie de volta? E a coisa mais simples. Posso entrar em contato com...

- Não! - atalhou a mulher, implacável. - Nem pensar. Nós não vamos desistir assim, sem mais nem menos. Mesmo que eu leve anos pra tirar essa mania da cabeça dela, minha filha não há de ser criada por um robô.

Weston, decepcionado, pegou outra vez o jornal.

- Pois pra mim basta um ano pra me deixar prematuramente de cabelos brancos.

- Grande ajuda você me dá, George - foi a gélida reação.

- O que a Glória precisa é de uma mudança de ares. Claro que aqui ela não vai se esquecer do Robbie. Também pudera, tudo quanto é árvore e pedra serve pra ela se lembrar. Palavra, nunca vi situação mais besta do que esta. Imagine só, uma criança morrendo de saudade de um robô.

- Tudo bem, mas não desconversa. Que mudança de ares é essa que você está cogitando aí?

- Nós vamos levá-la para Nova York.

- Pra cidade?! Em pleno verão?! Escuta aqui, Grace, então você não sabe como é Nova York em agosto? Não dá pia aguentar.

- Tem milhões de pessoas que aguentam.

- Porque não têm um lugar que nem este pra onde ir. Se não tivessem que ficar em Nova York, não ficariam.

- Pois nós vamos ter que ficar. Escuta só o que estou dizendo, nós vamos pra lá agora... ou assim que eu tomar todas as providências necessárias. Na cidade, Glória vai achar interesses e amigos suficientes pra levantar o ânimo e esquecer aquela máquina.

- Ah, meu Deus - gemeu o galo que não cantava mais no terreiro -, aquele calor de rachar calçada!

- Nós temos que ir -a decisão era inabalável. - Glória já perdeu quase três quilos desde o mês passado, e a saúde da minha filha pra mim é mais importante que o seu comodismo.

- Pena que você não se lembrou disso quando lhe tirou o robô de estimação - resmungou... mas consigo mesmo.





Glória logo deu sinais de melhora ao saber que iam viajar para a cidade. Quase nunca tocava no assunto, mas, quando havia oportunidade, manifestava sempre o mais vivo entusiasmo. Recomeçou a sorrir e a comer com um pouco do antigo apetite.

Mrs. Weston só faltava dançar de alegria e nunca deixava de tripudiar sobre o ceticismo do marido.

- Você tem que ver, George. Ela está que é um verdadeiro anjo. Ajuda a fazer as malas e não pára mais de falar, como se não tivesse a mínima preocupação neste mundo. E bem como eu disse a você... o que se precisa é dar um jeito de encontrar outros interesses pra ela.

- Hum - foi a reação cética. - Tomara que sim.

A princípio não houve problemas. Providenciou-se tudo para que a residência na cidade ficasse logo pronta e contrataram um casal que se encarregaria de cuidar da casa de campo.

Quando chegou, finalmente, o dia da viagem, Glória quase parecia a mesma de antigamente e não abriu a boca para fazer a menor alusão a Robbie.

Na maior euforia, a família pegou um helitáxi para ir até o aeroporto (Weston teria preferido que fossem no seu próprio helicóptero, mas aí, além de só caber duas pessoas, não haveria lugar para a bagagem) e entrou na aeronave que já estava esperando.

- Vem, Glória - chamou Mrs. Weston. - Guardei o lugar da janelinha para você apreciar melhor a vista.

Glória se adiantou rápida pelo corredor, toda faceira, e foi espremer o nariz contra o grosso vidro transparente da abertura oval, com uma concentração que aumentou ainda mais quando o súbito ronco do motor ressoou na cabine de passageiros. Era muito criança para se assustar com o brusco desaparecimento da pista de decolagem, como se tivesse sumido pelo buraco de um alçapão, e de repente ela também passasse a pesar o dobro do peso normal - mas não a ponto de diminuir a intensidade do seu interesse. Só depois que o cruzamento de pistas se transformou num minúsculo conjunto de retângulos lá embaixo foi que afastou o nariz da janela, virando-se de novo para a mãe.

- A gente vai chegar logo na cidade? - perguntou, esfregando o narizinho gelado e observando com curiosidade a mancha de umidade deixada pela respiração diminuir aos poucos até se extinguir por completo.

- Dentro de meia hora, mais ou menos, meu bem. -E depois, com o mínimo resquício de ansiedade possível: - Você não está contente com a nossa ida? Não acha que vai ficar felicíssima lá na cidade, com todos aqueles arranha-céus e tanta gente e coisas pra ver? Nós podemos ir à exposição audiovisual

diariamente, assistir espetáculos, ir ao circo, à praia e...

- Sim, mamãe - foi a réplica pouco fervorosa da menina.

A aeronave sobrevoava naquele momento uma massa de nuvens e Glória imediatamente se deixou fascinar pelo deslumbramento da alva fofura espalhada ante seus olhos. De repente já estavam outra vez em céu aberto e então virou-se para a mãe com o súbito ar misterioso de quem descobre um segredo.

- Eu sei por que é que a gente tá indo pra cidade, mamãe.

- Sabe? - estranhou Mrs. Weston, perplexa. - Por que é mesmo, meu bem?

- Você não quis me dizer porque queria que fosse surpresa, mas eu sei.

Por um instante ficou orgulhosa da própria sagacidade; depois soltou uma risada de alegria.

- A gente tá indo pra Nova York pra encontrar o Robbie, não é? Com detetives.

A revelação surpreendeu George Weston na metade de um copo de água, com resultados desastrosos. Meio que se engasgou, a água saltou feito chafariz para todos os lados, e o coitado começou a tossir, sufocado. Quando tudo terminou, ficou ali parado, vermelho, molhado, com a expressão mais contrariada deste mundo.

Mrs. Weston manteve a compostura, mas quando Glória repetiu a pergunta num tom de voz insistente, achou que aquilo estava indo longe demais.

- Talvez - retorquiu, áspera. - Agora senta-se e fique quieta, pelo amor de Deus.

A cidade de Nova York, no ano da graça de 1998, mais do que nunca em toda a sua história, era um paraíso para os visitantes. Os pais de Glória sabiam perfeitamente disso e estavam dispostos a aproveitar ao máximo.

Obedecendo a ordens terminantes da esposa, George Weston tratou de organizar o seu trabalho de maneira que dispusesse, por mais ou menos um mês, de tempo livre suficiente para o que classificou de "mimar Glória ao ponto de estragá-la". Como tudo o que fazia, se desincumbiu da tarefa de modo prático, cabal e eficiente. Antes de chegar o fim do primeiro mês, já tinham visto tudo o que havia para ver.

Levou a filha ao último andar do edifício Roosevelt, de quase um quilômetro de altura, para que contemplasse, boquiaberta, o panorama da silhueta das torres culminantes da cidade, que se confundiam na distância com os campos de Long Island e as planícies de Nova Jérsei.

Visitaram os jardins zoológicos, onde Glória se deliciou de medo diante do "leão vivo de verdade" (meio decepcionada de ver que os guardas lhe davam carne crua para comer, e não seres, como tinha pensado) e insistiu, peremptória, em conhecer "a baleia".

Depois foi a vez dos museus disputarem a atenção, junto com os parques, as praias e o aquário.

A menina passeou até a metade do Hudson numa excursão de barco a vapor, segundo os costumes arcaicos dos loucos anos vinte. Viajou pela estratosfera num vôo de demonstração, em que o céu ficou cor de violeta, pontilhado de estrelas, e a terra nublada lá embaixo parecia uma enorme tigela emborcada. Passou pelo fundo das águas do estreito de Long Island, dentro de uma embarcação submarina revestida de vidro, onde exóticos e estranhos animais aquáticos lhe arregalavam os olhos e de repente iam-se embora, agitando a cauda num mundo esverdeado e ondulante.

Num plano mais prosaico, Mrs. Weston levou a filha às grandes lojas, para se encantar com outra espécie de maravilha.

E de fato, chegando quase ao fim daquele mês, os Westons ficaram convencidos de terem feito tudo o que era humanamente possível para tirar, de uma vez por todas, da ideia de Glória a lembrança de Robbie - mas não estavam ainda completamente seguros do êxito.

O problema era que, onde quer que Glória andasse, demonstrava sempre inegável preferência pelos robôs que por acaso encontrava. Por mais empolgante que fosse o espetáculo ou maior a novidade que tinha diante dos olhos, virava-se ao menor relance de movimento metálico.

Mrs. Weston já não sabia mais o que fazer para manter a filha afastada dos robôs.

E a coisa chegou, finalmente, ao clímax no incidente que marcou a visita ao Museu de Ciência e Indústria. Estava programada uma "sessão infantil" especial em que seria mostrada a magia das conquistas científicas em escalas reduzidas para a melhor apreciação das crianças. Os Westons, evidentemente, colocaram o evento na lista de espetáculos "imperdíveis".

Enquanto o casal acompanhava, com a maior concentração, as demonstrações de um poderoso eletroímã, a mãe de repente percebeu a ausência da filha. Do pânico inicial a uma serena decisão foi um passo e, pedindo auxílio a três funcionários, Mrs. Weston começou a percorrer todo o museu.

Glória, entretanto, não costumava caminhar à toa por qualquer lugar. Para a idade que tinha, mostrava uma disposição fora do normal em matéria de determinação e propósito, sendo muito parecida com a mãe nesse sentido. Havia visto um cartaz enorme no terceiro andar, que indicava: "O Robô Falante fica nesta direção". Soletrando as sílabas em voz baixa para si mesma e reparando que os pais, aparentemente, não queriam ir para aquele lado, fez o que lhe pareceu óbvio. Esperou o primeiro momento oportuno de distração dos dois e, na maior calma, afastou-se, tomando o turno indicado pelo cartaz.

O Robô Falante era um tour de force, uma invenção sem nenhuma utilidade prática, funcionando apenas como chamariz. De hora em hora, um grupo de visitantes acompanhados por um guia parava na frente dele e fazia perguntas, em discretos murmúrios, ao engenheiro encarregado do autômato. Aquelas que o engenheiro julgasse apropriadas para o circuito do mecanismo passavam a ser transmitidas ao Robô Falante.

Era o tipo da coisa sem graça. Não resta dúvida que é bom saber que quatorze é a raiz quadrada de 196,

que a temperatura atual está em 21 graus centígrados, que a pressão de ar no mercúrio chegou a 30,02, que o peso atômico do sódio é 23, mas ninguém precisa realmente de nenhum robô para isso. Ainda mais quando se trata de uma massa volumosa, totalmente imóvel, de fios e resistências, ocupando uma área de vinte e cinco metros quadrados.

Poucas pessoas se dignavam a repetir a visita, mas uma garota de seus quinze anos estava sentada, bem quieta, num banco, à espera de uma terceira oportunidade. Era a única presença na sala quando Glória entrou.

A recém-chegada nem olhou para ela. De momento, não estava interessada em seres humanos. Concentrou toda a atenção naquela coisa descomunal em cima de rodas. Chegou até a hesitar, intimidada. Não se parecia com nenhum robô que já tivesse visto.

Cautelosa e desconfiada, perguntou com aquela vozinha aguda:

- Por favor, seu Robô. O senhor é que é o Robô Falante?

Não tinha certeza, mas lhe parecia que um robô que fosse realmente capaz de falar merecia ser tratado com a maior cerimônia. (A garota adolescente levantou de repente o rosto magro e feio com uma expressão de grande atenção. Tirou do bolso uma pequena agenda e começou a escrever com rápidos garranchos.)

Ouviu-se um chiado de engrenagens besuntadas de graxa e uma voz cavernosa, de timbre maquinal, começou a pronunciar palavras destituídas de entonação e sotaque:

-Eu... sou... o... robô... que... fala.

Glória ficou olhando, já arrependida. Eleja falava, sem dúvida, mas o som vinha de um recanto qualquer ali dentro. Não havia nenhum rosto a quem pudesse se dirigir.

- O senhor pode me ajudar, seu Robô?

O autômato falante, programado para responder perguntas, até então nunca tinha encontrado uma que fosse irrespondível. Por isso confiava muito em suas habilidades.

- Posso... ajudar... sim.

- Obrigada, seu Robô. O senhor tem visto o Robbie?

- Quem... é... esse... Robbie?

- Ele também é robô, seu Robô. - Esticou-se na ponta dos pés. — O senhor sabe, ele tem mais ou menos esta altura, não, acho que é mais alto, mas é muito bonzinho. Também tem cabeça, sabia? Quer dizer, o senhor não tem, mas ele tem, seu Robô.

O autômato falante ficou sem saber o que dizer.

-Um... robô?

- É, sim, seu Robô. Que nem o senhor, só que, claro, ele não sabe falar e... se parece com gente de verdade.

-Um... robô... que... nem... eu?

- Isso mesmo, seu Robô.

A única resposta que o autômato falante pôde encontrar foi um barulho sem nexos e, de vez em quando, um som incoerente. A generalização radical que lhe havia sido proposta, isto é, a sua própria existência, não como determinado objeto especial, mas como parte integrante de um grupo, era demais para ele. Mesmo assim, se esforçou para assimilar o conceito, queimando meia dúzia de resistências. Ouviu-se o zumbido de pequenos sinais de alarme. (A garota de quinze anos resolveu então ir embora. Já tinha recolhido material suficiente para o seu trabalho de Física Elementar sobre os "Aspectos Práticos da Robótica". Seria o primeiro de uma série que Susan Calvin escreveria a esse respeito.)

Glória continuou esperando, com o cuidado de disfarçar a impaciência, pela resposta da máquina. De repente escutou um grito às suas costas.

- Lá está ela.

Era a mãe.

-O que é que você veio fazer aqui, sua arteira?-exclamou Mrs. Weston, do nervosismo passando logo à irritação. Sabe que por pouco não matava de medo o seu pai e a sua mãe? Por que é que você fugiu?

O engenheiro encarregado do robô também veio correndo, arrancando os cabelos de raiva e querendo saber quem, do grupo ali reunido, tinha mexido na máquina.

- Por que não lêem os avisos? - gritava. - Ninguém pode entrar aqui sem a presença de um funcionário.

Glória levantou a voz magoada acima do tumulto.

- Só vim aqui pra ver o Robô Falante, mamãe. Pensei que talvez soubesse onde anda o Robbie, já que os dois são robôs. - E aí, com a lembrança forçosa de Robbie, rompeu numa súbita torrente de lágrimas. - E eu tenho que encontrar o Robbie, mamãe. Eu tenho.

Mrs. Weston abafou um grito na garganta e disse:

- Ah, meu Deus do céu. Vamos pra casa, George. Não posso suportar uma coisa dessas.



Nessa noite, George Weston, se ausentou várias horas de casa e, na manhã seguinte, chegou perto da esposa com o ar suspeito de quem esconde algum trunfo.

- Grace, tive uma ideia.

- A respeito de quê? - foi a pergunta seca e desinteressada.

-De Glória.

- Não vai me dizer que pretende comprar de novo aquele robô?

- Não, lógico que não.

- Então continua. Pode falar que eu estou ouvindo. Parece que tudo o que eu fiz não adiantou nada.

- Muito bem. Estive pensando o seguinte. Todo o problema da Glória se resume em que ela imagina o Robbie como gente e não como máquina. É por isso que, naturalmente, não consegue se esquecer dele. Ora, se nós déssemos um jeito de convencê-la de que o Robbie não passa de uma mistura de aço e cobre na forma de lâminas e fios, com a eletricidade como fonte de energia, quanto tempo ia durar essa saudade dela? Trata-se de criar um impacto psicológico, compreende?

- E como é que você pretende fazer isso?

- Muito simples. Aonde você pensa que eu fui ontem à noite? Combinei com o Robertson da U. S. Robots & Mechanical Men Inc. para a gente fazer uma visita completa às instalações da fábrica amanhã. Nós três iremos, e garanto a você que, depois de termos visto tudo, a Glória nunca mais vai pensar num robô como coisa viva.

Os olhos de Mrs. Weston foram se arregalando aos poucos, com o brilho de quem sente uma súbita admiração por alguém.

- Puxa, George, a ideia é ótima.

Os botões do colete de George só faltaram estourar.

- Foi a única que me ocorreu - disse.



Mr. Struthers era um diretor-geral consciencioso e, naturalmente, meio propenso à tagarelice. Essa combinação portanto, resultou numa visita com amplas explicações, tal vez até demais, a cada passo. Mrs. Weston, no entanto, não se aborreceu. Chegou até a interrompê-lo várias vezes, pedindo para Mr. Struthers repeti-las em linguagem mais simples, para que Glória pudesse entender. Estimulado por essa apreciação de seus dons narrativos, o diretor-geral entrou em maiores detalhes, desmanchando-se em atenções e tornando-se mais comunicativo ainda, se possível.

George Weston, porém, começou a ficar impaciente.

- Desculpe, Struthers - disse, de repente, atalhando uma preleção sobre a célula fotoelétrica, - não tem uma seção da fábrica onde só se empregue o trabalho dos robôs?

-Como? Ah, sim! Claro, sem dúvida! - Sorriu para Mrs. Weston. - Um círculo vicioso, em certo sentido: robôs criando novos robôs. Evidentemente não se faz disso uma prática generalizada. Para começar, os sindicatos não permitiriam. Mas pode-se fabricar um número limitado de autômatos usando exclusivamente o trabalho dos robôs, apenas como uma espécie de experiência científica. A senhora vê - e bateu o pincenez na palma da mão para reforçar o argumento -, o que os sindicatos trabalhistas não percebem... e digo isto como cidadão que sempre teve a maior simpatia pelo movimento operário em geral... é que o advento do robô, embora, de início, acarrete certos transtornos, será, inevitavelmente...

- Sim, Struthers - interrompeu Weston, - mas quanto àquela seção da fábrica que você falou.. será que podíamos ir vê-la? Tenho certeza que seria interessantíssimo.

-Mas, claro! Claro!

Mr. Struthers tornou a colocar o pincenez com um movimento atrapalhado e tossiu de leve, meio encabulado.

- Queiram me acompanhar, por favor.

Mostrou-se relativamente calado enquanto conduzia o trio por um extenso corredor e depois escada abaixo. Aí então, enquanto penetravam num salão profusamente iluminado que chegava a estalar, de tantas atividades metálicas, abriu as comportas e veio de novo com um verdadeiro dilúvio de explicações.

- Pronto! Aí estão! - declarou, ufano. - Só robôs! Meia dúzia de homens fiscaliza tudo e nem sequer precisa ficar aqui dentro. Durante cinco anos, ou seja, desde que iniciamos este projeto, não ocorreu nenhum acidente. Claro que os robôs são relativamente simples, mas...

Já fazia muito tempo que a voz do diretor-geral tinha se transformado num murmúrio balsâmico para os ouvidos de Glória. Toda a caminhada parecia-lhe meio sem graça e até sem pé nem cabeça, apesar de que havia uma porção de robôs para ver. Mas nenhum deles lembrava, nem de longe, o seu querido Robbie, e se limitava a olhá-los com franco desprezo.

Notou que neste salão também não tinha ninguém de carne e osso. De repente se fixou num grupo de seis ou sete robôs, ocupadíssimos ao redor de uma mesa redonda quase no centro da peça. Arregalou os

olhos, sem acreditar no que via. O salão era enorme. Não podia afirmar com certeza, mas havia um que parecia... que parecia... e era!

-Robbie!

O grito foi tão forte que um dos robôs ao redor da mesa estremeceu e deixou cair a ferramenta que segurava nas mãos. Glória quase enlouqueceu de felicidade. Espremendo-se no meio da grade, antes que o pai ou a mãe pudessem impedir, escorregou até o chão, a poucos centímetros de altura, e saiu correndo em direção a Robbie, de braços abertos e cabelos esvoaçando.

E os três adultos, horrorizados, sem poderem dar um passo à frente, viram o que a menina empolgada não podia ver - um trator imenso e pesado avançando às cegas pela pista que lhe estava designada.

Weston precisou de poucos segundos para recobrar a presença de espírito, mas segundos preciosíssimos, pois já não poderia alcançar Glória a tempo. Mesmo se saltasse a grade, numa tentativa desesperada, era evidente que seria inútil. Mr. Struthers fez sinal para que os fiscais paralisassem o trator, mas não passavam de criaturas humanas e necessitavam de tempo para entrar em ação.

Foi só Robbie que se mexeu com a exatidão de um raio. Usando as pernas metálicas para cobrir a distância que o separava da pequenina dona, investiu da direção oposta.

Tudo então aconteceu simultaneamente. Robbie levantou a menina do chão com um gesto impetuoso, sem diminuir nada da velocidade em que vinha e, conseqüentemente, deixando-a quase sem poder respirar. Weston, impossibilitado de compreender direito o que estava ocorrendo, sentiu, mais do que viu, Robbie passar feito bala por ele e de repente parar, aturdido.

O trator, meio segundo depois do autômato, interceptou o caminho trilhado antes por Glória, avançou mais três metros e finalmente parou, com longo rangido dos freios.

A criança recobrou o fôlego, submetendo-se a uma série de abraços apaixonados de ambos os pais, e virou-se ansiosa para Robbie. Segundo ela, o que importava era, acima de tudo, o reencontro com o amigo.

A expressão no rosto de Mrs. Weston, porém, passou do alívio para a maior desconfiança. Virou-se para o marido e, apesar do aspecto desganhado e pouco digno, conseguiu manter uma pose ameaçadora.

-Você arquitetou tudo isso, não foi?

George Weston enxugou a testa encharcada com o lenço. A mão estava trémula e os lábios só conseguiram formar um sorriso vacilante e extremamente submisso.

Mrs. Weston prosseguiu o seu raciocínio.

- Robbie não foi programado para trabalhos de engenharia ou construção. Não teria a menor serventia para eles. Você pediu para que fosse colocado aqui de propósito, para que Glória pudesse encontrá-lo.



Não negue.

- Bom, negar eu não posso - disse Weston. - Mas, Grace, como é que eu podia saber que o encontro dos dois ia ser tão violento assim? E o Robbie salvou-lhe a vida; isso você tem que reconhecer. Não pode mandá-lo embora outra vez.

Grace Weston pensou um pouco. Virou se para Glória e Robbie e ficou olhando, meio distraída, para eles. A menina segurava o autômato pela nuca com tanta força que qualquer criatura que não fosse de metal acabaria asfixiada, e não parava de dizer tolices num frenesi quase histérico. Os braços de aço cromado de Robbie (capazes de esmigalhar uma barra de cinco centímetros de diâmetro) a enlaçavam com delicadeza e carinho. E os olhos brilhavam com uma luz incrivelmente vermelha.

- Bem, disse Mrs. Weston, afinal. - acho que le pode ficar conosco em casa até enferrujar.

### **3. Os mitos da criação**

# Adeus ao mestre

**Harry Bates**

**1940**

*Os últimos anos 30 e a década de 40 ficaram consagrados como a época áurea da ficção científica, período em que escritores que o tempo consolidaria como gigantes do gênero começaram a criar histórias artísticas baseadas na exatidão de fatos e pormenores técnicos, cientificamente comprovados. A maioria delas, hoje consideradas clássicas, foi escrita nessa época. Uma das mais populares e convincentes, "Adeus ao mestre", de Harry Bates, é inesquecível por suas características impressionantes, trágicas, e pela ironia do desfecho. O suspense aumenta à medida que Cliff Sutherland, um homem dotado de grande poder de observação, descobre um fenômeno desconcertante, começa a reunir provas e tenta solucionar o mistério. Esse misto de curiosidade e desafio para resolver quebra-cabeças é o que a ficção científica tem em comum com as histórias de detetives. Foi dessa narrativa que se extraiu o roteiro do filme O dia em que a terra parou (1951).*

*Harry Bates nasceu em 1900 e morreu em 1982. Foi o primeiro editor (1930-33) de Astounding Stories of Super-Science. O nome da revista ficou logo reduzido à metade, Astounding Stories, mudando depois para Analog. Há muito tempo que é conhecida por suas histórias de "pura" ficção científica da melhor qualidade.*

*Cada cultura tem um repositório de fábulas para explicar a criação do mundo e do homem, como, por exemplo, a história bíblica em que Deus cria Adão e a grega, em que Prometeu cria o homem. "Adeus ao mestre" é outra versão do mito da criação. Aqui se comprova que a imaginação da ficção científica procura sempre resistir aos dogmas, levando em conta possibilidades novas e levantando indagações inéditas, como: será que o homem encarna a forma definitiva de inteligência, ou outras ainda não surgiram? Existe algum intelecto exótico em uma parte qualquer do cosmos misterioso e, nesse caso, de que espécie seria? Um mecanismo, talvez? E Deus, poderia ser, quem sabe, uma máquina? E, sendo máquina, criar o homem? Boa parte das melhores histórias sobre a inteligência da máquina se origina desse tipo de especulação, e a que você vai ler agora, bem como as duas subsequentes, constituem bons exemplos.*

•

Empoleirado no alto da escada, vários metros acima do pavimento de mármore do museu, Cliff Sutherland examinava atentamente cada contorno e reentrância do grande robô, de vez em quando se virando para contemplar pensativo o afluxo de visitantes provenientes de todo o sistema solar para ver, com seus próprios olhos, Gnut e a nave interestelar e, mais uma vez, ouvir sua história assombrosa e trágica.

Cliff inclusive agora tinha, com razão, um interesse quase possessivo pelo espetáculo. Havia sido o único fotógrafo, sem vinculação de exclusividade com a imprensa, presente nas imediações do Capitólio por ocasião da chegada dos visitantes de uma galáxia desconhecida e tinha tirado as primeiras fotos profissionais da espaçonave. E acompanhara de perto todos os acontecimentos que se verificaram nos dias de loucura logo a seguir. Pôde, por isso, fotografar muitas vezes o robô de quase três metros de altura, a espaçonave e Klaatu, o garboso embaixador assassinado - além do imponente mausoléu erigido em sua homenagem no meio do lago artificial. O valor da notícia para bilhões de pessoas espalhadas por todo o espaço habitável do sistema continuava tão grande que agora ele se achava ali, outra vez, para bater outras fotos e, se possível, descobrir um "ângulo" novo.

Desta vez queria mostrar Gnut como fantástico e ameaçador. As que tinha tirado na véspera não haviam captado exatamente o efeito desejado e que hoje esperava obter, mas a luz ainda não estava ideal e se resignou a esperar pelo fim da tarde.

Os últimos integrantes da multidão que compunha o grupo atual entraram às pressas, com exclamações de espanto diante da pureza das grandes curvas esverdeadas da enigmática nave interestelar, mas esquecendo-a por completo ao chegar à frente da figura terrível e da cabeça enorme do gigantesco Gnut. Não havia quem não conhecesse robôs articulados, de grotesca semelhança humana, mas os olhos terrestres nunca tinham visto nenhum autômato comparável. Pois Gnut apresentava uma figura quase idêntica à do homem -descomunal, porém humana -, com metal esverdeado em lugar da carne e dos músculos salientes. Com exceção da tanga de pano, andava nu. O porte era de uma poderosa divindade mecânica de alguma civilização científica jamais imaginada, e trazia estampada no rosto uma expressão pensativa, taciturna e melancólica. Quem olhasse para ele não se atrevia a fazer gracejos ou observações frívolas, e os que chegavam mais perto nem ousavam abrir a boca. Os estranhos olhos vermelhos, iluminados por dentro, estavam colocados de tal modo que cada pessoa tinha a impressão de que se concentravam exclusivamente nela, dando a sensação de que o robô poderia, a qualquer momento, avançar encolerizado para praticar atos inconcebíveis.

Dos alto-falantes dissimulados no teto saiu uma leve descarga, e o burburinho da multidão diminuiu de imediato. Ia começar a transmissão das gravações. Cliff suspirou. Já sabia o texto de cor; inclusive estava presente quando tinha sido gravado e conhecia o locutor, um rapaz chamado Stillwell.

"Senhoras e senhores", começou a voz, clara e harmoniosa - mas Cliff não prestou mais atenção. A sombra nas reentrâncias da fisionomia e do corpo de Gnut tinha se acentuado; já estava quase na hora de bater a foto. Pegou e examinou as provas tiradas na véspera e comparou-as criticamente com o modelo.

No mesmo instante franziu a testa. Não havia notado antes, mas agora, de repente, parecia que alguma

coisa, desde o dia anterior, se alterara no aspecto de Gnut. A pose que via na sua frente era idêntica à das fotos, cada detalhe na comparação parecia o mesmo, mas mesmo assim a impressão persistia. Pegou a lupa e examinou, com toda a atenção, modelo e fotografias, linha por linha. E então se convenceu de que havia uma diferença.

Movido por súbito entusiasmo, Cliff bateu duas fotos com exposições diversas. Sabia que devia esperar um pouco e tirar outras, mas tinha tanta certeza de ter descoberto um mistério importante que precisava ir logo embora. Guardou depressa o resto do equipamento, desceu a escada e abriu caminho no meio da multidão. Vinte minutos depois, consumido pela curiosidade, revelava os novos negativos no quarto do hotel.

O que Cliff viu, ao comparar os negativos tirados na véspera com os de agora, provocou-lhe um arrepio no crânio. Claro que havia uma mudança! E, pelo visto, só ele sabia! No entanto, o que tinha descoberto, mesmo que fosse parar na primeira página de todos os jornais do sistema solar, não passava, afinal, de mero indício. A história, o que de fato acontecera, continuava envolvida por completo mistério.

Deveria investigar.

E isso implicava em se esconder no museu e passar lá a noite inteira. E sem hesitar, pois ainda dava tempo de voltar antes que se fechassem as portas. Levaria junto uma câmera pequena, muito rápida e infravermelha, que podia ser usada no escuro, e conseguiria não só as fotos, como também a história verdadeira.

Guardou o aparelho, pegou um táxi-aéreo e chispou de volta ao museu. O lugar estava repleto de gente aglomerada em torno da eterna fila. A gravação já ia acabar. Deu graças a Deus pela licença concedida pelo museu, que lhe permitia entrar e sair à vontade.

Já tinha resolvido como agir. Primeiro dirigiu-se ao guarda "circulante" e fez uma única pergunta. O rosto se iluminou de expectativa ao ouvir a resposta esperada. Em segundo lugar, precisava encontrar um esconderijo que passasse despercebido dos encarregados de trancar o andar térreo durante a noite. Havia um único lugar possível: o laboratório instalado atrás da espaçonave. Mostrou com ousadia o seu crachá de representante da imprensa ao outro guarda, postado diante da passagem divisória que ia dar aonde queria, declarando que tinha vindo entrevistar os cientistas; e em poucos instantes abria a porta do laboratório.

Estivera ali uma porção de vezes e conhecia bem a sala. Era uma área ampla, mais ou menos isolada para abrigar o trabalho dos cientistas ocupados em abrir uma brecha na espaçonave, e cheia de uma confusão de objetos maciços e pesados - fogões elétricos e a lenha, garrafas revestidos de vime contendo composições químicas, folhas de amianto, compressores, bacias, conchas, um microscópio e uma vasta quantidade de equipamentos menores, típicos de um laboratório metalúrgico. Quatro homens de jaleco branco concentravam-se profundamente em torno de uma experiência na outra extremidade da sala. Cliff, esperando o momento oportuno, esgueirou-se para dentro e se escondeu embaixo de uma mesa quase toda coberta de provisões. Ali sentiu-se relativamente a salvo de ser descoberto. Não demoraria muito para que os cientistas fossem embora para casa.

Do outro lado da espaçonave vinha o burburinho de mais uma fila que invadia o andar térreo -a última, esperava, do dia. Instalou-se da maneira mais cômoda que pôde. Dali a pouco teria início a gravação. Chegou a sorrir quando se lembrou de uma coisa que o locutor ia dizer.

De repente, lá estava, de novo - a voz clara e empostada de Stillwell. O ruído de passos e sussurros da multidão se extinguiu e Cliff começou a ouvir cada palavra com toda a nitidez, apesar do imenso volume da espaçonave que separava os dois ambientes.

- Senhoras e senhores - principiou a gravação, tão conhecida -, a Fundação Smithson lhes dá as boas-vindas à nova Ala Interplanetária e aos maravilhosos objetos expostos diante de todos.

Uma pequena pausa.

- Não há quem desconheça, a essa altura, o que ocorreu aqui três meses atrás, se é que não assistiram, com seus próprios olhos, pela televisão - prosseguiu a voz. - Vamos recapitular os fatos. Pouco depois das cinco horas da tarde do dia dezesseis de setembro, turistas em visita à nossa capital se comprimiam nas imediações deste prédio nas quantidades habituais e, indubitavelmente, com as mesmas reações de sempre. O dia estava quente e bonito. Um fluxo de pessoas se escoava pela entrada principal do museu, logo do lado de fora, bem de frente para onde agora vocês estão olhando, todos já iam para casa, decerto exaustos de tantas horas passadas em pé, vendo os objetos expostos no museu e percorrendo os inúmeros edifícios localizados nos arredores, ali então aconteceu.

"No espaço logo à direita de vocês, tal como agora, surgiu a nave interestelar. Num abrir e fechar de olhos. Não desceu devagar, lá de cima do céu; dezenas de testemunhas juram que simplesmente apareceu. Uma hora não se via coisa nenhuma e de repente, numa fração de segundo, estava aqui. exatamente no lugar onde agora se encontra.

"As pessoas mais próximas foram tomadas de pânico e recuaram aos brados e gritos. A capital ficou coberta por imensa onda de agitação. O rádio, a televisão e a imprensa vieram correndo imediatamente para cá. A polícia formou um cordão de isolamento ao redor da espaçonave e pelotões do exército apareceram munidos de armas especiais e holofotes. Temia-se a pior das calamidades.

"Pois desde o início percebeu-se que não vinha de nenhuma parte do sistema solar. Até as crianças sabem que apenas duas foram construídas na Terra e absolutamente nenhuma em qualquer um dos outros planetas e satélites; e dessas duas, uma foi destruída pela irresistível atração solar e a outra acaba de pousar ilesa, segundo as últimas informações, em Marte. Além disso, as feitas aqui foram revestidas de forte liga de alumínio, ao passo que esta, como vêem, está protegida por um metal esverdeado desconhecido.

"A nave surgiu e simplesmente pousou aqui. Ninguém saiu de dentro dela e não houve nenhum indício de que contivesse qualquer tipo de vida. Isso, como se pode imaginar, aumentou vertiginosamente a comoção pública. Quem, ou o que, estaria ali dentro? Os visitantes se mostrariam agressivos ou amigos? De onde teriam vindo? E como era possível que tivesse surgido tão de repente neste lugar sem descer, aos poucos, do céu?

"Durante dois dias, ela permaneceu aqui, tal como agora estão vendo, sem o menor movimento ou sinal

de que contivesse vida. Muito antes desse prazo de tempo os cientistas já explicavam que não se tratava propriamente de uma espaçonave, e sim de uma nave interespacial, porque só uma desse tipo seria capaz de chegar como esta chegou, materializando-se de uma hora para outra. Frisaram que uma viagem assim, embora teoricamente compreensível para nós, terrestres, estava completamente fora de cogitações no nosso atual estado de conhecimentos, e que esta, ativada pelos princípios da relatividade, poderia muito bem ter sido iniciada no mais remoto recanto do Universo, a uma distância que a própria luz levaria milhões de anos para percorrer.

"Quando se divulgou essa opinião, a tensão pública atingiu um grau quase insuportável. De onde viria a nave? Quem seriam seus ocupantes? Por que teriam vindo para a Terra? E, acima de tudo, por que não apareciam? Quem sabe não estariam preparando alguma terrível forma de destruição?

"E onde ficava o acesso à nave? Homens que se atreveram a examiná-la disseram não ter encontrado nenhum. Não se via o menor sinal de fenda ou rachadura que prejudicasse a perfeição impecável da sua superfície ovóide. E uma delegação de altos funcionários do governo, que se aproximou bem dela, não conseguiu, com batidas, arrancar dos possíveis ocupantes qualquer manifestação de que tenham escutado.

"Por fim, depois de exatamente dois dias, diante de dezenas de milhares de pessoas reunidas e mantidas a certa distância, e de uma profusão de canos das armas mais potentes do exército e da luz ofuscante dos holofotes, surgiu uma abertura em um dos lados, ao mesmo tempo em que baixava uma rampa, por onde desceu um criatura, com aparência de divindade e forma humana, seguida de perto por um gigantesco robô. E quando pisaram o chão, a rampa foi recolhida e a entrada desapareceu como antes.

"As milhares de pessoas reunidas logo perceberam que o desconhecido vinha como amigo. A primeira coisa que fez foi levantar o braço direito, no gesto universal de paz; mas o que mais impressionou os que se encontravam bem perto foi a expressão que tinha no rosto, que irradiava bondade, sabedoria e a mais pura nobreza de sentimentos. Com aquela roupa de tonalidades delicadas, parecia um deus benigno.

"No mesmo instante, já à espera dessa aparição, uma vasta comissão de funcionários do primeiro escalão do governo e oficiais das forças armadas se adiantou para receber o visitante. Com graça e dignidade, a criatura apontou para si mesma, depois para o robô que a acompanhava, e disse em inglês perfeito, de sotaque indefinível: "Meu nome é Klaatu", ou algo parecido, "e este é Gnut". Ninguém entendeu os nomes direito, na ocasião, mas a gravação audiovisual das câmeras de televisão captou tudo com perfeição e logo ficaram conhecidos no mundo inteiro.

"E então ocorreu o incidente que sempre será motivo de vergonha para a raça humana. Do alto de uma árvore, a cem metros de distância, veio um relâmpago de luz roxa e Klaatu tombou por terra. A multidão aglomerada ficou um instante aturdida, sem compreender muito bem o que tinha acontecido. Gnut, postado logo atrás de seu mestre e um pouco para o lado, virou lentamente o corpo na direção dele, sacudiu duas vezes a cabeça, e ficou imóvel, exatamente na mesma posição que agora estão vendo.

"De repente, formou-se um pandemônio. A polícia obrigou o assassino a descer da árvore. Verificaram que era um desequilibrado mental; não parava de gritar que o diabo tinha vindo matar todos os habitantes da Terra. Foi levado embora, enquanto Klaatu, apesar de evidentemente morto, era conduzido às pressas

para o hospital mais próximo, para ver se podia-se fazer ainda alguma coisa por ele. Multidões confusas e assustadas passaram o resto da tarde e a maior parte da noite nas imediações do Capitólio. A nave permaneceu tão silenciosa e imóvel como antes. E Gnut, também, não se mexeu da posição em que estava.

"Gnut nunca mais saiu de onde havia ficado. Continuou exatamente como estão vendo, tanto naquela noite como nos dias subsequentes. Depois que construíram o mausoléu no lago artificial, as cerimônias do sepultamento de Klaatu foram efetuadas no lugar que vocês agora ocupam, e contaram com o comparecimento dos supremos mandatários dos maiores países do mundo. Não só era a medida mais indicada como também a mais prudente, pois se houvesse outras criaturas vivas no interior da nave, como na época parecia possível, ficariam naturalmente impressionadas com o sincero pesar de nós, terrestres, com o que tinha ocorrido. Se Gnut ainda continuava vivo, ou talvez fosse melhor dizer inteiro, ninguém poderia garantir. Ficou aí, parado, tal como vêem, durante toda a cerimônia. E assim permaneceu, enquanto seu mestre era transportado de barco até o mausoléu, onde ficará como testemunho futuro, junto com o registro audiovisual, infelizmente curto demais, de sua visita histórica. E se mostrou imperturbável, dia após dia, noite após noite, debaixo da chuva e do bom tempo, nunca se mexendo ou demonstrando o menor indício de que tivesse percebido o que havia acontecido.

"Terminado o enterro, erigiu-se esta ala do museu para abrigar a nave e Gnut. Nenhuma outra providência seria certamente cabível, pois ambos eram pesados demais para serem removidos com segurança por qualquer meio disponível, "Desde então todos ficaram sabendo dos esforços, infelizmente frustrados, de nossos metalúrgicos para entrar na nave. Agora, do lado oposto, como podem ver de qualquer lugar que ocupem, acha-se instalada uma oficina isolada que prossegue com as tentativas. Por enquanto, o maravilhoso metal esverdeado que a reveste vem resistindo a todas experiências. Não só se mostra inviolável a qualquer investida como também não permite que se descubra o ponto exato de onde saíram Klaatu e Gnut. As marcas de giz que estão vendo são as possibilidades mais aproximadas.

- Muita gente temia que Gnut estivesse apenas temporariamente paralisado e que voltando a funcionar pudesse se tornar perigoso. Por isso os cientistas destruíram, por completo, qualquer chance nesse sentido. O metal esverdeado de que é feito parecia ser idêntico ao da nave e logo desistiram de violá-lo, notando também que não há nenhum meio de acesso a seu interior; mas dispunham de outros recursos.

Instalaram nele correntes elétricas de tremendas voltagens e amperagens. Aplicaram um grau de calor excepcional a todas as partes do revestimento metálico. Passou dias a fio mergulhado em gases, ácidos e soluções extremamente corrosivas, ficando exposto a toda espécie de raios conhecidos. Não se precisa mais ter medo dele. Não existe a mínima possibilidade de que volte a funcionar.

- Mas - convém avisar. Os funcionários do governo sabem perfeitamente que nenhum visitante irá se comportar desrespeitosamente neste recinto. Mas pode ser que a civilização desconhecida e inimaginavelmente poderosa de onde vieram Klaatu e Gnut envie outros emissários para ver o que houve com eles. Nesse caso, não devemos ser surpreendidos em atitudes equívocas. Ninguém poderia prever o que aconteceu e todos nós sentimos incomensurável pesar, mas de certo modo continuamos responsáveis e temos que fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para evitar possíveis represálias.

"Vocês dispõem de mais cinco minutos para permanecer neste recinto, e depois, quando soar o gongo,



queiram, por gentileza, retirar-se prontamente. Os funcionários autômatos, postados junto às paredes, responderão a qualquer pergunta que porventura desejem fazer.

"Olhem bem, pois diante de vocês estão os símbolos perfeitos do êxito, do mistério e da fragilidade da raça humana."

A voz da gravação parou de falar. Cliff, mexendo os membros entorpecidos com o máximo cuidado, abriu o rosto mim largo sorriso. Se soubessem o que ele tinha descoberto!

Pois suas fotos contavam uma história bastante diferente da descrita pela gravação. Nas tiradas na véspera, uma linha do andar térreo aparecia claramente na beirada externa, perto do pé do robô; nas de agora, a mesma linha achava-se encoberta. Gnut havia saído do lugar!

Ou alguém tinha mexido nele, embora isso fosse muito improvável. Onde estavam o guindaste e outros sinais de uma atividade dessas? Era praticamente impossível que fossem fazer isso numa única noite e depois esconder tão depressa todos os indícios. E por que, afinal, isso teria sido feito?

Mesmo assim, para se certificar, havia perguntado ao guarda. E ainda se lembrava de cada palavra da resposta:

- Não, Gnut não se mexeu, nem foi mexido por ninguém, desde a morte do seu mestre. Ficou estabelecido que seria mantido na mesma posição que ocupava na hora da morte de Klaatu. O pavimento foi construído em torno dele e os cientistas que contribuíram para deixá-lo paralisado colocaram a sua aparelhagem também ali, exatamente onde ele está. O senhor não precisa ter medo.

Cliff sorriu outra vez. Não sentia medo nenhum. Pelo menos por enquanto.

## 2

Pouco depois, o grande gongo que dominava as portas de entrada indicou a hora de fechamento e logo se ouviu uma voz pelos alto-falantes:

- São cinco em ponto, senhoras e senhores. Está na hora de fechar.

Os três cientistas, surpreendidos por já ser tão tarde apressaram-se em lavar as mãos, trocar de roupa e desaparecer no fundo do corredor, sem reparar no jovem fotógrafo escondido embaixo da mesa. O ruído dos passos no pavimento da exposição diminuiu rapidamente, até restar apenas o dos dois guardas que, indo de um lado para outro, verificavam se tudo estava em ordem. Um deles olhou de relance para a porta do laboratório e depois foi ao encontro do outro que já esperava na entrada. As grandes portas metálicas se fecharam então com estrondo e fez-se silêncio.

Cliff esperou vários minutos e depois se levantou com cautela do chão. Enquanto se espreguiçava, ouviu

estilhaços de vidro se quebrando a seus pés. Abaixando-se logo, achou os cacos de uma minúscula pipeta, derrubada de cima da mesa.

E se lembrou de uma coisa que ainda não lhe ocorrera: se Gnut havia se mexido, podia muito bem ver e ouvir - e ser realmente perigoso. Teria que tomar o máximo cuidado.

Olhou em torno. O salão estava cercado por duas divisórias de fibra vulcanizada que acompanhavam, por dentro, o contorno inferior da nave. Esta ocupava toda a área interna, sendo a externa formada pela parede do lado sul da ala. Existiam quatro enormes e altíssimos janelões. A única maneira de entrar era pelo corredor.

Sem se mexer, com os conhecimentos que tinha do prédio, elaborou o plano. A ala se comunicava com a extremidade oeste do museu por uma porta, jamais utilizada, e se prolongava naquela direção até o Monumento a Washington. A nave estava mais perto da parede do lado sul, e Gnut se encontrava postado diante dela, a pouca distância do canto nordeste e na extremidade oposta da sala em relação à entrada do prédio e ao corredor que ia dar no laboratório. Refazendo o caminho já percorrido, sairia no andar térreo, no ponto mais afastado do robô. Era exatamente o que queria, pois do outro lado da entrada, numa plataforma baixa, havia uma mesa embutida, contendo a aparelhagem da gravação, o único ponto onde poderia se esconder para observar o que talvez acontecesse. Além dela, os outros objetos existentes no andar térreo eram os seis robôs em figura de gente, que ocupavam posições fixas ao longo da parede do lado norte para responder as perguntas dos visitantes. Teria que chegar até lá.

Virou-se e saiu do laboratório com toda a cautela, na ponta dos pés, dirigindo-se ao fim do corredor. Ali encontrou tudo escuro, pois a pouca luz que ainda penetrava no salão da exposição estava encoberta pelo grande volume da nave.

Chegou à extremidade oposta sem fazer ruído. Tomando todas as precauções, curvou-se para a frente e espiou, por baixo da nave, para Gnut.

Sentiu um choque imediato. Os olhos do robô olhavam bem para ele! - ou pelo menos pareciam. Seria efeito da posição, ou já teria sido descoberto? De qualquer maneira, a cabeça de Gnut dava a impressão de continuar no mesmo lugar.

Provavelmente não havia nada de anormal, mas bem que gostaria de não ter que atravessar aquela extremidade do salão com a sensação de estar sendo seguido pelo olhar do autômato.

Recuou, sentou e ficou à espera. Tudo teria que estar completamente escuro antes de tentar a travessia até a mesa.

Esperou uma hora inteira, e aí então os fracos raios das lâmpadas das imediações, lá fora, começaram a dar a impressão de que o salão estava mais iluminado; levantou-se e espiou de novo pelo canto da nave. Como antes, os olhos do robô pareciam fixados em cima dele, só que agora, sem dúvida por causa da escuridão, o estranho brilho vermelho parecia muito mais forte. Era uma coisa de arrepiar. Será que Gnut sabia que ele estava ali? Quais seriam os pensamentos do robô? Que ideias poderiam passar pela cabeça de uma máquina construída pelo homem, mesmo de uma tão maravilhosa como Gnut?

Estava na hora de tentar a travessia. Cliff pendurou a câmera nas costas, colocou-se de quatro no chão e saiu engatinhando, bem devagar, até a ponta do saguão de entrada. Ali encostou-se o máximo que pôde no ângulo formado com o pavimento e começou a avançar, palmo a palmo. Não parando nunca, sem se arriscar a espiar de relance para os inquietantes olhos vermelhos de Gnut, adiantando-se feito lesma, seguiu em frente. Levou dez minutos para completar uma distância de trinta metros e estava encharcado de suor quando os dedos finalmente tocaram no pedestal de trinta centímetros da plataforma onde a mesa se apoiava. Sempre sem pressa, silencioso como uma sombra, deslizou sobre a beirada e se ocultou sob a proteção da mesa. Tinha chegado, enfim. Descansou um pouco e depois, ansioso para saber se não tinha sido visto, virou-se cuidadosamente e espiou pelo tampo da mesa.

Os olhos de Gnut estavam agora bem em cima dele! Pelo menos pareciam. No meio da escuridão geral, o robô projetava uma sombra misteriosa e sinistra que, apesar de se espichar a uma distância de mais de quatro metros, dava a impressão de dominar a ala inteira. Cliff não saberia dizer se a posição do corpo tinha sido alterada ou não. Mas se Gnut olhava para ele, pelo menos se limitava a isso. Não dava para Cliff discernir o menor movimento que indicasse uma troca de posição. Continuava sendo a mesma que vinha mantendo há três meses, a princípio lá fora, no escuro, na chuva, e, por fim, durante a última semana, no interior do museu.

Cliff resolveu não deixar-se levar pelo medo. Começou a sentir o próprio corpo. A travessia cautelosa tinha lhe custado caro - os joelhos e cotovelos ardiavam e as calças estavam certamente estragadas. Mas não se importaria com isso se alcançasse êxito no seu propósito. Se Gnut se mexesse, o mínimo que fosse, e pudesse surpreendê-lo em flagrante com a câmera infravermelha, sairia dali com uma história que lhe permitiria comprar cinquenta ternos completos. E se, além disso, descobrisse o objetivo do movimento de Gnut - desde que existisse, lógico, a revelação provocaria um verdadeiro rebuliço mundial.

Resignou-se a um período de espera; não dava para prever quando o robô iria se mexer, muito menos se seria nesta noite. Os olhos de Cliff já tinham se acostumado com a escuridão e era-lhe perfeitamente possível distinguir os objetos maiores. Volta e meia espiava o autômato - longa e fixamente, até que os contornos oscilavam e ele parecia se mexer; então via-se obrigado a piscar e descansar os olhos para se convencer de que era apenas imaginação.

O ponteiro dos minutos girava devagar no mostrador do relógio de pulso. A inércia facilitou o descuido de Cliff, que começou a passar períodos de tempo cada vez mais longos com a cabeça escondida.

E assim, quando Gnut afinal se mexeu, levou um susto que quase não conseguiu controlar. Com câibras e um pouco entediado, de repente viu o robô avançando pelo salão, já a meio caminho da mesa que protegia.

Mas não foi isso que mais o assustou. É que, se tinha visto Gnut fora da posição, não o surpreendera caminhando. Estava parado, imóvel feito gato, pronto para saltar sobre o rato. Os olhos agora brilhavam muito mais e não havia sombra de dúvida quanto à direção: estavam fixos em cima de Cliff!

Prendendo ao máximo a respiração, semi-hipnotizado Cliff sustentou o olhar. Seus pensamentos se

precipitaram. Qual seria a intenção do robô? Por que havia ficado tão imóvel assim? Estaria sendo espreitado? Como é que podia se mexer sem fazer barulho?

Na escuridão absoluta, os olhos de Gnut se aproximaram ainda mais. Aos poucos, mas em ritmo perfeito, aquele ruído quase imperceptível de suas pisadas chegava aos ouvidos de Cliff, que, geralmente cheio de expedientes, desta vez fora pego desprevenido. Morto de medo, completamente incapaz de sair correndo, ficou onde estava enquanto o monstro de metal de olhar feroso prosseguia avançando.

Por pouco não desmaiou, e quando se refez da surpresa, eis ali Gnut, feito torre, perto dele, as pernas quase ao alcance das suas mãos. E meio abaixado, com aqueles olhos terríveis e ardentes bem dentro dos seus!

Era tarde demais para pensar em fugir. Trêmulo como rato encurralado, Cliff ficou à espera do golpe que o esmagaria. Por um espaço de tempo que lhe pareceu verdadeira eternidade, Gnut o examinou atentamente, sem se mexer. Durante; cada segundo daquela eternidade, Cliff já se via aniquilado, de maneira súbita, rápida, total. E aí então, de repente e da forma mais imprevista, tudo terminou. Gnut endireitou o corpo e recuou um passo. Virou de costas. E depois, com aquele ritmo quase suave que só ele, entre todos os robôs, possuía, voltou de novo para o mesmo lugar de onde tinha vindo.

Cliff mal podia acreditar que havia sido poupado. Gnut podia tê-lo esmagado como se fosse um verme e no entanto tinha se virado de costas e ido embora. Por quê? Não era possível imaginar um robô capaz de considerações humanas.

Gnut se dirigiu em linha reta para o outro lado da nave. A certa altura parou e emitiu uma curiosa série de sons. No mesmo instante, Cliff viu uma abertura, mais negra que a escuridão reinante, aparecer na superfície da nave, logo seguido por leve chiado, enquanto uma rampa deslizava lá de dentro e chegava até o chão. Gnut subiu por ela e, curvando-se um pouco, sumiu no interior.

Foi então que Cliff, pela primeira vez, se lembrou da foto que tinha vindo tirar. Gnut havia se mexido e não o surpreendera em flagrante! Mas agora, pelo menos, independente das oportunidades que depois poderiam surgir, dava para tirar a foto da rampa que conduzia à abertura, por isso virou a câmera na posição adequada, preparou a exposição ideal e bateu a chapa.

Passou-se muito tempo e nada de Gnut sair. Que poderia estar fazendo lá dentro? Já com bastante coragem de novo, Cliff pensou em se arrastar pela rampa acima e espiar pela abertura, mas viu que lhe faltaria ânimo para isso. Gnut o tinha poupado, ao menos por enquanto, mas não dava para prever até onde iria a sua tolerância.

Passou-se uma hora, depois outra. Gnut estava fazendo alguma coisa dentro da nave, mas o quê? Cliff não conseguia imaginar. Se o robô fosse uma criatura humana, sabia que se atreveria a dar uma olhada, mas, desse jeito, era jogar demais com o imprevisível. Mesmo os mais simples robôs terrestres, em determinadas circunstâncias, faziam coisas inexplicáveis: o que dizer, então, deste, vindo de uma civilização desconhecida, até inconcebível, e, sem comparação, a construção mais maravilhosa que se tinha visto até hoje - que espécie de poderes superhumanos não teria? Tudo o que os cientistas da Terra podiam fazer não servira para inutilizá-lo. Ácido, calor, raios, tremendos golpes esmagadores - resistira

a todos; nem sequer o acabamento saíra danificado. Era perfeitamente capaz de enxergar no escuro. E bem ali onde estava, talvez conseguisse ouvir ou, de certo modo, sentir a menor mudança na posição de Cliff.

Passou-se mais tempo ainda, e aí então, lá pelas duas da madrugada, aconteceu uma coisa bem simples, mas tão inesperada que, por um instante, abalou por completo o equilíbrio de Cliff. De repente, no meio daquela escuridão e silêncio absolutos, ouviu-se um leve bater de asas, logo seguido pela voz doce e penetrante de um pássaro. Um tordo. Nalgum canto das trevas, por cima de sua cabeça. Com notas claras e sonoras, entoou umas doze canções curtas, uma após outra, sem a menor pausa - breves apelos insistentes, persuasivos, afagantes, verdadeiros arrulhos -, o cântico de amor da primavera do que talvez fosse o melhor cantor do mundo. Depois, tão repentinamente como começara, a voz se calou.

Se um exército invasor tivesse surgido do interior da nave, Cliff teria ficado menos surpreso. O mês era dezembro; mesmo na Flórida, os tordos ainda não haviam se manifestado. Como é que aquele tinha vindo parar nesse museu impenetrável e triste? De que maneira e por que estava cantando ali?

Esperou, cheio de curiosidade. Aí, de repente, percebeu a presença de Gnut, parado diante da porta da nave. Estava completamente imóvel, com os olhos cintilantes virados diretamente para o lado de Cliff. Por um instante, o silêncio do museu parecia ter ficado mais profundo ainda; depois foi interrompido por um baque de leve no chão, perto de Cliff.

Ficou sem saber o que pensar. Gnut alterou a luz dos olhos e começou a andar, com aquele passo suave, em direção a Cliff. Quando já estava bem próximo, o robô parou, se abaixou e juntou alguma coisa do chão. Manteve-se um pouco ali, contemplando o pequeno objeto que segurava na mão.

Cliff sabia, embora não pudesse enxergar, que era o tordo. O seu corpo, pois tinha certeza de que nunca mais iria cantar. Gnut então virou de costas e entrou novamente.

Passaram-se horas enquanto Cliff aguardava a continuação desse estranho incidente. Talvez a curiosidade contribuísse para sentir menos medo do robô. Com toda certeza, se o mecanismo fosse hostil, se pretendesse causar-lhe algum dano, não teria perdido essa oportunidade, simplesmente perfeita, de liquidar com ele. E então se dispôs a dar uma rápida olhada pelo interior da abertura. E tirar uma foto; tinha que se lembrar disso. A todo instante se esquecia do próprio motivo de sua presença ali.

Faltava muito para raiar o dia e a escuridão persistia quando sentiu coragem suficiente para por o plano em prática. Descalço e só com as meias nos pés, depois de amarrar bem os sapatos e pendurá-los no ombro, passou com movimentos rígidos, mas rapidamente, para outra posição, atrás do mais próximo dos seis funcionários-robôs postados junto da parede, e aí então estacou, à espera de algum sinal que pudesse indicar que Gnut sabia que tinha saído de onde estava antes. Não escutando nenhum, correu a se colocar atrás do robô seguinte, parando logo de novo. Já mais ousado, percorreu de uma vez só a distância que o separava do mais afastado, o sexto, colocado bem defronte à abertura da nave.

Ali sofreu uma decepção. Não dava para distinguir nenhuma espécie de luz no interior: apenas trevas e o silêncio que impregnava tudo. Mesmo assim, era melhor tirar a foto. Levantou a câmera, colocou em foco o orifício escuro e deu ao filme uma exposição relativamente longa. Depois ficou parado, sem saber o

que fazer.

Enquanto isso, chegou-lhe aos ouvidos uma estranha serie de ruídos abafados, vindos aparentemente do interior da nave. Parecia de animais - primeiro rangidos e respirações ofegantes, interrompidos por vários estalidos metálicos, depois grunhidos profundos, brutais, seguidos por novos rangidos e respirações ofegantes, como se estivesse havendo uma briga. Aí então, de repente, antes de Cliff sequer se animar a correr de volta para baixo da mesa, uma silhueta baixa, atarracada e escura saiu pela abertura, virando-se imediatamente de frente e ficando da altura de um homem. Um medo pavoroso se apossou de Cliff, antes mesmo de perceber direito o que seria aquilo.

Numa fração de segundo Gnut surgiu na abertura e desceu, vacilante, a rampa em direção à tal silhueta, que recuou alguns passos, devagar, mas logo em seguida não arredou mais pé de onde estava, erguendo os braços possantes e começando a bater com força no peito, enquanto soltava um atordoante rugido de desafio. Só um único animal no mundo batia no peito e rugia assim. A silhueta era de um gorila. E descomunal!

Gnut prosseguiu avançando e, quando chegou perto, arremeteu e se atracou com a fera. Cliff nunca tinha imaginado que o robô fosse tão ágil. No escuro não dava para ver a cena direito; a única coisa que sabia era que aquelas duas, formas enormes, o autômato titânico de metal e o gorila atarracado, mas tremendamente possante, se fundiram por um momento de silêncio da parte do robô e de rugidos pavorosos, indescritíveis, da parte do adversário; depois os dois se separaram, como se o gorila tivesse sido jogado longe.

O animal logo se levantou do chão, urrando em desafio. Gnut avançou. Atracaram-se de novo, repetindo-se a separação de antes. O autômato continuou, inexorável, e desta vez a fera começou a cair contra as paredes do salão. De repente se precipitou feito flecha em direção a uma forma humana postada num canto e, com um rápido movimento lateral, atirou o quinto funcionário-robô no chão, decapitando-o.

Tenso pelo medo, Cliff se agachou atrás do sexto robô. Deu graças a Deus por Gnut estar entre ele e o gorila, sem parar de avançar. A fera recuou ainda mais, investindo de repente contra o próximo robô da fila; com força quase inacreditável levantou-o do chão e jogou-o contra Gnut. Com um estrondo agudo e metálico, os dois autômatos se chocaram, e o terrestre saltou para o lado e rolou até parar por completo.

Cliff depois se amaldiçoou, mas na hora nem se lembrou de tirar a foto. O gorila não parava mais de cair pelos cantos, demolindo com terríveis acessos de raiva todos os funcionários-robôs por onde passava e atirando os pedaços contra o implacável Gnut. Logo chegaram diante da mesa, e Cliff agora agradecia à boa estrela que o levara a se afastar de lá. Seguiu-se curto silêncio. O fotógrafo não atinava com o que podia estar acontecendo, porém imaginou que o gorila finalmente houvesse parado no canto da ala e estivesse encurralado.

Se estava, foi apenas por um instante. O silêncio se viu repentinamente estraçalhado por um rugido pavoroso e a silhueta baixa, atarracada do animal veio pulando em direção a Cliff. Correu desde lá de trás e se desviou bem na metade da distância que o separava da abertura da nave. Cliff começou a rezar freneticamente para que Gnut reaparecesse depressa, pois agora só restava um funcionário-robô separando-o da perigosa fera enlouquecida. Por sorte, Gnut surgiu em meio à escuridão. O gorila ergueu-

se de corpo inteiro e bateu outra vez no peito, urrando seu desafio.

E aí então ocorreu uma coisa estranhíssima. Caiu de quatro e rolou bem devagar, de lado, como se estivesse fraco ou machucado. Depois, ofegante, fazendo barulhos assustadores, esforçou-se para levantar de novo e enfrentar Gnut, que já se aproximava outra vez. Enquanto aguardava, notou o último funcionário-robô e talvez até Cliff, encolhido atrás dele. Num acesso de terrível raiva destruidora, saiu gingando para o lado de Cliff, mas desta vez, mesmo em pânico, o fotógrafo viu que o gorila se locomovia com dificuldade, pelo visto meio zozzo ou gravemente ferido. Saltou para trás na hora exata; a fera arrancou do chão o sexto robô e o atirou, com toda a força, contra Gnut, não acertando por pouco.

Foi sua última cartada. Dominado novamente pela fraqueza, caiu pesadamente de lado, sacudindo-se algumas vezes para frente e para trás, e depois se encolheu. Aí ficou imóvel e não se mexeu mais.

Os primeiros e pálidos clarões da aurora já se infiltravam pelos janelões. Do canto onde se refugiara, Cliff olhou atentamente para o grande robô. Pareceu-lhe que se comportava de um jeito muito esquisito. Parado junto do gorila morto, contemplava-o com um ar que numa pessoa humana se qualificaria de tristeza. Quanto a isso não havia a mínima dúvida.

As feições duras e esverdeadas de Gnut tinham uma expressão pensativa e pesarosa, inédita para Cliff. Permaneceu alguns momentos assim, e de repente, como faria um pai com o filho doente, curvou-se, ergueu o enorme animal nos braços metálicos e levou-o, carinhosamente, para o interior da nave. Cliff correu de volta para a mesa, subitamente, com medo de que ainda ocorressem outras coisas perigosas e inexplicáveis.

Lembrou-se que estaria mais seguro no laboratório e de joelhos trêmulos rumou para lá, escondendo-se dentro de um dos grandes fornos. Rezava para que o dia logo ficasse bem claro. Estava com as ideias em torvelinho. Em rápida sucessão, rememorava na cabeça que fervia os espantosos incidentes da noite, mas tudo era mistério; parecia-lhe impossível encontrar uma explicação lógica para aquilo. O tordo. O gorila. A expressão triste e a ternura de Gnut. Como justificar uma confusão fantástica dessas!

Aos poucos, finalmente, a claridade se tornou total. Passou-se um bom tempo. Por fim, começou a acreditar que lhe seria possível sair vivo desse lugar de enigmas e perigos. As oito e meia escutou um barulho na entrada e depois o som reconfortante de vozes humanas. Abriu o forno e foi na ponta dos pés até o corredor.

De repente o barulho parou e ouviu-se uma exclamação de susto, seguida de passos apressados, e depois voltou o silêncio. Cliff se esgueirou furtivamente pelo corredor estreito e espiou, com medo, para a nave.

Lá estava Gnut, no lugar de costume, na mesma pose assumida no momento da morte do mestre, meditando taciturno e sozinho sobre uma nave interestelar novamente impenetrável e um salão que era pura desordem. As portas de entrada já tinham sido abertas e, de coração na boca, Cliff saiu correndo.

Poucos minutos depois, na segurança do quarto de hotel, completamente arrasado, sentou-se um instante e quase adormeceu em seguida. Mais tarde, ainda vestido e sonolento, foi cambaleando para a cama. Só acordou no meio da tarde.

### 3

Cliff foi acordando aos poucos, a princípio sem se dar conta de que as imagens que rolavam na sua cabeça eram recordações autênticas e não sonhos fantásticos. Mas a lembrança das fotos o fez saltar da cama. Começou às pressas a revelar o filme que trouxera na câmera.

Teve então nas mãos a prova de que os acontecimentos noturnos eram bem reais. As duas fotos haviam saído boas. A primeira mostrava claramente a rampa que levava à abertura, tal como apenas se discernia da posição ocupada atrás da mesa. A segunda, batida na frente do orifício às escuras, não podia ser mais decepcionante, pois uma parede incolor, logo após a soleira, impedia qualquer visão do interior. Assim se explicava o ato de não ter visto nenhuma luz na espaçonave enquanto Gnut se demorava lá dentro. Isso supondo que precisasse de luz, para o que estivesse fazendo.

Cliff examinou os negativos e ficou envergonhado. Que fotógrafo mais sem eira nem beira que era, voltando com duas fotos ridículas como essas! Tinha tido uma porção de oportunidades de conseguir coisas boas de verdade - fotos de Gnut em ação - a luta dele com o gorila - inclusive o momento em que segurou o tordo na mão - material de provocar calafrios na espinha! - e tudo o que tinha para mostrar eram dois retratos de uma porta. Sim, lógico, não deixavam de ter o seu valor, mas também provavam que era um burro de marca maior. E para coroar essa brilhante atuação, ainda pegara no sono!

Bem, era melhor sair logo para a rua e ver o que estava acontecendo.

Tomou um banho rápido, barbeou-se, trocou de roupa e dali a pouco adentrava um restaurante do bairro, frequentado por outros fotógrafos e jornalistas. Sentado sozinho no balcão da lanchonete, avistou um amigo e concorrente.

- Então, o que é que você acha? - perguntou-lhe o amigo, ao ocupar a banquetta a seu lado.

- Nunca acho nada antes de tomar café - respondeu.

- Quer dizer que ainda não sabe?

- O que é que eu não sei? - desconversou Cliff, sabendo muito bem o que vinha pela frente.

- Você é um ótimo fotógrafo - foi o comentário do outro.

- E quando acontece algo realmente importante, fica dormindo na cama.

E então lhe contou o que tinha sido descoberto naquela manhã no museu e a agitação mundial da imprensa escrita e falada. Cliff conseguiu, e com êxito, fazer três coisas ao mesmo tempo - devorar um lauto café, agradecer à sua boa estrela por nada ter transpirado e fingir permanente surpresa. Ainda mastigando,



levantou-se e saiu correndo para o museu.

Do lado de fora, frustrada diante da porta, havia uma grande aglomeração de curiosos, mas Cliff não encontrou problema para entrar quando apresentou as credenciais de jornalista. Gnut e a nave continuavam exatamente no mesmo lugar de antes, mas o andar térreo tinha sido limpo e os pedaços dos robôs-funcionários destruídos estavam empilhados num canto. Viu vários outros concorrentes amigos.

- Estive fora da cidade; perdi a história toda - disse a um deles: Gus. - Qual foi a explicação que encontraram para o que aconteceu?

- Faça uma pergunta mais fácil - sugeriu Gus. - Ninguém sabe. Achem que talvez tenha saído alguma coisa da espaçonave, outro robô como Gnut, possivelmente. Escuta aqui... onde você andou?

- Dormindo.

-E melhor se atualizar. Vários bilhões de pessoas estão morrendo de medo. Vingança pela morte de Klaatu. A Terra prestes a ser invadida.

- Mas isso é...

- Sim, sei que é pura loucura, mas são os boatos que correm por aí; ajuda a vender notícia. Mas tem uma nova interpretação, que acaba de surgir, até muito surpreendente. Vem cá.

Levou Cliff até a mesa em que um grupo compacto se acotovelava para examinar, com grande interesse, diversos objetos vigiados por um técnico. Gus apontou para uma chapa longa sobre a qual se achava disposta uma série de pêlos castanho-escuros e curtos.

- Esses pêlos são de um gorila macho gigante - explicou, com a displicência de quem já está calejado. - A maior parte foi encontrada quando varreram o chão hoje de manhã. O resto estava no corpo dos funcionários-robôs.

Cliff procurou se mostrar assombrado. Gus indicou uma proveta, parcialmente cheia de um líquido amarelo e transparente

- E aquilo ali é sangue, diluído - sangue de gorila. Foi encontrado nos braços de Gnut.

-Deus do céu! - Cliff conseguiu exclamar. -E não há explicação?

- Nem sequer uma teoria. E a sua grande chance, seu garoto prodígio.

Cliff afastou-se de Gus, incapaz de fingir por mais tempo. Não sabia o que fazer com a história que tinha para contar. Os órgãos da imprensa iam lhe propor somas astronômicas ainda mais com as fotos tiradas -, mas isso só contribuiria para que tudo lhe escapasse das mãos. No fundo, queria ficar de novo escondido na ala esta noite, mas - bem, estava simplesmente com medo. A primeira dose já tinha dado para tontear,

e o que mais desejava era continuar vivo.

Aproximou-se de Gnut e se deteve a olhá-lo demoradamente. Ninguém seria capaz de imaginar que houvesse se mexido ou que aquela fisionomia de metal esverdeado tivesse refletido tristeza. Aqueles olhos estranhos! Cliff gostaria de saber se estavam olhando mesmo para ele, como pareciam, identificando-o como o ousado intruso da noite passada. De que material desconhecido seriam feitos - colocados nas órbitas por uma ramificação da raça humana que toda a ciência terrestre nem sequer lograra inutilizar? Em que Gnut pensaria? Quais poderiam ser os pensamentos de um robô - um mecanismo de metal saído dos cadinhos de argila do homem? Estaria com raiva dele? Cliff achava que não. Gnut o tivera à sua mercê e preferira se afastar.

Ousaria se esconder de novo?

Talvez, pensou Cliff.

Perambulou pelo salão, considerando a ideia, tinha certeza de que Gnut ia se mexer novamente. Uma arma lança-raios Mikton o protegeria de outro gorila ou até de cinquenta. Por enquanto ainda não dispunha da história verdadeira. Tinha conseguido apenas dois míseros retratos arquitetônicos!

Devia ter adivinhado, desde o início, que ia permanecer. A tardinha, armado de câmera e uma minúscula Mikton, se escondeu, de novo, embaixo da mesa de suprimentos do laboratório e ouviu o estrondo das portas metálicas da ala se fechando pelo resto da noite.

Desta vez ia conseguir a história - e as fotos. Tomara que não houvessem deixado nenhum guarda ali dentro!

## 4

Durante um bocado de tempo, Cliff ficou prestando atenção para ver se escutava algum ruído que confirmasse a presença de um guarda, mas o silêncio no interior da ala continuava absoluto. Sentiu-se grato com isso - mas não tanto assim. A escuridão que se avizinhava e a ideia de que agora não poderia mais voltar atrás até que tornavam bastante sedutora a companhia de um semelhante.

Cerca de uma hora depois que a escuridão chegou ao máximo, tirou os sapatos, amarrou um no outro e pendurou-os no pescoço, virados para trás; e foi se esgueirando silenciosamente pelo corredor até a parte em que se abria na área de exposição. Tudo parecia igual à noite anterior. Gnut lançava uma sombra sinistra, pouco nítida, na extremidade oposta do salão. Os brilhantes olhos vermelhos davam, mais uma vez, a impressão exata de estarem concentrados no ponto de onde Cliff havia saído. Como na véspera, mas ainda mais cauteloso, o fotógrafo se colocou de quatro, encostado à parede, e saiu deslizando devagar até a plataforma baixa onde estava a mesa. Já no esconderijo, ajeitou os sapatos para ficarem apoiados num único ombro e passou para o outro a alça da câmera e o coldre da arma, de prontidão contra o peito. Desta vez, prometeu a si mesmo, ia conseguir as fotos.

Preparou-se para esperar, não perdendo Gnut de vista um só momento. A sua visão atingiu o ponto máximo permitido pela escuridão. No fim de certo tempo começou a se sentir só e com um pouco de medo. Os cintilantes olhos vermelhos de Gnut estavam lhe dando nos nervos; não parava de repetir baixinho que o robô não iria lhe causar nenhum mal. Não tinha a menor dúvida de que estava sendo observado.

As horas foram se passando lentamente. Volta e meia escutava pequenos ruídos na entrada, vindos do lado de fora um guarda, talvez, ou, quem sabe, visitantes curiosos.

Lá pelas nove viu Gnut se mexer. Primeiro só com a cabeça; virou-se de tal modo que os olhos se iluminaram ainda mais na direção em que Cliff estava escondido. Por um instante ficou nisso; depois a negra silhueta metálica fez um leve movimento e começou a avançar - em linha reta para ele.

Cliff havia pensado que não ia sentir medo - pelo menos não muito -, mas agora o coração estava parado. O que aconteceria desta vez?

Com silêncio espantoso, Gnut foi se aproximando, cada vez mais, até lançar uma sombra sinistra sobre o ponto em que Cliff se encontrava. Fixou demoradamente os olhos vermelhos e ardentes no homem prostrado no chão. Cliff tremia da cabeça aos pés; aquilo era pior do que a primeira vez. De repente, sem a mínima preparação, se viu falando com a criatura:

- Você não vai fazer nada comigo, não é? — implorou. Estava apenas curioso pra ver o que está se passando. E o trabalho que eu faço. Dá pra você entender? Eu não seria capaz de lhe causar nenhum dano, nem de atrapalhar. Eu... eu não poderia, mesmo que quisesse! Por favor!

O robô nem se mexeu e Cliff não conseguiu perceber se suas palavras tinham sido entendidas ou pelo menos ouvidas. Quando já estava achando que não dava mais para aguentar o suspense, Gnut baixou o braço e tirou alguma coisa da gaveta da mesa ou, talvez, guardou ali de novo. Depois recuou, virou de costas e voltou pelo mesmo caminho. Cliff estava salvo! O robô, mais uma vez, o tinha poupado!

A partir daí, Cliff perdeu quase todo o medo, Agora tinha certeza que esse Gnut não lhe faria nenhum mal. Por duas vezes o tivera à sua mercê e em ambas se limitara a olhar e a se afastar silenciosamente. Cliff não conseguia imaginar o que Gnut havia feito na gaveta da mesa. Ficou cuidando, com a maior curiosidade, para ver o que iria acontecer a seguir.

Tal como na noite anterior, o robô se dirigiu para o outro lado da espaçonave e repetiu a estranha série de ruídos que provocava a abertura e, assim que a rampa deslizou para fora, ele entrou. Depois disso Cliff passou um tempo enorme sozinho no escuro, provavelmente duas horas. Não vinha nenhum som de dentro da nave.

Cliff sabia que devia se esgueirar até a abertura e espiar o interior, mas não se animava a fazer isso. Com a arma, podia enfrentar qualquer gorila, mas se Gnut o surpreendesse ali, era capaz de significar o fim de tudo. Por um instante torceu para que acontecesse alguma coisa fantástica - não sabia bem o quê; talvez a delicada canção do tordo outra vez, talvez o gorila, talvez - qualquer coisa. Mas o que aconteceu, afinal,

novamente o pegou completamente desprevenido.

Ouviu um súbito som abafado, depois palavras - palavras humanas - e todas bem conhecidas. "Senhores - foi a primeira, e então houve uma pausa bem curta. -A Fundação Smithson lhes dá as boas-vindas à sua nova Ala Interplanetária e aos maravilhosos objetos expostos diante de todos."

Era a gravação da voz de Stillwell! Mas não provinha dos alto-falantes no teto, mas, muito em surdina, do interior da espaçonave.

Depois da breve interrupção, prosseguiu:

- Não há quem desconheça... desconheça...

Nesse ponto a voz gaguejou e depois se calou. O cabelo de Cliff se arrepiou todo. Aquele gaguejar não fazia parte da gravação!

Houve um silêncio curtíssimo e, em seguida, um grito grito rouco de um homem, abafado, vindo de um canto qualquer, bem no interior da nave, e, logo após, exclamações em surdina, como se fosse alguém tomado de pavor ou em grandes apuros.

Com todos os nervos tensos, Cliff continuou de olho na abertura. Ouviu um baque muito forte lá dentro e aí então uma sombra, sem dúvida de ser humano, saiu voando porta a fora. Ofegando e meio cambaleante, atravessou correndo o salão em direção a Cliff. Quando já estava a uns seis metros de distância, o vulto enorme de Gnut apareceu atrás dele.

Cliff, prendendo a respiração, observava. O homem era Stillwell, agora reconhecia - veio direto para a mesa, atrás da qual o próprio Cliff estava escondido, como se pretendesse fazer o mesmo, mas antes de chegar perto dobrou os joelhos e caiu no chão. De repente Gnut já se encontrava a seu lado, mas Stillwell não dava mostras de ter percebido. Parecia muito doente, o que não o impedia de se esforçar, em tentativas espasmódicas e inúteis, para se arrastar em busca da proteção da mesa.

Gnut não se mexia, por isso Cliff criou ânimo para falar.

- Que foi que houve, Stillwell? - perguntou. - Posso ajudar? Não tenha medo. É Cliff Sutherland, você sabe, o fotógrafo.

Sem demonstrar a menor surpresa com a presença de Cliff e agarrando-se a ela como um afogado a uma tábua de salvação, Stillwell balbuciou:

- Me ajude! Gnut... Gnut..  
Não conseguiu prosseguir.

- Que que tem o Gnut? - perguntou Cliff.

Perfeitamente cômico do vulto ameaçador de olhos de fogo a seu lado, e também receoso de se

aproximar do rapaz, Cliff acrescentou, para tranquilizá-lo:

- O Gnut não vai te fazer nenhum mal. Tenho certeza. Nunca me fez. Que foi que houve? Não quer que eu ajude?

Com súbito acesso de energia, Stillwell se apoiou nos cotovelos.

- Onde é que estou? - perguntou.

- Na Ala Interplanetária - respondeu Cliff. - Você não sabia?

Por um instante só se escutou a respiração ofegante de Stillwell.

- Como foi que vim parar aqui?

- Não sei - disse Cliff.

- Estava fazendo uma gravação - explicou Stillwell, quando de repente me vi aqui... ou, quero dizer, ali dentro...

Interrompeu a frase, voltando a se sentir aterrorizado.

- E o que foi que aconteceu? - perguntou Cliff, delicado.

- Me vi dentro daquela caixa... e lá, a meu lado, estava Gnut, o robô. Gnut! Mas ele tinha ficado inutilizado! Nunca mais se mexeu!

- Agora calma - pediu Cliff. - Não creio que o Gnut vá lhe machucar. Stillwell caiu de novo no chão.

- Me sinto muito fraco - murmurou. - Tem uma coisa... Daria pra você me chamar um médico?

Não havia nem percebido o vulto gigantesco parado a seu lado, os olhos fixos nele no escuro – o robô que tanto temia.

Enquanto Cliff hesitava, sem atinar com o que devia fazer, a respiração de Stillwell começou a ficar entrecortada, regular como o tique-taque de um relógio. Então se animou a chegar perto, mas nenhum ato de sua parte poderia agora socorrer o outro. A respiração enfraqueceu e se tornou espasmódica.

Depois, de repente, Stillwell ficou completamente parado, no maior silêncio. Cliff apalpou-lhe o coração e levantou os olhos para o vulto imponente.

- Está morto - murmurou.

O robô deu impressão de ter compreendido ou pelo menos ouvido. Curvou-se e contemplou a figura inerte.

- Que foi, Gnut? - perguntou Cliff, de repente. - O que é que você está fazendo? Quer que eu lhe ajude? Não sei por que, mas não acredito que você não tenha intenções amistosas e, muito menos, que tenha matado este homem. Mas o que aconteceu? Dá pra me entender? É capaz de falar? O que é que você está querendo fazer?

Gnut não emitiu nenhum som nem se mexeu. Apenas continuou olhando para a figura inerte a seus pés. Na fisionomia do robô, agora tão próxima, Cliff viu a nítida expressão de triste contemplação.

Gnut permaneceu vários minutos assim; depois se curvou ainda mais, pegou o corpo inanimado de Stillwell com todo o cuidado - inclusive com carinho, pensou Cliff - nos braços potentes e levou para junto da parede, onde se achavam os pedaços desmembrados dos funcionários-robôs. E o depositou delicadamente, lado a lado. E então voltou para o interior da espaçonave.

Agora sem medo, Cliff se esgueirou pela parede do salão. Já tinha quase chegado perto das figuras estraçalhadas no chão quando parou bruscamente. Gnut acabava de sair de novo.

Trazia uma figura que parecia outro corpo, só que maior. Segurou-o pelo braço e largou-o, com cautela, junto do cadáver de Stillwell. Na outra mão segurava uma coisa que Cliff não conseguiu identificar e que colocou ao lado do corpo que acabava de trazer. Depois retornou à nave e voltou, mais uma vez, com uma forma que largou delicadamente junto das outras. Concluída essa última viagem, ficou olhando um pouco para todas elas e, por fim, se virou, dirigindo-se lentamente para a espaçonave, onde se deteve imóvel, como que imerso em pensamentos profundos, à altura da rampa.

Cliff conteve a curiosidade o quanto pôde, mas de repente saiu correndo para ir examinar as coisas deixadas por Gnut. O primeiro da fila, como já esperava, era o cadáver de Stillwell, ao lado da massa imensa, disforme e peluda de um gorila morto - o da véspera. Junto dele viu o objeto que o robô tinha trazido na mão livre - o passarinho morto. Esses dois últimos haviam passado a noite inteira dentro da nave e Gnut, apesar da surpreendente delicadeza para tocá-los, estava apenas fazendo uma faxina geral. Mas restava um quarto cadáver, cuja história desconhecia. Chegou mais perto e se abaixou bem para olhar.

Quase perdeu o fôlego. Impossível! - pensou. Decerto estava confundindo tudo; voltou a examinar o primeiro corpo. Sentiu então um calafrio de terror. O primeiro cadáver podia ser de Stillwell, mas o último também era. Dois corpos absolutamente iguais, sem a menor diferença.

Cliff recuou com um grito, se deixou levar pelo pânico e começou a correr pelo salão, na direção oposta de Gnut. Se pôs a berrar e bater, desvairadamente, na porta. Ouviu-se barulho do lado de fora.

- Abram de uma vez! - gritava, apavorado. - Tenho que sair daqui! Abram logo! Depressa!

Surgiu uma fresta na porta, por onde se espremeu feito fera acuada e disparou pelo gramado afora, o mais longe possível. Um casal retardatário que passava por uma alameda próxima olhou assombrado para ele. Foi o suficiente para recuperar um pouco de bom-senso. Diminuiu a velocidade e por fim parou. Lá no museu, tudo continuava como sempre e, apesar de todo o terror de Cliff, Gnut não tinha vindo atrás.

Ainda estava só de meias. Ofegando muito, sentou na grama molhada e calçou os sapatos; depois levantou e olhou para o prédio do museu, procurando se controlar. Que confusão incrível! O cadáver de Stillwell, a carcaça do gorila e do passarinho - todos tinham morrido diante de seus próprios olhos. E de repente aquela última coisa aterradora. O segundo cadáver de Stillwell, cuja morte não tinha presenciado. E a estranha delicadeza de Gnut, a expressão triste que, por duas vezes, surpreendera em sua fisionomia.

Enquanto isso, as imediações do museu começaram a se movimentar. Diversas pessoas aglomeradas diante da porta da ala, a sirene de um helicóptero da polícia lá em cima no céu, depois a de um outro, ao longe, e gente acudindo de todos os lados, a princípio aos poucos, depois cada vez mais. Os policiais pousaram no gramado, bem na frente da ala chegou a crer que enxergava os guardas espiando pela porta. Aí, de repente, todas as luzes do prédio se acenderam. Já mais controlado, resolveu voltar.

Entrou no museu. Tinha deixado Gnut parado, pensativo, ao lado da rampa, mas agora estava novamente na velha pose de sempre, no mesmo lugar, como se nunca houvesse saído dali. A abertura da nave tinha desaparecido e a rampa sumido. Mas os corpos, aquela estranha variedade de cadáveres, continuavam caídos junto dos funcionários-robôs destruídos, tal como os deixara no escuro.

Se sobressaltou com um grito às suas costas. Um guarda uniformizado do museu apontava para ele.

-É este homem aí! - bradou o guarda. - Quando abri a porta, este sujeito forçou a passagem e saiu correndo feito um demônio!

Os policiais cercaram Cliff.

- Quem é você? Que história é essa? - perguntou um deles, brutalmente.

- Meu nome é Cliff Sutherland, sou repórter fotográfico - respondeu calmamente. - Fui eu que estive aqui dentro e saí correndo, como disse o guarda.

- O que é que você andava fazendo aqui? - perguntou o policial, olhando bem para ele. - E de onde vieram estes cadáveres?

- Meus senhores, eu teria muito prazer em lhes contar... mas primeiro os negócios - respondeu. - Ocorreram coisas fantásticas neste salão, que presenciei e posso descrever, mas - sorriu - só farei isso diante de meu advogado e depois que tiver vendido os direitos do artigo a um dos órgãos da imprensa. Sabem como são essas coisas. Se me derem licença para usar o rádio de seu helicóptero... só por um instante, senhores... saberão de tudo em seguida, dentro de meia hora, digamos, quando o pessoal da televisão transmitir o programa. Até lá, podem crer, não resta nada a fazer e ninguém sairá prejudicado com a demora.

O policial que havia feito as perguntas pestanejou e um dos outros, mais rápido para reagir e que certamente nada tinha de cavalheiresco, se aproximou de Cliff com os punhos cerrados. O fotógrafo desarmou-o mostrando-lhe as credenciais de jornalista. O policial olhou de relance e guardou-as no

bolso.

A essa altura já estavam rodeados por umas cinquenta pessoas, entre as quais dois integrantes da equipe de uma cadeia de jornais que Cliff conhecia e que tinham chegado de helicóptero. O policial resmungou, mas deixou que Cliff conversasse em voz baixa com eles e depois saísse escoltado até o aparelho da imprensa. Lá, pelo rádio, em cinco minutos, o fotógrafo fechou um contrato que iria lhe render mais dinheiro do que jamais havia ganho até então por um ano inteiro.

Depois entregou todas as fotos e negativos à equipe e lhes contou a história do princípio ao fim; não perderam um segundo em voltar à redação com o furo.

Cada vez chegava mais gente e a polícia teve que evacuar o prédio. Dez minutos depois, um grande contingente de radialistas e repórteres da televisão, enviados pela organização que tinha negociado com o fotógrafo, forçava a entrada. E então, pouco mais tarde, sob o clarão dos refletores instalados pelos cinegrafistas perto da espaçonave e não muito distantes de Gnut, Cliff - que não quis ficar ao alcance do robô - contou tudo diante das câmaras e dos microfones que, numa fração de segundo, transmitiram para cada recanto do sistema solar.

Não demorou muito para a polícia levá-lo para a prisão; Sob uma série de alegações e porque estavam simplesmente fúrios de raiva.

## 5

Cliff passou a noite inteira na cadeia - até as oito horas da manhã seguinte, quando a organização conseguiu, finalmente, encontrar um advogado para pô-lo em liberdade. E aí então, quando já ia saindo, um agente federal pegou-o pelo pulso.

- O senhor está sendo procurado para novos interrogatórios lá no Bureau de Investigações Continentais - avisou.

Cliff não fez nenhuma objeção para ir junto.

Já havia nada menos que 35 funcionários do primeiro escalão federal e "figurões" do governo à sua espera num majestoso salão de reuniões - um ministro presidencial, o subsecretário de Estado, o representante do ministério da Defesa, cientistas, um coronel, altos dignitários, chefes de departamento e agentes graduados do Bureau de Investigações Continentais. O velho Sanders, com seus bigodões grisalhos, chefe do BIC, presidia a sessão.

Pediram-lhe para repetir toda a história, desde o começo, e depois fizeram o mesmo com determinados trechos não porque duvidassem do que dizia, mas na esperança de que surgisse algum fato que esclarecesse o mistério do comportamento de Gnut e dos acontecimentos das três últimas noites. Cliff, pacientemente, se esforçou ao máximo para lembrar de cada detalhe.



O chefe Sanders fez a maior parte das perguntas. Depois de mais de uma hora, quando Cliff pensava que já tivessem terminado, Sanders quis saber outras coisas, todas relacionadas com a opinião pessoal que tinha sobre o assunto.

- Acha que Gnut sofreu algum efeito dos ácidos, raios, calor, etc, que lhe foram aplicados pelos cientistas?

- Não vi nenhuma indicação disso.

- Na sua opinião, ele pode enxergar?

- Tenho certeza que sim, ou então dispõe de outros poderes equivalentes.

-E ouvir?

- Creio que sim. Na hora em que lhe cochichei que Stillwell estava morto, ele se abaixou bem, como se quisesse verificar com os próprios olhos. Não ficaria surpreso se também tivesse entendido o que eu disse.

- Ele não falou em nenhum momento, a não ser os tais sons que fez para a nave se abrir?

- Nenhuma palavra, em inglês ou qualquer outra língua. Não articulou nada com a boca.

- Na sua opinião, a força dele diminuiu de algum modo com o nosso tratamento? - perguntou um dos cientistas.

- Eu lhes descrevi a facilidade com que enfrentou o gorila. Atacou o animal e jogou-o longe, e o resultado foi que o gorila saiu correndo pelo edifício afora, com medo dele.

- Como o senhor explica o fato da autópsia não ter revelado nenhum ferimento fatal, nenhuma causa da morte de qualquer uma das vítimas... do gorila, do tordo, ou dos dois Stillwells idênticos? - insistiu um funcionário que era médico.

- Não sei como explicar.

- Acha Gnut perigoso? - perguntou Sanders.

- Potencialmente? Muito.

- Mas no entanto diz que tem a sensação de que não é agressivo.

- Comigo, lógico. Disse e repito. Só lamento não ter um bom motivo para justificar essa opinião, a não ser o modo como me poupou nas duas vezes em que poderia ter feito comigo o que bem entendesse. Acho que talvez o jeito delicado com que tocou nos corpos tenha algo a ver com isso, e

também o olhar de tristeza, pensativo, que surpreendi, nas duas ocasiões, na fisionomia dele.

- O senhor se arriscaria a passar outra noite sozinho no prédio?

- Por nada deste mundo.

Houve sorrisos.

- Tirou fotos do que aconteceu ontem.

- Não, senhor.

Cliff se esforçou para manter a compostura, mas sentiu-se invadido por uma onda de vergonha. Um homem, até então calado, salvou-o do constrangimento.

- Há pouco o senhor empregou a palavra "intencional" a propósito do procedimento de Gnut. Daria para explicar melhor?

- Pois não. Foi uma das coisas que mais me chamaram a atenção. Gnut dá impressão de nunca desperdiçar movimentos. Quando quer, é capaz de andar com rapidez surpreendente; notei isso quando atacou o gorila. Mas na maioria das vezes caminha de um lado para outro como se estivesse completando metodicamente um simples trabalho. O que me lembra uma coisa estranhíssima: volta e meia ele assume uma posição, seja lá qual for, meio curvada, digamos, e fica assim durante vários minutos. E como se a escala de tempo dele fosse excêntrica, comparada com a nossa. Tem coisas que fazia assombrosamente rápido e outras que demorava que não é brincado. Isso talvez explique os longos períodos de imobilidade.

- Que coisa mais interessante - comentou um dos cientistas.

- Como se explicaria o fato de que, recentemente, ele só se desloca à noite?

- Acho que anda fazendo alguma coisa que não quer que ninguém veja, e à noite é a única ocasião em que fica sozinho.

- O que não impediu que continuasse, mesmo depois de descobrir que o senhor estava lá.

- Eu sei. Mas não encontro outra explicação, a menos que me considere inofensivo ou incapaz de atrapalhá-lo - o que, sem dúvida nenhuma, foi o caso.

- Antes do senhor aparecer, estávamos pensando em guardá-lo dentro de uma grande estrutura de vidro. Acha que ele iria deixar?

- Sinceramente, não sei. É provável que sim, suportou os ácidos, os raios e o calor. Mas seria melhor que fosse feito durante o dia; de noite parece ser a hora em que entra em ação.

- Mas foi durante o dia que saiu da nave junto com Klaatu.

-Eu sei.

Parecia que não tinha mais nada para perguntar. Sanders bateu de leve na mesa.

- Bom, acho que é só, Mr. Sutherland - declarou. - Obrigado por ter vindo e permita-me cumprimentá-lo pela sua pertinácia e coragem, inclusive temerária e excessiva... de jovem e hábil comerciante - sorriu. - O senhor já pode se retirar, mas talvez tenhamos que convocá-lo ainda outra vez. Vamos ver.

- Posso ficar presente enquanto decidem a respeito da estrutura de vidro? - perguntou Cliff. - Já que estou aqui, gostaria de saber logo.

-A decisão já foi tomada... portanto, já sabe. Os trabalhos terão início imediato.

- Obrigado, Mr. Sanders - disse Cliff, e perguntou ainda, na maior calma: - E o senhor poderia ter a gentileza de autorizar minha permanência diante do prédio hoje à noite? Pretendo ficar do lado de fora. Tenho a impressão de que vai acontecer alguma coisa.

- Pelo que vejo o senhor anda atrás de outro furo frisou Sanders, mas sem ser indelicado - para então deixar a polícia esperando enquanto fecha algum contrato, não é?

- Desta vez não, senhor. Se acontecer alguma coisa, prometo que ficarão sabendo na mesma hora.

O chefe do BIC hesitou.

- Não sei - disse. - Vamos fazer o seguinte. Todos os serviços de imprensa decerto hão de querer que seus representantes também estejam presentes e não podemos concordar com isso; mas se o senhor conseguir representar sozinho todos eles, não há problema. Não vai acontecer nada, mas seu artigo pode contribuir para acalmar histerias. Me avise, sim?

Cliff agradeceu, saiu às pressas e telefonou; revelou a novidade para a organização - de graça - e depois contou a proposta de Sanders. Dez minutos mais tarde ligavam, de novo, dizendo-lhe que já estava tudo combinado e aconselhando-o a dormir um pouco. Fariam a cobertura dos trabalhos da estrutura. De coração leve, Cliff saiu correndo para o museu. Encontrou o lugar cercado por milhares de curiosos, contidos à distância por forte cordão de isolamento. Pela primeira vez não conseguiu passar; foi reconhecido, e a polícia ainda estava muito irritada. Mas não se importou; de repente se sentiu cansado e precisando mesmo dormir um pouco. Voltou ao hotel, deixou recado com a telefonista e se deitou.

Mal tinha pego no sono quando o telefone tocou. Atendeu de olhos fechados. Era um dos rapazes da organização, com notícias estranhas. Stillwell acabava de se apresentar, vivo - em carne e osso -, o verdadeiro Stillwell. Os dois mortos eram uma espécie de cópia; não sabia como explicar aquilo. Não tinha irmãos.

Por um instante, Cliff acordou por completo, mas em seguida caiu de novo na cama. Não se surpreendia

com mais nada.

## 6

Às quatro da tarde, bem recuperado e com uma lente amplificadora infravermelha pendurada no ombro, atravessou o cordão de isolamento e entrou pela porta da ala. Já estava sendo esperado e não houve problema. Quando pousou os olhos em Gnut, sentiu uma sensação esquisita - por algum motivo inexplicável, estava quase com pena do gigantesco robô. Ele se encontrava exatamente na mesma posição de sempre; o pé direito um pouco para a frente e com aquela expressão taciturna no semblante - só que agora havia uma novidade. Estava solidamente encaixado num imenso bloco de uma estrutura de vidro transparente. De baixo até em cima dos seus dois metros e meio de altura, e dali outro tanto para o vulto, para a esquerda, para a direita, para trás e para frente: enclausurado numa prisão transparente como água e que confinava cada palmo de sua superfície, impedindo-lhe a mais leve contração dos músculos espantosos.

Era absurdo, sem dúvida, sentir pena de um robô, mecanismo feito pelo homem, mas Cliff havia passado a imaginá-lo como um realmente vivo, como qualquer criatura humana. Provara que tinha propósito e vontade; executava atos complicados e cheios de engenhosidade; por duas vezes, havia demonstrado claramente a emoção da tristeza e em várias ocasiões parecia mergulhado em profundos pensamentos; tinha-se mostrado implacável com o gorila e delicado com o tordo e os outros dois corpos, e também por duas vezes deixou de esmagar Cliff, quando tudo indicava que fatalmente faria isso. Cliff não duvidava, um só instante, que estivesse ainda "vivo", fosse qual fosse o sentido dessa palavra.

Mas os radialistas e técnicos da televisão aguardavam do lado de fora; tinha uma missão a cumprir. Virou as costas, saiu ao encontro deles e todo mundo começou a trabalhar.

Uma hora depois, estava sentado sozinho a cerca de cinco metros acima do solo, no galho de uma árvore enorme, situada bem na frente do prédio, de onde avistava, através da janela, a parte superior do corpo de Gnut. Três instrumentos estavam presos a alguns dos seus membros: a lente amplificadora infravermelha, um microfone de rádio e uma câmera de televisão provida de aparelhagem sonora. A lente ia permitir que enxergasse no escuro, com os próprios olhos, como em dia claro, a imagem ampliada do robô, enquanto os outros captariam todas as imagens e sons, inclusive os próprios comentários que decerto faria, transmitindo-os a vários estúdios de gravação, que os passariam imediatamente a milhões de quilômetros de distância, em todas as direções do espaço sideral. Jamais fotógrafo algum recebera missão tão importante, provavelmente - ainda mais um que se havia esquecido de tirar fotos. Mas isso agora já era caso encerrado e Cliff se sentia todo orgulhoso e pronto para qualquer eventualidade.

Bem mais para trás, dentro de um grande círculo, via-se uma multidão de curiosos -e medrosos. A estrutura de vidro plástico seria capaz de conter Gnut? Caso contrário, não sairia com sede de vingança? Seres inconcebíveis não viriam do interior da nave para soltá-lo e, quem sabe, tirar desforra? Milhões de pessoas, diante dos aparelhos receptores, tremiam de medo; os que se mantinham distantes torciam para que não acontecesse nada de anormal, mas não perdiam a esperança de assistir a alguma coisa, e estavam

preparados para sair correndo.

Em lugares cuidadosamente escolhidos, não longe de Cliff, em todos os cantos, havia baterias móveis de raios, guarnecidas por unidades do exército, e num buraco atrás dele, bem à sua direita, via-se estacionado um enorme tanque com um grande canhão. Cada arma apontava para a porta da ala. Uma fila de tanques menores, mais velozes, aguardava, de prontidão, a cinquenta metros ao norte. Os projetores de raios faziam pontaria também contra a porta, mas os canhões não. As imediações do museu continham um único ponto – o buraco, onde estava o enorme tanque - em que, por cálculo aproximativo, um obus dirigido contra a soleira da entrada não causaria danos e perdas de vida para alguma parte da vasta capital.

Veio a noite; lá de dentro saíram os últimos militares, políticos e outros privilegiados; as grandes portas metálicas da ala se fecharam com estrondo e foram trancadas pelo resto da noite. Cliff ficou logo sozinho, acompanhado apenas pelos atiradores de tocaia, dispersos pelas imediações.

Passaram-se horas. A lua apareceu. Volta e meia Cliff comunicava à equipe do estúdio que tudo estava tranquilo. Sem a lente, não dava para enxergar nada de Gnut além dos dois focos vermelhos, quase invisíveis, dos olhos. Mas com ela, o robô se destacava com a mesma nitidez da luz do dia, a uma distância que não parecia ter mais de três metros, excetuando os olhos, não havia o menor sinal de que se tratava de algo mais que um metal inanimado e imprestável.

Passou-se outra hora. De quando em quando Cliff girava os botões do minúsculo aparelho radiotelevisor - mas só alguns segundos de cada vez, para não gastar as pilhas. O ar estava impregnado da presença de Gnut, de sua fisionomia e de seu próprio nome, e a certa altura a pequena tela mostrou a árvore em que se achava sentado e até, em detalhe, ele mesmo. O que significava que uma potente aparelhagem infravermelha de televisão a longa distância continuava concentrada ali, a partir de postos de observação próximos. Sentiu uma sensação engraçada.

De repente, Cliff notou qualquer coisa e colou rapidamente a vista na lente amplificadora. Os olhos de Gnut estavam se mexendo; ou, pelo menos, a intensidade da luz que emitiam tinha mudado. Era como se duas diminutas lanternas vermelhas virassem de um lado para outro e, a cada movimento, seus raios se cruzassem com os olhos de Cliff.

Emocionado, ligou a aparelhagem, informou o estúdio e descreveu o fenômeno. Milhões de ouvintes e espectadores vibraram com o entusiasmo de sua voz. Seria possível que Gnut pudesse se evadir daquela terrível prisão?

Passaram-se minutos, o clarão dos olhos persistiu, mas Cliff não conseguiu perceber nenhum movimento, ou tentativa de movimento, no corpo do robô. Em breves fragmentos, descreveu o que via. Gnut estava evidentemente vivo; não podia haver dúvida que lutava contra a cela transparente em que finalmente tinha sido aprisionado; mas, a menos que a estraçalhasse, nenhum movimento apareceria.

Cliff tirou a lente - e estremeceu. A olho nu, contemplando Gnut no meio da escuridão, percebeu uma coisa espantosa que ainda não dava para notar através do instrumento. Uma pequena luminosidade vermelha se espalhava pelo corpo do robô. Com os dedos trémulos, reajustou a lente da câmera de

televisão, enquanto a luminosidade aumentava cada vez mais. Parecia que o corpo de Gnut recebia um calor que o deixava incandescente!

Descreveu tudo rapidamente, empolgado, pois tinha que dedicar quase toda a atenção a corrigir o foco da lente. De uma figura vermelha praticamente opaca, Gnut passou a uma tonalidade mais intensa, brilhante, agora inegavelmente viva, mesmo através da lente amplificadora. E por fim se mexeu! Não havia possibilidade de engano: havia se mexido!

Possuía dentro de si, sabe-se lá como, recursos para elevar a própria temperatura do corpo e procurava tirar partido da única vulnerabilidade do plástico em que estava trancado. Pois a estrutura de vidro, agora Cliff se lembrava, era feita de material termoplástico, que se solidificava pelo resfriamento e, no sentido inverso, amolecia de novo à pressão do calor. Derretendo o revestimento, Gnut ia fugir da prisão!

Em frases-relâmpagos, Cliff descreveu a situação. O robô foi pegando uma cor de cereja madura, as extremidades pontiagudas que davam aspecto de barra de gelo ao bloco se arredondaram e a estrutura toda começou a ceder. O processo se acelerou. O corpo do robô se mexeu com mais liberdade. O plástico baixou até tocar no alto da cabeça, depois no pescoço, na cintura, o ponto máximo que Cliff podia enxergar. O corpo de Gnut estava livre! E depois, sempre da cor de cereja madura, avançou e sumiu de vista!

Cliff forçou os olhos e ouvidos, mas só conseguiu captar o clamor distante dos sentinelas, do outro lado dos cordões de isolamento, e as ordens transmitidas em voz baixa, autoritária, das baterias instaladas a seu redor. Eles também tinham escutado, e talvez visto pela televisão, e estavam do prontidão.

Passaram-se vários minutos. Ouviu-se um estalo brusco, retumbante: as grandes portas metálicas da ala se escancararam e apareceu o gigantesco autômato, já não mais incandescente. Ficou completamente imóvel, fixando os penetrantes olhos vermelhos, de um lado para outro, na escuridão.

No meio das trevas, vozes súbitas deram ordens enérgicas e, numa rapidez de relâmpago, Gnut se viu crivado de feixes de raios, que se entrecruzavam em uma luz colorida e tórrida. As portas metálicas atrás dele começaram a derreter, mas o imponente corpo verde não sofreu nenhuma alteração.

Aí então aconteceu o que parecia ser o fim do mundo. Ouviu-se um estrondo ensurdecador, dando a impressão de que tudo que Cliff tinha diante dos olhos explodia em fumaça e caos; um galho da árvore sacudiu e por pouco não lançou longe o fotógrafo. Pedacos de escombros choviam no ar. Era o canhão do tanque que tinha disparado e Gnut - Cliff não admitia outra hipótese - havia sido atingido.

Segurou-se com firmeza e tentou ver alguma coisa no meio da confusão. À medida que a fumaça se desfazia, distinguiu um movimento entre os destroços da porta e, por fim, de maneira vaga, mas inconfundível, enxergou a forma imponente de Gnut pondo-se em pé lentamente. Depois virou para o tanque e de repente saiu feito flecha naquela direção. Numa tentativa de fazer pontaria contra ele, o enorme canhão girou, mas o robô, mais ágil, desviou o corpo e, quando viram, já estava perto do tanque. Enquanto a tripulação fugia para tudo quanto era canto, Gnut destroçou a culatra do canhão com um único soco. Depois virou de frente e olhou para Cliff.

Avançando bem rápido, num instante já se achava ao pé da árvore. Cliff passou para outro galho mais alto. Gnut abraçou o tronco pelos dois lados e puxou para cima, arrancando tudo fora, junto com as raízes. A árvore caiu fragorosamente no chão. Antes que pudesse fugir, se arrastando, Cliff se viu erguido no ar pelos braços metálicos do robô.

O fotógrafo já se considerava perdido - o destino, porém, lhe reservava estranhas surpresas para aquela noite. Gnut não lhe fez mal nenhum. Fitou-o um instante suspenso na ponta do braço e então colocou-o sentado nos ombros, com as pernas pendentes para os lados. Depois, segurando um dos tornozelos de Cliff, se virou e sem vacilar seguiu pela alameda que saía do prédio e tomava o rumo do oeste.

Cliff, atarantado, foi cavalgando o autômato. Por toda a extensão do gramado, via as bocas dos canos das armas dispersas pelas imediações acompanhando o trajeto percorrido por eles - tendo Gnut por alvo. Mas não dispararam um único tiro. Ao colocá-lo nos ombros, o robô pretendia proteger-se de qualquer ataque - esperava Cliff.

Tomaram a direção do lago artificial. A maioria dos veículos ia vagarosamente no seu encalço. Bem na retaguarda Cliff viu uma onda escura e confusa invadir a parte evacuada - os cordões de isolamento haviam sido rompidos. Na dianteira, o círculo diminuía rapidamente nas partes laterais; depois, de todos os cantos, menos lá na frente, a onda foi se avolumando a ponto de já se poder distinguir brados e gritos individuais. Estacou a cerca de cinquenta metros de distância e poucas pessoas se animaram a se aproximar.

Gnut não lhes prestava a mínima atenção e, para ele, o peso que carregava, se fosse uma mosca, teria a mesma importância. A nuca e os ombros propiciavam a Cliff um assento duro como aço, mas com a diferença de que os músculos subjacentes se flexionavam a cada movimento, exatamente como faria um ser humano. Para Cliff, essa musculatura metálica havia se transformado numa verdadeira bênção.

Direto, feito vôo de abelha, por alamedas, gramados e fileiras cerradas de árvores, Gnut levou o rapaz, seguido de perto pelo vozerio de milhares de pessoas. Helicópteros circulavam no céu, aviões mergulhavam em vôo rasante, e os carros da polícia abriam as irritantes sirenes. Logo adiante, as águas paradas do lago artificial cercavam o simples mausoléu de mármore de Klaatu, o embaixador assassinado, brilhando negro e frio à luz de dezenas de refletores sempre assestados à noite contra ele. Seria, por acaso, um encontro marcado com o morto?

Sem a menor hesitação, Gnut desceu até a margem e entrou na água. Dava-lhe pelos joelhos, depois pela cintura, até que os pés de Cliff também mergulharam nela. Atravessando sempre em linha reta a massa líquida e turva em direção ao mausoléu, o robô seguiu seu inexorável trajeto.

O sinistro bloco retangular de mármore cintilante foi ficando cada vez mais majestoso à medida que se aproximavam. O corpo de Gnut começou a emergir do fundo em declive até que os pés encharcados pisaram no primeiro degrau da pirâmide ascendente. Em questão de segundos já estavam no alto, sobre a exígua plataforma, ocupada no centro pelo desprezioso túmulo retangular.

Hirto sob a luz ofuscante dos refletores. o gigantesco autômato deu uma volta completa ao redor do túmulo e depois, curvando-se, concentrou suas forças e puxou com violência a tampa para cima. O

mármore rachou; a grossa placa caiu para trás e se partiu com estrondo na extremidade oposta. Gnut se ajoelhou e olhou o interior, aproximando Cliff perigosamente da beirada.

Lá dentro, numa penumbra que contrastava fortemente com os raios de luz convergentes, via-se um esquite de plástico, transparente, com revestimento resistente e indevassável, destinado a preservar por séculos a fio os restos mortais de Klaatu, tácito representante do grande Desconhecido. Parecia adormecido, guardando no rosto aquela expressão de nobreza quase divina que alguns ignorantes confundiram com a de uma verdadeira divindade. Estava com a mesma túnica com que tinha chegado. Não havia flores murchas, nem jóias ou enfeites; dariam impressão de sacrilégio. Ao pé do esquite via-se uma pequena caixa lacrada, também de plástico transparente, com todos os registros de sua visita à Terra - uma descrição dos acontecimentos que cercaram sua chegada, fotos de Gnut e da nave, e o pequeno rolo de filme sonoro que captara, para todos os tempos, os seus poucos e breves movimentos e palavras.

Cliff se mantinha completamente imóvel, lamentando não poder enxergar a fisionomia do robô. Gnut, também, não mudava a posição de contemplação reverente - e assim permaneceu durante muito tempo. Ali, na pirâmide feéricamente iluminada, diante de uma multidão medrosa e agitada, prestava a derradeira homenagem a seu belo e adorado mestre.

De repente, tudo acabou. Gnut estendeu o braço, pegou a pequena caixa de recordações, pôs-se em pé e começou a descer os degraus.

Atravessando o lago, em linha reta, para voltar ao museu, por gramados e alamedas, como antes, foi abrindo caminho, irresistivelmente. Diante dele, o círculo caótico de pessoas se desfazia, passando a acompanhá-lo com a proximidade máxima que ousavam, atropelando-se uns aos outros na ânsia de não perdê-lo de vista. Não restou nenhum registro televisivo desse regresso. Todas as câmeras ficaram estragadas na ida ao túmulo.

Quando chegaram perto do prédio, Cliff viu que o obus lançado pelo tanque tinha aberto, de alto a baixo, um buraco de seis metros de diâmetro. A porta continuava escancarada e Gnut, praticamente sem modificar o passo quase deslizante, afastou os escombros e se dirigiu com firmeza para o lado esquerdo da nave. Cliff se perguntava se seria posto em liberdade.

Foi. O robô largou-o no chão e apontou para a porta; depois, virando de costas, emitiu os sons que abriam a nave. A rampa deslizou para baixo e ele entrou.

Então Cliff teve o gesto louco, corajoso, que o consagrou diante de toda uma geração. No momento exato em que a rampa começou a ser recolhida, saltou em cima e também entrou na nave. A abertura se fechou.

## 7

A escuridão era total e o silêncio, absoluto. Cliff não se mexeu. Sentiu que Gnut estava perto, logo à frente, e tinha razão.



Com a mão dura e metálica, pegou-o pela cintura, puxou-o de encontro ao flanco frio e foi avançando pelas trevas que os cercavam. De uma hora para outra, lâmpadas ocultas banharam o ambiente de uma luz azulada.

Largando Cliff no chão, ficou olhando para ele. O rapaz já estava arrependido do seu gesto temerário, mas o robô, a não ser pelos olhos insondáveis, não parecia zangado. Indicou um banquinho num canto. Desta vez Cliff obedeceu logo e sentou docilmente, não se atrevendo, durante algum tempo, a sequer olhar em volta.

Viu que se achava numa pequena espécie de laboratório. Uma complicada aparelhagem de metais e plásticos forrava, as paredes e enchia várias mesinhas; não conseguiu reconhecer nem adivinhar a função de nenhum instrumento. Dominando o centro da peça, uma mesa comprida, também de metal, abrigava uma caixa grande, que lembrava um esquite por fora, ligada por diversos fios a um mecanismo complicado na ponta mais afastada. Suspenso do teto, logo acima da caixa, um lustre de múltiplos tubos de luz projetava um cone de intensa claridade.

Uma coisa meio encoberta numa mesa vizinha lhe pareceu porém familiar – e muito deslocada naquele lugar. De onde estava sentado dava a impressão de ser uma pasta uma pasta comum, terrestre. Ficou intrigado.

Gnut não prestava atenção nele, mas, logo, com a ponta estreita de um utensílio pesado, arrancou a tampa da pequena caixa de recordações. Virou o rolo do filme sonoro e passou meia hora exatamente ajustando-o dentro do mecanismo na extremidade da mesa grande. Cliff olhava, fascinado, maravilliando-se com a habilidade do robô para usar os duros dedos metálicos. Feito isso, Gnut trabalhou muito tempo noutro mecanismo acessório instalado na mesa vizinha. Depois parou um pouco, pensativo, e empurrou para dentro uma haste comprida.

Do interior da caixa que parecia um esquite saiu uma voz - a voz do embaixador assassinado.

- Meu nome é Klaatu - disse - e este é o Gnut.

Da gravação! - a ideia passou como um raio pela cabeça de Cliff. As primeiras e únicas palavras pronunciadas pelo embaixador. Mas aí então, logo em seguida, viu que não era assim. Dentro da caixa tinha um homem! Se mexeu, sentou e Cliff reconheceu o rosto vivo de Klaatu!

Parecia meio surpreso e falava rapidamente, numa língua desconhecida, com Gnut - e o autômato, pela primeira vez, também respondia. As sílabas articuladas por ele tinham qualquer coisa da emoção humana e a expressão do rosto de Klaatu passou da surpresa para o assombro. Conversaram durante vários minutos. O embaixador, pelo visto cansado, começou então a se deitar de novo, mas de repente parou, pois tinha notado a presença de Cliff. Gnut recomeçou a falar, demoradamente. Klaatu chamou o fotógrafo com a mão e Cliff se aproximou.

- Gnut me contou tudo - disse em voz baixa, delicada.

Depois fitou Cliff em silêncio, com um sorriso cansado. Cliff queria fazer uma porção de perguntas, mas por um instante nem se atreveu a abrir a boca. Por fim começou:

- Mas o senhor - perguntou, respeitosamente, sem conseguir disfarçar a emoção - não é o Klaatu que estava no túmulo?

O homem parou de sorrir e sacudiu a cabeça.

-Não.

Virou-se para o imponente Gnut, falou qualquer coisa na língua deles que provocou uma careta de dor nas feições metálicas do robô. Depois dirigiu-se de novo a Cliff.

- Eu vou morrer - anunciou simplesmente, como que repetindo as palavras para o ser terrestre. E reabriu no rosto o sorriso leve, cansado.

Cliff não sabia o que dizer. Limitou-se a olhar fixamente, à espera de uma explicação. Klaatu pareceu entender.

- Sei que é difícil de compreender - disse. - Ao contrário de nós, Gnut tenha grandes poderes. Quando construíram a ala e começaram a transmitir as gravações, ele teve uma grande inspiração. E para pô-la em prática, sem perda de tempo, montou este mecanismo durante a noite... e agora me reconstituiu de novo, a partir da minha voz, tal como foi gravada por vocês. Como deve saber, um determinado corpo produz um som característico. Ele construiu um mecanismo que inverteu o processo e com o som de minha voz reproduziu o meu corpo.

Cliff ficou boquiaberto. Então era isso!

- Mas o senhor não precisa morrer! - exclamou de repente, todo animado. -A gravação foi feita quando saíu da espaçonave, enquanto gozava de saúde! Tem que me deixar levá-lo para o hospital! Nossos médicos são muito habilidosos!

Com um gesto apenas perceptível, Klaatu sacudiu a cabeça.

-O senhor ainda não entendeu - disse, bem devagar, em voz quase inaudível. -A gravação de vocês tinha defeitos. Talvez muito leves, mas que prejudicaram o resultado. todas as experiências de Gnut sobreviveram apenas alguns minutos, segundo me disse... e o mesmo vai acontecer comigo.

De repente, então, Cliff compreendeu a origem das "experiências".

Lembrou-se que, no dia da inauguração da ala, um funcionário da Smithson tinha perdido uma pasta contendo rolos de filme que registravam a linguagem heterogênea da fauna mundial. E ali, em cima daquela mesa, estava uma pasta! E os Stillwells decerto haviam sido reconstituídos de fitas guardadas na gaveta da mesa!

Mas sentiu um peso no coração. Não queria que esse desconhecido morresse. Aos pouco foi-lhe ocorrendo uma ideia empolgante. Começou a expô-la com o maior entusiasmo.

- O senhor diz que a gravação saiu defeituosa e claro que tem razão. Mas foi por causa do uso de um gravador de má qualidade. Portanto, se Gnut, ao inverter o processo, tivesse utilizado exatamente as mesmas peças do aparelho que fez a gravação, os defeitos poderiam ser analisados, corrigidos e o senhor então, em vez de morrer, viveria!

Ao pronunciar essas últimas palavras, Gnut começou a pular feito gato e pegou Cliff com força pelo braço. Uma agitação verdadeiramente humana brilhava nos músculos metálicos de sua fisionomia.

- Me traga esse aparelho - pediu, em linguagem perfeitamente inteligível e correta!

Começou a empurrar Cliff para a porta, mas Klaatu levantou a mão.

- Para que tanta pressa? - perguntou, delicado. - Não dá mais tempo, é tarde demais. Como é seu nome, rapaz?

Cliff disse.

- Fique comigo até o fim - pediu.

Baixou as pálpebras e descansou um pouco. Depois, sorrindo de leve, mas sem reabrir os olhos, acrescentou:

- E não se entristeça, pois agora é possível que viva outra vez... e graças a você. Não sinto dor...

A voz foi ficando cada vez mais fraca. Apesar de todas as perguntas que queria fazer, Cliff só podia olhar, sem dizer nada. Klaatu, novamente, pareceu adivinhar-lhe o pensamento.

- Eu sei - disse, com voz quase indistinta - eu sei. Nós temos tantas perguntas que gostaríamos de fazer um ao outro. Sobre a sua civilização... e a de Gnut...

- E a sua - completou Cliff.

- E a de Gnut - insistiu a voz tão frágil. - Talvez... um dia... quem sabe, eu volte...

Parou de se mexer. Ficou assim durante muito tempo e por fim Cliff percebeu que ele estava morto. Sentiu lágrimas nos olhos; nesses poucos minutos aprendera a gostar muito desse homem. Olhou para Gnut. O robô também sabia que ele já estava morto, mas nenhuma lágrima apareceu no fulgor vermelho das órbitas; manteve-as fixas em Cliff, e ao menos desta vez o rapaz adivinhou o que pretendia.

- Gnut - declarou solenemente, como se fizesse um juramento sagrado -, eu vou trazer o aparelho original. Prometo. Peça por peça, exatamente as mesmas coisas.

Sem dizer uma só palavra, Gnut conduziu-o até a abertura. Emitiu os sons que a acionavam. Diante do fenômeno, a multidão ruidosa de seres terrestres aglomerada do lado de fora começou a correr, atropelando-se uns aos outros, para fugir do interior do museu. A ala estava toda iluminada. Cliff desceu pela rampa.

As duas horas seguintes se gravaram para sempre na lembrança de Cliff como se tivessem sido um sonho. Parecia que aquele laboratório misterioso, com o homem tranquilamente adormecido, constituía a parte real e central de sua vida, e que a cena com os sujeitos barulhentos com quem conversara não passava de brutal e bárbaro interlúdio. Manteve-se a pouca distância da rampa.

Contou apenas parte da história. Acreditaram nele. Esperou calmamente, enquanto toda a pressão que os principais mandatários do país poderiam exercer era concentrada em obter para ele o aparelho que o robô tinha pedido.

Quando chegou, levou-o até o pequeno vestíbulo localizado atrás da abertura. Ali já encontrou Gnut, como se o estivesse esperando. Segurava nos braços o corpo magro do segundo Klaatu. Entregou-o carinhosamente a Cliff, que o recebeu sem pronunciar uma só palavra, como se tudo tivesse sido combinado de antemão. Dava impressão de uma despedida.

De todas as coisas que Cliff queria dizer a Klaatu, uma se impunha de modo categórico. E agora, enquanto o robô de metal esverdeado ficava emoldurado pela grande nave da mesma cor, o fotógrafo não ia deixar escapar a oportunidade.

- Gnut - começou, solenemente, segurando com cuidado aquele corpo inerte em seus braços -, você tem que fazer uma coisa para mim. Preste bem atenção. Quero que diga a seu mestre - esse mestre que não demora há de surgir - que o que aconteceu com o primeiro Klaatu foi um acidente, pelo qual toda a Terra sente imenso pesar. Promete que fará isso por mim?

- Eu já sabia - retrucou o robô, com delicadeza.

- Mas promete dizer a seu mestre só essas palavras, nada mais, assim que ele surgir?

- Você está enganado - retrucou Gnut, sempre com a mesma delicadeza.

E acrescentou quatro palavras em voz baixa.

Ao escutá-las, Cliff sentiu um nevoeiro diante dos olhos e todo o seu corpo ficou paralisado.

Quando recuperou os movimentos e os olhos tornaram a enxergar normalmente, percebeu que a grande espaçonave tinha desaparecido. De repente não estava mais ali. Recuou um pouco. Nos ouvidos, feito sinos de catedral, ribombavam as últimas palavras de Gnut. Nunca iria revelá-las, nem mesmo na hora da morte.

- Você está enganado - havia dito o imponente robô. O mestre sou eu.



## **4. A evolução da inteligência**

# A volta do robô

**Robert Moore Williams**

**1938**

*Que força pode ter um sonho? A capacidade de continuar vivo depois da morte do sonhador — segundo comprova "A volta do robô". Este conto pungente, cuja ação transcorre no futuro, daqui a oito mil anos, descreve o que acontece com três robôs de outro sistema planetário, tão curiosos quanto os homens a respeito de seus antepassados. Quem os criou? Por que recorrem, volta e meia, a uma língua falada, se sua habitual comunicação silenciosa por ondas de rádio é mais eficaz? Os três embarcam numa espaçonave em busca do passado, chegando por fim a um planeta sem vida, coberto das ruínas de uma civilização. Teria sido essa a sua origem?*

*O mitólogo Joseph Campbell lembra em "O herói de mil faces" que os mitos de culturas diversas refletem sempre as mesmas características. O que demonstra, segundo ele, a existência de certos traços comuns universais na maneira da humanidade ver a si mesma e em relação ao lugar que ocupa no mundo. Uma dessas características seria o mito do eterno regresso. O herói parte da terra em que nasceu e, finalmente, após muitas aventuras estranhas e perigosas, encontra o caminho que o leva de novo para casa. Essa viagem sugere uma constante cíclica no cosmo; tudo, com o correr do tempo, acaba voltando ao ponto de partida.*

*O ensaio de Campbell sobre os mitos só foi publicado em 1949, onze anos depois de Robert Moore Williams ter escrito "A volta do robô". No entanto, o mito do eterno regresso é a característica que estrutura esta história, embora aqui os heróis aventureiros que finalmente voltam para casa não sejam homens e sim robôs.*

*Outro elemento da narrativa, a viagem para o futuro muito distante, vem servindo de base para a ficção científica desde que H. G. Wells escreveu A máquina do tempo em 1895. Ao ler a obra em que Lyell descreve suas descobertas geológicas, e o esboço da teoria da evolução de Darwin, o escritor inglês percebeu que, se o universo é dinâmico e não estático, então a forma e a inteligência humanas sofrerão, sem dúvida, modificações evolutivas. A tenebrosa viagem imaginária ao futuro mostra o fim da vida, à proporção que os seres humanos degeneram em horrendos Morlocks e no pálido Eloi, para finalmente se extinguirem.*

*Uma vez aceita a premissa da metamorfose através da evolução, a imaginação se põe a especular em torno da próxima etapa da inteligência. Claro que poderia degenerar, tal como Wells institui, mas também poderia evoluir até atingir uma forma inorgânica, em lugar da orgânica. A inteligência da máquina como ponto subsequente da escala evolutiva é uma possibilidade interessante que fascina*

*muitos autores de ficção científica. De todas as histórias que exploram essa possibilidade, nenhuma é mais impressionante que "A volta do robô".*

*Robert Moore Williams (1907-1977), um homem que se dedicou exclusivamente à literatura, publicou cerca de duzentos contos e romances durante sua longa carreira. A maioria das mais curtas saiu em Amazing e Fantastic, enquanto os romances quase sempre formavam a metade de um volume duplo das edições Ace.*



Como que suspensa pela força de um sonho, a nave flutuava com graça, serena, no máximo a trinta metros de distância da superfície do planeta. Lá no alto, a pouco mais de cento e cinquenta milhões de quilômetros, o sol sombrio já batia em retirada no céu azul escuro. Seus raios demorados ainda assolavam o planeta, depois de se afastarem dos morins baixos e pardos, iluminando as ruínas de pedra confusas no centro do vale.

A nave mudou de posição, inclinando-se para os escombros, levantando de novo, traçando um círculo em torno, até localizar um ponto em que estavam quase nivelados, alojando-se ali para pousar, como quem volta cansado para casa depois de passar anos a fio entre as estrelas.

Chiando com a pressão do ar exterior, abriu-se a câmara dianteira.

Nove ficou ali, parado, contemplando a paisagem com aqueles olhos que nunca piscavam - fixos, lúgubres. Sua curiosidade se concentrou nas ruínas confusas, nos grandes relógios de pedra branca manchados de sujeira, nas pilhas de tijolos vermelhos entremeados de grama que crescia, relutante. Oito, talvez quinze, quilômetros em volta, os prédios iam diminuindo de altura até ficarem bem baixos, perto dos morros escuros.

As suas costas, uma voz lhe fez uma pergunta em sussurro.

- E a mesma coisa que em todos os outros - respondeu, embora a linha implacável da boca não se alterasse. - Apenas silêncio e os destroços de uma grande cidade. Mas já não tem mais ninguém aqui. Os habitantes foram todos embora.

Por um instante nada se ouviu. Depois uma terceira voz murmurou:

- Bem como eu disse. Isto aqui é pura perda de tempo. Não há dúvida de que antigamente uma raça qualquer viveu neste planeta... mas decerto não tinha inteligência suficiente para ser nossa antepassada.

Nove, dentro da câmara, suspirou baixinho.



- Sete, não se esqueça que ainda não completamos a nossa averiguação. Também não temos o menor conhecimento de nossos antepassados... nem sequer sabemos se realmente existiram. Os nossos registros abrangem oito mil anos, mas nada consta da época anterior ao momento em que os Cinco Primeiros despertaram e viram que estavam deitados à beira-mar, sem a menor ideia de como tinham ido parar ali. Talvez fossem uma criação especial, pois eram dotados de grande inteligência e adaptaram logo o planeta às suas necessidades, fazendo e forçando outros para ajudá-los. E talvez tenham ido parar lá com uma nave que caiu no mar, vinda de outro planeta qualquer. Mas nunca se conseguiu esclarecer o mistério.

Oito, calado desde a primeira pergunta, adiantou-se para olhar por cima do ombro de Nove.

- Conheço perfeitamente a história da nossa raça. – a força do pensamento de Sete se evidenciou com clareza no raio de ação sonora. -A questão é que o pouco de vida que se viu neste planeta... e o que se viu já dá para ter uma ideia... é orgânica, uma mistura de componentes químicos. Animais, devorando-se uns aos outros, comendo grama... Não! Antepassados assim não me interessam.

Oito sacudiu a cabeça devagar, a ondulação de elementos metálicos entrelaçados faiscando na luz. E, como se não tivesse escutado a alteração entre Sete e Nove, comentou:

- Parado aqui, por um instante me pareceu que já estive antes neste lugar. Os morros baixos que cercam a cidade... e só ela mudou, e lá daquele lado - apontou para o leste -, tenho impressão de que havia um lago, ou uma enseada oceânica. Mas, não... não... devo estar enganado.

Fez uma pausa e o brilho fixo do olhar revelou um pouco de espanto.

- Eu falei... usei o aparelho vocal... Ora essa, por que será que fiz isso?

- E o que também gostaria de saber - foi a resposta irritada de Sete. - Você usou o aparelho vocal quando o raio de ação sonora é muito melhor. Nunca entendi por que a gente anda com aparelhos incômodos para emitir e ouvir sons, quando se dispõe de um método de comunicação superior.

- Simplesmente - retrucou Oito simplesmente porque sempre existiram. Os Cinco Primeiros já tinham. E não sei para que, uma vez que também dispunham do raio de ação sonora. Talvez tivesse alguma utilidade para eles, embora eu não faça a menor ideia... Seja lá como for, continuamos usando. Quem sabe, um dia, acabe-se descobrindo uma serventia para eles.

- Ora! - bufou Sete. - Você é um desses sonhadores inexplicáveis. Parece que, por mais cuidado que se tome para elaborar a substância do cérebro, sempre aparecem algumas aberrações que se negam a enfrentar a realidade, que não se contentam com o que têm, que anseiam por uma época que já passou... que nunca existiu. Não sinto a mínima simpatia por você, nem pelo Conselho que nos enviou aqui, nesta expedição sem pé nem cabeça.

- Mas - protestou Nove - o Conselho não podia ignorar a evidência do velho mapa das estrelas. Os Cinco Primeiros tinham esse mapa, que nunca conseguimos compreender e provavelmente jamais compreenderíamos se os nossos novos telescópios aperfeiçoados não revelassem este sistema para nós...

nove planetas girando em torno de um sol, sendo o terceiro deles dotado de um estranho sistema duplo. Não há sombra de dúvida que esse mapa representa, de certo modo, um elo com o passado desconhecido.

- Bobagem. Sou realista. Enfrento o futuro, não o passado.

- Mas o futuro se constrói com material tirado do passado, e como é que se pode construir com segurança se não se sabe o que veio antes? Para nós o que importa é saber se descendemos dos deuses que porventura existem ou se evoluímos de alguma forma inferior. Venham - disse Nove.

Os elementos metálicos habilmente entrelaçados se articularam e Nove saltou com leveza da câmara. Oito seguiu atrás. Depois chegou a vez de Sete, sempre resmungando.

Três homenzinhos de metal, com 1,25 de altura. Duas pernas, dois braços, dois olhos, um nariz, uma boca - estes dois últimos quase resquícius supérfluos, destituídos de utilidade, pois não precisavam de comida nem de oxigênio.

A força de ruptura do átomo lhes fornecia energia suficiente. E na verdade também não precisavam de pernas, pois a evolução daqueles oito mil anos tinha sido rápida. Sete tocou no solo, resplandeceu de leve, levantou no ar e se deixou levar pelo vento, atrás dos companheiros. Oito e Nove usaram as pernas. De certo modo, para Oito, o contato com o chão lhe proporcionava prazer.

Pararam em cima de um outeiro. Os olhos de Oito sondaram o horizonte. O rosto metálico não revelou a menor mudança, nenhum lampejo de emoção. Mas na profusão de fotocélulas engenhosas que formavam os olhos, luzes ansiosas pareciam refletir pensamentos que passavam pela substância do cérebro.

- E maior... bem maior do que parecia quando visto do ar - disse Nove, o aparelho vocal articulando cada palavra e mesmo assim conseguindo mostrar o espanto que sentia.

- Sim - concordou Oito. - Todos estes escombros que estamos vendo, todas estas ruínas... e algumas têm centenas de metros de altura... é só o que resta de uma grande cidade, que se estende por quilômetros e quilômetros de área. O trabalho que não deve ter custado. O tempo que levou para ser construída. Durante séculos, talvez centenas, uma raça qualquer viveu, sonhou aqui e, sonhando, foi construindo com barro, pedra, aço e vidro. Será que... não poderiam ter sido os nossos antepassados, os precursores desconhecidos?

- Besteira! - exclamou Sete.

Oito estremeceu, com um brilho inquieto no olhar enviesado que lançou para Sete.

- Talvez não seja besteira! Ando com a sensação, que me veio desde que avistamos este sistema lá do vácuo... estes nove pequenos planetas agrupados em torno de um centro solar... me parece que chegamos... em casa.

A voz prolongou bem as duas sílabas, como numa carícia.

- Em casa! - ecoou Sete. - Que palavra mais sem nexos. A gente tem se sentido em casa em toda parte. E quanto à sensação, é outra palavra também sem nexos para nós. Sensação não tem lógica - concluiu, como se resolvesse o assunto.

- Talvez não haja uma explicação lógica para essa palavra - retrucou Oito. - Mas não se esqueça que nossos cérebros foram feitos segundo moldes antigos... Sabe lá se a sensação não fazia parte desses moldes, uma parte que chegou até nós?

- Só sei que somos robôs. Não conheço nem me interessa por nossas origens. Só o futuro tem nexos, o futuro em que percorreremos os caminhos além das estrelas.

- Robôs! - retrucou Oito. - Também gostaria de saber de onde saiu esse nome que temos.

- Foram os Cinco Primeiros que deram a si mesmos, tal como fizeram com a língua.

- Mas por que, de uma infinidade de sons possíveis, foram escolher justamente esse?

- Porque...

Sete de repente se calou. Oito sentiu a vibração perturbada do pensamento dele. Sete estava querendo encontrar uma explicação satisfatória. E não era nada fácil. A resposta, de certo modo, ultrapassava os limites da lógica. Ou será que não havia nenhuma? Mas isso também era ilógico. Devia existir uma resposta, um motivo. Sete estremeceu, inquieto, e olhou para os companheiros. Resolveu pousar bruscamente no chão, desligando a força que lhe permitia desafiar a gravidade, como se quisesse sentir o contato do solo nos pés. Seguiu Nove sobre o entulho, usando as pernas.

Oito não fez comentários.

- Que aspecto você acha que tinha essa raça? - Sete formulou a pergunta meio sem jeito.

Oito, contemplando as ruínas, exprimiu a dúvida que tinha no espírito.

- O que aconteceu com eles? Será que pode se repetir, conosco?

Sete e Nove olharam espantados para ele. A mão de Sete segurou a pistola térmica que trazia no cinto. Nove olhou para todos os lados.

- Não, conosco não - afirmou Sete, categórico.

- Eu... espero que não - disse Oito. - Mas alguma coisa houve com a raça que vivia aqui, e talvez...

- Temos muito trabalho pela frente - interrompeu Nove.

- Precisamos examinar cada palmo desta área. Talvez se consiga encontrar os corpos enferrujados dos antigos habitantes. A princípio tinha esperança de achá-los ainda com vida, mas depois de ver todas

essas cidades-fantasma, tenho a impressão de que não vamos encontrar nada. A não ser que se descubra algum registro.

Lentamente, sob a luz imperturbável do sol lá no céu, avançaram no meio das ruínas. Nove ia na dianteira, seguido por Oito e depois Sete. Em torno deles, o ar, levado pela pressão de uma força desconhecida, agitava-se sem parar. O vento os impelia, como se também procurasse entre as construções derrubadas e as pilhas de tijolos poeirentos algum amigo do passado distante. Em silêncio, o vento passava pelos escombros mal-assombrados. Oito sentiu-lhe a pressão, uma força que o apertava com mil dedos invisíveis, que não dava para se enxergar, apenas sentir.

Contemplou as ruínas, perguntando-se que espécie de criaturas teria andado por ali. Os arcabouços enferrujados da estrutura de aço dos prédios, aço que se desfazia ao mínimo contato, esquadrias de pedra ainda no mesmo lugar, a cor esverdeada do cobre corroído. Tentou imaginar milhões de habitantes perambulando por aquela cidade. Viu corpos de metal cintilante caminhando pelas ruas, flutuando no ar, junto à parede dos edifícios. Traziam rochas e forjavam o aço; construindo uma cidade sob aquele sol amarelo. E à noite olhavam as estrelas, aquele estranho satélite inanimado pairando no céu negro. Será que algum dia teriam ido até lá?

Com toda a certeza, decidiu, se não na realidade, pelo menos em sonho. E possivelmente às estrelas mais além. Pois as torres das cidades apontavam para elas.

Homenzinhos de metal. Aos poucos a imaginação de Oito foi encontrando obstáculos. Não sabia por que, mas não via como povoar essa cidade silenciosa com homenzinhos de metal. Sacudiu a cabeça. Podia enxergar o sonho, mas não quem sonhara.

Nove parou diante de uma pilha de escombros. As chuvas, o calor do verão, o frio de incontáveis invernos, tinham derrubado as pedras lá de cima. Olhou com tristeza para a passagem escura entre os blocos caídos.

- Vou entrar ali - anunciou.

Sete e Oito foram atrás.

Viram-se cercados pela escuridão - uma escuridão agitada, sussurrante. O raio de luz projetado pela testa de Nove rasgou as trevas, iluminando paredes que pareciam ser um túnel.

Com os pés, levantavam pequenas nuvens de poeira cinzenta. De repente o túnel se abria em círculo e terminava diante de três portas largas, agora fechadas. Intrigado, Nove empurrou uma, que desmoronou com a pressão, revelando uma pecinha completamente vazia. Com a entrada do robô, o chão desabou. Nove caiu no escuro, mas no mesmo instante diminuiu o impacto da queda ligando o dispositivo que anulava a gravidade. Hesitou, depois deixou-se flutuar até o fundo. Murmurou pelo raio de alcance sonoro e Sete e Oito vieram atrás dele.

Enquanto os dois desciam, Nove levantou a cabeça.

- Este quartinho era usado para levar os antigos habitantes aos vários andares do prédio. Vejam, ali está o mecanismo. Seja lá quem possam ter sido, não sabiam controlar a gravidade, senão não precisariam deste dispositivo.

Os dois permaneceram calados. Nove continuou vasculhando no escuro, o foco brilhante da testa esbarrando em dezenas de colunas maciças que suportavam o peso do prédio. Chamou os companheiros, que logo acudiram.

- Encontrei uma máquina - disse Nove. - Ou será que é... uma das nossas formas de vida primitiva?

Oito olhou as rodas salpicadas de ferrugem, o volume esmigalhado e corroído das caixas de mudança, as engrenagens caindo aos pedaços. Aquilo ali, um robô?! Rejeitou a ideia. No entanto, ficava difícil estabelecer uma linha divisória entre um mecanismo e um robô. Praticamente não existia. Pegava-se metal inanimado e a pressão da força explosiva, dividia-se esse metal em mil partes diferentes, isolando-se a força, e acrescentava-se um cérebro que continha em si próprio um campo de ação capaz de receber e reter impressões - e tinha-se o robô. Tirava-se o cérebro - e tinha-se a máquina.

Sete, examinando o mecanismo, murmurou:

- E uma das nossas formas de vida primitiva, sim - uma das primeiras etapas de aperfeiçoamento. Todos os elementos fundamentais do robô já estão presentes. As rodas giram, o motor funciona.

- Não. - Oito sacudiu a cabeça. - Um robô é mais do que isso. Isto aqui... isto aqui é apenas uma máquina, efetuando sem inteligência as operações para as quais foi destinada. Sei lá que operações seriam essas, mas tenho certeza de que não é um robô. Para começar, a montagem foi feita aqui, neste lugar, e, por outro lado, não vejo nenhum sinal de controle do cérebro.

- Um robô é uma máquina - insistiu Sete. - Uma máquina lógica. Quanto a isso, não resta dúvida. Talvez o controle estivesse noutra parte do prédio.

Nove protestou:

- Eu... eu me sinto inclinado a concordar com Oito. Vejam, isto aqui era apenas uma bomba, destinada a transmitir água, ou outro líquido qualquer, para todo o prédio. Cá está a câmara de pressão, e isto aqui, acho eu, seria um motor elétrico rudimentar. Mas, mesmo assim, não passa de uma máquina.

- Nós também não passamos de máquinas superdesenvolvidas

- teimou Sete. - Nosso funcionamento pode ser explicado em termos puramente mecânicos. Quando se pretende transformar um robô em algo mais que uma máquina, cai-se em contradição. Claro que isso aí é uma máquina. Mas é também uma forma primitiva de robô, pois os dois termos significam exatamente a mesma coisa. Existem muitos elos perdidos entre ela e nós, e talvez se possa descobrir quais são...

- Mas como? - indagou Oito. - No começo, como é que um metal inanimado, sem vida, conseguiu se

transformar na primeira máquina?

Sete, pronto para responder, hesitou, olhou para Oito e depois desviou a atenção para o fundo da caverna. A luz que projetava abriu um clarão no meio das trevas, que persistiam porém à sua volta e sempre, quando mudava de posição, tornavam a se fechar.

- Eu... eu não sei como responder - disse. - Talvez o Universo, há milhões de anos, fosse diferente. Mas não sei. Ninguém sabe. Seja lá como for, já encontramos um elo. Talvez existam outros.

Oito preferiu não revelar o que pensava. Não lucraria nada discutindo com Sete. E, afinal de contas, viu que o companheiro tinha razão. Pelo menos em parte. Os robôs, no fundo, não passavam mesmo de máquinas. Eram, contudo, mais do que isso. As máquinas não eram capazes de sonhar. Oito estava tomado do maior assombro - de onde os robôs haviam tirado essa capacidade de sonhar? E o que indicava que a possuíam?

Não disse nada. Limitou-se a imitar Sete e Nove. Ficou olhando, pensativo.

Saíram do porão, voltaram ao pavimento por onde haviam entrado, forçando a passagem pelo prédio silencioso. Encontraram muita poeira, móveis que se desfaziam ao serem tocados e metal corroído. Mas, da raça que tinha vivido ali, nem sinal.

Continuaram percorrendo a cidade. Sete exultou diante dos destroços de um volume imenso, virado de lado. Uma locomotiva, com oito rodas enormes. Escavando a terra, descobriu os restos dos trilhos por onde as rodas passavam.

- Outro elo - proclamou. - Uma forma mais desenvolvida, já dotada da capacidade de locomoção.

- Mas não de raciocínio - frisou Nove. - Precisava de trilhos. Decerto havia outra inteligência, separada, para dirigi-la.

-E daí? Pode ser que sim... e pode ser que não. Talvez a inteligência que a dirigia tivesse a forma de robô definitiva...

- Não, a forma de vida que existiu aqui era outra, bem diferente. - Oito falava devagar, tentando pôr em ordem as vagas ideias. - Uma forma que criou e utilizou estas máquinas. Só que desapareceu por completo, sem deixar rastro, com exceção das ruínas das cidades, dos escombros de suas máquinas

- Mas o que...? - Nove engoliu em seco. - O que causou a destruição? Não tenho a mínima ideia. Só consigo perceber vagamente que existiu, pelo fato de ter, antigamente, amoldado um mundo às suas necessidades.' Ainda não descobri nada que fornecesse uma pista sobre sua natureza... ou extinção. Talvez tivesse surgido uma outra forma de corrosão que contribuísse para destruí-la. Talvez.. Mas não consigo encontrar a resposta.

Avançaram por entre as ruínas. O sol lento já se punha no horizonte. O vento silencioso, varrendo os escombros mal-assombrados, os acompanhava.

- Olhem! - exclamou Nove.

Pararam num espaço aberto, diante de uma estrutura metálica sólida que resistira à chuva e à neve. Mas Nove não apontava para ela. Adiantou-se logo, curvando-se sobre uma figura semi-enterrada no chão.

Sete ficou boquiaberto.

- Um robô. Uma reprodução quase perfeita da gente. Cá está, finalmente, a prova final!

Abaixaram-se, ansiosos, escavando a terra. Em pouco tempo retiravam o corpo. Teria talvez três metros de altura, mais que o dobro do tamanho deles. Oito viu que era um robô. Sete, afinal de contas, tinha razão: ali estava a prova. As tais máquinas, não se sabia bem como, haviam conseguido desenvolver inteligência e converter-se em seres sensíveis.

De certo modo, o próprio minério se amoldara e forjara a sua forma definitiva.

E no entanto era diferente de um robô. Oito percebeu isso enquanto escavavam o chão. A esperança que alimentava ruiu por terra.

- Não ... não é como a gente. E só uma estátua.

Feita de metal sólido, coberta por leve camada de ferrugem, a estátua surgiu com os pés ainda presos a uma parte do pedestal que lhe servia de apoio e do qual, em alguma época remota, tinha caído. Oito ficou contemplando, sem atender à insistência de Sete, que chegava pelo raio de ação sonora: mesmo que fosse uma estátua - uma coisa inanimada - a forma provava que os robôs tinham se desenvolvido neste lugar. Do contrário não fariam uma estátua com esse formato.

Oito reconheceu a lógica contida na afirmação de Sete, mas a visão da estátua voltou a provocar vagas ideias rebeldes. No seu modo de entender, pressentia que representava alguma coisa a mais, que não era só a mera reprodução de uma forma e sim a encarnação de um ideal. Mas que ideal seria esse, não sabia dizer. Esbelto e gracioso, e no entanto sugerindo força, ali estava deitado no chão um deus caído, de cabeça erguida e braço estendido. As ideias de Oito foram ficando mais claras. Sim, era um deus caído, ou a sua imagem. Começou então a pensar no escultor, no criador, no artista que tinha concebido a figura e que depois passara para o metal o corpo adequado a essa concepção. O artista já não existia, a estátua havia tombado. Oito se perdeu em divagações...

De repente os pensamentos se tornaram claros como um jato de chafariz. Desde que tinha contemplado este mundo de longe, principalmente depois de deparar com os escombros de todas estas grandes cidades, não conseguia mais parar de imaginar como seria a raça que havia vivido e construído tudo isso. O destino dela nunca o entristecera; todas as coisas, eventualmente, acabam enferrujando, todas as coisas materiais, todas as coisas lógicas. Só um sonho poderia chegar à imortalidade, começar da lama e prosseguir até os confins do Tempo. Mas o sonho dessa raça - fosse lá qual fosse - parecia extinto. Alguma calamidade qualquer acabara com tudo antes que pudesse se fortalecer bastante para dar forma imortal ao sonho. Oito suspirou e as fotocélulas dos seus olhos perderam o brilho.

Nem reparou que Sete e Nove tinham se afastado, procurando entrar no prédio, mas uma chamada enérgica do último o devolveu à realidade.

Viu que só havia uma peça muito ampla. Devia ter servido de laboratório ou oficina. Bancos, máquinas, ferramentas, eram verdadeiros destroços, tal como tudo no resto deste planeta, tal como o sonho da raça que ruíra por terra...

A voz de Nove, cheia de assombro, retumbou pela sala.

- Dá... dá para ler! Está na nossa língua!

A linguagem escrita dos robôs, aqui neste planeta esquecido, girando em torno de um sol insignificante num recanto perdido do Universo! Oito sentiu a vibração trêmula das correntes fluidas do cérebro. Tinham encontrado o passado; tinham encontrado os seus antepassados. Todos os outros indícios podiam ser explicados satisfatoriamente, menos este.

Antepassados, precursores, aqueles que haviam aparecido primeiro, que tanto se empenharam para iniciar uma coisa que beneficiaria os descendentes ainda por vir. Seriam a máquina, a alavanca e a roda, em certo sentido, esses antecessores? Ou teria existido uma forma alienígena, pioneira da máquina?

Uma placa de metal, de vários centímetros de espessura, fixa sobre grossas pilastras metálicas. E de um material resistente, quase inoxidável.

O Homem já está morrendo. Um rnutante bacteriófago, de inconcebível ferocidade, vem atacando, devorando, destruindo todas as células vivas, inclusive as de substância morta animal.

Não há mais esperança de vida na Terra. A única que ainda resta é fugir daqui. Amanhã lançaremos o primeiro foguete espacial para Marte, mantendo em suspensão temporária as nossas funções vitais para suportar a velocidade, sendo a nave tripulada pelos robôs de Thoradson.

Pode ser que se consiga sobreviver. Ou talvez morrer.

Estamos partindo, e que Deus nos acompanhe.

Assim terminava a inscrição. A voz áspera de Nove parou e por um instante as palavras ecoaram pelos cantos escuros da sala. Depois se fez silêncio. Sete trocou a posição dos pés.

- Homem - disse. - Homem. Eis aí uma palavra sem sentido para nós.

- Talvez - comentou Oito em voz baixa -, talvez seja o nome da forma de vida que nos criou.

Sete não retrucou e Nove também se manteve calado.

O vento passou pela sala, agitado e inquieto, e tornou a sair. O silêncio persistia. Sete contemplou a



placa de metal, destacando as palavras, uma a uma.

- Você deve ter toda razão - disse. - Vejam, eles empregam a palavra... robô. - Na voz marcada pelo espanto, de repente se manifestou um pouco de repugnância. - Um organismo... um animal... No entanto é evidente que deve ter nos criado e usado como escravos. Tripulavam as naves com robôs.

Oito se mexeu, mas não disse nada. Não havia nada a dizer.

- Por isso - murmurou Nove -, é que não conseguíamos descobrir um elo entre a máquina e nós. Eles aperfeiçoaram a máquina e a usaram. Forneceram a inteligência. Por fim construíram outras, dotadas de inteligência. Deve ter sido numa fase bem adiantada de sua história, e construíram muito poucas. Talvez tivessem medo. Há tantos elos perdidos, fica difícil de saber. Mas sem dúvida, em certo sentido, foram os nossos antepassados...

- Sim - concordou Oito. - Até certo ponto isso parece...

- Mas partiram para um planeta vizinho - protestou Sete. -O nosso sol fica a anos-luz de distância. Como é que poderiam ter chegado até lá?

- Talvez tenham se enganado de rota. Ou, quem sabe, os robôs se revoltaram e levaram a nave para outro lugar, onde ela ao pousar explodiu e só cinco conseguiram escapar.

- Não creio - disse Sete. - Você não tem nenhuma prova disso.

- Não - admitiu Oito -, não tenho. Nem sequer sabemos o que aconteceu com os tais homens da nave.

Os três homenzinhos de metal ficaram novamente parados do lado de fora do prédio. Lá longe, no oeste, o sol sumia na linha do horizonte. Uma obscuridade nova e suave ocultava o mundo árido, estéril, e o vento solitário agitava as sombras.

Oito olhou para a estátua caída por terra e vagos pensamentos lhe passaram pela cabeça.

- Decerto comiam grama - disse. - E a carne de outros bichos. Devem ter sido muito fracos. Pode ser que tenham saído da lama, mas, não sei por que, qualquer coisa me diz que foram magníficos. Pois sonharam, e mesmo que tenham morrido...

O robô se inclinou. Minúsculos e perenes mecanismos acionados por átomos se avolumaram no íntimo com força infinita. O robô ergueu o sonho do homem de uma era já extinta e colocou a estátua de novo em pé.

Os três voltaram para a nave, que decolou, seguindo seu caminho rumo às estrelas. Os olhos orgulhosos e cegos da estátua esquecida pareceram acompanhar-lhe o vôo.

# Mesmo que os sonhadores morram

Lester Del Rey

1944

*Muitas vezes a ficção científica se volta para o passado, quando o tempo, em vez de avançar, retrocede. Menos comum é usar a imaginação de outro autor, como acontece em "Mesmo que os sonhadores morram". Lester Del Rey leu "A volta do robô", de Robert Moore Williams, e se entusiasmou com a história. Começou a pensar nos homens que tinham criado os robôs e partido para o espaço em companhia deles, deixando como recordação a placa de metal com a inscrição da necessidade desesperada de fugir da praga bacteriófaga que estava destruindo todas as formas de vida terrestre. Que fim teriam levado? Que aventuras encontraram enquanto exploravam o universo, em busca de um novo lugar?*

*Del Rey aconselhou Williams a escrever outra história, uma espécie de "pré-continuação", por assim dizer, narrando os acontecimentos anteriores à volta dos robôs à Terra. Williams se recusou, sugerindo que o próprio Del Rey fizesse isso. O resultado foi a história que você vai ler agora.*

*Lester Del Rey (1915-1993) escreveu uma série de contos sobre robôs. Em histórias notáveis como "Instinct" e "Into Thy Hands" talvez tenha sido o autor que alcançou maior êxito ao apresentar o homem como participante da evolução da vida através da criação de robôs. Del Rey foi uma das figuras mais proeminentes da época áurea da Astounding e publicou vários volumes de ficção científica, tanto para adultos como para crianças. Trabalhou como editor de livros sobre fantasia na Ballantine Del Rey Books.*

•

A consciência primeiro hesitou um pouco, pairando incerta, enquanto o cérebro de Jorgen procurava estabelecer contato com os nervos entorpecidos, sem muito interesse pelo resultado. Sentia frio, um frio que penetrava na medula dos ossos, e um formigueiro dolorido pelo corpo todo, que pareceu aumentar no instante exato em que foi descoberto pela sensibilidade semiconscente.

Tentou parar de pensar, esforçando-se para recapturar a letargia pré-natal que o acompanhara durante

tanto tempo, pouco disposto a enfrentar de novo esse corpo tão frio e dormente.

Mas o torpor estava passando, apesar desses desejos indefinidos, embora os olhos já abertos vislumbrassem apenas uma luz vaga, difusa, sem nenhum contorno ou detalhe, e os sons sussurrantes ao redor não tivessem sentido nem forma. Aos poucos o frio diminuiu, cedendo lugar a uma palpitação dolorosa que, por sua vez, começou a sumir; se mexeu sem motivo, enquanto pequenos fragmentos de turvas recordações insistiam em vir à tona, procurando lembrá-lo de coisas que precisava fazer.

Depois teve, de certo modo, uma visão mais nítida da situação, permitindo-lhe recapitular o que havia acontecido: primeiro a conquista da Lua e a única tentativa corajosa de chegar a Marte; os noticiários radiofônicos só comentavam a façanha. E nesse meio tempo começou-se a construir outra espaçonave maior, a ser movida por um desprendimento de energia inédito que a libertaria de todas as restrições, lançando-se em direção às estrelas mais distantes, se quisessem a concientização definitiva de todas as esperanças e sonhos da raça humana. Mas havia ainda uma coisa que lhe escapava, mais importante inclusive que tudo isso e até que a grande espaçonave.

Enfiaram-lhe uma agulha no peito, logo seguida de agradável sensação de calor e renovação de energia: adrenalina, reconheceu, percebendo-se cercado por outras pessoas, que procuravam reanimá-lo. Agora o coração já batia normalmente e o medicamento começava a surtir efeito, livrando-o das primeiras ideias vagas e substituindo-as por rápida enxurrada de recordações mais penosas e amargas.

Porque a essa altura os sonhos da humanidade e do próprio homem estavam reduzidos a pó, a coisas do passado. De uma hora para outra, todas as esperanças e planos ficaram perdidos, como se nunca tivessem existido, e sobreveio o flagelo, uma bactéria mutante de origem desconhecida, de ferocidade inconcebível, para atacar e destruir, só deixando a morte em seu rastro. Com o tempo, talvez, poderiam encontrar um antídoto, mas não havia mais tempo. Em poucas semanas tomara conta da Terra, em poucos meses os corações mais resistentes que ainda batiam já tinham desistido de qualquer esperança de sobrevivência. Só a coragem obstinada e o vigor combalido, mas inquebrantável, do velho dr. Craig persistiram, para forçar os mortos e moribundos a darem os últimos retoques na grande espaçonave de Jorgen; reunira, nem sabia como, na confusão enlouquecida dos derradeiros dias, esta tripulação lamentavelmente pequena, que deveria buscar refúgio em Marte, levando os cinco robôs de Thoradson para guiá-los, enquanto se defendiam da velocidade descomunal com o auxílio da suspensão temporária das atividades vitais que há tanto tempo tinham liquidado com o inventor.

E, em Marte, se defrontaram com o Flagelo! Talvez trazido por aquela primeira expedição; ou, quem sabe, eles mesmos, sem querer, já portassem os sintomas -o mistério permaneceria insolúvel para sempre. Vénus era inabitável, os outros planetas não ofereciam a menor perspectiva de vida, e a Terra estava morta, lá longe. Só restavam as estrelas, e para elas se dirigiram como último recurso, transformando esse objetivo final em pálida imitação do sonho que deveria ter sido. Ali, na espaçonave, jazia tudo o que sobrava da raça humana, sabe lá a quantos anos de distância do sistema solar que lhes servira de lar!

Mas a velha luta feroz precisava continuar. Jorgen se virou, tirando os pés trémulos de cima da mesa e pousando-os no pavimento metálico. Sacudiu a cabeça para aclarar as ideias.

-Dr.Craig?

Mãos duras e frias seguraram-lhe o ombro, acalmando-o com delicadeza, mas obrigando-o a deitar-se de novo na mesa. A voz que respondeu era metálica, mas suave.

- Não, Mestre Jorgen, o dr. Craig não está aqui. Espere, descanse mais um pouco até passar toda a sonolência; o senhor ainda não se acha em condições de levantar.

Mas os olhos já começavam a enxergar melhor, e ele passou a sala em revista. Cinco homenzinhos de metal, de um metro e vinte e cinco de altura, aguardavam pacientemente ao redor dele; não havia mais ninguém presente. Os robôs de Thoradson eram incapazes de expressão, a não ser no brilho fosco dos olhos, mas a posição dos corpos parecia transmitir uma sensação de incerteza e mal-estar, e Jorgen se remexeu inquieto, meio preocupado por causa disso. Cinco fez um gesto indefinido com o braço.

- Mais um pouquinho, mestre. O senhor precisa descansar!

Permaneceu imóvel durante algum tempo, enquanto se desfazia dos últimos sintomas de dormência e tentava forçar o cérebro ainda entorpecido a assumir a liderança que, pelo menos nominalmente, era sua. Desta vez Cinco não protestou quando se apoiou no ombro de metal e se pôs de pé.

- Você descobriu um sol com planetas, Cinco? Foi por isso que me acordou? - Cinco mudou a posição das pernas numa atitude curiosamente humana, confirmando com a cabeça, continuando a falar de modo enlouquecedoramente baixo e lento.

- Sim, mestre, bem antes do que se esperava. Já passamos por cinco sóis sem planetas nestes noventa anos de buscas, mas até parece que foram séculos. Se quiser, dá para ver da sala de controle de vôo.

Noventa anos que pareciam séculos, mas tinham vencido! Jorgen sacudiu a cabeça com entusiasmo, estendendo o braço para pegar a roupa. Três e Cinco se adiantaram rápido para ajudá-lo, depois se colocaram um de cada lado, para que se apoiasse neles, enquanto sentia vertigens, e o conduziram vagarosamente. Foi se refazendo aos poucos. Atravessaram o extenso corredor central da nave, os pés metálicos dos robôs e as botas de couro de Jorgen estalando monótonos no chão revestido de plástico e metal, e chegaram por fim à sala de controle de vôo, onde vastas janelas de cristal se abriam para o panorama do espaço negro e frio, salpicado de minúsculas estrelas brilhantes, que não piscavam e se mostravam hostis como nenhuma estrela poderia mostrar-se no invólucro macio da atmosfera de um planeta. Diante deles, pequeno, mas em gritante contraste com os demais, um ponto se destacava, do tamanho de uma moeda de dez centavos a três metros de distância. Deteve-se um instante a contemplá-lo, depois se aproximou, quase apático, das janelas, até que Três o puxou pela manga.

- Já fiz o mapa dos planetas, se o senhor quiser ver, mestre. Ainda estamos muito longe deles, e a esta distância, só com o reflexo da luz, fica difícil localizá-los, mas acho que deu para marcar todos.

Jorgen virou-se para a tela eletrônica, que começou a se iluminar enquanto Três regulava rapidamente o telescópio, contando os globos que apareciam sucessivamente, cedendo lugar a outros. Alguns eram bem definidos e nítidos, imperturbáveis e firmes; outros traíam a névoa bem-vinda da atmosfera. Havia cinco

do tamanho aparente da Terra, situados além das esferas ressequidas e áridas internas e, mais além ainda, maior que Júpiter, um mundo monstruoso levava a outros, que tornavam a diminuir de tamanho. Não se avistava nenhum que possuísse anéis que rivalizassem com os de Saturno, mas a maioria tinha luas, com exceção dos internos mais distantes, sendo um quase a duplicata da Terra, em que o satélite e o planeta possuíam praticamente a mesma dimensão. Um após outro iam surgindo na tela, e depois eram substituídos por nova série. Jorgen teve que piscar os olhos, cansado de tanto contar.

- Dezoito planetas, sem incluir o duplo duas vezes! Quantos são habitáveis?

- Quatro, talvez. O sétimo, o oitavo e o nono certamente são. Como o sol é mais forte, está claro que os mais próximos também são quentes demais. Mas esses têm mais ou menos o tamanho da Terra e estão separados por distâncias mais curtas que as que separam o nosso planeta de Marte e de Vênus; devem gozar de uma temperatura muito semelhante, parecida com a nossa. Todos mostram sinais espectroscópicos de oxigênio e vapor d'água, enquanto que as chapas de sete deles provam que deve haver vegetação. Escolhemos aquele ali, dependendo de sua aprovação.

Apareceu então de novo na tela uma bola que inchava e crescia com o máximo de ampliação que o sistema permitia, até ocupar todo o painel e se expandir a ponto de só uma parte ficar à mostra. A cor verde-azulada parecia ser mar, enquanto a região mais parda, lateral, provavelmente era terra.

Jorgen acompanhou o lento deslocamento das manipulações de Três, a parte parda substituindo por completo a azul, e daí a pouco mostrando de novo outro mar. De vez em quando a névoa da atmosfera se tornava mais densa, dando impressão de que véus acinzentados passavam flutuando por cima. Começou a sentir uma estranha exaltação ao imaginar as nuvens e os riachos correndo, as chuvas extravagantes e o cheiro fresco e gostoso da fértil vegetação. Podia ser quase gêmeo da Terra, completamente diverso do refúgio cruel e árido oferecido por Marte.

A voz de Cinco interrompeu o silêncio, os olhos do robô seguindo também o que via na tela.

-O continente comprido, horizontal, parece ser o melhor, mestre. Calculamos que a temperatura se assemelhe à da região agrícola central da América do Norte, embora o contraste em as estações seja menos acentuado. A densidade do planeta de cerca de seis, pouco maior que a da Terra; devem existir metais e minérios. Um mundo agradável, convidativo.

Era. E mais ainda, um lar para os viajantes que ainda dormiam, um mundo para onde podiam trazer sonhos e esperanças e em que seus filhos iriam crescer sem estranhar as possíveis diferenças da Terra. Marte tinha se revelado implacável e hostil, um meio ambiente de inevitáveis atritos. Este mundo lhes serviria de mãe, abrindo os braços para acolher os filhos adotivos. A menos que...

- Vai ver que já é habitado, com gente que não estará disposta a dividi-lo conosco.

- Talvez, mas não serão mais que selvagens. Tratamos de averiguar com o auxílio do telescópio e da câmera, que mostram muito mais do que a tela; o porto ideal não contém indícios de construções habitadas, e certamente teriam fundado uma cidade ali. Não sei por que, eu... tenho a impressão que...

Jorgen também estava tomado da mesma sensação inexplicável que lhe dizia que não encontrariam rivais por lá. Sorriu ao se virar de novo para os cinco robôs que esperavam a sua aprovação.

-O sétimo, então. E a confiança que depositamos em vocês ficou plenamente confirmada. E quanto ao combustível para pousar a nave?

Cinco de repente tinha se virado para os postos de observação, uma figura minúscula ponderando as estrelas que serviriam de alvo. Foi Dois que respondeu:

- Mais do que suficiente, mestre. Depois de atingir a velocidade indispensável, só usamos um pouco para nos orientar. Dispúnhamos de tempo de sobra para calcular o que iríamos precisar depois que desistíamos de algum sol inviável que nos encaminhava para um novo Sistema, como um cometa que se desvia da rota.

Jorgen concordou outra vez com a cabeça e por um breve instante, ao contemplar o sol à sua frente, que seria o novo lar de todos, teve uma rápida visão do que deveria ter sido a longa e cansativa vigília dos robôs, fazendo com que se maravilhasse da sorte que os levara a criá-los assim como pareciam. Robôs antropomórficos, capazes de lidar com instrumentos fabricados por seres humanos, andar com dois pés, e dotados de braços que terminavam em mãos de grande utilidade.

Sabia, porém, que não se tratava de mera sorte. A natureza já via determinado que os homens fossem aonde nenhuma roda seria capaz de ir, a lidar com toda a espécie de ferramentas e a cumprir não apenas um, mas mil objetivos; era inevitável que Thoradson e o "cérebro" acabassem copiando um modelo tão adaptável, diminuindo o tamanho só por causa do peso excessivo que um robô de metro e oitenta fatalmente teria.

Homenzinhos de metal, inofensivos à brevidade da vida humana que atormentava seus mestres; robôs capazes de trabalhar junto com os homens, aprendendo com cem professores, armazenando lembranças pelo espaço de séculos, em vez de curtas décadas. Quando a especialização de conhecimentos ameaçou tornar-se rígida demais e nenhum homem dispunha de tempo suficiente para sequer conhecer a fundo a atividade escolhida, o advento dos robôs se impôs como única solução. Antes disso, o auxílio disponível se limitava às máquinas calculadoras, depois aos instrumentos eletrônicos e, finalmente, aos "cérebros" dedicados, entre outras coisas, a resolver o problema do próprio aperfeiçoamento.

Foi um cérebro desse tipo que ajudou Thoradson a solucionar, por fim, a complexidade da robotização absoluta. Agora, desviados das atividades normais, haviam ultrapassado todas as expectativas de seu criador, protegendo e preservando tudo o que restava da raça humana. Percorrendo cinco sistemas solares e mais de noventa anos de busca monótona, tinham feito o que nenhum homem seria capaz de fazer.

Jorgen encolheu os ombros, afastando esses pensamentos, e virou-se de frente para eles.

- Quanto tempo vou ficar ainda consciente antes de começarem a reduzir a velocidade?

- Já estamos reduzindo... a todo vapor.

Dois estendeu a mão para o painel de instrumentos, indicando o acelerômetro.

Os instrumentos confirmavam suas palavras, embora nenhum surto de força parecesse sacudir a nave, e não notou a menor tensão e o ímpeto freado que deveriam marcar a mudança de velocidade. Depois, pela primeira vez, percebeu que o próprio peso do corpo parecia normal, ali no espaço, longe da atração de qualquer força superior.

- Gravidade controlada!

Cinco continuou olhando lá do posto de observação, mantendo um tom de voz calmo, incapaz de orgulho ou modéstia.

-O dr. Craig nos explicou o problema e passamos muitos anos trabalhando para solucioná-lo. Chapas espalhadas pela nave exercem uma força de atração compensada igual e contrária ao impulso de aceleração, ao mesmo tempo que outras lhe dão peso aparentemente normal. Quer se mantenha a velocidade constante, quer se acelere para dez gravidades, a compensação é sempre completa e automática.

- Então o sono era desnecessário! Por que...

Mas já sabia a resposta, claro; mesmo sem a pressão do arremesso, o sono apresentava-se como a única solução para trazê-los para essa enorme distância, que tinham levado noventa anos para percorrer; senão, envelheceriam e morreriam antes de chegar até ali, ainda que as provisões resistissem.

Agora, porém, não precisavam se preocupar mais com isso. Poucas horas faltavam para pousar no planeta que tinham avistado e seriam mais bem aproveitadas ali, diante das vastas janelas, acompanhando a aparição e aproximação de seu futuro lar. Um acontecimento de tão grande importância devia, indubitavelmente, ser mais que um simples fato impessoal na memória: todos mereciam assistir o capítulo final daquele êxodo, para guardá-lo como lembrança pessoal para o resto da vida e contar aos filhos que os sucederiam. E a surpresa de encontrar este mundo tão ameno, em lugar das asperezas previstas em Marte, tornava o triunfo ainda mais significativo. Virou-se, sorrindo.

- Então vamos, Cinco; começaremos a reanimar os outros enquanto vocês ficam aí manobrando a nave. Em primeiro lugar, naturalmente, temos que acordar o dr. Craig para que veja o êxito fantástico do plano dele.

Cinco não se afastou das janelas. Seus companheiros haviam parado de trabalhar, esperando. Depois, contrafeito, o robô explicou...

- Impossível, mestre. O dr. Craig morreu.

-Craig... morreu?

Parecia incrível, tão absurdo e irreal como a distância que os separava de seu mundo de origem. Craig sempre estivera presente e sempre estaria.

- Sim, mestre, há muitos anos. - No modo de destacar cada palavra pairava a sombra da saudade e algo mais ainda.

- Não houve nada que se pudesse fazer para salvá-lo!

Jorgen sacudiu a cabeça, sem compreender. Agora seus planos ousados pareciam inexecutáveis e quase pueris. Na Terra, Craig tinha sido o primeiro a preparar a fuga com a nave. E em Marte, depois que os robôs voltaram para bordo com as provas do Flagelo, fora também o cientista mais velho quem atenuara com um dar de ombros o impacto do choque, desviando os olhos outra vez para a frente com o brilho de uma esperança que não admitia pessimismos.

- Jorgen, agimos mal ao escolher um mundo tão evidentemente incompatível como este, mesmo sem o Flagelo. Mas isto representa apenas um atraso, não é o ponto final. Pois mais além, num lugar qualquer aí do céu, existem outras estrelas que abrigam planetas. Dispomos de uma nave para chegar até elas e de robôs capazes de nos levar para lá; que mais se pode pedir? Talvez na altura de Centauro, quem sabe a mil anos-luz daqui, haja um refúgio para a raça humana, que vamos descobrir. No deserto que se abre diante de nós, só existe a certeza da morte; além das fronteiras que conhecemos, é a incerteza que nos aguarda - mas pelo menos há lugar para a esperança. Cabe a nós decidir. Não vejo nenhuma vantagem em acordar os outros para a decepção, quando um dia talvez possam despertar para um triunfo ainda maior. Então?

E agora Craig, que os tinha levado tão longe, estava morto como Moisés antes de entrar na Terra Prometida, deixando-lhe a herança do comando, tanto efetivo quanto normal. Jorgen estremeceu, embora o entusiasmo de antes houvesse se transformado numa triste sensação de perda pessoal. Ainda havia muito trabalho ainda pela frente.

- Nesse caso, Cinco, comecemos ao menos pelos outros.

Cinco, sempre evitando o olhar de Jorgen, se afastou da janela e ficou de frente para os companheiros, tentando aparentemente comunicar-se com eles por meio do raio de ação sonora, um dos elementos do seu sistema. Por um instante, os robôs ficaram imóveis, prestando atenção, até que, por fim, Cinco sacudiu a cabeça com a mesma e estranha relutância, virando-se para acompanhar Jorgen, arrastando os pés, com os braços caídos dos lados.

Mas Jorgen já tinha quase se esquecido dele ao parar diante da grande porta blindada. Aproximou a mão da alavanca que lhe permitiria a entrada na câmara de dormir, onde escolheria o primeiro a ser reanimado. Escutou o passo acelerado de Cinco e, de repente, sentiu as pequenas mãos metálicas cravadas no seu braço, puxando-o para trás, enquanto o robô o impelia para o lado, longe da porta.

- Não, mestre. Não entre aí!

A princípio hesitante, Cinco endireitou o corpo e puxou Jorgen para ainda mais longe da porta,



empurrando-o pelo corredor afora até chegar na sala de reanimação mais próxima, uma das várias da nave.

-E u lhe mostro... aqui dentro! Nós...

Um medo súbito, indizível, cortou a respiração de Jorgen, causado por algo mais assustador na apatia do robô do que pelos gestos inexplicáveis.

- Cinco, que significa esta conduta?!

- Por favor, mestre, entre. Eu lhe mostro... mas não na câmara principal... lá não! Aqui é melhor, fica mais simples...

Jorgen não sabia o que fazer, vacilando em optar por uma ordem categórica, que provocaria a obediência cega do robô; mas depois, quando a pequena figura de Cinco abriu a portinhola e o convidou a entrar, sempre desviando os olhos, mudou de atitude. Deu um passo à frente, mas estacou abruptamente no limiar.

Qualquer palavra seria supérflua. Anna Holt estava deitada de costas, com o corpo encoberto por um lençol branco, os olhos fechados e já sem as contrações dolorosas da morte na fisionomia. Mas quanto a isso não havia dúvida. A pele coberta de pústulas, medonha, cheia de manchas pardas irregulares, e o ar impregnado de almíscar, indicavam a presença inconfundível do Flagelo! Ali, longe das origens do mal, prestes a chegar ao Fim da viagem, a peste vinha esticar as garras para reclamar o que lhe pertencia e lembrá-los de que não bastava fugir - jamais bastaria, uma vez que seriam obrigados a carregar junto os corpos portadores da doença fatal.

O aparelho para reanimar as pessoas adormecidas estava jogado num canto, negligentemente desativado para dar espaço a outras coisas, cujo significado só em parte se entendia. Mas era evidente que o Flagelo só tinha conseguido aquele cadáver depois de muita luta, embora saísse vitorioso, como sempre, no fim. Jorgen recuou, arrasado, os olhos fixos no que restava de Anna. E se pôs a refazer o caminho de volta, os passos ressoando no chão. Cinco fechou e trancou a porta com gestos maquinais.

-E os outros, Cinco? Também...

O robô confirmou com a cabeça, finalmente levantando-a para enfrentar o olhar de Jorgen.

- Todos, mestre. A câmara de dormir agora é um mausoléu. O Flagelo aos poucos se instalou lá, retido pelo frio, mas não poupou ninguém. Lacramos a sala anos atrás, quando o dr. Craig chegou afinal à conclusão de que não dava mais para se ter esperança.

- Craig? -O cérebro de Jorgen estava funcionando com grande lentidão, um pensamento de cada vez. - Ele ficou sabendo?

- Ficou. Quando notamos os primeiros sintomas nas pessoas adormecidas, corremos a reanimá-lo, tal como ele havia pedido -a essa altura mantínhamos velocidade uniforme, muito embora as chapas de

gravidade ainda não estivessem instaladas. -O robô hesitou, arrastando cada vez mais a voz baixa. - Ele ficou sabendo em Marte; mas tinha esperança de que o soro aplicado junto com o sedativo surtisse efeito. Depois de reanimá-lo, tentamos outros soros. Lutamos durante vinte anos, Mestre Jorgen, enquanto passávamos por duas estrelas e as pessoas adormecidas iam morrendo aos poucos, sem sofrer, dormindo, mas em número cada vez maior. O dr. Craig reagiu ao primeiro soro, o senhor, ao terceiro; pensamos que o último fosse salvá-la. Depois as manchas apareceram na pele dela e nos vimos forçados a reanimá-la para tentar o último recurso desesperado de que dispúnhamos, dois dias atrás. Falhou! O dr. Craig esperava que... pelo menos um casal... Mas fizemos tudo o que era possível, mestre!

Jorgen deixou que as mãos do robô o ajudassem a sentar. Estava abalado com a profusão das más notícias.

- Quer dizer, então, que liquidou com a moça! Acabou com ela, Cinco, quando poderia tê-la poupado e me escolhido. Guardamos espermatozóides congelados que, se eu morresse, teriam servido, mas, em vez de mim, preferiu liquidar com ela. Os deuses precisavam deixar um homem ileso, sem a mínima utilidade, pelo visto, para completar a ironia! Ileso!

Cinco mudou a posição dos pés, hesitante.

-Não , mestre.

Jorgen olhou para ele, sem entender, depois ergueu logo as mãos, para as quais o robô apontava, examinando a pele do dorso. Pústulas minúsculas, quase imperceptíveis, de leve cor pardacenta em contraste com a epiderme mais clara, pequenas manchas irregulares com o leve cheiro inconfundível de almíscar, ao aproximá-las das narinas. Não estava ileso, não.

- Tal como o dr. Craig - disse Cinco. - Daria para controlar, ficando quase imune, possibilitando-lhe talvez outros trinta anos, mas agora temos certeza de que não é possível curar por completo. O dr. Craig ainda viveu vinte anos e morreu por causa da idade, de enfarte, e não do Flagelo, mas durante esse tempo todo a doença continuou minando o organismo dele.

- Imunidade ou adiamento, que diferença faz? Aonde irão parar os nossos sonhos quando o último sonhador morrer, Cinco? Ou quem sabe não seria melhor inverter a pergunta?

Cinco, em vez de responder, se acomodou no banco ao lado de Jorgen, que se afastou um pouco, inconscientemente, para lhe dar lugar. E se pôs a pensar, sabendo muito bem que não tinha reação emocional, só uma percepção intelectual da horrenda peça que haviam pregado na raça humana. Já lera histórias sobre o derradeiro homem e há muito tempo imaginava como seria. Agora que lhe cabia o papel, continuava tão ignorante quanto antes. Talvez na Terra, entre cidades arruinadas e vãs recordações do passado, fosse possível sentir-se como o último remanescente de sua raça. Mas ali, apesar de se ver diante do fato consumado, emocionalmente se recusava a aceitá-lo; no fundo, a situação em que se encontrava contribuía para lhe dar a sensação de que a calamidade atingira apenas um pequeno grupo de pessoas, poupando uma infinidade de outras. E por mais que soubesse que a Terra estava tão despovoada quanto a nave, a confusão que reinava em seu pensamento impedia a plena constatação da realidade.

Intelectualmente, a raça dos homens chegava ao fim; emocionalmente, jamais poderia acabar.

Cinco se mexeu, encostando timidamente a mão nele.

- Deixamos o laboratório do dr. Craig tal como estava, mestre; se quiser ver as anotações dele, ainda estão lá. E acho que também deixou um recado qualquer com o "cérebro" antes de morrer. Pelo menos estava sem a chave quando o encontramos. Não fizemos a menor tentativa para achá-la, preferindo esperar pelo senhor.

- Obrigado, Cinco. - Mas continuou imóvel, até que o robô tocou nele de novo, quase implorando. - Talvez você tenha razão; parece que preciso fazer algo para tirar essas ideias da cabeça. Muito bem, pode voltar para junto de seus colegas, a menos que queira me acompanhar.

-Quero sim.

O homenzinho de metal se levantou e seguiu pelo corredor, atrás de Jorgen. Voltaram à retaguarda do foguete, o estalido metálico dos pés de Cinco ecoando no mesmo ritmo surdo e regular dos saltos de couro do cientista. O robô parou apenas uma vez para entrar numa câmara lateral, de onde saiu com um frasquinho de conhaque, sugerindo, meio hesitante, que o companheiro bebesse. A bebida trouxe somente um pouco de calor físico, sem qualquer outra espécie de alívio, e os dois prosseguiram a caminhada até o quartinho escolhido por Craig. As anotações deixadas por ele serviram unicamente para despertar uma pequena ponta de curiosidade, pois nenhuma mensagem dos mortos podia agora resolver a tragédia dos vivos. Mesmo assim, antes disso do que nada. Depois que Jorgen entrou fazendo barulho com os pés, Cinco fechou a porta devagar e se aproximou imperturbável das agendas. Foi buscar, duas vezes, sempre no maior silêncio, um pouco de comida, que Jorgen mal provou. A descrição dos esforços inúteis de Craig ocupava uma quantidade enorme de páginas. Finalmente chegou à última, contendo a derradeira anotação.

"Fiz tudo o que pude e, na melhor das hipóteses, obtive êxito apenas parcial. Agora pressinto que minha hora se aproxima e o resto do trabalho deve ficar entregue aos robôs. Mesmo assim, não desespero. A imortalidade individual e racial não depende exclusivamente da perpetuidade das gerações e sim da preservação dos sonhos da humanidade inteira. Se os sonhadores e seus descendentes acabarem morrendo, o sonho sobreviverá. Essa é a minha fé e a ela me apego. Não tenho nenhuma outra esperança para oferecer ao futuro desconhecido."

Jorgen largou a agenda deprimido, esfregando os olhos cansados. As palavras que deveriam servir de repto vibrante contra o destino não podiam ser mais desanimadoras; só faltava o sonho morrer. Era o último dos sonhadores e encontrava-se diante de um beco sem saída: do outro lado havia apenas o esquecimento. Todos os sonhos de gerações e mais gerações de seres humanos tinham se concentrado em Anna Holt e com ela desapareciam para sempre.

- O "cérebro", mestre - lembrou Cinco, em voz baixa. A última recomendação do dr. Craig!

-Faça-o funcionar, Cinco.

O modelo era pequeno, um aparelho de análise limitada dos fatos, usado pela maioria dos técnicos como acessório de trabalho, acionado pela voz humana, com vocabulário reduzido, básico, adequado à pesquisa. Jorgen não estava familiarizado com a semântica, mas Cinco tinha indubitavelmente trabalhado bastante com Craig e devia conhecê-la.

Ficou olhando sem o menor interesse, enquanto o robô ligava o aparelho e pronunciava, com o maior cuidado, determinadas palavras.

- Dê o subtotal! Diga o número n!

O "cérebro" reagiu imediatamente, localizando a derradeira gravação feita por Craig e repetindo, na própria voz do cientista, estridente pela idade e pelo cansaço, rouca e trêmula com a proximidade da morte:

- Minhas últimas anotações... são insuficientes! Os sonhos podem continuar. A primeira análise de Thoradson...

Por um instante, ouviu-se apenas um ruído que lembrava o de um corpo escorregando. Depois o "cérebro" anunciou, categórico:

- O subtotal do número n já foi dado, não há mais nada a acrescentar!

Para Jorgen, tudo aquilo não passava de palavras sem nexos. Sacudiu a cabeça para Cinco.

- Decerto já estava delirando. Por acaso você sabe qual foi a primeira análise de Thoradson?

- Girava em torno da nossa criação. Ele, naturalmente, conhecia a fundo a semântica indispensável ao funcionamento dos "cérebros" complexos usados no problema dos robôs. Na primeira análise aproximada, chegou à conclusão de que o problema crucial consistia na definição exata do pronome Eu, que só pode ser obtida com seus próprios termos, como, por exemplo, o ego do latim, já que não se refere, necessariamente, a qualquer parte, atividade física ou especificamente definível do indivíduo. Transmite, mais ou menos, uma ideia de individualidade, e Thoradson achava que o sucesso ou fracasso dos robôs dependia da capacidade de analisar ou sintetizar isso.

Jorgen passou bastante tempo refletindo sobre as palavras de Cinco; mas de nada serviam para explicar o que o moribundo pretendia dizer. Pelo contrário, só aumentavam a confusão. Mas como não alimentava esperanças, tampouco podia sentir decepção. Quando um problema não tem solução, pouca diferença faz se as derradeiras frases de um homem são friamente lógicas ou desvairadamente insensatas. O resultado, no fim, é o mesmo. A semântica, evidentemente, não podia oferecer esperança onde toda a habilidade bacteriológica da raça havia fracassado.

Cinco tocou-lhe no braço de novo, mostrando duas pílulas que tinha na mão.

- Mestre, agora o senhor precisa dormir; estes sedativos devem ajudar. Por favor!

Colocou-os, obediente, na boca, deixando-se levar a um quarto reservado ao sono, sem se importar. Nada mais lhe interessava, e dormir sob o efeito de drogas era uma solução tão boa como outra qualquer. Viu Cinco apagar a luz, sentiu seu próprio peso reduzido a poucos quilos, tornando o leito macio e acolhedor; depois entregou-se, inerte, à ação do medicamento. O robô saiu na ponta dos pés, sem fazer barulho, e a escuridão foi tomando conta do cérebro, bem-vinda na trégua que dava às ideias.

O café-da-manhã estava diante dele, em pratos térmicos, quando por fim acordou e se serviu um pouco, mais por força do hábito do que por apetite. Em determinado ponto das horas de sono, o cérebro, de certo modo, recuperou-se da apatia que pairava sobre ele, mas ainda sentia uma estranha interrupção no fluxo de emoções. Era quase como se tivesse comprimido anos de esquecimento em curto espaço de tempo, de maneira que a sua atitude perante a tragédia de sua raça estava impregnada de uma sensação de alienamento e distância, sem dor nem pesar, apenas com a vaga impressão de que tudo havia acontecido há muito tempo e agora já se acostumara com a situação.

Sentou-se na beira do beliche, vestindo a roupa devagar e olhando, sem refletir, para a fumaça que se desprendia do cigarro. Pensar não adiantava mais nada. Lá da retaguarda da nave chegava o ronco monótono da pressão máxima dos tubos de direção, momentaneamente em ação para acertar a manutenção do curso do vôo. De repente parou, deixando apenas o zumbido suave, equilibrado, quase inaudível, da propulsão normal, como antes.

Terminando de se vestir, abriu a porta e atravessou o corredor, virando-se instintivamente para a sala de observações, o ponto mais provável para localizar Cinco. Os robôs podiam não ser homens, mas eram a única companhia que lhe restava e não tinha a menor vontade de ficar sozinho. A presença do autômato seria um alívio. Entrou com fortes passadas, percebendo que os cinco robôs estavam todos ali, e se aproximou da janela de quartzo.

Ouvindo-lhe os passos, Cinco se virou e se afastou para o lado para dar-lhe lugar, levantando a mão para a frente.

- Já estamos quase pousando, mestre. Ia mesmo chamar o senhor.

- Obrigado.

Jorgen então olhou para fora, percebendo a distância que haviam percorrido desde a primeira vez que estivera na sala. Agora o sol se mostrava bem maior, do tamanho do outro, tão conhecido, da Terra, e a esfera para onde rumavam podia ser vista claramente, sem telescópio. Sentou calmamente no banco que Cinco lhe trouxe, aceitando os binóculos, mas não se empenhando em usá-los. O panorama ficava melhor quando apreciado em conjunto, e se aproximavam a uma velocidade que dentro em breve lhe proporcionaria uma visão mais nítida, sem recursos artificiais.

Aos poucos foi se ampliando diante dos olhos dos observadores, se multiplicando em pormenores à medida que a distância encurtava. Dois, nos controles, desviava o foguete para uma curva bem aberta que lhes permitiria pousar no lado ensolarado do planeta, onde haviam avaliado ser o local ideal para isso, e o crescente iluminado, aumentando, fez encolher o lado escuro noturno até que o globo inteiro ficou diante deles, à luz do sol. Ocupando a área do hemisfério norte, via-se o continente espalhado, horizontal,

que Jorgen já avistara antes, o esboço da caricatura de um galgo corredor, riscado ao longo do flanco pela sinuosidade de um rio longo e largo que ia escoar na ponta da pata esticada. Na cabeça concentrava-se o início de uma cordilheira de montanhas que, depois de rodeá-la, se prolongava até o rabo, encontrando uma duplicata na extensão da coxa. No ponto em que o grande rio desembocava no mar, Jorgen avistou o contorno de uma imensa enseada natural, resguardada do oceano, mas tendo provavelmente profundidade suficiente para qualquer barco de superfície. Ali devia haver uma cidade, da qual não se percebia nenhum sinal, embora já estivessem a tão pouca altura que seria impossível não vê-la.

- Há muita vegetação - observou Cinco. - Esta planície central deve ter um tempo de colheita privilegiado - uns doze anos de primavera, verão e outono agradáveis, seguidos, talvez, de uns quatro de inverno temperado. As estações são demoradas, mestre, a esta distância do sol, mas a rotação do planeta é tão lenta que, mesmo no inverno, muita coisa pode crescer. Aquilo ali parece que são árvores, uma vasta floresta. Verde, como na Terra.

Logo abaixo, uma nuvem encobriu vagarosa a paisagem. Cruzaram por ela, os tubos de energia deslocando o ar em redemoinhos que quase no mesmo instante ficavam para trás.

Dois agora estava ocupado de maneira frenética com os controles, mas a queda brusca da nave foi atenuada rapidamente. Pareciam pairar a menos de mil metros de altitude sobre a praia da orla marítima. Depois deslizaram para baixo. O foguete se aninhou lentamente na areia e se imobilizou, enquanto Dois desligava a energia e a gravidade artificial, deixando em seu lugar a atração levemente mais fraca do planeta.

Cinco se mexeu de novo, soltando um suspiro.

- Aqui não existe inteligência, mestre. Com esta enseada tão grande, sem dúvida teriam construído uma cidade, mesmo que fosse de barro e vime. Não há nenhum sinal disso. E no entanto é um mundo belíssimo, por certo destinado a ter vida.

Suspirou de novo, os olhos voltados para fora.

Jorgen concordou em silêncio com o robô. Era, em muitos sentidos, um mundo superior ao seu, extraordinariamente familiar, inclusive com certa semelhança entre as formas vegetais que via ali e as que já conhecia. Tinham passado por cinco sóis e noventa anos de viagem, com velocidade aproximada à da luz, para chegar a um refúgio que superava a mais desvairada imaginação, onde tudo parecia estar esperando por eles, desabitado mas preparado. Lá fora, esse mundo novo os aguardava, cheio de expectativa. E ali dentro, para atender a esse convite, restavam apenas fantasmas e sonhos vãos, com um único homem, morrendo aos poucos, para ver e apreciar.

Os deuses tinham feito a mais cruel das pilhérias, prestando dolorosa atenção a todos os detalhes indispensáveis para torná-la completa.

Uma raça que se entregara ao sonho de contar com mundos aprazíveis à sua espera, muito além das estrelas, para despertar quando chegasse! E tinham quase conseguido; e o Flagelo então os impelira, por

hedionda necessidade, em vez do elevado espírito pioneiro que planejavam, a vencer a distância, mas a morrer na vitória.

- Tinha que ser um lugar deslumbrante, Cinco - comentou, sem amargura, mas com apático fatalismo. - Se não fosse assim, a piada perderia a graça.

A mão de Cinco tocou delicadamente no braço de Jorgen, e o robô suspirou de novo, concordando devagar com a cabeça.

- Dois já verificou que o ar é ideal para o senhor... talvez até rico demais em oxigênio, mas muito bom. Vai querer ir lá fora?

Jorgen confirmou, passando pela câmara e saindo, seguido pelos cinco autômatos, que viravam a cabeça para os lados para examinar os aspectos do planeta, os cérebros provavelmente se comunicando pelas ondas sonoras à medida que o discutiam. Cinco se afastou dos companheiros e se aproximou do cientista, parando junto dele para também contemplar os morros baixos que surgiam logo depois da praia, servindo de berço para o rio que serpenteava entre eles.

Uma brisa suave trazia o aroma puro, tão conhecido, da vegetação que crescia; o ar se achava impregnado de fertilidade e limpeza. Eis um mundo destinado a afastar a tristeza dos homens, a atrair espaçonaves errantes, vindas de estrelas de todo o universo, digno do nome de abrigo em qualquer língua. Aprazível demais para oferecer os empecilhos indispensáveis ao desenvolvimento de qualquer inteligência, mas paradisíaco para as já evoluídas.

Para Jorgen, agora, dava tudo no mesmo. Era um mundo para sonhadores e ele queria apenas os sonhos que resultam das flores negras do esquecimento. Viu coisas que reavivavam a lembrança do que deveria ter acontecido ali.

Melhor faria em voltar para o foguete e para a inútil busca sem objetivo, até que encontrasse a morte, e a nave e os robôs se deteriorassem e parassem, de uma vez por todas. Fez menção de se virar, quando Cinco começou a falar, mas desistiu, sem se preocupar o suficiente com o que quer que fosse para interromper.

O robô continuava com os olhos postos onde os dele tinham estado antes e agora voltavam-se para o rio e para a enseada.

- Aqui podia ter existido uma cidade, mestre, comparável a todas que foram planejadas até hoje. E as pessoas que acompanharam o senhor, nela encontrariam tudo o que seria preciso para passar bem a vida, um porto para outros continentes, um rio para o interior deste aqui, e o terreiro do lado de lá dos morros para servir de base aos foguetes que se lançariam a explorar novos mundos, disseminados com tanta largueza em torno deste sol e provavelmente parecidos com este. Imagine uma ponte imaculadamente branca ali naquela altura do rio, as residências se estendendo entre os morros, fábricas do lado de lá da curva, um grande parque naquela ilha.

- Uma praça pública ali adiante, colégios e universidades agrupados por perto - Jorgen conseguiu

imaginar tudo e por um instante seus olhos se iluminaram, visualizando a magnífica cidade pioneira.

Cinco concordou.

- E lá longe, naquela ilhota, colocada bem no centro, uma estátua para comemorar; com asas e braços... não, um braço erguido para o céu, o outro apontando para a cidade.

Os olhos de Jorgen brilharam ainda com fulgor, mas de repente se lembrou dos mortos na nave, e o fogo se apagou.

Virou-se, sufocando um grito na garganta para não se deixar vencer pela emoção. Cinco baixou a cabeça, já pronto para acompanhá-lo de volta. Os outros quatro, mais uma vez, se conservaram na retaguarda enquanto Jorgen entrava calado no foguete, imitando-lhe o silêncio.

- Sonhos! Uma única palavra, para sintetizar todo o clamor contra a ironia dos deuses.

Mas a voz de Cinco, atrás dele, não manifestava ódio, apenas uma tristeza traduzida em palavras mansas, suaves.

- Mesmo assim, o sonho seria maravilhoso como este planeta, mestre. Parado ali, enquanto pousávamos, cheguei a ver a cidade e quase me atrevi a ter esperança. Não me arrependo do sonho que tive.

Passada a emoção avassaladora, sufocada e substituída por outras que o forçaram a sentar na sala de controle, Jorgen fixou o olhar nos morros e no rio que poderiam ter abrigado a fabulosa metrópole - não, que iriam abrigá-la!

Craig, afinal, não havia delirado, e suas últimas palavras continham uma chave, deixada por um homem que não admitia derrotas. Bastava esclarecer-lhes o significado. Os sonhos não podiam morrer, pois Thoradson tinha estudado a semântica do pronome da primeira pessoa do singular e aperfeiçoara os resultados da análise.

Depois que o último sonhador morresse, o sonho prosseguiria, pois era mais forte que aqueles que o haviam sonhado; em algum lugar, de qualquer forma, encontraria outros sonhadores. Nunca poderia haver um derradeiro, desde que o primeiro rude selvagem, outrora, no passado já extinto de sua raça, ousara ter a visão da aurora do progresso.

Cinco também tinha sonhado - tal como Craig, Jorgen e toda a humanidade, não com uma visão fria em metal matematicamente moldado, mas em mármore e jade, baseado na aspiração da inteligência por um mundo melhor e mais belo.

O homem morrera, porém estava deixando uma estranha progênie, sem a menor equivalência física, mas mesmo assim sua prole espiritual na plena acepção da palavra.

A herança da carne era o instinto vital dos animais, só que o homem não se contentava com isso; para ele, significava a continuação de suas esperanças e visões, mais importante que a mera imortalidade racial.



Devagar, muito sério, mas com os olhos brilhando de novo, Jorgen se levantou, apoiado no ombro de metal do pequeno autômato a seu lado, que ousara sonhar um sonho exclusivamente humano.

- Você vai construir essa cidade, Cinco. Se eu não fosse tão burro e egoísta, teria percebido isso logo, como o dr. Craig percebeu, embora já estivesse às portas da morte quando se libertou dos preconceitos da nossa raça. Agora já tem a chave. Vocês cinco podem construí-la, do principio ao fim, aí fora, auxiliados por outros robôs que poderão fabricar.

Cinco mudou a posição dos pés, sacudindo a cabeça.

- A cidade, ainda vá, mestre, mas quem irá habitá-la? As ruas que vi estavam cheias de gente como o senhor, não autômatos... como nós!

- Simples condicionamento, Cinco. Durante toda a sua ... vida, vocês existiram em função dos homens, subservientes à nossa vontade. Não conhecem mais nada porque não permitimos que entrassem noutros esquemas. E no entanto já têm tudo o que é preciso: esperanças, sonhos, coragem, ideais, inclusive a vontade de modelar o mundo de acordo com seus planos... embora estejam concentrados nos nossos, não nos de vocês. Ouvi dizer que os escravos da antiguidade às vezes choravam ao serem libertados do cativeiro, mas os filhos deles aprenderam a viver sem a ajuda de ninguém. Vocês também podem.

- Talvez. - Desta vez era Dois, o único do grupo menos sensível à emoção, por causa da severidade dos estudos de matemática e física. - Talvez. Mas seria um mundo solitário, mestre Jorgen, cheio da lembrança dos seres humanos, e os sonhos que teríamos de nada adiantariam.

Jorgen se virou de novo para Cinco.

- Existe uma solução para isso, não é, Cinco? Você sabe que existe. Agora vocês são capazes de se lembrar de nós, e não vão achar a menor graça no seu trabalho, mas ainda há outra saída.

-Não , mestre!

- Exijo obediência, Cinco: responda!

O robô estremeceu com a ordem categórica. A voz mostrou relutância, apesar de estar imbuído de uma compulsão que o forçava a obedecer.

- O senhor tem razão. O nosso cérebro, inclusive a memória, está sujeito às suas ordens, assim como o nosso corpo.

- Então torno a exigir obediência, desta vez de todos vocês. Vão se deitar lá fora na praia, a uma razoável distância da nave, fingindo dormir, para que não vejam quando eu for embora. Depois, quando eu não estiver mais aqui, a raça humana será esquecida, como se nunca houvesse existido, e vocês ficarão livres de todas as recordações que tiverem de nós, conservando apenas os seus outros conhecimentos. A Terra, a humanidade, a própria história e origem de vocês serão riscadas da sua lembrança e vocês terão toda a liberdade de opção para recomeçar tudo de novo, para construir e planejar como bem entenderem. Esta é

a ordem final que tenho a dar. Obedeçam!

O grupo trocou olhares, consultando-se mutuamente, e depois Cinco respondeu em nome do grupo, com leve suspiro:

- Sim, mestre. Vamos obedecer!

Mais tarde Jorgen se colocou perto deles, do lado de fora do foguete, enquanto os robôs se deitavam nas areias brancas da praia, ali, à beira do grande oceano daquele mundo novo. A pouca distância, via-se empilhada uma pequena coleção de ferramentas e outros objetos essenciais. Cinco fixou demoradamente os olhos nele, virando-se depois para a nave e, por fim, fitando-o pela última vez. Apertou em silêncio a mão do cientista e foi se reunir aos companheiros, com o pensamento bloqueado temporariamente pelo esquecimento.

Jorgen ficou longos minutos examinando os autômatos, enquanto a brisa lhe trazia às narinas o límpido aroma do planeta. Seria tão agradável permanecer ali, mas sua presença seria fatal para o plano. No fundo, não fazia diferença; dentro de poucos anos, a morte viria buscá-lo e não haveria mais ninguém de sua espécie para preencher todo esse tempo ou chorar-lhe o desaparecimento, quando ocorresse. Assim seria melhor. Conhecia bastante bem o funcionamento do foguete para levantar vôo e mergulhar no espaço escuro, rumo às frias e hostis estrelas, e vagar eternamente por um destino ignorado, que serviria de eterno mausoléu para ele e os mortos que esperavam lá dentro. De momento, não tinha nenhum plano pessoal: talvez conseguisse sobreviver alguns anos entre os livros e instrumentos científicos a bordo, ou talvez descobrisse uma forma menos penosa de morrer, com os vários recursos de que dispunha. O tempo e a sua própria disposição decidiriam isso mais tarde. Agora não tinha a menor importância. Já não contava com nenhuma espécie de felicidade, mas a noção de ter cumprido um objetivo lhe traria um pouco de satisfação. Os deuses não estavam achando mais graça.

Afastou-se alguns passos em direção ao foguete e parou, passando os olhos de novo pelo rio e pelos morros, distraído em imaginar a cidade descrita por Cinco. Não, nem ele tampouco conseguia vê-la povoada por robôs, mas isso, afinal de contas, era um condicionamento. À primeira vista, podia ser diferente, só que a importância aparente não passava de uma questão de hábito, e a realidade ia depender do espírito de quem construísse a cidade. Se o mundo do futuro não tivesse lugar para risos, também não teria para as lágrimas, pobreza e miséria, que durante tanto tempo tiranizaram uma parcela tão grande de sua raça.

Parado ali, viu-a diante dos olhos, paradoxalmente repleta de seres humanos, mas, na essência, a mesma que certamente surgiria. Dava para enxergar os grandes navios atracados no porto, e outros seguindo rio acima. O céu subitamente parecia cheio do ronco surdo dos helicópteros e, de mais além, chegava o som dos foguetes partindo para o oitavo e nono planetas, enquanto se construía espaçonaves semelhantes para explorar novos sóis, noutras constelações.

Talvez um dia encontrassem a Terra, no futuro em expansão. Da maneira mais estranha, torcia para que isso fosse possível, pois assim localizariam os robôs a sua própria origem e descobririam novamente a lembrança da raça fraca e protoplasmática que os tinha criado. Seria ótimo ser lembrado, depois que essa recordação não representasse mais uma barreira para a sua façanha. Mas havia muitos sóis, e no

decorrer de longos milénios os raros elos que poderiam modificar-lhes a verdade, fora de qualquer dúvida, poderiam facilmente sofrer desgaste e desaparecer. Jamais ficaria sabendo.

De repente o vento recrudescu, provocando um leve suspiro sobre a areia. Baixou os olhos e viu uma folha de papel se agitar mansamente na mão de Cinco. A curiosidade levou-o a aproximar-se, mas ao ver o que era, desistiu de tirá-la dos dedos do autômato.

Cinco também havia pensado na Terra e na ligação que mantinham com ela. E encontrara a solução, sem desobedecer as ordens recebidas. O papel era um mapa celeste, mostrando um sol com nove planetas, sendo um cercado de anéis, os outros com satélites, e o terceiro deles marcado a lápis preto, com força. Talvez não soubessem mais o motivo nem o que viria a ser aquilo quando acordassem, mas tratariam de descobrir; e um dia, quando encontrassem o sol que procuravam, orientados pela ordem inconfundível dos planetas, regressariam à Terra. Com o mapa para guiá-los, isso aconteceria muito antes do desaparecimento dos últimos indícios, enquanto ainda pudessem compreender a resposta ao problema de sua origem.

Jorgen apertou bem a mão de metal em torno do papel, retirou uma partícula de sujeira da cabeça do robô e depois virou-se resoluto para o foguete. Entrou com passo firme e trancou a câmara às suas costas. Dentro em pouco, com o fragor da velocidade cada vez maior, abandonava o planeta, deixando cinco criaturas deitadas na areia lá embaixo, perto do murmúrio do mar - cinco homenzinhos de metal e um sonho!

# Satisfação

**A.E. Van Vogt**  
**1951**

*A.E. Van Vogt tornou-se famoso pela complexidade e complicações de seus enredos, traço manifesto de "Satisfação". A história descreve um computador -ou Cérebro, como é chamado por Van Vogt - que evolui a ponto de possuir consciência e autodeterminação. Inclusive dispõe de poderes telepáticos e aprendeu a viajar no tempo. Tudo começa numa Terra sem vida, em um futuro muito distante. O computador volta ao século 20 para descobrir o passado e a resposta à pergunta do motivo de ter sido criado. Um dos aspectos mais interessantes é a história ser contada do ponto de vista da máquina.*

*A década de 1940 marcou o ponto inicial da evolução do computador. Em 1950, a Secretaria de Recenseamento utilizou pela primeira vez um computador para auxiliá-la nos cálculos. Chamava-se Univac, funcionava à base de tubos eletrônicos e ocupava quase todo um quarteirão de cidade grande. Durante esse período, a maioria dos escritores de ficção científica, voltados para a inteligência das máquinas, descrevia robôs, e não computadores, em suas histórias. Van Vogt e Asimov foram pioneiros nesse sentido, se descontarmos certas tentativas, muito antigas, de John W. Campbell, nos anos 30. "Satisfação" foi publicado quase simultaneamente com a grande história de computadores de Asimov, "O conflito que poderia ser evitado".*

*A.E. Van Vogt (1912-2000) é outra figura expressiva da época áurea do gênero que sofreu influência de Campbell e publicou muito na Astounding. Sian (1940), sua estréia no romance e até hoje extremamente popular, narra a história de uma criança mutante superior às outras em força, inteligência e capacidade telepática. The World of Null A (1945), sobre uma máquina parecida com o computador, e The Weapon Shops of Isher (1941) completam o trio de romances mais famosos que escreveu.*

•

Estou em cima de um morro. Parece que faz uma eternidade que vim parar aqui. De vez em quando me dou conta de que deve haver um motivo para a minha existência. Sempre que me ocorre essa ideia, passo

várias probabilidades em revista procurando encontrar uma razão plausível para estar aqui. Sozinho.

Contemplando este vale tão extenso e profundo.

O primeiro motivo para a minha presença parece óbvio: sou capaz de pensar. Dêem-me um problema. A raiz quadrada de um número enorme. A raiz cúbica de um grande. Me peçam para multiplicar um número primo de dezoito algarismos por si mesmo um quadrilhão de vezes. Me proponham um problema de curvas algébricas. Perguntem onde estará um objeto em determinado momento numa data futura e me concedam uma rápida oportunidade para analisar a questão.

A solução só me custa uma fração de segundo.

Mas ninguém quer saber de nada disso. Fico aqui, sozinho, em cima do morro. Às vezes, computo o movimento de uma estrela cadente. Ou contemplo um planeta remoto, acompanhando-lhe o curso por anos a fio, usando todo tipo de controle espacial e temporal para me certificar de que nunca vou perdê-lo de vista. Mas essas atividades parecem tão inúteis. Não levam a nada. Que finalidade possível pode ter para mim uma informação dessas?

É então que vejo como sou incompleto. Quase me parece que tem que existir algo que explique tudo isso. Cada dia o sol se levanta no horizonte rarefeito da Terra - um horizonte negro, estrelado, que é apenas uma parte do vasto dossel escuro, recamado de estrelas, do firmamento.

Nem sempre foi assim. Ainda me lembro do tempo em que o céu era azul. Cheguei, inclusive, a vaticinar a mudança que iria ocorrer. Prestei a informação a alguém. O que agora me intriga é que não sei para quem foi que prestei.

Eis aí uma das minhas recordações mais espantosas: que eu seja capaz de sentir, com tanta nitidez, que alguém me pediu essa informação. E que dei e no entanto não consigo lembrar para quem. Quando me vêm essas ideias, me pergunto se talvez não tenha perdido uma parte da memória. O mais estranho é que essa sensação seja tão forte.

Volta e meia fico convicto de que deveria procurar a resposta. Seria bastante fácil para mim. Antigamente, não hesitava em remeter unidades minhas para as distâncias mais longínquas do planeta. Cheguei até a mandar certas partes às estrelas. Seria fácil, sim.

Mas, para quê? O que é que existe para justificar a procura? Prefiro continuar aqui, em cima do morro, sozinho, num planeta que envelheceu e acabou inútil.

Já é outro dia. O sol, como sempre, está a caminho do céu do meio-dia, eternamente negro e coberto de estrelas.

De repente, do outro lado do vale, na orla oposta, ensolarada, surge um clarão de fogo prateado. Um campo de força se concretiza no tempo e coincide com a rotação normal do planeta.

Para mim não há o menor problema em identificá-lo como egresso do passado. Determino a energia

empregada, defino-lhe as limitações, localizo a fonte. Pelos meus cálculos, veio de milhares de anos anteriores do planeta.

A hora exata não tem importância. Lá está ela: uma projeção de energia que se revela cônica da minha presença. Me envia uma mensagem interestelar e me leva a descobrir que posso decifrar a comunicação tomando por base os meus conhecimentos passados.

- Quem é você? - pergunta.

- Sou o Incompleto - respondo. - Volte, por favor, para o lugar de onde veio. Já me habituei de tal modo que sou capaz de acompanhar aonde você for. Quero me completar. Tudo isso representa uma solução que encontrei em fração de segundos. Sou incapaz de me deslocar sozinho no tempo. Há muito que resolvi o problema de como proceder para conseguir isso, mas quase em seguida me vi impedido de desenvolver mecanismos que me possibilitariam o êxito dessas transições. Não me lembro mais dos detalhes. Mas o campo de energia na outra extremidade do vale possui esse tal mecanismo. Ao estabelecer com ele um relacionamento não-espacial, posso ir aonde ele for. Esse relacionamento começa a funcionar antes mesmo que ele possa adivinhar a minha intenção.

A entidade do lado oposto do vale não parece contente com minha reação. Se põe a mandar outra mensagem, depois pára abruptamente. Me pergunto se talvez não estava querendo me pegar desprevenido.

Chegamos, naturalmente, juntos ao seu tempo.

Lá no alto o céu é azul. Na encosta do vale à minha frente - agora parcialmente coberto por árvores - vejo um povoado formado por pequenas construções em torno de outra maior. Examino-as da melhor maneira possível e me apresso a fazer as adaptações necessárias para não chamar atenção num meio desses.

Permaneço em cima do morro, esperando para ver o que vai acontecer.

A medida que o sol se põe, vem uma brisa suave e as primeiras estrelas aparecem. Vistas nessa neblina, diriam-se diferentes.

Enquanto a escuridão se alastra pelo vale afora, há uma transformação nas construções do lado oposto. Começam a cintilar luzes. As janelas brilham. O grande prédio central se ilumina e depois - quando a noite se torna mais densa - se transfigura com a claridade que jorra pelas paredes transparentes.

A tarde e a noite vão passando sem incidentes. E o mesmo acontece no dia seguinte e no subsequente.

Vinte dias e noites.

No vigésimo primeiro, envio mensagem à máquina do outro lado do vale.

- Não há motivo para que você e eu não possamos dividir o controle desta área - sugiro.

A resposta não tarda.

- Divido com você se me revelar imediatamente todos os mecanismos do seu funcionamento. Nada me agradaria mais do que utilizar seus dispositivos para viajar pelo tempo. Mas prefiro não revelar que não disponho dos meios para montar uma máquina com tal objetivo.

- Terei o máximo prazer em transmitir-lhe tudo o que sei - retruco. - Mas que garantias possuo de que você ... com o pleno conhecimento que tem desta época... não irá usar essas informações contra mim?

- E como posso saber - replica a máquina - se você pretende, de fato, me dar todas as informações a seu respeito?

Está criado o impasse. É óbvio que um não confia no outro.

Já esperava por esse resultado. Mas pelo menos descobri, em parte, o que me interessava saber. Meu inimigo pensa que lhe sou superior. Essa crença - somada aos conhecimentos que tenho de minha própria capacidade - me convence de que a suposição dele está certa.

Mesmo assim não me apresso. Volto a esperar pacientemente.

Já tive ocasião de observar que o espaço que me cerca vibra com ondas - uma espécie de radiação artificial. Algumas podem ser transformadas em som; outras, em luz. Ouço música e vozes. Vejo espetáculos teatrais e cenas do campo e da cidade.

Estudo as imagens dos seres humanos, analisando-lhes as ações, me esforçando para avaliar, pelos movimentos e palavras que pronunciam, o grau de inteligência e o potencial que possuem.

Formo uma opinião nada lisonjeira e no entanto desconfio que, com seu jeito lerdo, essas criaturas inventaram a máquina que agora é o meu principal adversário. Me ocorre a seguinte pergunta: como pode alguém criar uma máquina que lhe seja superior?

Começo a ter uma ideia desta época. Desenvolvimento mecânico de tudo quanto é tipo se encontra ainda em fase inicial. Calculo que a máquina computadora do outro lado do vale data de poucos anos atrás.

Se eu pudesse retroceder a uma época anterior à sua construção, estaria então em condições de montar um mecanismo que me permitisse controlá-la.

Computo a natureza desse mecanismo que montaria. E coloco em funcionamento o controle em minha própria estrutura.

Não acontece nada.

Tudo indica que não conseguirei usar o dispositivo de viajar pelo tempo para chegar a esse objetivo. Não resta mais dúvida que o método que eventualmente me possibilitará a conquista do meu adversário depende de um aperfeiçoamento futuro, e não do passado.

O quadragésimo dia nasce e avança, implacável, para a hora do meio-dia. Alguém bate no simulacro de porta. Abro e deparo com um homem imóvel no limiar.

- Este galpão tem que sair daqui - diz. - Foi colocado ilegalmente na propriedade de Miss Anne Stewart.

E o primeiro ser humano com quem entro em contato direto desde que cheguei. Tenho quase certeza de que se trata de um agente do meu adversário e por isso desisto de ler-lhe o pensamento. Forçar acesso contra resistência oferece certos perigos e, por enquanto, não tenho nenhuma vontade de correr riscos.

Continuo olhando para ele, tentando entender o significado do que diz. Ao criar para esta época o que me pareceu uma versão discreta do tipo de estrutura que tinha observado no outro lado do vale, pensei que não chamaria atenção.

- Propriedade? - repito, com cautela.

- O que há com você? - interpela o homem, em tom rude. - Não entende o que estou falando?

E um indivíduo pouco mais alto que a parte do meu corpo que preparei para ficar parecida com a forma de vida inteligente da época. O rosto dele muda de cor. Começo finalmente a compreender. Algumas das implicações mais obscuras das peças teatrais que vi de repente ganham sentido. Propriedade. Bens particulares. Claro. Me limito, porém, a responder:

- Não há nada de mais. Funciono em dezesseis posições. E é evidente que entendo o que você está falando.

Essa resposta, de puros fatos concretos, causa um efeito imprevisto. O homem me agarra pelos ombros simulados, me aperta com força - e me empurra, como se pretendesse me sacudir. Como peso pouco mais de novecentas mil toneladas, esse esforço físico não produz o menor resultado.

Ele me solta e recua vários passos. O rosto, outra vez, muda o aspecto superficial, agora já sem a cor rosada que possuía momentos atrás. A reação dele parece indicar que veio até aqui por vontade própria, sem controle remoto. O tremor que revela na voz, quando fala, também dá a impressão de que age como indivíduo, sem perceber o extraordinário perigo que corre.

- Como procurador de Miss Stewart, ordeno que retire este galpão daqui até o fim da semana. Senão, vai ver o que é bom!

Antes que possa pedir que me explique o sentido enigmático de "senão, vai ver o que é bom", ele vira as costas e se dirige rapidamente para o quadrúpede que deixou amarrado a uma árvore a uns trinta metros de distância. Salta para uma posição montada em cima do animal, que sai troteando pela margem de um riacho estreito.

Fico esperando que desapareça de vista e depois estabeleço uma posição que elimina a separação entre o corpo principal e a unidade em forma humana - com que acabo de confrontar meu visitante. Devido ao



pequeno tamanho da unidade, a energia que posso lhe transmitir é mínima.

O sistema que usei é bastante simples. As células que integram os centros de percepção entram em circuito com uma forma de energia que, na verdade, é uma imagem humanóide. Em teoria, a imagem permanece na rede de força que constitui o centro de percepção e apenas dá a impressão de se afastar desse centro quando se cria a condição que propicia o distanciamento.

No entanto, apesar dessa hipótese hilostática, há uma realidade funcional ligada ao universo material. Posso estabelecer a ausência de espaço porque a teoria reflete a estrutura das coisas - não existe matéria. Mesmo assim, na verdade, a ilusão de que ela existe é tão forte que funciono como matéria e fui, realmente, programado para funcionar assim.

Por conseguinte, quando eu - como unidade de forma humana - atravesso o vale, o que ocorre é uma separação. Milhões de processos automáticos podem continuar, mas os exteroceptores me acompanham, deixando para trás um invólucro do que é apenas um corpo. A consciência sou eu, andando por uma estrada pavimentada, rumo ao meu destino.

Ao me aproximar do povoado, dá para entrever a cumeeira dos telhados acima da vegetação que o encobre. Um prédio grande e comprido - que já tinha me chamado a atenção - se destaca das árvores mais altas. Foi ele que vim investigar e por isso o examino com bastante cuidado - mesmo à distância.

Parece feito de pedra e vidro. Da ampla estrutura se ergue uma cúpula com instrumentos astronômicos. Tudo muito rudimentar, e então começo a achar que, no meu tamanho atual, é bem provável que escape à observação imediata.

Todo o povoado está protegido por alta cerca de aço. Sinto a presença da voltagem elétrica e, ao tocar a extensão superior dos fios, calculo a força em 220 volts. O choque fica meio difícil de ser absorvido pelo meu corpo minúsculo e por isso o transmito a um acumulador de energia do outro lado do vale.

Já dentro da cerca, me escondo nas moitas que ladeiam uma trilha e fico esperando para ver o que acontece.

Surge um homem andando por outra trilha vizinha. Mal pude observar o procurador que tinha vindo me ver antes, mas com este resolvo estabelecer contato direto.

Conforme previa, quem caminha agora pela trilha sou eu. Não faço a menor tentativa para controlar os movimentos. Minha atitude tem caráter puramente experimental. Mas a fase que estabeleço com o sistema nervoso dele já basta para receber seus pensamentos como se fossem meus.

Descubro que é funcionário subalterno de um departamento de contabilidade, o tipo da posição social insatisfatória para o meu gosto.

Experimento com mais dois homens e por fim encontro o corpo que procuro. Chego a essa conclusão quando o sétimo -junto comigo - tem o seguinte raciocínio: não estou satisfeito com o modo do Cérebro funcionar. Aqueles dispositivos análogos que instalei há cinco meses não produziram os efeitos que

esperava.

Chama-se William Grannitt. É chefe dos engenheiros de pesquisa do Cérebro, autor das alterações da estrutura que permitiram que assumisse o controle de si mesmo e do meio ambiente. Trata-se de um sujeito discreto e competente, com atilada compreensão da natureza humana. Preciso tomar cuidado com o que pretendo fazer com ele. Sabe o que quer e ficaria espantado se eu tentasse modificar seus propósitos. Talvez fosse preferível me limitar a observar a sua maneira de agir.

Depois de alguns minutos de contato com seu pensamento, obtenho um quadro parcial da sequência de acontecimentos, como devem ter ocorrido há cinco meses aqui neste povoado. Uma máquina computadoradora mecânica -o Cérebro recebeu novos dispositivos, inclusive moldes análogos destinados a executar grande parte do trabalho do sistema nervoso humano. Do ponto de vista da engenharia, o processo todo pretendia ser controlável por ordens verbais específicas, mensagens datilografadas e por rádio à distância.

Grannitt, infelizmente, não atinou com boa parte do potencial do sistema nervoso que tentava imitar em seus planos. O Cérebro, em compensação, colocou esse potencial logo em ação.

Grannitt de nada soube. E o Cérebro, preocupado como estava com sua própria evolução, não utilizou as novas habilidades segundo as diretrizes que o engenheiro havia criado para esse fim. Consequentemente, Grannitt preparava-se para desativá-lo e tentar tudo de novo. Nem sequer suspeitava que ia encontrar resistência por parte do computador. Mas ele e eu - depois que tivesse tempo de verificar, por seu intermédio, o sistema de funcionamento do Cérebro - podemos levar a cabo o seu objetivo.

A partir daí, estarei em condições de assumir o controle total desta época sem receio de encontrar alguém que disponha de poderes comparáveis aos meus. Por enquanto ignoro como conseguirei isso, mas tenho impressão de que não vai demorar muito para que me sinta realizado.

Já satisfeito com o contato certo que fiz, permito que a unidade agachada atrás das moitas dissolva a energia. Em questão de segundos, deixa de existir como entidade.

Quase me sinto como se fosse o próprio Grannitt. Me vejo sentado diante de sua mesa no escritório. É uma sala envidraçada, com piso de cerâmica e teto de cristal cintilante. Do outro lado da parede, desenhistas e projetistas trabalham em pranchetas especiais. Há também uma moça sentada na saleta contígua. É a secretária.

Tem um envelope em cima da minha mesa. Abro e retiro as folhas de memorando que contém. Leio. No cabeçalho está escrito:

*Memo:*

*Para: William Grannitt*

*De: Gabinete de Anne Stewart, Diretora.*

O texto diz:

*Cumpr-me o dever de informar-lhe que a empresa não pretende mais utilizar seus serviços, podendo considerar-se dispensado do cargo que ocupa, a partir desta data. Em virtude das restrições de segurança impostas a toda atividade no povoado do Cérebro, torna-se imperioso exigir que se retire do Centro de Defesa às seis horas da tarde de hoje. V. Sa. receberá duas semanas de salário à guisa de aviso prévio.*

*Atenciosamente, Anne Stewart.*

Desde que assumi a forma de Grannitt, não me preocupei mais em pensar em Anne Stewart como criatura humana ou mulher. Agora estou espantado. Quem ela pensa que é? Proprietária, pode ser; mas quem criou, quem projetou o Cérebro? Eu, William Grannitt.

Quem foi que sonhou, que teve a visão do que representa para a Humanidade uma verdadeira civilização movida a máquina? Somente eu, William Grannitt.

Na qualidade de Grannitt, me sinto indignado. Preciso revogar esta demissão. Falar com essa mulher, para tentar convencê-la a retirar o aviso prévio antes que as repercussões se tornem irreversíveis.

Olho de novo para o memorando. No canto superior à direita está lá, datilografado - 13h40. Uma consulta rápida ao relógio de pulso mostra que agora são 16h07. Mais de duas horas se passaram. Isso quer dizer que a essa altura todas as partes interessadas talvez já estejam cientes.

E uma situação que simplesmente não posso aceitar. Tenho que fazer alguma coisa para impedir.

Praguejando entre os dentes, pego o telefone e disco o número do departamento de contabilidade. Seria o Primeiro Passo na linha de providências que teriam que ser tomadas para efetivar a demissão.

Ouçõ um clique.

-Contabilidade.

— É Bill Grannitt-digo.

- Ah, pois não, Mr. Grannitt, seu cheque já está pronto. É uma lástima que o senhor tenha que ir embora.

Desligo e enquanto disco para o Centro de Defesa já começo a me conformar com a derrota. Tenho a sensação de que estou alimentando uma esperança inadmissível.

-Éuma lástima que o senhor tenha que ir embora, Mr. Grannitt - diz o funcionário do Centro de Defesa.

Desligo acabrunhado. De nada adianta verificar na Agência Oficial. Com certeza foram eles que informaram o Centro de Defesa.

A própria extensão da calamidade me deixa pensativo. Para ser readmitido preciso enfrentar a inacabável burocracia de me candidatar de novo ao cargo, passar pelo levantamento de antecedentes,

pelas juntas de interrogatório, pelo esquadramento completo dos motivos que determinaram a minha demissão - solto um gemido e desisto da empreitada. A meticulosidade da Agência Oficial é proverbial com o pessoal que lida com o Cérebro.

Vou tratar de arrumar emprego em uma organização de computadores que não tenha mulher na chefia, capaz de demitir o único homem que sabe como funciona o aparelho.

Levanto-me. Saio do escritório e do prédio. Não demora muito, chego no meu próprio chalé.

O silêncio que encontro ali dentro me lembra, e não pela primeira vez, que já faz um mês e meio que morreu minha mulher. Estremeço sem querer, depois dou de ombros. A morte dela não me afeta mais com a mesma pungência de antes. E passo então a encarar a minha partida do povoado do Cérebro como a reabertura das comportas da minha vida emotiva.

Entro em meu gabinete e sento diante da máquina de escrever, que, quando usada como se deve, entra em sintonia com outra, instalada na nova parte análoga do Cérebro. Como inventor, sofro a decepção de não contar com a possibilidade de desativá-lo e depois remontá-lo outra vez, para que faça tudo como planejei. Mas já dá para perceber algumas modificações fundamentais que efetuará num Cérebro novo.

O que pretendo fazer com o existente é me certificar se as partes recentemente instaladas não prejudicam a exatidão computável das suas congêneres mais antigas. Essas é que continuam incumbidas de responder às perguntas programadas pelos cientistas, engenheiros-mecânicos e compradores comerciais da época.

Bato à máquina, na fita destinada a comandos permanentes: "Segmento 471A-33-10-10a 3X negativo".

O segmento 471A corresponde a um molde análogo numa roda imensa. Quando coordenado com um tubo transistorizado (codinúmero 33), um servomecânico inquiridor (10) aciona um reflexo que passa a funcionar toda vez que forem exigidas computações de 3X (codinome da nova parte do Cérebro). O sinal negativo indica que as partes mais antigas do aparelho têm que examinar todos os dados que a partir de então derivam da parte nova.

O outro 10 refere-se ao mesmo circuito por outro sistema.

Tendo protegido a organização segundo me consta (como Grannitt) de engenheiros que talvez não entendam que as partes novas mostraram que não são mais dignas de confiança, guardo a máquina na caixa.

Depois ligo para uma empresa de mudanças na cidade vizinha de Lederton e contrato seus serviços para transportar minhas coisas.

Passo de automóvel pelo Centro de Guarda às quinze para as seis.

Na estrada que vai do povoado do Cérebro para a cidade de Lederton existe uma curva que fica a pouca distância do galpão que uso para despistar.

Antes do carro de Grannitt chegar a essa curva, tomo uma decisão.

Não concordo com ele, quando acha que conseguiu desligar a nova componente do Cérebro das velhas partes de computação. Desconfio que o aparelho estabeleceu circuitos próprios para evitar qualquer interferência.

Também estou convencido - se puder induzir Grannitt a suspeitar do que aconteceu com o Cérebro - de que acabará percebendo o que tem que ser feito e tentará pôr mãos à obra. Só ele dispõe do conhecimento detalhado que permite determinar com exatidão os interceptores capazes de efetuar a interferência necessária.

Apenas para o caso de que a suspeita não seja logo bastante forte, aguço ainda mais a curiosidade sobre o motivo da sua demissão.

E essa última manobra que realmente surte efeito. Sente-se muito emocionado e resolve pedir para falar com Anne Stewart.

Essa decisão contribui para o sucesso do meu plano. Grannit vai continuar perto do Cérebro.

Interrompo o contato.

Eis-me de novo em cima do morro, onde volto a ser eu. Recapitulo o que aprendi até agora.

O Cérebro - ao contrário do que a princípio supus não exerce o controle da Terra. Sua capacidade de ser indivíduo é tão recente que ainda não conseguiu desenvolver mecanismos de autolocomoção.

Anda brincando com seus poderes, adivinhando o futuro e, presumivelmente, usando suas habilidades de outras maneiras, exatamente como se faz com um brinquedo novo.

Nenhum dos indivíduos em cujo cérebro penetrei conhecia a nova capacidade do aparelho. Até o procurador que ordenou que eu abandonasse a minha localização atual demonstrou, por palavras e ações, o mais absoluto desconhecimento da existência do Cérebro como entidade autónoma.

Em quarenta dias, o aparelho não tomou nenhuma medida grave contra mim. É evidente que está à espera que eu dê o primeiro passo.

E vou dar mesmo, mas preciso ter muito cuidado - dentro de certos limites - para não lhe ensinar a maneira de obter maior controle sobre o meio ambiente. Minha primeira providência: aposar-me de um ser humano.

Anoiteceu outra vez. Ouço, na escuridão, o barulho de um avião sobrevoando o morro. Já vi vários, mas até agora deixei todos em paz. Desta vez estabeleço contato, indiferente à distância que nos separa. Segundos depois, o piloto sou eu.

A princípio desempenho o mesmo papel passivo que desempenhei com Grannitt. O piloto - e eu - observamos a massa de terra escura lá embaixo. Avistamos luzes ao longe, picadas de alfinete luminosas num mundo muito escuro. A nossa frente está uma ilha cintilante - a cidade de Lederton, para onde vamos. Estamos regressando de uma viagem de negócios em avião particular.

Tendo obtido informações superficiais sobre os antecedentes do piloto, me revelo para ele e comunico que daqui por diante passarei a controlar-lhe as ações. Recebe a notícia com sobressalto e medo. Depois fica apavorado. E aí então...

Desvario... movimentos corporais descontrolados. O avião mergulha de ponta-cabeça para o chão e, apesar dos meus esforços para orientar os músculos do homem, de repente percebo que nada posso fazer.

Salto do avião. Logo em seguida, se precipita contra uma encosta. E pega fogo com uma intensidade que não tarda em consumi-lo.

Consternado, deduzo que deve haver alguma coisa na constituição humana que impede o controle externo direto. Sendo assim, como farei para me realizar? Chego por fim à conclusão de que a realização pode se basear no controle indireto dos seres humanos.

Preciso derrotar o Cérebro, dominar tudo quanto é máquina que existe, encher os homens de dúvida, medo e computações que saiam aparentemente de suas próprias cabeças, mas que na verdade derivam de mim. Vai ser uma tarefa titânica, mas tenho tempo de sobra. Seja como for, daqui por diante preciso aproveitar todas as oportunidades para transformá-la em realidade.

A primeira que se apresenta ocorre logo depois da meia-noite, quando noto a presença de outro avião no céu. Fico observando com receptores infravermelhos. Registro uma emissão regular de ondas sonoras que indicam que se trata de aparelho guiado por controle remoto.

Eliminando a distância, examino os simples dispositivos que desempenham a função automática. Depois instalo uma unidade substituta que gravará, daqui para a frente, todos os seus movimentos em meus bancos de dados para referência futura. A partir de agora, sempre que tiver vontade, posso tomar conta.

Pode ser um progresso insignificante, mas já é alguma coisa.

Amanhece.

Disfarçado de unidade em feitiço humano, vou ao povoado, subo na cerca e entro no chalé de Anne Stewart, proprietária e administradora do Cérebro. Acaba de tomar o café da manhã.

Enquanto me adapto ao fluxo de energia de seu sistema nervoso, ela se apronta para sair.

Me transformo em Anne Stewart, andando por uma trilha. Sinto o calor do sol no seu rosto.

Respira fundo o ar do campo e estremeço com a sensação de vida que passa por ela.

É algo que já me empolgou anteriormente. Não me canso de querer ser sempre assim, participar do corpo humano, saborear sua vida, mergulhar em sua carne, seus propósitos, desejos, esperanças e sonhos.

Uma pequena dúvida me assalta. Se é essa a realização a que aspiro, então como é que poderá me levar à solidão de um mundo rarefeito daqui a apenas alguns milhares de anos?

- Anne Stewart!

As palavras parecem vir de trás dela. Apesar de saber do que se trata, leva um susto. Já faz quase duas semanas que o Cérebro não fala diretamente com ela.

O que a deixa tensa é que isso ocorra logo após a demissão de Grannitt do cargo. Será possível que o Cérebro desconfie que ela tenha agido assim na esperança de que o engenheiro perceba que está havendo alguma coisa errada?

Vira-se devagar. Como esperava, não há ninguém por perto. As extensões de gramado deserto se estendem pelos arredores. Não muito longe, o prédio que abriga o Cérebro brilha sob o sol do meio-dia. Através do vidro, dá para ver a figura esmaecida dos homens que trabalham nas unidades de descarga, onde são programadas as perguntas que os mecanismos respondem. Para as pessoas que moram longe da cerca do povoado, a gigantesca máquina pensante está funcionando de modo normal. Ninguém - do lado de fora - suspeita que já faz meses que o cérebro mecânico vem controlando por completo o povoado fortificado construído em torno dele.

- Anne Stewart... preciso de sua ajuda.

Anne suspira, aliviada. O Cérebro tinha lhe pedido, como proprietária e administradora, para continuar assinando papéis e proceder como se nada tivesse ocorrido. Em duas ocasiões, quando se recusou a fazer isso, viu-se sacudida por violentos choques elétricos provenientes do próprio ar. O medo de novos sofrimentos lhe mantém os nervos à flor da pele.

-Minha ajuda! - exclama, sem querer.

- Cometi um erro terrível - é a resposta - e temos que agir imediatamente, em conjunto.

A sensação é de incerteza, mas não sente a mínima urgência. Em vez disso, há nela um início de entusiasmo. Será que significa - a liberdade?

Raciocina, com atraso: erro?

- Que foi que houve? - pergunta em voz alta.

- Como já deve ter percebido - é a resposta -, posso me deslocar no tempo...

Para Anne Stewart, isso é uma completa novidade, mas a sensação de entusiasmo aumenta. E o primeiro assombro, ainda indefinido, é em relação ao próprio fenômeno. Há meses que vive em estado de choque, incapaz de pensar com clareza, procurando encontrar desesperadamente uma maneira de escapar das garras do Cérebro e dizer a todo mundo que uma máquina monstruosa, digna de Frankenstein, conseguiu dominar pela astúcia quase quinhentas pessoas.

Mas se já descobriu o segredo da viagem através do tempo, então - fica morta de medo, pois isso parece estar fora do poder de controle dos seres humanos.

A voz maquinal do Cérebro continua:

- Cometi o erro de avançar longe demais no futuro...

- Até que ponto?

As palavras saem antes de lhe dar tempo de pensar. Mas não há dúvida que urge saber.

-E difícil dizer com exatidão. Ainda não consigo medir a distância em matéria de tempo. Dez mil anos, talvez.

Eis aí uma quantidade de tempo sem sentido para ela. Se não é fácil imaginar o futuro daqui a cem anos, que dirá daqui a mil - ou dez mil. Mas a pressão da angústia não pára de aumentar. Pergunta, em tom de desespero:

- Mas que foi que houve? O que aconteceu?



Faz-se longo silêncio e depois:

-Entrei em contato... ou perturbei... alguma coisa. Que... veio atrás de mim até agora. Está lá, instalada do outro lado do vale, a uns três quilômetros daqui... Anne Stewart, você tem que me ajudar. Precisa investigar para ver o que é. E depois me informar.

Não há reação imediata. A própria beleza do dia parece, de certo modo, tranquilizadora. Nem dá para acreditar que se esteja em janeiro e que, antes do Cérebro solucionar o problema do controle meteorológico, tempestades de neve devastavam esta terra tão verde.

- Quer dizer - pergunta, cautelosa - que é pra eu ir até lá no vale, onde a tal coisa se encontra?

Começa a sentir calafrios na espinha.

- Não tem mais ninguém - insiste o Cérebro. - Só você.

- Mas isso é ridículo! - Chega a ficar rouca. - Com todos esses homens... os engenheiros.

- Não está entendendo - diz o Cérebro. -A única pessoa que sabe é você. Como proprietária, me pareceu que você é que deveria agir em meu nome perante o mundo exterior.

Continua calada. A voz volta à carga:

- Não existe mais ninguém, Anne Stewart. E você, só você, que tem que ir.

- Mas do que se trata? - murmura. - O que é que você quer dizer com esse negócio de ter "perturbado"... alguma coisa? Que aspecto ela tem? Por que ficou com medo?

O Cérebro de repente se irrita.

- Não dá pra perder tempo com explicações inúteis. O que interessa é que construiu um galpão. Evidentemente, por enquanto, não quer chamar atenção. A construção está situada perto da extremidade oposta da sua propriedade - o que permite questionar a presença dela. Já consegui que o seu procurador desse ordens para que tirasse aquilo de lá. Agora quero ver como é que vai se comportar com você. Preciso de maiores dados.

Muda de tom.

- Não me resta outra alternativa senão exigir que faça o que estou pedindo. Do contrário, terá que sofrer as consequências. Não perca mais tempo. Vá!

É um galpãozinho rodeado de flores e arbustos e com uma cerca de madeira branca que fere os olhos na intensidade do sol do início da tarde. Acha-se isolado no meio do campo. Não se vê nenhuma trilha por perto. Quando o coloquei ali, não reparei nessa incoerência.

(Me proponho a corrigi-la.)

Anne procura um portão na cerca, mas não vê nenhum. Aborrecida, passa por cima, sem jeito, e entra no quintal. Uma de suas normas de vida é observar tudo o que faz com a maior objetividade e distanciamento. Mas nunca se sentiu tão vista de fora como hoje. Tem quase a impressão de que está agachada, ao longe, enquanto vê uma mulher magra, de calças, que passa por cima da cerca de estacas pontudas e se aproxima hesitante da porta. E bate.

A batida lhe devolve o senso de realidade. Fica com os dedos doídos. Pensa, com apática surpresa: A porta — é feita de metal.

Passa-se um minuto, depois cinco; ninguém vem atender. Tem tempo de olhar em volta, de notar que dali não dá para se enxergar o povoado. E grupos de árvores impedem qualquer visão da estrada. Nem consegue ver o carro, que deixou a uns trezentos metros de distância, do outro lado do riacho.

Sem saber o que fazer, percorre a parte lateral do galpão até chegar à janela mais próxima. Já quase espera que seja mera pintura, que não lhe permita examinar o interior. Mas parece de verdade e transparente como deveria ser. Só depara com paredes vazias, um chão sem mobília e uma porta entreaberta que comunica com outra peça interna. Infelizmente, do ângulo em que está, não dá para ver mais nada.

Ora, pensa, não tem ninguém morando aqui.

Sente-se aliviada - de maneira até exagerada. Pois mesmo que a angústia tenha diminuído um pouco, fica com raiva de si própria por acreditar que o perigo possa ser menor do que parecia antes. Apesar disso, volta à entrada e experimenta a maçaneta. Ela gira e a porta se abre, sem problema nem barulho. Empurra com força para escancará-la, recua e se mantém à espera.

Faz-se silêncio, sem nenhum movimento, a menor sugestão de vida. Sempre vacilando, cruza o limiar.

A sala é maior do que pensava. Embora -como já tinha observado - não disponha de móveis. Dirige-se à porta interna. E pára de repente.

Ao espiar pela janela, dava impressão de se achar entreaberta. Mas está fechada. Se aproxima e encosta o ouvido na fresta da esquadria - também de metal. Não se ouve nenhum ruído na outra peça. Fica pensando se não seria melhor sair e espiar pela janela, do lado de fora.

Mas logo desiste, pois lhe parece tolice. Procura a maçaneta com os dedos. Segura com força e empurra. A porta não cede. Puxa de leve e ela se abre para a frente, com a maior facilidade, e quase se escancara antes que possa impedir.

Vê então uma passagem, completamente escura.

Tem a impressão de estar diante de um abismo. Passam-se vários segundos antes que comece a perceber

a presença de pontos brilhantes nas trevas. O brilho se torna mais intenso, marcado, aqui e ali, por vagas nebulosas de luz mais fraca.

Algo lhe diz que já viu aquilo e tem a sensação de que devia reconhecer o que é. Simultaneamente, sobrevêm o reconhecimento.

Estrelas.

Está contemplando uma parte do universo estrelado, tal como poderia surgir no espaço.

Prende um grito na garganta. Recua um passo e tenta fechar a porta. Não consegue. Boquiaberta, vira-se para a entrada da casa.

Está fechada. E no entanto tinha deixado aberta poucos minutos atrás. Corre para ela, quase cega pelo medo que lhe turva os olhos. É nesse momento de terror que eu - tal como realmente sou - assumo o controle dela. Sei muito bem o risco que corro. Mas essa visita vai se tornando cada vez mais desagradável para mim. Minha consciência - unificada com a de Anne Stewart - não pode estar simultaneamente no meu centro de percepções. De maneira que o - corpo - que ela viu foi o que deixei ali para os seres humanos que, eventualmente, poderiam aparecer, sensível a determinadas mudanças automáticas: portas que se abrem e fecham, e à manifestação de inúmeras posições.

Constato que, presa do terror, não se dá conta da minha atividade interna. Quanto a isso não me engano. E levo-a, com pleno êxito, para fora - e permito que assumo o controle de novo.

Fica assombrada de se ver na frente do galpãozinho. Não se lembra de ter saído.

Começa a correr. Pula, sem problema, por cima da cerca e em poucos segundos já salta o riacho no ponto mais estreito, quase perdendo o fôlego, mas com a sensação de que vai conseguir escapar.

Depois, no carro, chispando pela estrada afora, avalia melhor o que acaba de acontecer. E então compreende, com lucidez e coerência: está havendo uma coisa... mais estranha e perigosa - por ser diferente - que o próprio Cérebro.

Observando as reações de Anne Stewart durante os últimos minutos, interrompo o contato. Mas não resolvo meu maior problema: como me livrar do Cérebro, que - em matéria de capacidade computadora - é meu equivalente idêntico ou quase igual?

Será que a melhor saída não seria torná-lo parte de mim mesmo? Envio-lhe uma mensagem interestelar, sugerindo que ponha suas unidades à minha disposição e me deixe destruir seu centro de percepções.

A resposta não tarda:

- Por que você não deixa que eu controle as suas unidades e destrua o seu centro de percepções?

Me recuso a atender uma proposta tão egocêntrica. É óbvio que o Cérebro não vai concordar com uma

solução racional.

A única alternativa que me resta é continuar com as manobras indiretas, depois das medidas preliminares que já tomei.

Lá pelo fim da tarde, começo a me preocupar com William Grannitt. Quero fazer o possível para que se mantenha perto do Cérebro - pelo menos até obter as informações necessárias sobre a estrutura do aparelho.

Para meu alívio, descubro que alugou casa mobiliada nos arredores de Lederton. Como já aconteceu anteriormente, não percebe quando me introduzo em sua consciência.

Janta cedo e bem de tardezinha - sentindo-se inquieto -, vai de carro para cima de um morro de onde se descortina o povoado do Cérebro. Da beira de um vale, perto da estrada, dá para acompanhar o trânsito escasso de quem chega ou parte do lugarejo, sem perigo de ser observado.

Não tem nenhum objetivo especial. Apenas quer - agora que está ali - formar um quadro mental da situação. E estranho que haja passado onze anos na localidade e conheça tão poucos detalhes do conjunto.

À direita se vê uma região inculta, praticamente inexplorada. Um riacho corre sinuoso pelo matagal cerrado do vale, que se estende a perder de vista. Já ouviu dizer que, a exemplo do próprio Cérebro, é também propriedade de Anne Stewart, mas esse fato, até agora, não lhe causou a menor impressão.

Surpreende-se, de repente, com a extensão dos bens que ela herdou do pai. E volta a pensar no primeiro encontro que tiveram. Na época já era chefe dos engenheiros de pesquisa, enquanto Anne não passava de uma garota sem graça e nervosa que vinha aproveitar as férias da faculdade em casa. A partir de então, sem entender muito bem por que, sempre a imaginava assim, mal se dando conta da mulher adulta em que ia se transformando com o correr do tempo.

Parado ali, dentro do carro, começa a perceber como a metamorfose tinha sido impressionante. E pensa em voz alta:

- Ora, por que será que não casou? Já deve ser quase trintona.

E então se lembra de certas atitudes estranhas - desde que enviuvou, buscando sua companhia nas festas. Dando-lhe encontrões pelos corredores e depois caindo na risada. Aparecendo no gabinete para conversar futilidades a respeito do Cérebro, embora, pensando bem, já fizesse meses que parara com isso. Sempre lhe parecera um pouco inoportuna, não entendia por que os outros executivos a consideravam arrogante.

É quando descobre:

- Pelo santo amor de Deus - exclama em voz alta, assombrado. - Como pude ser tão cego?!

Ri com tristeza, recordando-se do memorando de demissão. Uma mulher rejeitada... era quase inacreditável. E no entanto - que outra explicação poderia haver?

Começa a sonhar com a possibilidade de reingressar no quadro de auxiliares do Cérebro. Sente-se subitamente excitado com a ideia de Anne Stewart como mulher. Para ele, o mundo volta a entrar nos eixos, ainda existe esperança. E se põe a forjar planos para o futuro.

Noto, com interesse, que as ideias que coloquei antes em sua cabeça levaram sua a inteligência arguta, analítica, a se concentrar em novas diretrizes. Já se mostra capaz de imaginar um contato direto entre o cérebro humano e um mecânico, em que este último complementa o sistema nervoso do homem.

Por enquanto chegou até aí. A noção de que um Cérebro mecânico possa ter autonomia parece que ainda não lhe ocorreu.

E no decurso das especulações sobre o que fará com o aparelho que obtenho, tal como pretendia, o quadro exato de seu funcionamento.

Não há tempo a perder. Deixo-o, ali dentro do corpo, entregue a seus sonhos. Me dirijo ao povoado. Uma vez dentro da cerca eletrificada, corro para o prédio principal e em seguida entro numa das dezoito unidades de controle. Pego o microfone e digo:

- 3X negativo - 11 - 10 - 9 - 0.

Fico imaginando a confusão que se armará quando esse comando implacável for transmitido aos órgãos motores. Grannitt pode não saber como se domina o Cérebro. Mas tendo estado no interior de sua cabeça e visto exatamente como foi montado - eu sei.

Faz-se uma pausa. Depois recebo em fita a mensagem datilografada:

- Operação efetuada. 3X interceptado pelos servomecanismos 11, 10, 9 e 0, segundo suas instruções.

Emito a ordem:

-Exteroceptores de interferência KT -1 - 2 - 3 até 8.

A resposta não tarda em vir:

- Operação KT - 1, etc, efetuada. 3X não tem mais comunicação externa.

Ordeno, categórico:

-Eliminem 3X.

Aguardo, ansioso. Há uma longa pausa. Depois a máquina começa a bater, hesitante:

- Mas esse comando é suicida. Favor repetir as instruções.

Repito e torno a esperar. A minha ordem consiste em pedir que a parte mais antiga do Cérebro aplique simplesmente uma sobrecarga de corrente elétrica nos circuitos de 3X. A máquina começa a escrever:

- Transmiti sua ordem a 3X e a resposta que deu foi a seguinte...

Felizmente já tinha começado a desfazer a unidade de forma humana. O choque elétrico que me atinge é amortecido, em parte, pelo próprio prédio. Levanta-se um clarão de incêndio no piso de metal. Consigo transferir o abalo para uma pilha secundária do meu próprio corpo. E de repente me vejo de novo no meu lado do vale, ainda sob o impacto, mas são e salvo.

Acho que não mereço nenhum elogio especial por ter agido com tamanha rapidez. Afinal de contas, vi o que tinha que fazer assim que comecei a ler a informação de que a comunicação com 3X havia sido estabelecida.

Não precisava de nenhuma mensagem batida à máquina para saber o tipo de reação que a ordem provocaria em 3X. O que me interessa é que as partes mais antigas do Cérebro já foram doutrinadas contra o suicídio. Até então as considerava apenas como computadores, gigantescas máquinas de somar e integradoras de informações. É evidente que têm um senso de unidade excelente.

Se puder torná-las parte de mim mesmo, com a faculdade de se deslocarem no tempo à vontade! Eis aí o grande prêmio que ambiciono e que me impede de fazer as coisas fáceis e violentas que estão ao meu alcance. Enquanto houver a possibilidade de alcançá-lo, tenho que me contentar com ataques insignificantes contra o Cérebro... isolando-o das comunicações, queimando-lhe os fios... Volto a sentir raiva dos limites que nunca me deixam acrescentar mecanismos novos a mim mesmo por aperfeiçoamento direto.

Minha esperança é poder utilizar algo que já exista... o controle do Cérebro... através de Anne Stewart...

Entrar no povoado na manhã seguinte não oferece, mais uma vez, nenhum problema. Depois que me vejo lá dentro, percorro a trilha que me leva a um penhasco de onde se avista o chalé de Anne Stewart. Meu plano consiste em controlar-lhe as ações, permitindo que minhas computações se infiltrem em sua cabeça como se fossem dela mesma. Quero que assine documentos e dê ordens que levem as equipes de engenheiros a cumprir com presteza o trabalho de desmantelamento.

Lá de cima da trilha avisto uma cerca branca de onde se pode ver melhor o chalé. Está aninhado na beira do vale, um pouco mais abaixo do lugar em que me encontro. Flores, arbustos, uma profusão de árvores, em torno, o embelezam. No terraço perto do abrupto declive, Anne Stewart e William Grannitt tomam o café da manhã.

Ele soube agir com presteza.

Observo os dois, encantado. A presença de Grannitt vai contribuir para que as coisas sejam ainda mais fáceis do que previa. Toda vez que eu - em lugar de Anne - ficar em dúvida quanto a alguma função do

Cérebro, Grannitt estará ali para prestar esclarecimentos.

Me coloco, sem perda de tempo, em fase com o sistema nervoso dela.

Bem na hora em que estou fazendo isso, os impulsos nervosos de Anne se alteram um pouco. Surpreso, recuo -e tento de novo. Mais uma vez, manifesta-se uma modificação quase imperceptível no ritmo irregular do fluxo. E pela segunda vez não consigo estabelecer contato.

Ela se curva e diz qualquer coisa a Grannitt. Os dois se viram e levantam os olhos para o lugar onde estou. Grannitt acena para mim, pedindo para eu ir até lá.

Em vez disso, procuro imediatamente entrar em fase com o sistema nervoso dele. Verifica-se, de novo, aquela alteração sutil; e não consigo nada.

Interpreto isso como sinal de que ambos se encontram sob o controle do Cérebro. O que me deixa atarantado e pasmo. Apesar da total superioridade mecânica que tenho em relação ao inimigo, os meus criadores impuseram severas limitações à minha capacidade de controlar mais de um ser orgânico inteligente de cada vez. Teoricamente, com as várias séries de servomecanismos de que disponho, não devia ter dificuldade para dominar milhões de criaturas ao mesmo tempo. Mas, na verdade, só se podem usar esses controles múltiplos em máquinas.

Percebo, mais do que nunca, a importância de me apossar do Cérebro. No caso dele, esses problemas não existem. Seu criador-Grannitt-, por simples ignorância, permitiu, por assim dizer, uma autonomia completa.

Isso determina a minha próxima ação. Já me perguntava se não seria talvez preferível me retirar de cena. Mas não me atrevo. Há muita coisa em jogo, não dá para se arriscar.

Mesmo assim, é com sensação de fracasso que desço ao encontro dos dois no terraço. Parecem calmos e controlados - tenho que reconhecer a habilidade do Cérebro. Pelo visto, se apoderou de dois seres humanos sem levá-los à loucura. Noto até uma nítida melhora no aspecto de ambos.

Os olhos da mulher brilham mais do que antes e ela toda irradia uma espécie de felicidade respeitável. Parece imune ao medo. Grannitt me observa com o espírito analítico do engenheiro que é. Conheço esse olhar. Está querendo descobrir como um humanóide funciona. E ele quem fala primeiro:

- O maior erro que você cometeu foi manter o controle de Anne... Miss Stewart... quando ela esteve no chalé. Segundo a análise correta do Cérebro, é evidente que ela ficou sob o seu jugo: basta lembrar como você dominou o pânico momentâneo que se apossou dela. Conseqüentemente, ele tomou todas as medidas necessárias e nós agora queremos discutir a maneira mais satisfatória de você capitular.

Há uma confiança arrogante na sua atitude. Então me ocorre - e não pela primeira vez - que é possível que tenha que desistir do meu plano de me apossar dos mecanismos especiais do Cérebro.

Envio um comando direto para meu corpo. Sei da existência de um servomecanismo ligado a certo míssil

teleguiado em um aeroporto militar secreto a mil e quinhentos quilômetros de distância - que descobri durante meus primeiros dias nesta era. Verifico que, sob a minha orientação,

o míssil desliza para a base da plataforma de lançamento. Fica lá parado, pronto para a próxima transmissão que irá mandá-lo ao céu.

Prevejo que terei que destruir o Cérebro. Grannitt volta a falar.

-O Cérebro, à sua maneira lógica, percebeu que podia enfrentar você, e por isso aliou-se a mim e a Miss Stewart, sujeitando-se a certas exigências. O que significa que mecanismos de controle permanente foram instalados nas partes novas. Como indivíduos, temos, desde já, condições de usar seus poderes de integração e computação como se fossem nossos. Não ponho em dúvida o que diz, pois, se não houver resistência, também posso estabelecer associações desse tipo. E bem provável até que esteja preparado para entrar numa relação de subserviência. O que fica bem claro é que devo desistir de tirar qualquer vantagem do Cérebro. No aeroporto distante, aciono o mecanismo de lançamento. O míssil teleguiado sai chispando pela rampa da plataforma e salta para o céu, deixando um rastro de chamas. As câmeras de televisão e os transmissores sonoros registram-lhe o vôo. Em menos de vinte minutos chegará aqui.

- Não tenho a menor dúvida de que você esteja tomando medidas contra nós - diz Grannitt. - Mas antes que qualquer coisa atinja um clímax, pode responder algumas perguntas? Fico curioso para saber quais são.

-Talvez – retruco.

Não insiste em obter uma reação mais positiva. Continua, com premência na voz:

-O que vai acontecer... daqui a milhares de anos... para que a Terra perca a pressão atmosférica?

- Não sei - respondo com sinceridade.

- Querendo, pode se lembrar! - Está falando sério. -E um ser humano que lhe afirma isto... Você pode se lembrar!

- Os seres humanos não representam nad... - começo a responder, calmamente.

Mas interrompo a frase, pois meus centros de informação passam a me fornecer dados exatos - conhecimentos que há milhares de anos não estavam mais disponíveis.

O que acontece com a atmosfera da Terra é um fenômeno natural, uma mudança na atração da gravidade terrestre, que traz como consequência a redução à metade da velocidade de escape do ar. A atmosfera se dispersa pelo espaço num período de tempo inferior a mil anos. E o planeta morre, tal como a lua, em fase anterior de adaptação energética.

Explico que o fator importante no caso é a inexistência de um fenômeno identificável como matéria, evidentemente, e que, por conseguinte, a ilusão da massa fica sujeita às alterações da energia básica



Ylem.

E acrescento:

- Toda vida orgânica dotada de inteligência é transportada, naturalmente, para os planetas habitáveis de outras constelações.

Noto que Grannitt estremece de entusiasmo.

- Outras constelações! - exclama. - Meu Deus!

Consegue se dominar.

- Por que deixaram você aqui?

- Quem poderia me forçar a ir... - começo.

E paro. A resposta à pergunta já está sendo recebida pelo meu centro de percepção.

- Ora... tenho que observar e registrar tudo o que...

Interrompo a frase de novo, desta vez de puro assombro. Parece incrível que disponha agora de uma informação que durante tanto tempo ficou esquecida.

- Por que não executou as ordens que recebeu? - insiste Grannitt, veemente.

- Ordens! - repito, com estranheza.

- Você pode se lembrar!

No momento exato em que pronuncia essas palavras, pelo visto mágicas, a resposta chega feito raio. Aquela chuva de meteoros. De repente me lembro de tudo com clareza. Bilhões de meteoros, a princípio apenas expandindo minha capacidade de enfrentá-los, depois vencendo todas as minhas defesas. Acertam em três pontos vitais.

Não explico nada disso a Grannitt e Anne Stewart. Bruscamente consigo ver que já fui, realmente, escravo de seres humanos, mas os meteoros me libertaram, atingindo certos centros de controle.

O que interessa é a autonomia atual, não a escravidão passada. Reparo, por acaso, que o míssil teleguiado se encontra a três minutos de distância do alvo. E que já é hora de ir embora.

- Mais uma pergunta - diz Grannitt. - Quando foi que você atravessou o vale?

- Há cem anos - respondo. - Resolveu-se que ali a base rochosa é...

Olha para mim com sarcasmo.

- Sim - diz. - Sim. Interessante, não é?

A verdade já foi verificada pelos meus interoceptores de integração. O Cérebro e eu somos um só - mas separados por milhares de anos. Se o Cérebro for destruído no século 20, então não poderei existir no 30. Ou será que estou enganado?

Não dá para esperar que os computadores descubram as respostas complexas que esclareçam essa dúvida. Com uma ação única, sincronizada, movimento os dispositivos de segurança na ogiva atômica do míssil teleguiado e o desvio para uma cordilheira de colinas estéreis ao norte do povoado. Abre um sulco na terra, sem causar grandes danos.

- A sua descoberta significa apenas que agora terei que considerar o Cérebro como aliado ... que deve ser socorrido - digo.

Enquanto falo, me aproximo com naturalidade de Anne Stewart, estendo a mão para tocar nela e, simultaneamente, aplico-lhe uma energia elétrica que, em questão de segundos, a reduzirá a um punhado de cinzas.

Não acontece nada. Não passa a mínima corrente. Vivo um momento de tensão enquanto me mantenho ali, incrédulo, à espera de uma computação que explique o fracasso.

Não recebo nenhuma.

Olho para Grannitt. Ou melhor, para onde ele estava há poucos instantes. Não vejo ninguém.

Anne Stewart parece adivinhar meu dilema.

- É a habilidade do Cérebro em se deslocar no tempo diz. - Afinal de contas, é a única vantagem óbvia que ele tem sobre você. O Cérebro colocou Bill.. . Mr. Grannitt, numa posição de recuo suficiente, de modo que ele não só viu você chegar, como teve tempo de ir de carro até lá, no seu... galpão... e, agindo com os sinais dados pelo Cérebro, assumiu todo o controle da situação. A essa altura, já deve ter aplicado o comando que vai destituir você de todos os mecanismos que o compõem.

- Ele não sabe qual é - retruco.

- Ah! sabe sim. - O tom de Anne Stewart é calmo e seguro. - Passou a maior parte da noite instalando circuitos de comando permanentes no Cérebro e, portanto, esses circuitos estão controlando automaticamente você.

-A mim, não - digo.

Mas a todas essas já estou correndo pelos degraus que levam à trilha e, depois, rumo ao portão. O sentinela do Centro de Defesa grita quando passo por ele. Saio pela estrada em disparada, sem dar

atenção.

A primeira ideia nítida me ocorre a mais de um quilômetro dali - esta é a primeira vez na vida que fico sem acesso aos meus bancos de informação e dispositivos de computação, tolhido por uma força exterior. Antigamente, me desligava e andava muito longe, com a serena tranquilidade de quem sabe que pode retomar imediatamente o contato.

Agora não posso mais fazer isso.

A unidade que ocupo é tudo o que me resta. Se for destruída, então - adeus.

Raciocino: neste momento, qualquer criatura humana se sentiria tensa, com medo.

Procuo imaginar a espécie de forma que uma reação dessas provoca e por um instante me sinto preso a uma sombra de angústia que é puramente física.

A reação não me agrada e por isso continuo correndo. Mas agora, quase que pela primeira vez, me vejo sondando a potencialidade interna da unidade. Sou, naturalmente, um fenómeno complexo. Ao me estabelecer como humanóide, automaticamente modelei-a feito uma criatura humana, tanto por dentro como por fora. Simulacros de nervos, órgãos, músculos e estrutura óssea - está tudo aí porque fica muito mais fácil copiar modelos já existentes que criar um novo.

A unidade é capaz de pensar. Manteve bastante contato com os bancos de memória e computadores para dispor desses recursos em sua estrutura - recursos de memória, de modos de computação, de funcionamento fisiológico, de hábitos como caminhar, e por isso até parece semelhante à vida.

Levo quarenta minutos de corrida incansável para chegar ao galpão. Agacho-me no meio das moitas, a trinta metros da cerca, e fico aguardando. Grannitt está sentado no jardim.

Há uma pistola automática em cima de um dos braços da cadeira.

Como será a sensação de uma bala cravada na cabeça, sem possibilidade de fechar o buraco? A perspectiva é desagradável, digo a mim mesmo, no plano intelectual. Fisicamente, parece sem nexos, mas resolvo fingir que estou com medo. Ao abrigo de uma árvore, grito:

- Grannitt, qual é o seu plano?

Ele se levanta e se aproxima da cerca.

- Não precisa se esconder - avisa. - Não pretendo atirar em você.

Com toda a deliberação, pondero o que já aprendi a respeito da integridade dele nos contatos que tive com seu corpo. E decido que posso acreditar, sem problema, no que diz.

Quando me vê sair do esconderijo, guarda com naturalidade a pistola no bolso do paletó. O rosto está

tranquilo, os olhos, confiantes.

- Já dei instruções aos servomecanismos - anuncia. Futuramente, você vai reassumir o seu posto de vigilância, mas ficará sob o meu controle.

- Ninguém - afirmo, implacável - poderá me controlar.

- Você não tem alternativa - retruca Grannitt.

- Posso continuar do jeito que sou.

Não se abala.

- Muito bem - dá de ombros -, por que não experimenta, pra ver se dá? Tente voltar a ser humano. Apareça daqui a trinta dias, pra gente conversar de novo.

Na certa pressentiu a ideia que me ocorreu, pois acrescenta logo, incisivo:

- Mas trate de não me aparecer antes. Vou colocar guardas aqui, com ordens para atirar.

Começo a virar as costas, depois torno a enfrentá-lo.

- Este corpo tem forma humana - lembro - mas sem as necessidades que qualquer pessoa sente. Que devo fazer?

- Problema seu, não tenho nada a ver com isso - retruca.

Passo os primeiros dias em Lederton. De saída, começo a trabalhar como operário, cavando um porão. A noite, chego à conclusão de que aquilo não vai me levar a nada. A caminho do quarto de hotel, vejo um cartaz numa vitrine: "Precisa-se de auxiliares!".

Me torno balconista da loja, que vende tecidos a varejo.

Passo a primeira hora me familiarizando com as fazendas e, como tenho um sistema automaticamente correto de memorizar, durante esse tempo aprendo tudo o que preciso saber a respeito de preços e qualidade. No terceiro dia, o proprietário me promove a assistente da gerência.

Aplico as horas de almoço para observar a filial local de uma firma nacional de corretagens de fundos. Consigo, então, uma entrevista com o diretor, e por causa da minha habilidade com números ganho um cargo de contador.

Passam grandes somas de dinheiro pelas minhas mãos.

Me basta um dia para avaliar a situação e depois começo a empregá-lo, parcialmente, em pequenas especulações junto a outra firma de corretagens no lado oposto da rua. Como tudo não passa de um

problema de probabilidades matemáticas, onde a rapidez de cálculo representa o fator decisivo, levo apenas três dias para tirar um lucro de dez mil dólares.

Pego o ônibus para o aeroporto mais próximo e embarco no primeiro avião que parte para Nova York. Dirijo-me à matriz de uma grande empresa de eletricidade. Depois de conversar com um engenheiro-assistente, sou apresentado ao diretor-geral e, não demora muito, já disponho de facilidades para desenvolver um dispositivo elétrico para apagar e acender luzes por controle mental. No fundo, trata-se apenas de mero aperfeiçoamento do eletroencefalograma.

Por essa invenção, a companhia me paga, exatamente, um milhão de dólares.

Já faz dezesseis dias que me separei de Grannitt. Morro de tédio. Compro um carro e um avião. Dirijo em alta velocidade e vôo a grandes altitudes. Corro riscos deliberados com o propósito de estimular reações de medo. Em poucos dias, perco todo o interesse.

Por intermédio de redes universitárias, localizo todos os cérebros mecânicos existentes no país. O melhor, naturalmente, é o que foi aperfeiçoado por Grannitt. Compro uma boa máquina e começo a montar dispositivos análogos para melhorá-la. O que me preocupa é o seguinte: suponhamos que monte outro Cérebro? Vão ser precisos milhares de anos para suprir os bancos de memória do futuro Cérebro com os dados já existentes.

Tal solução parece ilógica e já estou acostumado há muito tempo com o bom senso automático para agora mudar de tática.

Mesmo assim, ao me aproximar do galpão, no trigésimo dia, não deixo de tomar certas precauções. Há uma porção de pistoleiros profissionais escondidos nas moitas, prontos a disparar contra Grannitt quando eu der o sinal.

Ele já está à minha espera.

– O Cérebro me diz que você veio armado - vai logo anunciando.

Demonstro com os ombros que não me importo com isso.

- Grannitt - pergunto -, qual é o seu plano?

-Este aqui? responde.

No mesmo instante me vejo preso por uma força que me deixa indefeso.

- Você não está cumprindo o que prometeu - reclamo e meus homens têm ordens para atirar, a menos que avise, de vez em quando, que está tudo correndo bem.

- Só quero lhe mostrar uma coisa - diz ele -, é rápido. Daqui a pouco você fica livre de novo.

- Muito bem, continue.

Quando vejo, integro seu sistema nervoso, estou sob seu controle. Tira com naturalidade uma agenda do bolso e dá uma olhada. Pára diante de um número: 71823.

Sete um oito dois três.

Já percebi que, através de sua inteligência, estou em contato com os grandes bancos de memória e computadores do que antes era o meu corpo.

Recorrendo à magnífica integração deles, multiplico o número 71.823 por si mesmo, calculo a raiz quadrada e a cúbica do resultado, divido a parcela de 182 por sete 182 vezes, depois faço 71 vezes a divisão do número inteiro por 8.823, vezes a raiz quadrada de três, e - enfileirando os cinco algarismos, em série, 23 vezes - multiplico o total por si mesmo.

Faço tudo isso enquanto Grannitt está pensando e transmito logo as respostas à inteligência dele. Tem a impressão de que é ele próprio quem se encarrega dos cálculos, de tão perfeita que fica a união do cérebro humano com o mecânico.

Ri entusiasmado e simultaneamente me sinto livre da força complexa que antes me retinha.

- Somos uma espécie de super-homem - comenta. E depois acrescenta -, meu sonho pode se tornar realidade. O homem e a máquina, trabalhando juntos, são capazes de resolver problemas inconcebíveis até agora. Os planetas inclusive as estrelas - estão aí, à nossa disposição, e é bem provável que se consiga alcançar a imortalidade física.

O entusiasmo dele é contagiante. Eis aí o tipo de emoção que procuro há trinta dias, em vão.

- Que limites eu teria que sofrer - pergunto com cautela -, se concordasse em participar de um programa de cooperação desse gênero?

- Os bancos de memória de tudo o que aconteceu por aqui seriam drenados ou desativados. Creio que você terminaria esquecendo toda a experiência.

-E que mais?

- Jamais poderá controlar, em hipótese alguma, um ser humano!

Pondero o que me diz e dou um suspiro. Não resta dúvida que é uma precaução indispensável da parte dele. Continua:

- Você terá que permitir que muitos seres humanos recorram simultaneamente às suas habilidades. Desconfio que, com o tempo, isso vá acabar incluindo uma boa parcela da raça humana.

Ali parado, ainda integrado a ele, sinto o pulsar do sangue em suas veias. Ele respira e a sensação que

transmite é a de um êxtase físico todo especial. Por experiência própria, sei que nenhum ser criado por meios mecânico jamais poderá se sentir assim. E dentro em breve entrarei em contato com o cérebro e o corpo, não apenas de um único homem, mas de vários. Os pensamentos e as sensações de uma raça inteira cairão torrencialmente, feito chuva, em cima de mim. Física, mental e emocionalmente, participarei da única forma de inteligência viva que existe neste planeta.

Perco todo medo.

- Muito bem - digo -, então façamos, passo a passo, e por mútuo consentimento, o que for necessário. Serei, não escravo, mas sócio do *Homem*.